



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO - CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO
CONHECIMENTO

Luciana Machado Schmidt

**O Fluxo entre Intuição e Conhecimento nas Leituras Coletivas de Tarot e Oráculos
de Cartas no Canal do *YouTube* “Caminhos da Alma”**

Florianópolis

2024

Luciana Machado Schmidt

O Fluxo entre Intuição e Conhecimento nas Leituras Coletivas de Tarot e Oráculos de Cartas no Canal do *YouTube* “Caminhos Da Alma”

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, para a obtenção do título de Doutor em Gestão do Conhecimento.

Orientador: Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.
Coorientador: Prof. Tarcisio Vanzin, Dr.

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC. Dados inseridos pelo próprio autor.

Schmidt, Luciana Machado

O fluxo entre intuição e conhecimento nas leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas no canal do *YouTube* "Caminhos da Alma" / Luciana Machado Schmidt; orientador, Francisco Antonio Pereira Fialho, coorientador, Tarcisio Vanzin, 2024. 300 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2. Intuição. 3. Conhecimento. 4. Conhecimento Tácito. 5. Etnografia Digital. I. Fialho, Francisco Antonio Pereira. II. Vanzin, Tarcisio. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação.

Luciana Machado Schmidt

O Fluxo entre Intuição e Conhecimento nas Leituras Coletivas de Tarot e Oráculos de Cartas no Canal do *YouTube* “Caminhos Da Alma”

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 07 de dezembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Araci Hack Catapan Dr.(a)
PPGEGC – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Zeina Rebouças Corrêa Thomé Dr.(a)
PPGEGC – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Teresinha Fróes Burnham Dr.(a)
DMMDC – Universidade Federal da Bahia

Prof.(a) Ermelinda Ganem Fernandes Silveira Dr.(a)
IJBA – Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho Dr.
Orientador

Florianópolis, 2024.

*Dedico esta tese de doutorado à sociedade brasileira, por contribuir para manter as
Universidades Federais públicas e gratuitas.*

AGRADECIMENTOS

Ao Criador ou Criadora de tudo o que existe.

À vida e às múltiplas experiências e aprendizados nesta jornada.

À minha mãe, Neusa Glória Machado Schmidt, pela presença, suporte e amor incondicionais, aos quais sou imensamente grata.

A meu pai, Ronaldo Américo Schmidt, *in memoriam*, pelas memórias e valores que o tornam eternamente presente.

A todos os mestres de minha vida, em particular, aos professores do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC), por sua imensa competência e humanidade. As disciplinas cursadas foram ricas experiências de ampliação dos horizontes do conhecimento.

A meu professor orientador, Francisco Antonio Pereira Fialho, pelo apoio e orientação, sem os quais não teria conseguido iniciar e concluir este trabalho.

A meu professor coorientador, Tarcisio Vanzin, por sua orientação sempre amável e precisa.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa de tese pelas excelentes sugestões em prol da qualidade da investigação e da versão final do documento.

Aos colegas do PPGEGC, por serem quem são e, em sua diversidade, trazer tanto calor humano a uma tarefa que pode ser muito solitária.

Aos colegas do grupo de pesquisas do Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência (NEDECC), pela amizade construída, apoio e sugestões durante a elaboração deste trabalho.

A Jussara Paraná Sanches Figueira pela inspiração para realizar este trabalho, a partir de seu estudo sobre fenômenos anômalos.

Aos representantes discentes do PPGEGC, por sua valiosa contribuição e mediação nas reuniões de Colegiado.

À Secretaria do PPGEGC, em particular, Diogo Henrique Ropelato e Renan Dias Petri, por seu impecável trabalho e assistência.

A Erika Machado Souza, pelo seu auxílio na elaboração dos quadros com os dados brutos da análise.

À minha sobrinha designer, Carolina Gabriela Schmidt Tirloni, pela dupla diagramação: da tabela com as principais categorias de análise e do *framework* conceitual.

A Márcia Aparecida Prim, pela primorosa revisão final do trabalho.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro na forma de uma bolsa de estudos de 18 meses.

A meus familiares e amigos, pela “torcida” e compreensão com relação à minha ausência em vários eventos ao longo do período de doutoramento.

A Renata, criadora do canal “Caminhos da Alma”, principal informante dessa pesquisa, minha imensa gratidão.

The longest journey you will make in your life is from your head to your heart
/ A mais longa viagem que você fará em sua vida é aquela de sua cabeça até seu
coração (Atribuída à cultura Sioux)

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa procurou responder à questão de pesquisa “como ocorre o fluxo entre intuição e conhecimento durante a interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas?” As leituras coletivas intuitivas de Tarot e oráculos de cartas estão presentes em canais da plataforma *YouTube* para milhares de espectadores, em nível nacional. A informante foi a responsável pelo canal “Caminhos da Alma”. Uma das características essenciais dos métodos qualitativos de pesquisa é o foco em como os informantes atribuem significado ao que fazem e em como narram suas experiências. Nesta perspectiva, investiguei como a oraculista conceitua intuição e como descreve o funcionamento de processos intuitivos nas leituras coletivas de Tarot gravadas em vídeo e publicadas em seu canal no *YouTube*. O método utilizado foi a etnografia digital. A coleta de dados foi feita em duas etapas: entrevistas individuais em profundidade, realizadas online e gravadas em vídeo pela ferramenta *Zoom*; e seleção de vídeos do canal para análise de dados. Com relação à Revisão Integrativa de Literatura, nesta investigação apresento as 14 categorias recorrentes dentre os 44 autores selecionados para conceituar intuição e proponho uma definição de intuição a partir delas. Além disso, verifico se os autores fazem distinção entre intuição e *insight*, e como apresentam a relação entre conhecimento tácito e intuição. Incluo as contribuições teóricas da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e considerações sobre a intuição em suas origens filosóficas. Os dados foram codificados e analisados com a finalidade de elaboração de um *framework* conceitual que explicita como a oraculista faz uso do conhecimento tácito durante uma leitura intuitiva coletiva. Como resultado, o *framework* conceitual corrobora as 14 categorias sobre intuição e introduz elementos que ainda não foram explicitados pela literatura científica, tais como o papel da intencionalidade, a intuição como matriz criadora e como um “comando”, um “imperativo à ação”. A intuição é considerada um processo cognitivo complementar à racionalidade, de natureza complexa e dinâmica, em que vários processos psicológicos operam em conjunto. Como ocorre parcialmente de forma não-consciente, é necessário explicitar os procedimentos relacionados ao conhecimento tácito, o que foi realizado neste trabalho. Futuras pesquisas sobre intuição são sugeridas na perspectiva além do dualismo mente-corpo cartesiano, tais como a Cognição 4E, compreendendo a intuição como uma cognição corporificada (*embodied cognition*).

Palavras-chave: Intuição; Conhecimento; Conhecimento Tácito; Leitura Coletiva de Tarot; Etnografia Digital.

ABSTRACT

This qualitative research sought to answer the research question "how does the flow between intuition and knowledge occur during the interpretation of symbolic images in collective readings of Tarot and card oracles?" The intuitive collective readings of Tarot and card oracles are presented on YouTube channels for thousands of viewers, nationwide. The informant is responsible for the channel "Caminhos da Alma". One of the essential characteristics of qualitative research methods is the focus on how informants attribute meaning to what they do and how they narrate their experiences. From this perspective, I investigated how the oraculist conceptualizes intuition and how she describes the functioning of her intuitive processes in the collective Tarot readings recorded on video and published on her YouTube channel. The method used was digital ethnography. Data collection was carried out in two stages: in-depth individual interviews, conducted online and recorded on video using the Zoom tool; and selection of channel videos for data analysis. Regarding the Integrative Literature Review, in this investigation I present the 14 most recurrent categories among the 44 authors selected to conceptualize intuition and propose a definition of intuition based on them. In addition, I check whether the authors make a distinction between intuition and insight, and how they present the relationship between tacit knowledge and intuition. I include the theoretical contributions of Carl Gustav Jung's Analytical Psychology and considerations of intuition in their philosophical origins. The data were coded and analysed to develop a conceptual framework that explains how the oraculist makes use of tacit knowledge during a collective intuitive reading. As a result, the conceptual framework corroborates the 14 categories of intuition and introduces elements that have not yet been explained by the scientific literature, such as the role of intentionality and intuition as a creative matrix, and as a "command", an "imperative to action". Intuition is considered a cognitive process complementary to rationality, of a complex and dynamic nature, in which several psychological processes operate together. As it occurs partially non-consciously, it is necessary to explain the procedures related to tacit knowledge, which was carried out in this work. Future research on intuition is suggested from a perspective beyond Cartesian mind-body dualism, such as 4E cognition, understanding intuition as embodied cognition.

Keywords: *Intuition; Knowledge; Tacit Knowledge; Card Oracles 'Collective Reading; Digital Ethnography.*

RÉSUMÉ

Cette recherche qualitative cherchait à répondre à la question de recherche « Comment se produit le flux entre l'intuition et la connaissance lors de l'interprétation d'images symboliques dans les lectures collectives de cartes de Tarot et d'oracle ? » Des lectures collectives intuitives du Tarot et des oracles de cartes sont présents sur les chaînes YouTube pour des milliers de téléspectateurs dans tout le pays. L'informateur était responsable de la chaîne « Caminhos da Alma ». L'une des caractéristiques essentielles des méthodes de recherche qualitative est l'accent mis sur la manière dont les informateurs attribuent un sens à ce qu'ils font et sur la manière dont ils racontent leurs expériences. Dans cette perspective, j'ai étudié comment l'oraculiste conceptualise l'intuition et comment elle décrit le fonctionnement des processus intuitifs dans des lectures collectives du Tarot enregistrées en vidéo et publiées sur sa chaîne YouTube. La méthode utilisée était l'ethnographie virtuelle. La collecte des données s'est déroulée en deux étapes : des entretiens individuels approfondis, réalisés en ligne et enregistrés en vidéo à l'aide de l'outil Zoom ; et sélection de vidéos de chaînes pour l'analyse des données. Concernant la Revue de Littérature Intégrative, dans cette enquête je présente les 14 catégories récurrentes parmi les 44 auteurs sélectionnés pour conceptualiser l'intuition et je propose une définition de l'intuition basée sur elles. De plus, je vérifie si les auteurs font une distinction entre intuition et insight, et comment ils présentent la relation entre connaissance tacite et intuition. J'inclus les contributions théoriques de la psychologie analytique de Carl Gustav Jung et des considérations sur l'intuition dans ses origines philosophiques. Les données ont été codées et analysées dans le but de créer un cadre conceptuel expliquant comment l'oraculiste utilise les connaissances tacites lors d'une lecture intuitive collective. En guise de résultats, le cadre conceptuel corrobore les 14 catégories sur l'intuition et introduit des éléments qui n'ont pas encore été expliqués dans la littérature scientifique, comme le rôle de l'intentionnalité, l'intuition comme matrice créatrice et comme « commandement », un « impératif d'action ». L'intuition est considérée comme un processus cognitif complémentaire à la rationalité, de nature complexe et dynamique, dans lequel plusieurs processus psychologiques opèrent ensemble. Comme cela se produit en partie de manière non consciente, il est nécessaire d'expliquer les procédures liées à la connaissance tacite qui ont été réalisées dans ce travail. Les recherches futures sur l'intuition sont suggérées dans une perspective au-delà du dualisme cartésien esprit-corps, comme le 4E Cognition, qui comprend l'intuition comme une cognition incarnée (embodied cognition).

Mots-clés: *Intuition; Connaissance; Connaissances Tacites; Lecture Collective du Tarot ; Ethnographie Virtuelle.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Imagens da Sacerdotisa no Tarot de Rider-Waite-Smith e de Nossa Senhora da Conceição em uma pintura de Murillo (1670)	143
Figura 2 - Arcanos Maiores segundo o Tarot de Marselha	144
Figura 3 - Arcanos Maiores segundo o Tarot Rider-Waite-Smith.....	145
Figura 4 - Naipes de Paus no Tarot Rider-Waite-Smith com as cartas da Realeza e as numeradas de 1 a 10	148
Figura 5 - Três de Copas, Ás de Espadas, Cinco de Ouros e Dois de Paus	149
Figura 6 - Logo e Sticker: Caminhos da Alma	184
Figura 7 - <i>Framework</i> Conceitual	218

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Artigos selecionados por base de dados em 2022.....	98
Tabela 2 - Artigos selecionados após buscas adicionais em 2022	100
Tabela 3 - Total de artigos incluídos considerando as buscas em 2023	100
Tabela 4 - Categorias e quantidade de recorrências nos artigos científicos selecionados	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre Tarot, Baralho Cigano e Oráculos de cartas	24
Quadro 2 - Escopo: O que é abordado como referencial teórico	33
Quadro 3 - Escopo: O que não é objeto de pesquisa.....	35
Quadro 4 - Autores no PPGEGC com temas afins por ordem alfabética	36
Quadro 5 - Principais Conceitos	41
Quadro 6 - Síntese das categorias de Pilard com relação aos fenômenos ocultos e suas respectivas correlações com a intuição realizadas por Jung	74
Quadro 7 - Categorias a partir da relação de autores e definições de intuição	111
Quadro 8 - Palavras-chave dos Arcanos Maiores	142
Quadro 9 - Classificação dos naipes do Tarot segundo os quatro elementos da natureza	150
Quadro 10 - Classificação dos naipes do Tarot segundo as energias masculina e feminina, material e espiritual.....	151
Quadro 11 - Simbolismo dos números de acordo com a interpretação de Jodorowski e Costa.....	153
Quadro 12 - Números do Tarot como etapas do desenvolvimento humano	154
Quadro 13 - Simbolismo das cores no Tarot.....	156
Quadro 14 - Proposta inicial com relação à seleção de informantes.....	172
Quadro 15 - Conhecimento em uma leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas	222

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CdA	Caminhos da Alma
CdAs	Espectadores do Canal Caminhos da Alma
CDIO	Concepção, o Design, a Implementação e a Operação
CEOs	<i>Chief Executive Officer</i>
COVID	Novo Coronavírus
EEG	Registro eletroencefalográfico
EUA	Estados Unidos da América
FFH	<i>Fast and Frugal Heuristics,</i>
GC	Gestão do Conhecimento
H&B	<i>Heuristics e Biases</i>
IA	Inteligência Artificial
IoT	Internet das Coisas
NDM	<i>Naturalistic Decision-Making</i>
NUCOG	Núcleo de Complexidade e Cognição
NUDECC	Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência
PJSC	Poder Judiciário de Santa Catarina
PPGEGC	Programa de Pós-graduação em Engenharia Gestão do Conhecimento
SGC	Sistemas de Gestão do Conhecimento
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 O <i>BOOM</i> DA INFORMAÇÃO E A ERA DO CONHECIMENTO	21
1.2 A POPULARIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS E DAS LEITURAS COLETIVAS DE CARTAS NO <i>YOUTUBE</i>	23
1.3 A RELEVÂNCIA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO	27
1.4 A INTUIÇÃO NAS BASES TEÓRICAS DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL.....	28
1.5 A INTUIÇÃO PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO	30
2 PERGUNTA DE PESQUISA	32
2.1 OBJETIVOS	32
2.1.1 Objetivo Geral	32
2.1.2 Objetivos Específicos	32
3 ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO	33
3.1 ADERÊNCIA AO NUDECC E AO NUCOG	37
3.2 RELEVÂNCIA SOCIAL E CIENTÍFICA	39
3.3 PRINCIPAIS CONCEITOS.....	41
4 REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE INTUIÇÃO E CONHECIMENTO	42
4.1 A INTUIÇÃO PARA O SENSO COMUM.....	43
4.2 MINHAS HIPÓTESES SOBRE A INTUIÇÃO	47
4.3 NOTAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA IDEIA DE INTUIÇÃO NA FILOSOFIA OCIDENTAL	49
4.4 A INTUIÇÃO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG.....	57
4.5 CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A QUESTÃO DA ALMA EM JUNG.....	64
4.6 A INTUIÇÃO NA OBRA DE JUNG: UMA SÍNTESE DO TRABALHO DE NATHALIE PILARD.....	72
4.6.1 Primeira fase: a intuição como fenômeno oculto	73
4.6.2 Segunda fase: a intuição como processo subconsciente	82
4.6.3 Terceira fase: a intuição como processo inconsciente	86
4.6.4 Imaginação criativa, método construtivo e função transcendente	90
4.6.5 Síntese da compreensão da Intuição em Jung, a partir da obra de Pilard	91

4.7 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	94
4.7.1 Fontes de informação	95
4.7.2 Descritores e critérios de inclusão e exclusão.....	95
4.7.3 Busca nas bases de dados.....	96
4.7.4 Artigos incluídos em 2023	100
4.8 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA: REFERENCIAL TEÓRICO.....	102
4.9 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA	110
4.9.1 A definição de intuição a partir das categorias de análise.....	112
4.9.2 A intuição e sua “relação com o conhecimento tácito”	112
4.9.3 A intuição como um “processo inconsciente”	115
4.9.4 A intuição como julgamento intuitivo ou “julgamento ou tomada de decisão” ..	117
4.9.5 A intuição como “expressão da experiência”	118
4.9.6 A intuição como um “sentimento relacionado a melhores decisões”	118
4.9.7 A intuição “acontece subitamente”	119
4.9.8 A intuição como “diferente de processos analíticos e racionais”	120
4.9.9 A intuição como um “fenômeno complexo”	121
4.9.10 A intuição como “reconhecimento de padrões”	122
4.9.11 A intuição como “processo cognitivo”	123
4.9.12 A intuição como “fenômeno holístico”	124
4.9.13 A intuição como um “processo complementar a processos analíticos e racionais” ..	125
4.9.14 Quanto à distinção entre <i>insight</i> e intuição	126
4.10 REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O TAROT.....	128
4.10.1 Breve nota sobre o desenvolvimento histórico do Tarot	131
4.10.2 A preparação para uma leitura de Tarot.....	133
4.10.3 A arte de interpretação do Tarot	135
4.10.4 O simbolismo dos Arcanos Maiores.....	141
4.10.5 O simbolismo dos Arcanos Menores	147
4.10.6 O simbolismo dos números no Tarot.....	153
4.10.7 O simbolismo das cores no Tarot.....	155

4.10.8 O simbolismo da orientação das figuras humanas no Tarot	156
4.10.9 Tipos de leituras de Tarot.....	157
4.10.10 Tarot e energia: o Tarot poderia ser explicado através da noção de campos morfogenéticos?.....	159
5 MÉTODO.....	166
5.1 A ETNOGRAFIA DIGITAL.....	167
5.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UMA PESQUISA QUALITATIVA	169
5.3 JUSTIFICATIVA PARA A SELEÇÃO DE INFORMANTES NESTA PESQUISA.....	172
5.3.1 Critérios de escolha das informantes.....	172
5.3.2. O convite às informantes potenciais e a formalização do aceite.....	173
5.3.3. A confirmação da única informante.....	175
5.4 PRINCIPAIS RECURSOS METODOLÓGICOS	175
5.4.1 A realização das entrevistas e da análise dos vídeos.....	176
5.4.2 A entrevista devolutiva	177
5.4.3 Nível de análise	177
5.4.4 Justificativa para a duração do trabalho de campo e da análise dos dados.....	177
5.5 A ETAPA DE ANÁLISE DE DADOS	178
5.5.1 Codificação e análise dos dados	179
5.6 CHECKLIST DE CRITÉRIOS PARA O ESTABELECIMENTO DA VALIDADE DA PESQUISA.....	180
5.6.1 O checklist de critérios para a validade desta investigação	182
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	183
6.1 A INTUIÇÃO PARA A INFORMANTE SEGUNDO OS DADOS DAS ENTREVISTAS	183
6.2 SÍNTESE DA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS COMPARADA AOS OBJETIVOS DA TESE.....	197
6.2.1 Quanto ao primeiro objetivo específico	197
6.2.2 Quanto ao segundo objetivo específico.....	201
6.2.3 Quanto ao terceiro objetivo específico	205
6.2.4 Quanto ao quarto objetivo específico	206
6.2.5 Quanto ao quinto objetivo específico.....	211
6.2.6 Framework conceitual e sua explicação	217
6.2.7 Conclusão da análise e discussão dos resultados	223

6.2.8. Notas sobre minhas hipóteses sobre a intuição à luz do referencial teórico.....	224
7 SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS	231
8 LIMITAÇÕES DESTA PESQUISA.....	238
9 CONCLUSÕES	242
REFERÊNCIAS.....	251
APÊNDICES	269
ANEXOS.....	299

1 INTRODUÇÃO

1.1 O BOOM DA INFORMAÇÃO E A ERA DO CONHECIMENTO

No final do século XVIII a humanidade entrou na era industrial, com a criação das máquinas a vapor, o uso do carvão como fonte de energia e o surgimento do modo de produção via indústria. Cerca de 150 anos depois, Naisbitt (1994) afirma que a era do conhecimento começou por volta de 1957, quando o número de trabalhadores em cargos administrativos nos EUA ultrapassou o número de operários nas indústrias. Ainda no século XX, os modos de produção sofreram uma profunda modificação, a partir da necessidade de novas lideranças com base no conhecimento, da geração de valor baseada em ativos intangíveis, da criação da internet e das mudanças tecnológicas que continuam ocorrendo em velocidade vertiginosa, da Inteligência Artificial (IA) à Internet das Coisas (IoT), do ChatGPT ao Metaverso.

Santos e Rados (2020, p. 12) propõem que estamos na Sociedade 5.0, representando a quinta formação social na história humana, após “*a sociedade da caça, a sociedade agrícola, a sociedade industrial e a sociedade da informação*”. As mudanças da sociedade do conhecimento são cada vez mais disruptivas, impactando a forma como vivemos, trabalhamos, consumimos, e nos relacionamos com outras pessoas, criando uma realidade cultural multifacetada que, por sua vez, produz novas formas de subjetivação. Estas são modos inéditos de produção social e de ser no mundo que impactam não apenas como o entendemos e interpretamos, mas como vivemos nosso cotidiano. Para acompanhar o ritmo de tais modificações, é necessária uma mudança de mentalidade ou *mindset*, o que vem sendo chamado de Transformação Digital.

Nas últimas décadas, o mundo tem passado por uma revolução tecnológica sem precedentes que permite que o volume de conhecimento armazenado pela humanidade se torne disponível ao público via internet em números impressionantes. Para se ter uma ideia, o volume de dados gerado entre os anos 2014 e 2016 foi maior

que a quantidade produzida ao longo de toda a história. Este crescimento é exponencial e tende a continuar aumentando.¹

Quando os dados são interpretados, isto é, fazem sentido para alguém, eles atingem o nível da informação. Entretanto, para que a informação seja transformada em conhecimento, é preciso estabelecer relações entre dados e informações, o que requer capacidade de pensamento crítico. Este, por sua vez, discrimina, diferencia, conceitua e verifica a veracidade da informação. Trata-se de uma competência relevante especialmente para os cientistas, contudo, de grande valor social para todos como direito inerente ao exercício da cidadania.

O pensamento crítico permite aos cidadãos ampliarem o seu rol de escolhas de modo a tomar decisões de forma mais assertiva e acertada, beneficiando também a sociedade. Entretanto, nem todas as decisões são tomadas tendo como referência apenas a racionalidade. A intuição parece ser um componente fundamental da tomada de decisão.

As atuais transformações tecnológicas em esfera global não só modificaram o mundo objetivamente, mas estão criando formas de subjetivação inéditas. Conseqüentemente, não é surpreendente que as maneiras de se fazer ciência também estejam se modificando. Além de novas metodologias presentes na era digital, como a netnografia e a etnografia digital, os temas de investigação e as perguntas de pesquisa também se alteram com a passagem do tempo. A partir dos anos 2007-8, as publicações científicas sobre intuição têm aumentado.

Ao mesmo tempo, a velocidade impressionante das inovações tecnológicas possibilita um mundo cada vez mais interconectado, com recursos antes inimagináveis literalmente na palma de nossas mãos, em nossos *smartphones*. A popularização de celulares inteligentes é um dos maiores fenômenos dos nossos tempos, permitindo a facilidade de produção e reprodução informal de fotos e vídeos. Estas, por sua vez deram origem a múltiplas plataformas online de divulgação de conteúdos na forma de imagens estáticas ou dinâmicas, tais como o *Instagram*, o *YouTube*, o *TikTok*, entre outras. Tais manifestações culturais virtuais ainda não têm sido suficientemente exploradas em investigações científicas. Em particular, o Tarot,

¹ Ver Voicers (2023). Disponível em: <https://www.voicers.com.br/o-crescimento-exponencial-transformara-a-humanidade-nos-proximos-30-anos>. Acesso em: 18 mar. 2023.

que historicamente vinha sendo uma prática realizada “entre quatro paredes”, ganhou um relevante espaço público no *YouTube*, o qual merece investigação. As novas tecnologias e redes sociais colocam em evidência, sem disfarces, práticas oraculares que já existiam há centenas ou milhares de anos e que vinham sendo consideradas misteriosas, esotéricas, e baseadas em magia. Uma das mudanças mais dramáticas é a gravação de consultas oraculares em vídeos postados em redes sociais, tornando-se disponíveis para milhares de espectadores. O que era antes realizado na esfera privada, entre oraculista e consulente, torna-se público e plural, para curiosos e aficionados.

Neste trabalho, realizo uma etnografia virtual que investiga o fluxo entre intuição e conhecimento em interpretações de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas em um dos canais do *YouTube*, chamado “Caminhos da Alma”.

Escolhi o termo fluxo para enfatizar que as interpretações de imagens simbólicas se dão em uma sequência temporal; por isso, há um fluxo, um movimento contínuo em que intuição e conhecimento prévio da arte de interpretação do Tarot estão envolvidos em uma “dança” que pode ser descrita e visualizada graficamente.

Esta pesquisa está na interface entre as áreas de Gestão e Mídia do Conhecimento.

1.2 A POPULARIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS E DAS LEITURAS COLETIVAS DE CARTAS NO YOUTUBE

Um novo fenômeno que assistimos nos últimos 17 anos foi o crescimento e a popularização midiática de redes sociais como o *YouTube*, o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *TikTok*, entre outras. O *YouTube* é uma rede de compartilhamento de vídeos que foi criada em 14 de fevereiro de 2005, em San Mateo, Califórnia, EUA. Surgiu no Brasil em junho de 2007, quando a versão em português foi disponibilizada e a plataforma também se expandiu para a Europa e o Japão. O *YouTube* permite que qualquer pessoa com acesso à internet abra um canal gratuitamente e faça *uploads* de vídeos sobre quaisquer temas que não firam a política da rede. Podemos encontrar vídeos e *lives* de diversos profissionais focados em temas específicos, gravações de congressos e eventos científicos, vídeos de música, de comédia, peças de teatro

gravadas, filmes curtos e longos, bem como vídeos amadores com proposta de entretenimento, entre outros.

No Brasil e no mundo, um conteúdo que se tornou “viral”, isto é, atingiu milhares de seguidores, foi a leitura coletiva de Tarot e oráculos através de cartas. O que é uma “leitura coletiva”? É uma leitura oracular pública que pode ser feita por Tarot, Baralho Cigano e diversos oráculos em formato de baralho, cartas ou lâminas, usados separadamente ou em conjunto. O Quadro 1, a seguir, mostra as principais diferenças entre estas formas oraculares. Nas leituras coletivas, os três tipos podem ser encontrados, juntos ou separados.

Quadro 1 - Diferenças entre Tarot, Baralho Cigano e Oráculos de cartas

Nome	Descrição
Tarot	O nome oficial de um tipo particular de baralho que contém 78 cartas, sendo 22 chamadas Arcanos Maiores, compreendendo as cartas numeradas de 0 a XXI, e quatro naipes de 14 cartas, que correspondem aos Arcanos Menores. Os naipes são Paus, Espadas, Copas e Ouros. Cada naipe possui cartas numeradas de 1 a 10 e as chamadas cartas da Corte, cujo nome pode se modificar de acordo com o tipo de Tarot. Em geral, as cartas da Corte ou da Realeza são Pajem, Cavaleiro, Rainha e Rei. Todas as cartas têm interpretações específicas, e estas podem variar de acordo com a forma como são posicionadas em cada leitura. O Tarot está disponível hoje para aquisição em centenas de versões diferentes.
Baralho Cigano	O Baralho Cigano é um tipo específico de oráculo, cujas cartas e modos de leitura são diferentes do Tarot. Ele é também conhecido pelo nome de baralho <i>LeNormand</i> , porque a sua criação foi atribuída a uma célebre esotérica francesa chamada Madame <i>LeNormand</i> no início do século XIX. Ele tem 36 cartas com interpretações específicas, como o Tarot. O posicionamento das cartas influi na leitura. Atualmente existem versões estendidas, com algumas cartas a mais, trazendo novos significados ao jogo. O baralho cigano está disponível hoje para aquisição em dezenas de versões diferentes, por exemplo, o <i>LeNormand</i> das Fadas, que tem esse tema.
Oráculos de Cartas	Existem oráculos dispostos em cartas ou lâminas como o Tarot, ou o Baralho Cigano, mas cujo número de cartas ou tipo de imagens não coincide com estes jogos clássicos. Eles são chamados de oráculos. Existem muitas versões diferentes de oráculos por cartas, possivelmente chegando a centenas. Um deles de minha coleção particular é “As Cartas do Caminho Sagrado” (Sams, 1994) que ensina a cultura Sioux através das lâminas. Este oráculo tem 44 cartas.

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

O termo “oráculo” segundo o Dicionário *Online Oxford Languages*² tem duas definições, com base na Mitologia. Na primeira, o termo se refere “à resposta de uma divindade a quem consultava o oráculo”, na Antiguidade. A premissa era a de que os deuses falavam por intermediários, o sacerdote ou sacerdotisa, através de linguagem simbólica que necessitava de interpretação pela autoridade em questão. A segunda acepção da terminologia diz respeito a interrogar, ou consultar um oráculo e significa “a divindade consultada ou o sacerdote encarregado da consulta à divindade e transmissão de suas respostas”.

Quem consulta um oráculo deseja uma resposta com relação a uma situação específica. Entretanto, em uma leitura coletiva, as oraculistas³ fazem a interpretação tendo como foco não um consulente em particular, mas qualquer pessoa que possa acessar a gravação da leitura, disponibilizada em seu canal no *YouTube*. Dessa forma, um único vídeo tem milhares de acessos e é esperado que a leitura não coincida com a realidade vivenciada por todas as pessoas que o assistem.

Algumas oraculistas fazem *lives* com as leituras de Tarot e comunicam com antecedência as datas em seus canais no *YouTube* para que as consulentes possam assistir à interpretação no momento em que está sendo realizada. Algumas versões dessas *lives* possibilitam a interação no *chat* e a possibilidade de as consulentes fazerem uma ou mais perguntas, mediante o pagamento de um valor em reais.

Uma versão popular de vídeos de leitura coletiva são aqueles em que as consulentes podem optar entre mais de uma alternativa de interpretação em um mesmo vídeo. A oraculista inicia o vídeo fazendo essa explicação e mostrando as opções aos consulentes. Em geral, são apresentados alguns montes de cartas como opções. Cada monte pode ter uma carta virada para cima, para facilitar a identificação da consulente com a imagem, ou para baixo. Quando estão viradas para baixo, é comum a cartomante colocar um objeto em cima de cada carta, para marcar a opção 1, 2, e assim por diante. Já encontrei vídeos com duas a seis opções de leitura, mas três alternativas parece ser uma escolha bastante comum entre as oraculistas. Os objetos colocados sobre cada monte de cartas para ajudar as consulentes a fazerem a seleção da leitura podem ser pedras de cristal, miniaturas de objetos de plástico,

² Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>; acesso em: 20 mar. 2023.

³ Como optei por estudar mulheres oraculistas e a maior parte do público espectador das leituras coletivas é feminino, neste trabalho me refiro às oraculistas e às consulentes.

flores artificiais, ou pequenos objetos, como um batom, um vidro de perfume, uma chave.

É esperado que a escolha ocorra por alguma identificação com a imagem da carta ou com o objeto selecionado, de forma intuitiva. Isto é, em leituras coletivas com alternativas, a oraculista sugere que cada consulente selecione uma delas usando sua intuição; em geral, é pedido que a pessoa pause o vídeo para fazer essa escolha sem pressa. Uma outra sugestão é que a consulente assista a todas as opções e verifique qual delas tem maior relação com o seu momento atual. Também é sugerido que cada consulente utilize a sua própria intuição para “filtrar” a informação recebida, isto é, para que descarte o que não for relevante para a sua situação. Nesse caso, a intuição parece estar sendo indicada como uma forma de discriminação para a consulente.

Os temas dos vídeos das oraculistas que entrei em contato, em sua maioria, focam em vida amorosa e vida profissional, mas existem diversas possibilidades. Alguns apresentam mensagens para o momento atual ou ainda para o que está para acontecer em uma semana, 15 dias ou dentro de um mês. Algumas chamadas têm cunho espiritual, com temas semelhantes a “veja o que lemanjá quer lhe dizer”. Nesses casos, a cartomante afirma que está realizando uma canalização de uma entidade espiritual, que podem ser anjos, arcanjos, pombas-gira, orixás, deusas e deuses provenientes de diversas culturas (egípcia, nórdica, africana, greco-romana) e figuras religiosas como Jesus, entre outros. Algumas cartas também possuem a figura de entidades espirituais e as cartomantes as utilizam para demarcar que o vídeo será uma leitura canalizada.

Em geral, as leituras coletivas de oráculos gravadas em vídeo e disponibilizadas nos vários canais existentes no *YouTube* são consideradas atemporais. Isto é, de acordo com as oraculistas, podem ser acessadas em datas diferentes da publicação do vídeo. Se o vídeo chegou até alguém, independente da data, é considerado pelas cartomantes como um evento sincrônico⁴ que poderá trazer uma ou mais informações relevantes para essa pessoa.

⁴ Sincronicidade é um termo usado por Jung (2018a) para descrever dois eventos que ocorrem simultaneamente no tempo, isto é, são sincrônicos, mas sem haver uma explicação causal entre eles. Por exemplo, um raio luminoso é visto em minha janela quando me abaixei para pegar uma chave que caiu. Uma garrafa de espumante que estava ainda fechada, mas sem o metal de proteção, estava sozinha, sem contato humano, quando um casal anuncia seu noivado. No primeiro caso, posso fazer a interpretação que essa chave é importante, ou que necessito iluminar alguma questão para encontrar a chave do problema. No segundo caso, posso interpretar o evento como um presságio positivo para o casal. Para muitas pessoas, estes eventos passam despercebidos e não lhes ocorre

1.3 A RELEVÂNCIA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO

Nesta era de Transformação Digital, temos experienciado transformações disruptivas que produzem impactos éticos, morais, sociais e jurídicos ainda inexplorados, tais como a extinção de profissões que vão sendo incorporadas pela Inteligência Artificial (IA); e temos visto a emergência de novas áreas de conhecimento que estão alinhadas com a era do conhecimento, a sociedade 5.0 e a transformação digital. A Gestão do Conhecimento (GC) é uma delas. Trata-se de área de conhecimento e campo de aplicação emergentes que teve sua origem “*a partir dos trabalhos acadêmicos de Peter Drucker (1964), Sveiby (1998), Nonaka (1991) e Nonaka e Takeuchi (1995)*” (Santos; Rados, 2020, p. 16).

O termo “*trabalhador do conhecimento*” foi cunhado por Drucker em 1964. No final da década de 50, Polanyi já usava o termo “*conhecimento tácito*”, mais tarde popularizado por Nonaka e Takeuchi. O nome Gestão do Conhecimento ou *Knowledge Management*, na língua original, surgiu em 1986 por Karl M. Wiig. Este autor publicou o primeiro livro sobre Gestão do Conhecimento em 1993, intitulado “*KM: Knowledge Management Foundations: Thinking About Thinking – How People and Organizations Create, Represent and Use Knowledge (Ibid.)*”.

O primeiro livro de Gestão do Conhecimento publicado no Brasil foi “*Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial*” de José Cláudio Cirineu Terra. Em 2004, as universidades começaram a implantar programas de Gestão do Conhecimento. No mesmo ano, o PPGEGC é lançado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com conceito 4 (*Ibid.*). Atualmente o Programa, tendo atingido a etapa de internacionalização, encontra-se com conceito 7 na Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A Gestão do Conhecimento opera em nível organizacional aplicando os conceitos, princípios, processos e procedimentos necessários para “*a concepção, o design, a implementação e a operação (CDIO) de Sistemas de Gestão do*

uma interpretação para o fato. Os(as) oraculistas entendem eventos sincrônicos como “sinais” ou mensagens do Universo destinados à(s) pessoa(s) que os testemunha(m). Nesse sentido, as coincidências não são entendidas como mero acaso e sim, como elementos que estão em relação, ocorrem juntos, ainda que não de forma causal – uma vez que o raio não causou a queda da chave ou vice-versa. Eventos sincrônicos podem surgir pela repetição; isto é, um determinado número ou nome é visto ou ouvido no mesmo dia, ou em um curto período, várias vezes. Isto não ocorreria por acaso, mas como resultado da manifestação da Consciência do próprio Universo.

Conhecimento (SGC) nas organizações públicas, privadas e do terceiro setor” (Ibid.) Para traçar a relação entre a Gestão do Conhecimento e o presente trabalho, gostaria de mencionar como as bases teóricas do conhecimento organizacional abordam a questão da intuição como conhecimento.

1.4 A INTUIÇÃO NAS BASES TEÓRICAS DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL

Atualmente, são três as bases teóricas do conhecimento organizacional: a abordagem cognitivista, a autopoietica ou construtivista e a conexcionista.

A abordagem cognitivista tem sua origem nas Ciências da Cognição, principalmente na Psicologia Cognitiva e na Inteligência Artificial. Na visão de mundo cognitivista, o conhecimento é objetivo, abstrato e universal, isto é, nosso cérebro é capaz de representar objetos e eventos e este conhecimento pode ser codificado e armazenado, tornando-se acessível a outras pessoas. O lócus do conhecimento é mental e as principais atividades da GC são “*a identificação, a aquisição e a disseminação do conhecimento*” (Ibid., p. 68). Nelson e Winter (1982), Nonaka (1991), Grant (1996) e Varela, Thompson e Rosch (1991) são alguns de seus principais autores, segundo Santos e Rados (2020). Devido à sua natureza subjetiva, a intuição não é um foco da abordagem cognitivista.

Já a abordagem autopoietica, também chamada de construtivista, é sustentada pelo trabalho de Maturana e Varela (2001) e Vygotsky (1997), nas décadas de 1920 e 1930. Esta visão de mundo se contrapõe à cognitivista, por postular que é impossível a objetividade absoluta do conhecimento, como uma representação mental universal, uma vez que o conhecimento é socialmente construído e, portanto, subjetivo. Isto significa que quando atribuímos significado aos objetos e eventos, estamos cocriando a realidade objetiva a partir de nossa subjetividade. A cognição é uma atividade criadora (Vygotsky, 1997) ou um ato criativo (Maturana; Varela, 2001). Portanto, o foco da GC está na interpretação do conhecimento e não meramente na coleta de dados ou informações. Nesse sentido, a intuição pode ser compreendida na fundamentação teórica desta abordagem, tanto como uma forma específica de interpretação do mundo, quanto como uma atividade criadora.

Por fim, a abordagem conexionista é “*baseada nas teorias de Siemens (2006) e Downes (2005), bem como nos estudos de Kogut e Zander (1992), e de Venzin, von Krogh e Ross (1998)*” (*Ibid.*, p. 69). Seu principal foco são os desafios operacionais do fluxo do conhecimento organizacional quando as empresas iniciam a implantação dos sistemas de GC. Nesta perspectiva, a representação do conhecimento não ocorre em nível individual ou mental, mas é gerada por meio de redes e relações. “*Nesta abordagem, as organizações são entendidas como redes de interações gerenciadas pela comunicação – e, como tal, o foco de análise não deve centrar-se no indivíduo, mas sim nos seus relacionamentos*” (*Ibid.*, p. 69)

A visão de mundo conexionista trata do fenômeno da cognição situada, isto é, o conhecimento é de natureza contextual e provisória. Isto significa que as ações da GC nas organizações devem levar em conta as múltiplas variáveis de uma situação e os dados disponíveis necessitam ser interpretados de forma emergente, na própria situação. Se existe um plano este não determina a ação, apenas a orienta. De acordo com Santos e Rados (2020, p.71) a abordagem conexionista contesta a abordagem cognitivista e, ao fazer isso, dá maior ênfase às “*auto-organizações de fluxo disperso de conhecimento*”.

Siemens (2006, p. 56) afirma que as conexões que fazemos ao conhecer o mundo estão além de nosso controle consciente:

Quando nós mesmos filtramos o conhecimento, corremos o risco de perder a serendipidade (serendipity) de encontros aleatórios. O valor do controle pessoal pode reduzir diversas experiências para além da nossa intenção. Muito do que constitui novos conhecimentos hoje é [resultado da] transvergência (transvergence) — transferida de outro domínio, mas relevante e capaz de preencher as lacunas que faltam. A transvergência é facilitada por colisões fortuitas com o conhecimento fora de nossos interesses conscientes. Precisamos desses momentos aleatórios em que somos expostos a novos pensamentos e experiências.⁵

Como construímos conhecimentos através de múltiplas possibilidades de conexões, a intuição é um dos fatores levados em conta nessa abordagem. Siemens (2006, p. 58)⁶ afirma que

Conhecemos de muitas maneiras:

- através dos sentidos, observação e experiência;
- através do pensamento e da lógica;
- através da intuição (“*gut feeling*” ou sensações viscerais);

⁵ A nova versão das normas da ABNT (2023) permite que a indentação de 4 cm para citações maiores do que três linhas seja opcional. Entretanto o modelo da Biblioteca Universitária solicita que sejam mantidos os 4 cm de indentação. Minha tradução.

⁶ Minha tradução.

- através da revelação (o momento "Aha" de aprendizado ou que é postulado por muitos religiosos);
- através de autoridade (validada, confiável);
- através de conexões (nossa rede pessoal de aprendizagem).

O que fazemos ao conhecer o mundo é filtrar o conhecimento a partir das lentes subjetivas construídas pelas nossas experiências e nossos aprendizados culturais. “*Somos uma bricolagem de cognição, emoção, intuição, consumo de informação, dúvida e crença*” (*Ibid.*, p. 59). Desta forma, torna-se essencial conhecer a nossa “porta de entrada” ao conhecimento, para compreendermos onde ela nos levará. Esta porta é formada pela nossa visão de mundo.

1.5 A INTUIÇÃO PARA A GESTÃO DO CONHECIMENTO

O avanço tecnológico ocorrido a partir do século passado possibilitou a realização de escaneamentos cerebrais, entre outros recursos tecnológicos inovadores. Com base em maiores evidências científicas, o desenvolvimento das neurociências permitiu o crescimento expressivo de estudos sobre a consciência humana ou sobre processos psicológicos complexos, como a atenção. Alguns processos psíquicos que em um passado recente não eram objeto de estudo científico, devido ao paradigma racionalista e positivista nas ciências humanas, tais como as emoções, a imaginação e a criatividade hoje são temas de pesquisa. A intuição está entre estes objetos que escapam de serem apreendidos de forma inteiramente racional, mas que vem ganhando presença nos periódicos científicos.

Uma das pioneiras e pesquisadoras de destaque no estudo da intuição é Marta Sinclair.⁷ Seu foco de interesse é o papel da intuição na tomada de decisões, na aprendizagem e na vida cotidiana. Além de artigos acadêmicos, Sinclair editou dois conceituados manuais internacionais de pesquisa e metodologia para investigações sobre a intuição (Sinclair, 2011; 2020). É coautora do livro prático e do curso *Intuition for Everyday Life – Intuição para a vida cotidiana*.

⁷ Sinclair é Ph.D. em Comportamento Organizacional pela Universidade de Queensland, Austrália, mestre em Educação pela *George Washington University*, EUA, e bacharel em Linguística pela *Charles University*. Possui uma vasta experiência em gerenciamento de empresas na Europa e nos EUA, incluindo o Vale do Silício. Atualmente é professora sênior na *Griffith Business School, Griffith University, Austrália*, onde leciona gestão comparativa e intercultural. Além de suas obras acadêmicas, a pesquisadora publicou um romance, intitulado “*Woman’s intuition*”, disponível como e-book no *Kindle* e no *iTunes*. Disponível em: <http://www.carl-marta-sinclair.com/marta/>; acesso em 18 mar. 23.

Um dos colaboradores de Sinclair, é Viktor Dörfler. Trabalha na *University of Strathclyde Business School*, na Escócia, Reino Unido. É um pesquisador inovador e ousado. Investiga temas como criatividade; intuição; inteligência artificial (IA); sistemas especialistas baseados no conhecimento; IA e a mente humana. É ainda, um pesquisador do extraordinário. Estima que os estudos sobre intuição não são não-científicos; propõe um modelo do processo de intuir que desmistifica uma parte do fenômeno antes rejeitada pelos acadêmicos, convidando a futuras investigações (Bas; Sinclair; Dörfler, 2022). A definição de intuição para este trabalho foi extraída de um artigo de Bas e Dörfler (2021)⁸ e está presente no Quadro 5, que apresenta os principais conceitos.

Na vasta área e campo de atuação da Gestão do Conhecimento, a intuição tem sido, de fato, estudada na questão da tomada de decisão, a partir dos estudos de Sinclair (2011; 2020). Isto porque a intuição é considerada uma parte importante da tomada de decisão em muitos campos, como negócios, política e esportes. Compreender os processos subjacentes à intuição pode contribuir para que as pessoas tomem decisões bem-informadas, mais rapidamente e com menor margem de erro.

Os estudos sobre a intuição relacionados à tomada de decisão comparam a tomada de decisão realizada entre *experts* e novatos, como: Hogarth (2001); Klein (2004); Sinclair e Ashkanasy (2005); Sinclair *et al.* (2009), Dane e Pratt (2007, 2009) e Hodgkinson *et al.* (2009). Em síntese, os resultados convergem para afirmar que *experts* costumam confiar mais em suas intuições do que os novatos; no entanto, os primeiros não confiam apenas em suas intuições, mas em suas experiências anteriores e em seus conhecimentos. Assim, a intuição dos *experts* é baseada tanto no conhecimento de sua *expertise*, como em suas experiências prévias, e é geralmente mais precisa do que a intuição dos novatos. A questão da importância da experiência como base da intuição e sua relação com a memória de longo prazo como recuperação da informação é abordada na quarta seção, de Revisão Integrativa de Literatura.

⁸ Trata-se de um manuscrito recebido do autor, ainda sem a referência completa.

2 PERGUNTA DE PESQUISA

Como ocorre o fluxo entre intuição e conhecimento na interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas?

2.1 OBJETIVOS

Esta tese de doutorado foi orientada pelos objetivos geral e específicos descritos a seguir.

2.1.1 Objetivo Geral

Elaborar um *framework* conceitual que explique como se dá o fluxo entre intuição e conhecimento na interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas.

2.1.2 Objetivos Específicos

1. Identificar o que é intuição para a informante e como narra o uso de sua intuição e seus processos intuitivos em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas disponíveis na rede social *YouTube*;
2. Examinar como a informante estabelece a relação entre o conhecimento que possui para realizar a interpretação das imagens simbólicas de Tarot e oráculos de cartas e o uso de sua intuição;
3. Compreender como se dá a percepção da informante sobre seus próprios estados psíquicos e sensações corporais durante a leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas;
4. Mapear a diferenciação conceitual entre intuição, conhecimento tácito e *insight* a partir da revisão sistemática de literatura;
5. Relacionar o mapeamento conceitual com a interpretação de imagens simbólicas realizada pela informante em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas nos vídeos selecionados e disponíveis na rede social *YouTube*.

3 ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO

Principais motivações do presente projeto de tese: 1) investigar a intuição na perspectiva do conhecimento; 2) verificar como a literatura científica tem abordado o fenômeno da intuição; 3) contribuir para a conceituação e delimitação teórica deste fenômeno; 4) relacionar o trabalho de campo à perspectiva teórica, na expectativa de resultados relevantes para o debate científico.

Esta é uma tese de natureza interdisciplinar, englobando as áreas de Gestão do Conhecimento, Mídia do Conhecimento, Teoria do Conhecimento e Cognição. Está fundamentada na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, bem como na seleção de publicações científicas sobre intuição e conhecimento para a revisão integrativa de literatura. O Quadro 2 apresenta o escopo do trabalho.

Quadro 2 - Escopo: O que é abordado como referencial teórico

Definições de intuição a partir de publicações científicas.
Relação entre conhecimento tácito e intuição.
Diferenciação entre <i>insight</i> e intuição.
A intuição na Psicologia Analítica de Jung.
As origens da intuição na filosofia ocidental.
A arte de interpretação do Tarot.
O fluxo entre intuição e conhecimento na interpretação de imagens simbólicas.

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

O presente estudo está diretamente relacionado à Gestão do Conhecimento, por investigar a intuição como conhecimento, questionando como ocorrem os processos relacionados ao conhecimento tácito e explícito nos processos intuitivos. Procura trazer maior clareza para a definição de intuição na perspectiva da Gestão do Conhecimento, diferenciando-a de termos similares, tais como *insight*. A área de Gestão do Conhecimento estuda o ciclo estratégico de conhecimento nos níveis individual, grupal, organizacional e interorganizacional, ou em rede. Na presente pesquisa o nível de análise é principalmente individual (entrevistas em profundidade com a informante), mas inclui dados em rede (análise de vídeos).

Esta não é uma tese disciplinar de psicologia, mas se baseia uma abordagem psicológica para investigar o tema de pesquisa, a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Outras abordagens foram levadas em consideração como referencial teórico, tais como a Psicologia Cognitiva, em particular, a Cognição 4E; a Epistemologia

Genética de Piaget; e a Edusemiótica de Semetsky (2005, 2006, 2012, 2015); contudo foram descartadas, para maior foco e coerência na análise.

A princípio, procurei não abordar a área da filosofia, mas à medida que a pesquisa avançava, a busca deste conhecimento se tornou fundamental. Busquei a origem do conceito de intuição nas obras de Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Contudo, pela limitação de tempo e escopo, artigos filosóficos publicados em periódicos não foram incluídos na busca das bases de dados na Revisão Integrativa de Literatura; apenas publicações científicas foram levadas em consideração.

O objeto desta tese de doutorado está relacionado à Cognição, uma vez que a intuição pode ser considerada um processo cognitivo. Processos cognitivos são as múltiplas formas como o ser humano processa informações recebidas tanto pelos órgãos dos sentidos, quanto através da propriocepção – percepção dos órgãos internos - para adquirir conhecimento sobre o mundo e sobre seu “mundo interno”. Percepção, pensamento, emoções, imaginação, linguagem, memória são processos cognitivos.

Com relação à área de Mídia do Conhecimento, esta estuda a difusão e a comunicação do conhecimento, principalmente na dimensão da rede (PPGEGC, 2023).⁹ O objeto desta tese está disponível em uma plataforma de compartilhamento de vídeos, o *YouTube*, com 18 anos de existência, completados em 2023.

A informante da pesquisa é uma oraculista profissional conhecida e assistida por milhares de pessoas diariamente, um fenômeno que só se tornou possível recentemente com o advento de novas tecnologias. Em novembro de 2023, seu canal tinha 188 mil assinantes.

Tais tecnologias geraram, por sua vez, novos processos de subjetivação, tais como a popularização das redes sociais e de conteúdos “virais”, compartilhados e visualizados em pouco tempo, por milhares de seguidores. O prestígio de um usuário de uma rede social pode ser contabilizado em número de seguidores (*followers*) e de curtidas (*likes*) no conteúdo compartilhado. Muitas redes são criadas visando obter o máximo de visualização possível e ampliar o número de seguidores e de curtidas. Ao

⁹ Disponível em: <https://ppgegc.paginas.ufsc.br/grupos-de-pesquisa/>; acesso em: 18 mar. 2023.

investigar um fenômeno popular na plataforma *YouTube*, este trabalho tem relação direta com a Mídia do Conhecimento.

Além disso, a relação com a Mídia do Conhecimento se faz presente tanto no debate sobre processos semióticos, considerando como os seres humanos constroem significados social e individualmente, quanto com relação à interpretação simbólica. Ambos são levados em consideração nesta pesquisa.

O Quadro 3 apresenta o que está fora de escopo nesta investigação.

Quadro 3 - Escopo: O que não é objeto de pesquisa

Espiritualidade.
Mediunidade.
Canalização (<i>Channeling</i>).
Outras abordagens da Psicologia.
Estudos sociológicos, culturais e de gênero.
Neurociências.
Semiótica Visual.
Publicações em periódicos na área da Filosofia.

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

Considero importante destacar que embora tangencie o tema da espiritualidade, esta tese não procura validar ou comprovar experiências de natureza espiritual cientificamente, nem tampouco tem como base teórica conhecimentos oriundos de religiões específicas. Os processos de canalização intuitiva porventura descritos pela informante serão considerados como objeto de pesquisa, sem questionamento quanto à sua legitimidade.

Como é de praxe em pesquisas qualitativas, o objeto de interesse é compreendido a partir da perspectiva do participante e não do pesquisador (Maxwell, 2008; Merriam, 1998; Merriam; Tisdell, 2016; Patton, 1980). Portanto, os fenômenos de natureza espiritual como a mediunidade ou a canalização poderão ser descritos, caso surjam no trabalho de campo, mas não fazem parte do foco desta investigação.

Destaco que tanto a descrição subjetiva dos processos intuitivos obtida nas entrevistas com a informante, quanto a descrição da interpretação das imagens simbólicas apresentadas nos vídeos selecionados com leituras coletivas de oráculos, são foco de análise da presente investigação.

Os demais itens do Quadro 3 são áreas relevantes que podem complementar este trabalho e, portanto, estão sendo sugeridas como futuros estudos. Seria

impossível contemplar todas estas áreas de conhecimento em uma única tese e, portanto, estão fora do escopo desta pesquisa.

Quanto aos trabalhos do PPGEGC que têm relação direta com a temática desta investigação são poucos, uma vez que se trata de um estudo pioneiro sobre a relação entre intuição e conhecimento em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas.

Para ilustrar, a revisão de literatura apresentou apenas três estudos de caso que tratam da relação entre conhecimento tácito e intuição. Foram mencionados pelos autores pesquisados o estudo de Klein (1998) a respeito da intuição como alerta de perigo em bombeiros; Gladwell (1999) sobre o famoso violoncelista Yo-Yo Ma; e Sadler-Smith (2010) sobre o piloto norte-americano que fez um pouso de emergência que salvou muitas vidas, também investigando a intuição como uma resposta ao perigo. Esta ausência de estudos empíricos na literatura científica corrobora a relevância deste trabalho.

O Quadro 4 mostra os autores no PPGEGC com temáticas afins por ordem alfabética, nas três áreas de concentração. Os títulos com asterisco fazem parte dos núcleos de pesquisa coordenados por meu professor orientador. Os termos de busca foram; “intuição”; “conhecimento tácito”; “*insight*”, “Jung”, “cognição 4E”, “complexidade”, “pesquisa qualitativa”, “*YouTube*”. Os trabalhos de Figueira (2020), Mello (2021) e Pereira (2023) foram incluídos por terem inspirado esta pesquisa e colaborado indiretamente com a sua realização.

Quadro 4 - Autores no PPGEGC com temas afins por ordem alfabética

Autor (ano)	Título	Tipo
Bezerra (2023)	Pianismo, pianear e o processo de individuação na perspectiva da cognição 4E: uma autoetnografia. *	Tese Doutorado
Carvalho Neto (2011)	Educação digital: paradigmas, tecnologias e <i>complexmedia</i> dedicada à gestão do conhecimento. *	Tese Doutorado
Figueira (2020)	Experiências "anômalas" de alunos de um curso de pós-graduação: uma interpretação a partir da biologia do conhecer. *	Tese Doutorado
Franzoni (2019)	<i>Storytelling</i> como ferramenta para o compartilhamento do conhecimento na comunicação de líderes.	Tese Doutorado
Garcia (2012)	Mídias do conhecimento na autoconstrução de sujeitos complexos: um estudo de caso no Museu de Arte Moderna da Bahia.	Tese Doutorado
Gariba (2010)	Tomada de decisão: uma abordagem utilizando a linguagem corporal da dança e a gestão do conhecimento.	Tese Doutorado

Leonardi (2010)	<i>Framework</i> para compartilhamento de conhecimento sob a ótica de um sistema de representações simbólico.	Dissertação Mestrado
Lopes (2011)	<i>ComplexView</i> : um <i>framework</i> para a produção de jogos de empresas aplicados ao desenvolvimento de liderança com base na complexidade.	Tese Doutorado
Melgar Sacieta (2011)	Um modelo para a visualização de conhecimento baseado em imagens semânticas.	Dissertação Mestrado
Mello (2021)	Ontologia do monoteísmo. *	Tese Doutorado
Moraes (2020)	O <i>Mentee</i> enquanto símbolo na aprendizagem organizacional.*	Dissertação Mestrado
Paz (2023)	<i>Marketing</i> do conhecimento: o uso da plataforma digital do <i>Youtube</i> na divulgação online do conhecimento científico.	Dissertação Mestrado
Pereira (2010)	O raciocínio abduutivo no jogo de xadrez: a contribuição do conhecimento, intuição e consciência da situação para o processo criativo.	Tese Doutorado
Pereira (2023)	<i>PlatforMass</i> : modelo conceitual para personalização em massa na Indústria 5.0, baseado em plataforma.*	Tese Doutorado
Ribeiro (2010)	Produção e distribuição de vídeos institucionais para disseminar conhecimento: a experiência do Ministério Público de Santa Catarina no <i>Youtube</i> .	Tese Doutorado
Silveira (2012)	Contribuições da psicologia profunda de Carl Gustav Jung para um modelo de gestão do conhecimento nas organizações.	Tese Doutorado
Silveira (2006)	Gestão do conhecimento nas organizações: perfil motivacional e tipos psicológicos junguianos - um estudo de caso em uma empresa de saúde.	Dissertação Mestrado
Souza (2023)	A complexidade como suporte à modelagem de competências docentes, com base nas melhores práticas do Prêmio Mérito Educacional da Rede Municipal de Ensino de Itajaí-SC. *	Tese Doutorado
Vieira (2006)	Fluxo informacional como processo à construção de modelo de avaliação para implantação de cursos em educação a distância.	Tese Doutorado
Willerding (2015)	Arquétipo para o compartilhamento do conhecimento à luz da estética organizacional e da gestão empreendedora.	Tese Doutorado
Woszezenki (2016)	Modelo para descoberta de conhecimento baseado em associação semântica e temporal entre elementos textuais.	Tese Doutorado

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

3.1 ADERÊNCIA AO NUDECC E AO NUCOG

A ideia que norteia os trabalhos do Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência (NEDECC) é tomar o tema da Consciência do ponto de vista do Conhecimento, entendido como produto, processo ou relação. *“Dados a abrangência desse tema e suas possibilidades, a variedade de abordagens, e os*

possíveis desenvolvimentos tecnológicos delas consequentes, a interdisciplinaridade é condição fundamental" (PPGEGC, 2022).¹⁰

Desejo ressaltar que o tema de minha tese não aborda diretamente a consciência do ponto de vista do conhecimento. Entretanto, a investigação da intuição como conhecimento possivelmente trará questionamentos relacionados a como os processos intuitivos ocorrem, levando em consideração que fatores inconscientes ou pré-conscientes podem estar presentes. Vale destacar que o termo consciente para a literatura psicológica se refere ao que estamos conscientes de perceber em um dado momento, como pensamentos, sensações, sentimentos, entre outros; o termo pré-consciente se refere ao que não está consciente em um dado momento, mas pode se tornar acessível à consciência; e o inconsciente tem relação ao que não está acessível diretamente à consciência e cujo acesso direto não é possível.

O Núcleo de Complexidade e Cognição (NUCOG) (Antigo Núcleo de Ecoergonomia) trabalha nas linhas de pesquisa Engenharia do Conhecimento, Mídias do Conhecimento, Gestão do Conhecimento, Educação e Tecnologia, Educação Especial e Tecnologia, Ecoergonomia, Organizações como Sistemas Complexos, Criatividade, Desenvolvimento Humano e Psicologia do Trabalho, que foram emergindo através de uma proposta inicial de interdisciplinaridade (PPGEGC, 2023).¹¹

A presente tese tem relação direta e indireta com criatividade, desenvolvimento humano, complexidade e organizações como sistemas complexos. É possível inferir que exista uma relação direta entre criatividade e intuição. Por um lado, a literatura científica aponta que a intuição faz parte de processos criativos artísticos ou científicos. A seção de revisão de literatura aborda esta questão.

Minha hipótese, a ser corroborada ou não pela pesquisa de campo e revisão integrativa de literatura, é que a intuição pode ser concebida como uma matriz criadora que integra diversos processos psíquicos em ação simultaneamente, conscientes e inconscientes. Parece ocorrer em um estado de atenção global, não focal, em que uma determinada informação torna-se consciente, isto é, entra no limiar da consciência, de uma forma holística e não racional. Isto significa que a informação é percebida como relevante e tem uma significação clara e imediata. A compreensão do fenômeno da intuição, por suas camadas inconscientes ou natureza subliminar, não é

¹⁰ Disponível em: <https://ppgegc.paginas.ufsc.br/grupos-de-pesquisa/>; acesso em: 18 mar. 2023.

¹¹ Idem.

suficiente a partir da dicotomia corpo-mente. Por isso, abordagens teóricas que tratam da intuição como um fenômeno incorporado podem ser úteis em estudos futuros.

3.2 RELEVÂNCIA SOCIAL E CIENTÍFICA

A relação entre conhecimento e intuição é o tema desta tese. Meu principal interesse é, portanto, produzir conhecimento sobre a intuição, sob a perspectiva do conhecimento em âmbito interdisciplinar. A relevância científica desta pesquisa está em sua originalidade e na integração de várias perspectivas teóricas para analisar a intuição como um fenômeno empírico. É possível que sua maior contribuição esteja no esclarecimento da terminologia relacionada ao fenômeno em estudo, uma vez que esta historicamente tem sido considerada vaga e confusa. Além disso, a literatura científica carece de estudos empíricos que contribuam para elucidar o aspecto procedural de transformação do conhecimento tácito em fenômenos intuitivos, que é um dos objetivos desse trabalho.

O presente estudo, portanto, foca em duas áreas que podem ser consideradas tabu na perspectiva científica, a intuição e oráculos de cartas como o Tarot. Considero importante destacar que este estudo diz respeito à percepção da oraculista sobre a sua intuição, descrita por ela com relação às sessões de leituras intuitivas coletivas; logo, a intuição não está sendo investigada diretamente.

Nas leituras coletivas de Tarot, a interpretação de imagens simbólicas engloba tanto o conhecimento prévio da oraculista sobre como jogar Tarot ou oráculos de cartas, como o uso de sua intuição, na sua perspectiva. Com relação à pergunta de pesquisa, minha intenção é demonstrar o fluxo entre intuição e conhecimento como um processo dinâmico que possa ser representado graficamente, como um *framework* conceitual.

Estudar a intuição se insere na esfera da complexidade e do desenvolvimento humano. Significa ampliar o conhecimento sobre quem somos psiquicamente e, quiçá, espiritualmente, abrindo espaço para novas questões sobre nosso desenvolvimento pessoal e coletivo. A relevância social e científica da presente tese está em procurar conceituar e contextualizar cientificamente um fenômeno conhecido no senso comum, a intuição, mas ainda pouco sistematizado na literatura científica.

Com relação às leituras coletivas de Tarot em canais do *YouTube*, publicadas em vídeo, são um fenômeno emergente do século XXI, que ainda não têm recebido suficiente atenção científica. Neste sentido, a presente pesquisa é original, por investigar processos intuitivos em um novo contexto de investigação, fora do laboratório, em uma situação de “vida real”. Além disso, a literatura científica atual sobre intuição carece de estudos empíricos, evidenciando uma lacuna que merece ser explorada.

É possível que os resultados obtidos possam contribuir indiretamente para futuros estudos sobre organizações como sistemas complexos, organizações espirituais e liderança espiritual, bem como tomada de decisões em contextos organizacionais. Estas temáticas estão em crescimento na literatura científica.

3.3 PRINCIPAIS CONCEITOS

Quadro 5 - Principais Conceitos

Conceito	Descrição	Autor
Intuição	Uma forma de conhecimento direto, isto é, conhecimento sem o uso de raciocínio consciente através de um processo que parece ignorar o raciocínio sequencial (ou seja, passo a passo).	Bas e Dörfler (2021, s.p.)
Conhecimento	Conhecimento é processo e produto efetivado na relação entre pessoas e agentes não humanos para a geração de valor.	Para a área de concentração de GC do PPGEGC/UFSC, conforme definido em seu Planejamento Estratégico de 2016 (Santos e Rados, 2020, p. 38).
Conhecimento tácito	Conhecimento tácito é do tipo procedural, pessoal, específico, de um determinado contexto, difícil de ser formulado e comunicado. Envolve modelos mentais que estabelecem e manipulam analogias. Seus elementos técnicos podem ser exemplificados como o <i>know-how</i> concreto, técnicas e habilidades que permitem ao indivíduo o saber-fazer dirigido à ação.	Santos e Rados (2020, p. 38).
Insight	Súbita alteração no campo perceptivo, possibilitando uma nova configuração. O <i>insight</i> possibilita uma nova percepção, aprendizagem ou a solução para um problema.	Elaboração da autora deste texto com base na definição clássica em psicologia.

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

4 REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE INTUIÇÃO E CONHECIMENTO

Como se trata de uma Revisão Integrativa de Literatura, além da revisão sistemática de 44 publicações científicas sobre intuição e conhecimento – apresentada nas seções 4.7 a 4.9, as Obras Completas de Carl Gustav Jung foram consultadas com relação à intuição. A seção 4.4 apresenta uma síntese da intuição na psicologia junguiana.

Uma descoberta relevante para a fundamentação teórica deste trabalho foi o livro da pesquisadora francesa Nathalie Pilard, *“Jung and intuition: on the centrality and variety of forms of intuition in Jungians and post-jungians”*, de 2015. Em livre tradução: *“Jung e intuição: sobre a centralidade e variedade das formas de intuição em junguianos e pós-junguianos”*. A autora é parisiense, graduada em História e Religião e fez seu *PhD.* sob o tema Jung e intuição. O estudo desta obra resultou na seção 4.6.

Em seu livro *“Tipos Psicológicos”*, publicado dez anos após sua morte, em 1971, Jung apresenta um glossário com definições conceituais e longas explicações sobre elas. Esta obra, escrita em uma fase mais madura de sua trajetória profissional elucidou questões teóricas que surgiram durante a leitura de múltiplos textos de sua autoria. Uma destas questões teóricas foi como a intuição era compreendida nos primórdios da filosofia grega. Embora não tivesse planejado a inclusão da Filosofia neste trabalho, senti necessidade de explorar as origens da intuição em textos filosóficos. Esta incursão me levou à obra de Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. O resultado desta investigação está na sessão 4.3. A relação entre os escritos de Jung sobre alma e a intuição foi incluída na seção 4.5.

A proposta inicial da revisão de literatura apresentada à banca na Qualificação da tese de doutoramento, em 28 de março de 2023, incluía investigar a intuição na perspectiva da Edusemiótica de Semetsky (2005, 2006, 2012, 2015). O motivo era a aproximação entre esta abordagem teórica e os estudos sobre Tarot. Infelizmente, com a escassez de tempo para finalizar a revisão de literatura e realizar a análise do trabalho de campo, precisei deixar de lado este referencial teórico. Ambos foram concluídos no início de novembro de 2023, cerca de sete meses após a Qualificação.

Em síntese, a Revisão Integrativa de Literatura foi realizada a partir de uma triangulação entre as origens da intuição na filosofia ocidental, a intuição na obra de Jung, e a intuição na literatura científica.

4.1 A INTUIÇÃO PARA O SENSO COMUM

A intuição tem vários significados no senso comum. Ela pode ser descrita como uma “voz interior” que serve de guia para a pessoa, ou um “palpite” que surge repentinamente. Nesse sentido, se soubermos “ouvir essa voz” poderíamos evitar o envolvimento em um relacionamento abusivo, ou fazer um mal negócio. Além de nos proteger de um perigo, a intuição pode surgir como um pensamento súbito e espontâneo de fazer algo não previsto anteriormente. Decido mudar de caminho e viro uma esquina e, ao tomar esse passo, me deparo com uma pessoa querida ou com alguém que tinha vontade de encontrar, ou ainda com alguém que me repassou uma informação que necessitava.

Para o senso comum, a intuição pode me levar a abrir uma página de um livro ou olhar para um determinado anúncio em um mural e obter uma informação valiosa. Posso ainda seguir o que minha intuição indica e ter um “golpe de sorte”. Nesta perspectiva, a intuição é considerada uma espécie de “sexto sentido” capaz de proporcionar respostas, contatos importantes, ou orientação. Aquilo que estávamos de certa forma procurando ou desejando, mas não ativamente no momento, seja uma pessoa, um objeto ou uma informação, torna-se subitamente disponível.

Essa “voz interior” pode não ser literal. Não significa que a pessoa ouviu uma voz em sua cabeça. É mais provável que a intuição ocorra como um pensamento repentino que indica uma direção. Aqui, a intuição pode se assemelhar a um insight, a uma súbita reconfiguração do campo perceptivo, segundo a Gestalt-Psicologia. Um dos objetivos deste trabalho é traçar uma distinção entre os dois termos.

Algumas vezes, no entanto, pessoas intuitivas narram que “ouviram uma voz”, como se um outro ser, que não elas mesmas lhe falassem ao pé do ouvido. Existem pessoas que acreditam que recebem informação intuitiva ditada por anjos da guarda, espíritos guardiões, ancestrais e mentores espirituais. Nesse sentido, a intuição pode ser, inclusive, compreendida como “a voz de Deus” e ter uma relação direta com a espiritualidade e com as crenças religiosas de determinados grupos culturais.

Para a psiquiatria tradicional, o fenômeno de “ouvir vozes” é chamado de “alucinação auditiva” e pode estar presente em vários transtornos psicológicos. No entanto, é possível através de exercícios de meditação, imaginação ativa e canalização, ter a sensação de receber informação auditiva de uma voz que não é reconhecida como a própria, sem que esse processo seja considerado de natureza patológica. Atualmente, existem vários livros não científicos disponíveis sobre como desenvolver a intuição através da imaginação ativa e da canalização. Alguns autores são: Kautz e Branon (1987), McGuire (1999) e Wahbeh (2021). Destaco que nem sempre a intuição se dá sob a forma auditiva. Pode surgir através de imagens, pensamentos, odores, ou mesmo sensações corporais como náusea, arrepios e aperto no peito ou estômago, entre outros (Kautz; Branon, 1987; McGuire, 1999; Wahbeh, 2021).

No senso comum as sensações corporais que acompanham a intuição são chamadas de “*gut feeling*” (sensação visceral, ou literalmente, sentimento do intestino). No campo das neurociências, Damásio *et al.* (1996) propõem que processos psíquicos relacionados ao córtex pré-frontal podem vir acompanhados de sensações físicas. Estas foram chamadas *somatic markers* ou “marcadores corporais”. Neste trabalho de 1996, sua intenção foi demonstrar que tanto o processo de tomada de decisão, quanto a racionalidade não se limitam a explicações meramente cognitivas, ou com base apenas no condicionamento humano.

The key idea in the hypothesis is that 'marker' signals influence the processes of response to stimuli, at multiple levels of operation, some of which occur overtly (consciously, 'in mind') and some of which occur covertly (non-consciously, in a non-minded manner). The marker signals arise in bioregulatory processes, including those which express themselves in emotions and feelings, but are not necessarily confined to those alone. This is the reason why the markers are termed somatic: they relate to body-state structure and regulation even when they do not arise in the body proper but rather in the brain's representation of the body (Damásio, 1996, p. 1413).¹²

¹² Tradução realizada pelo Google Tradutor e revisada por mim: “A ideia chave na hipótese é que os sinais “marcadores” influenciam os processos de resposta aos estímulos, em múltiplos níveis de operação, alguns dos quais ocorrem abertamente (conscientemente, “na mente”) e alguns dos quais ocorrem secretamente (não conscientemente, de uma maneira não mental). Os sinais marcadores surgem em processos biorreguladores, incluindo aqueles que se expressam em emoções e sentimentos, mas não estão necessariamente confinados apenas a estes. Esta é a razão pela qual os marcadores são denominados somáticos: eles se relacionam com a estrutura e regulação do estado corporal, mesmo quando não surgem no corpo propriamente dito, mas sim na representação do corpo pelo cérebro.

Em um experimento que se tornou notícia no New York Times, Bechara (1997), dando continuidade ao trabalho de Damásio (1996), demonstrou que existe um “sistema encoberto” no cérebro capaz de identificar se as decisões tomadas em um jogo de azar são boas ou ruins. Este sistema tem base nas memórias emocionais e é ativado antes que as pessoas se deem conta de que estão tomando decisões. Infelizmente, está fora do escopo desta tese abordar a intuição no campo das neurociências.

Menciono Damásio devido a seus estudos ampliarem a visão cognitivista a partir de uma perspectiva complexa que envolve a atividade inconsciente cerebral e a relevância da integração corpo-mente. Em 2005, Bechara e Damásio revisitaram esta questão para evidenciar que é o processamento cognitivo assistido pelos marcadores corporais relacionados a emoções que contribuem para a tomada de decisão, sejam conscientes ou não.

Se existem processos inconscientes relacionados à intuição, ao menos com relação à tomada de decisão, é possível inferir a existência de uma forte relação entre intuição e conhecimento tácito, pois este último se refere a conhecimentos que não são explícitos, ou mesmo fáceis de serem colocados em palavras. É um conhecimento que parte das experiências e práticas individuais e, portanto, geralmente a sua formalização e transmissão tende a ser desafiadora. Estabelecer a relação entre intuição e conhecimento tácito é um dos objetivos deste trabalho.

Apesar da intuição estar conectada a sinais ou marcadores corporais, é plausível que nem sempre ocorra de forma emocionada, o que a diferenciaria de um pressentimento ou premonição. A experiência de um pressentimento relacionado a uma situação temida ou desagradável pode vir associada a uma sensação de angústia, ou medo; ao passo que a intuição pode ocorrer em um estado emocional de tranquilidade e relaxamento.

Entretanto, a experiência da intuição parece acontecer não apenas em estados de homeostase, mas como um alerta em uma situação de perigo, permitindo uma rápida resposta. Uma vez assisti um vídeo que narrava um fato ocorrido com bombeiros profissionais que foram chamados para atender um caso de incêndio. Quando chegaram no edifício, o fogo não estava visível. O chefe dos bombeiros, pressentindo perigo, em poucos segundos de sua chegada, gritou para a corporação: “fora, todos fora, saiam, rápido!” A evacuação foi realizada e, para assombro geral, o

piso onde os bombeiros tinham acabado de sair implodiu e foi consumido pelo fogo, que vinha do andar imediatamente abaixo. Quando entrevistado sobre o ocorrido, o chefe dos bombeiros disse que não sabia racionalmente que o piso iria desabar. O que ficou evidente em sua percepção era que “suas orelhas estavam quentes” e que havia a impressão nítida de que algo estava errado, como se um “alarme interno” tivesse soado. Então gritou para que todos saíssem do local, e, acabou evitando um desastre. Esse tipo de experiência é chamada de intuitiva, e, devido a eventos como esse, a intuição já foi chamada de o “sexto sentido”.

No senso comum, há uma confusão entre pressentimento, premonição e intuição. Existe um relato histórico contando que Hans Berger (1873-1941), o criador do eletroencefalograma, sofreu um acidente durante um exercício militar a cavalo. Foi lançado repentinamente para fora da sela de seu cavalo próximo a um canhão também puxado a cavalo, o que podia ter lhe custado a vida. Johnson (2023) narra que quando Berger se viu deitado no chão, se deu conta, em completo terror, de que tinha escapado de ser esmagado pelo pesado armamento por uma questão de milímetros. No mesmo momento, quilômetros além, sua irmã teve uma premonição de que alguma coisa grave estava ocorrendo com seu irmão. A sensação foi tão intensa que ela insistiu para seu pai que passassem um telegrama imediatamente, para obter notícias de Berger.

Quando o então estudante de matemática soube do incidente, pensou que o que ocorrera tinha sido uma experiência telepática, e devotou parte de sua vida para desvelar a “ciência oculta” que explicaria a telepatia. Segundo Johnson (2023), Berger tomou o fenômeno ocorrido com sua irmã como real e procurou compreender os mecanismos subjacentes a ele. Sua busca de longa data por estabelecer uma correlação entre fenômenos psíquicos subjetivos e a atividade fisiológica no cérebro resultou em uma inovação disruptiva para a época.

Em 1924, Berger realizou o primeiro registro eletroencefalográfico (EEG). O EEG é capaz de fazer uma medição da atividade elétrica emitida pelo couro cabeludo, representando, por sua vez, a atividade neural do cérebro. A ativação de neurônios, por sua vez, é uma indicação da atividade mental de uma pessoa. Uma vez que o EEG traz uma evidência física de fenômenos psicológicos, possibilitando um registro da mente em atividade, o EEG foi considerado um recurso extraordinário e revolucionário na época. Entretanto, Johnson (2023) afirma que a telepatia segue sem

evidências científicas e estamos longe de compreender os seus mecanismos subjacentes, como desejava Berger.

A premonição ou pressentimento sentida pela irmã de Berger talvez se diferencie da intuição em alguns sentidos: 1) nem toda intuição está ligada a um pressentimento de um evento acontecendo sincronicamente; 2) nem toda intuição se refere a uma situação que pode vir a ocorrer no futuro; 3) é possível que a “voz” da intuição possa ser “ouvida” em um estado não-emocionado, semelhante ao da contemplação ou ao da meditação.

A diversidade de entendimento sobre o que é intuição e como a identificamos, no senso comum, dificulta sua conceituação com clareza. É muito provável que o mesmo nome esteja sendo atribuído a fenômenos diferentes quando se trata do conceito de intuição, mesmo no campo científico. Isso ocorre porque a intuição é um conceito complexo e, como tal, pode ser interpretado de várias formas por diferentes pessoas e em diversas áreas de conhecimento. A intuição quando percebida como um palpite, uma sensação ou sentimento, pode não ser conceituada como um processo cognitivo. Se levarmos em consideração o processamento abaixo do limiar de consciência de informações tácitas, a intuição pode ser categorizada como um processo cognitivo complexo.

Gostaria de destacar que mesmo na literatura científica, o conceito de intuição ainda não está suficientemente esclarecido, demonstrando ser este um campo fértil para investigações que tenham a finalidade de contribuir para a delimitação do conceito.

4.2 MINHAS HIPÓTESES SOBRE A INTUIÇÃO

Antes de iniciar a revisão de literatura, fiz uma reflexão sobre a minha própria compreensão do fenômeno da intuição, com base em minhas experiências e em minha formação em psicologia. Ainda que hipóteses sejam mais comuns em estudos quantitativos, decidi apresentá-las nesta pesquisa qualitativa, de modo a verificar posteriormente se a literatura científica as corrobora ou não.

1. A intuição é um fenômeno complexo que envolve tanto processos conscientes quanto inconscientes, dificultando o seu estudo;

2. A intuição ocorre em um estado de atenção global, não focal, em que uma ou mais informações subitamente tornam-se conscientes, isto é, entram no limiar da consciência. Não estávamos ativamente buscando estas informações, quando surgem de forma inesperada;

3. O “caminho cerebral” em que a intuição chega à consciência não é lógico, nem racional, nem analítico; é holístico. A informação surge de forma clara e consciente, como um todo integrado. Há uma sensação de que “sei algo que não sabia um momento atrás”, mas não “sei explicar como eu sei”;

4. A intuição ocorre como um súbito “colapso” de informações no campo perceptivo, possivelmente em um estado não-emocionado, semelhante ao da contemplação ou ao da meditação;

5. A informação recebida intuitivamente tem significado imediato, e valor para a pessoa, quando está no limiar da consciência. Isto significa que as informações são transformadas imediatamente em conhecimento e podem ser utilizadas pela pessoa, de forma prática;

6. Se a informação é percebida como relevante e tem uma significação clara e imediata, a intuição pode ser considerada um dos processos psicológicos complexos relacionados à construção de significados;

7. É possível receber intuições e estas ficarem abaixo do limiar de consciência e percepção. Mais tarde, pode ocorrer a lembrança da intuição que não foi captada, de forma semelhante a quando nos recordamos vagamente de um sonho que havíamos tido à noite, horas mais tarde durante o dia;

8. Só somos capazes de intuir aquilo que conhecemos; portanto, o conhecimento que temos tem um papel importante naquilo que somos capazes de intuir;

9. A intuição é um fenômeno holístico que ocorre tanto no corpo, quanto na mente. A compreensão do fenômeno da intuição não é suficiente a partir da dicotomia corpo-mente;

10. A intuição é um fenômeno atencional, uma vez que a intuição direciona a atenção a algo emergente;

11. A atenção ao que está ocorrendo fisicamente no momento da intuição pode contribuir para o conhecimento tácito se tornar explícito;

12. A intuição é uma habilidade disponível a qualquer pessoa e que necessita de prática para ser aprimorada;

13. Alguns tipos de personalidade podem ser mais intuitivos que outros;

14. Na leitura intuitiva de cartas de Tarot, a intuição opera selecionando um entre milhares de caminhos possíveis de interpretação. Cada imagem simbólica possui uma gama de significados que são modificados de acordo com o posicionamento das demais cartas. A intuição aponta uma direção, dentre muitas, para a leitura e interpretação;

15. Numa leitura intuitiva de cartas de Tarot, ocorre um fluxo entre intuição e conhecimento e este pode ser explicitado visualmente.

4.3 NOTAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA IDEIA DE INTUIÇÃO NA FILOSOFIA OCIDENTAL

Quando formulei o projeto de pesquisa para apresentação aos membros da banca durante a fase de qualificação, havia planejado que estudos filosóficos estariam excluídos da revisão de literatura. Entretanto, à medida que procurava elucidar quais, dentre as múltiplas definições encontradas sobre intuição, eram mais antigas e de onde se originavam, percebi que as raízes filosóficas eram demasiado relevantes para serem ignoradas.

Gostaria de informar ao leitor que não tenho uma formação em Filosofia, mas alguns textos importantes de Platão e Aristóteles, bem como de Kant, Descartes, Spinoza, Heidegger, Husserl e Sartre, entre outros, não me são estranhos. Isto significa que, ao mesmo tempo que não tenho nenhuma autoridade oficial no campo filosófico, considero-me capaz de acompanhar alguns dos principais debates entre filósofos; tais como, para ilustrar, as principais diferenças entre Platão e Aristóteles, a contraposição de Sartre a Heidegger, a redução fenomenológica de Husserl, e as principais contribuições de Kant e Descartes como pontos de virada na tradição filosófica.

Na árdua tarefa de me voltar historicamente para o conceito de intuição, a principal fonte consultada foi o livro *“Rational Intuition”* de Osbeck e Held, publicado em 2014. Nele, vários especialistas nas áreas de filosofia e ciências oferecem um panorama histórico sobre os múltiplos sentidos e usos do termo intuição.

Entretanto, para compreender de forma mais aprofundada os conceitos de intuição e não ficar dependente de uma única obra, apesar de seu valor, precisei retornar para Aristóteles e Santo Tomás de Aquino. O primeiro, devido à sua relevância histórica como um dos grandes clássicos da Antiguidade, tendo moldado o pensamento ocidental; o segundo, porque além de continuar a tradição aristotélica na Idade Média, se configurou oportunamente como uma das principais referências teóricas de um curso e grupo de estudo, que tive o privilégio de participar durante os meses de setembro e outubro de 2023.

Este curso, denominado “*Luzes da Alma*” foi ministrado como um conjunto de 16 aulas online pelo professor Cid de Oliveira, tendo como objetivo traçar a perspectiva noológica da Alma. No momento que escrevo este texto, sete aulas foram concluídas.

Ao longo deste capítulo realizo algumas inferências sobre como estou compreendendo os textos estudados. Assumo a responsabilidade por eventuais equívocos e, principalmente, aponto para a possibilidade de que meu ponto de vista não represente a tradição filosófica expressa pelas autoridades em Filosofia.

É digno de nota que os teóricos contemporâneos da intuição não têm a pretensão de unificar o tema em um único conceito que seja consensual. Conforme expresso pelas autoras de “*Rational Intuition*”:

Intuition is not “unitary.” The diversity should not be terribly surprising in itself, because no word in ordinary language use has a fixed and unwavering meaning. But as a scholarly or empirical concept, referents for intuition are curiously dispersed. Intuition is variably identified as a process (intuitive judgment), a product (intuitions of, or that), a foundation or precondition for knowledge, and a method for obtaining it. Philosophically it is an act of “the conception of a clear and attentive mind, which is so easy and distinct that there can be no doubt about what we are understanding” (Descartes, 1994, p. 3); psychologically, is more frequently an unconscious, automatic, murky, or inaccessible process (Bargh & Chartrand, 1999; Hogarth, 2001). In groundbreaking studies it has been theorized as the basis of expertise (Dreyfus & Dreyfus, 1980, 1986), but it has also been conceived as a characteristic of children’s “naïve” theories of the material and social worlds (Carey, 1985; Gopnik; Meltzoff, 1997).¹³

¹³ Tradução realizada pelo Google Tradutor e revisada por mim: “A intuição não é “unitária”. A diversidade não deveria ser terrivelmente surpreendente por si só, porque nenhuma palavra no uso da linguagem comum tem um significado fixo e inabalável. Mas como conceito acadêmico ou empírico, os referentes da intuição estão curiosamente dispersos. A intuição é variavelmente identificada como um processo (julgamento intuitivo), um produto (intuições de, ou daquilo), uma base ou pré-condição para o conhecimento e um método para obtê-lo. Filosoficamente é um ato de “concepção de uma mente clara e atenta, que é tão fácil e distinta que não pode haver dúvida sobre o que estamos entendendo” (Descartes, 1994, p. 3); psicologicamente, é mais frequentemente um processo inconsciente, automático, obscuro ou inacessível (...). Em estudos inovadores, foi teorizado

Osbeck e Held (2014) não param aqui; na matemática, a intuição é considerada a fundação para o raciocínio matemático e lógico; por outro lado, Gigerenzer (2007; 2023) afirma que a intuição está relacionada a processos que não fazem uso da lógica. Em pesquisas de 2008¹⁴ e 2009¹⁵, a intuição foi estudada como a rapidez de julgamentos tanto perceptuais, quanto semânticos; e, a partir de 2007-2008, o número de publicações científicas sobre intuição têm crescido significativamente.

As autoras de “*Rational Intuition*” brincam que apesar deste “cenário apocalíptico”, os estudos científicos têm incorporado a intuição como seu objeto. Na sessão da Revisão Integrativa de Literatura, apresento o conceito de intuição em 44 artigos científicos, até a presente data.

Com relação à literatura filosófica com respeito à intuição, esta é considerada imensa e densa, e apesar de haver uma certa continuidade histórica, os conceitos de intuição não são unitários, assim como não existe uma teoria unificada da intuição.

Um dos resultados relevantes em minha pesquisa é que o termo intuição, historicamente, na filosofia ocidental, está associado com as pré-condições de obtenção do conhecimento, tanto com relação às coisas do mundo, quanto com relação às ideias, mas também relativo ao conhecimento de Deus (Bolton, 2014).

O termo intuição foi concebido como uma resposta à questão epistemológica de como podemos conhecer a realidade material, os conteúdos de nossa própria mente e a realidade divina. Como tal, é também uma indagação teológica expressa pelos escolásticos, relacionada aos modos de apreender as coisas finitas e infinitas.

De acordo com Bolton (2014), o consenso atual sobre as origens na filosofia do uso do termo intuição, em latim, *intuitus* e *intuitio*, aponta para os escolásticos Anselmo de Cantuária, João Duns Escoto e, mais tarde, Ockham. Anselmo em seu *Monologium*, de aproximadamente, 1076, faz uma distinção entre o conhecimento das coisas finitas, chamadas *especulações* e das infinitas, relacionadas a Deus, denominadas de *intuições*. Peirce, em 1868, retoma o tema e esclarece que na Idade

como a base da especialização (Dreyfus; Dreyfus, 1980; 1986), mas também foi concebido como uma característica das teorias “ingênuas” das crianças sobre os mundos material e social (...). Em Osbeck e Held (2014) Introdução. Versão digital, sem número de páginas. Referências citadas pelas autoras não adicionadas.

¹⁴ Bolte; Goschke, 2008 *apud* Osbeck e Held (2014).

¹⁵ Topolinski; Strack, 2009 *apud* Osbeck e Held (2014).

Média o uso do termo “*intuitive cognition*” ou cognição intuitiva, tinha dois sentidos principais.

Em primeiro lugar, significava o conhecimento do presente conforme ocorrido imediatamente no momento presente; neste sentido, era oposto à cognição abstrata ou “*abstrative cognition*”. O segundo sentido diz respeito à premissa de que, como a intuição sempre ocorre no momento presente, não poderia haver uma cognição prévia à intuitiva; logo, a cognição intuitiva passou a ser usada como oposta à noção de cognição discursiva. Esta última distinção aparece na obra *In sentent*, de Escoto.

Infiro que na Idade Média, a intuição correspondia ao modo direto de apreensão da realidade material, ou das coisas, e espiritual, ou de Deus; como tal, era considerada a expressão da verdade. Na visão escolástica, quando percebo um objeto diretamente não há como duvidar de sua existência, pois não se trata de uma elaboração racional na forma de um conceito ou de uma abstração; trata-se de uma “visão” ou apreensão direta das características essenciais do objeto. Assim, quando vejo um cão, eu o percebo com as qualidades que fazem dele um ser particular, pela sua forma, tamanho ou cor, e não como um mamífero da espécie dos cães, da raça tal.

Em Santo Tomás de Aquino (2013), o tipo de conhecimento intuitivo se contrapõe ao racional nesta perspectiva: a intuição possibilita a apreensão imediata das características particulares de um percepto – aquilo que pode ser percebido. Mas será a razão, em uma operação complementar, que classificará o que foi percebido e possibilitará o tipo de conhecimento universal que mais tarde se tornou uma das finalidades da ciência: as definições, classificações e ordenação sistemática de conhecimentos específicos atribuídos a diferentes objetos estudados em disciplinas isoladas.

Com relação ao exemplo do cão, a classificação zoológica ou taxonomia é uma elaboração conceitual, a posteriori, que, inclusive não foi um produto medieval e sim do século XVIII, por Lineu. Entretanto, Aristóteles, um grande estudioso do mundo natural na Antiguidade, classificou os seres vivos em sua obra *Historia Animalium*. Uma de suas distinções conceituais, entre vertebrados e invertebrados, ainda é utilizada.

Retomando a intuição como uma “apreensão direta do conhecimento”, há algo mais a ser destacado como ponto de reflexão e debate: apreender as coisas

diretamente significa que **não há uma representação delas; ao menos não uma representação formada pela intuição.**¹⁶ As coisas se apresentam tal como são e há um reconhecimento imediato que é denominado intuitivo. A representação é considerada um análogo, como em uma pintura de um objeto real, nunca o objeto em si.

Se é através da intuição que conhecemos o mundo, intuir parece pressupor a formação de uma imagem do objeto, uma representação. Entretanto, a representação, segundo Santo Tomás de Aquino (2013), não é realizada pela intuição, mas por outra potência, que é a fantasia. A fantasia é capaz de produzir fantasmas, isto é, um duplo do objeto, através de uma imagem evocada por um nome. Este nome se torna um signo, ao evocar o objeto sem que ele esteja presente. Se menciono uma maçã, a imagem da fruta surge em minha consciência. Se penso em Maria, alguém que eu conheço, ocorre o mesmo com a imagem de Maria.

Fantasiar, portanto, filosoficamente, significa formar uma imagem. A metáfora é predominantemente visual, mas as representações podem ser visuais, auditivas, olfativas, táteis e gustativas. A atividade da fantasia atualmente é denominada de imaginação pela psicologia e o duplo do objeto é denominado de mediação semiótica. Para Vygotski (1997), a mediação semiótica é a capacidade humana de perceber os dados do mundo indiretamente, através dos significados construídos culturalmente, mediados pela linguagem. Ao nomear um objeto, percebo mais o nome, do que a coisa em si. Uma representação é formada através de um signo e este ocupa, psicologicamente, o lugar do objeto. Quando concebo objetos desta forma, atribuo sentidos a eles. O sentido se contrapõe ao significado; significados têm base coletiva e são transmitidos culturalmente; sentidos são as formas como cada pessoa apreende um significado de forma única e pessoal, a partir das relações interpessoais e da linguagem.

Logo, o conceito de intuição como uma “não-representação” possivelmente foi deixado de lado, na perspectiva científica, uma vez que as representações cognitivas que fazemos do mundo estão presentes como um dos paradigmas do século XXI. Piaget também menciona a questão da representação cognitiva; e de como ela se modifica em estágios, de acordo com a maturação da criança e sua

¹⁶ Grifos meus.

crescente capacidade de perceber mais de um objeto simultaneamente, bem como sua gradativa capacidade de elaboração abstrata da realidade concreta.

Se intuir é uma apreensão direta do conhecimento, este ato era considerado obra do Espírito; conseqüentemente, intuir está diretamente relacionado a conhecer, que significava iluminar-se. Na Antiguidade o ato de conhecer era associado à luz, iluminação e ao sentido da visão. Osbeck e Held (2014) apontam para uma longa tradição na qual a intuição estava associada com a verdade como um poder inerente do Espírito e representada pela “*luz interior da mente*”.¹⁷ Tal tradição pode ser traçada até o berço da filosofia grega.

A intuição concebida como “*um poder para alcançar crença e conhecimento epistemologicamente direto e autogarantido provém originalmente de Aristóteles, ou ao menos das interpretações tradicionais de Aristóteles*” / “*a power for reaching direct epistemically self-warranting belief and knowledge derives originally from Aristotle, or at least from traditional interpretations of Aristotle*” (Bolton, 2014, s.p.).¹⁸

Em Aristóteles a intuição aparece como *nous*, a atividade do espírito humano. A razão intuitiva (*nous*) se contrapõe à ciência (*epistêmê*), no sentido de que a primeira é sempre verdadeira, e a última necessita de evidências. Ross (1949), estudioso inglês de Aristóteles, traduziu do grego *epistêmê* como “ciência” para evidenciar a distinção entre *nous* e *epistêmê*.

Embora exista uma forte tendência a interpretar o que Aristóteles denomina de intuições como o conhecimento imediato e, portanto, a priori; este ainda é um forte ponto de debate entre os filósofos contemporâneos (Bolton, 2014).

Em síntese, o que pude constatar com relação às principais diferenças entre a intuição filosoficamente e psicologicamente:

Atualmente a psicologia denomina processos psicológicos básicos, o que os psicólogos do início do século XX, incluindo Jung, denominavam de funções. Psicologicamente, a intuição pode ser considerada um processo psicológico complexo. Entretanto, antes das definições da psicologia científica, a intuição era estudada por filósofos. Aristóteles inicia a tradição de conceber a intuição como um conhecimento direto e autogarantido. Esta tradição é retomada pelos escolásticos.

¹⁷ Introdução. Versão digital, sem números de páginas. Tradução livre da expressão “*inward light of the mind*”.

¹⁸ Versão digital, sem números de páginas.

Santo Tomás de Aquino (2013), continua a tradição definindo a intuição como uma potência que existe na Alma, e que permite conhecer os dados imediatamente, sem que haja estabelecimentos de causas ou relações. A razão, que é considerada uma função complementar à intuição, é responsável por estabelecer relacionamentos e causalidades daquilo que foi intuído, em um momento posterior.

Logo, na filosofia ocidental da Antiguidade e da Idade Média, a intuição parecia ter importância fundamental, não menor do que o da razão. Contudo, no século XXI, esta divisão entre racionalidade e intuição permanece; mas com uma inversão: a razão é mais valorizada e a intuição adquiriu um significado associado ao místico e ao sobrenatural. Este dado aparece como um resultado da Revisão Integrativa de Literatura, com alguns dos estudiosos contemporâneos advocando maior espaço para a compreensão dos processos cognitivos presentes na intuição (Sasseti *et al.*, 2009; Harteis; Billet, 2013; Raelison *et al.*, 2020).

Outro ponto relevante: o que hoje a psicologia atribui à percepção, era considerada uma característica fundamental da intuição, do ponto de vista filosófico. Esta era o modo por excelência de conhecimento do mundo material e espiritual (*nous*).

A intuição na filosofia, como atividade do espírito humano, capta os dados externos e internos como essencialmente verdadeiros, numa apreensão imediata. Se olho pela minha janela e vejo que está chovendo, isto é, percebo a chuva caindo, a rua molhada, o barulho da chuva e o cheiro de terra molhada, isto é entendido como uma verdade imediata, que da perspectiva do eu, não necessita confirmação. Simplesmente é. Isto seria intuição, a percepção imediata do que é verdadeiro, sem questionamentos ou outros tipos de exercícios típicos da razão.

Assim sendo, se mudo de posição em minha sala e vejo o meu pai que já morreu, isto é o que foi intuído, independentemente da existência ou não de explicação racional. Dessa forma, a intuição, conforme concebida em suas origens, parece admitir a realidade de quaisquer dados apreendidos imediatamente, sem necessidade de verificação. Este seria um trabalho para a ciência. Logo, tal compreensão de intuição permite uma atitude de abertura para quaisquer tipos de fenômenos, mesmo aqueles que não podem ser explicados cientificamente.

Infiro, portanto, que, durante a Idade Média, tanto a realidade do mundo, quanto a realidade de Deus eram concebidas como dados objetivos irrefutáveis e não

como fenômenos que estariam sujeitos à subjetividade humana. Esta é uma concepção bastante distinta da que compartilhamos em nossa cultura acadêmica hoje, qual seja, não é possível provar a existência de Deus; e, apesar da realidade do mundo natural poder ser estudada objetivamente na forma de leis físicas e químicas, com relação a como apreendemos o mundo, admitimos uma representação cognitiva subjetiva, isto é, singular e particular, formada no ato de conhecer algo. Tal representação ocorre na percepção, não mais na intuição e não mais correlacionada à fantasia ou imaginação. Isto levanta uma questão: podemos perceber sem imaginar, isto é, sem formar uma imagem interna do objeto externo?

Levando em conta a lógica filosófica de Santo Tomás de Aquino, sem intuição, não teríamos uma percepção global, sintética e significativa dos objetos do mundo, apenas impressões isoladas de cada órgão dos sentidos, que não fariam sentido, isto é, não se constituiriam em percepção. Logo, parece ser a intuição que permite uma percepção global imediata de dados, tanto internos, quanto externos. Os últimos são aqueles recebidos pelos cinco órgãos dos sentidos. Através da intuição, as sensações variadas, geradas pelos órgãos dos sentidos, incluindo a propriocepção, surgem na consciência como uma percepção unificada e com significado imediato.

Atualmente, tal síntese é considerada como sendo realizada pela percepção, não pela intuição; o que parece revelar uma mudança paradigmática. Intuição e imaginação não foram consideradas pela psicologia na maior parte do século XX como objeto de investigação científica; mas retornam, gradativamente, no século posterior.

Considero muito relevante que, para a filosofia medieval, a atividade perceptiva não ocorra apenas no nível corporal, não é apenas o corpo que percebe, mas principalmente a alma, através de sua potência intuitiva. Santo Tomás de Aquino (2013) afirma que a alma possibilita a atuação do Espírito (*nous*) como apreensão imediata do que pode ser conhecido em um corpo. Entretanto, esta apreensão é de natureza subjetiva, porque é realizada por um eu encarnado, de carne e osso, que experiencia no mundo físico o princípio organizador da alma. Assim, a experiência humana é limitada e parte necessariamente da perspectiva do observador.

O Espírito parece ser a realidade objetiva, o mundo universal de tudo o que pode ser conhecido, o Logos, ou “a mente de Deus” metaforicamente. A alma é a ponte entre corpo e Espírito, isto é, é a forma corporificada em que podemos conhecer o mundo. É a alma que intui e integra as sensações recebidas pelo corpo. Logo, a

capacidade intuitiva da alma unifica corpo e Espírito, implicando que a atividade do Espírito é intuída pela alma e integrada ao corpo, isto é, o Espírito se desvela pela ação da alma junto ao corpo.

Em outras palavras, em suas origens filosóficas ocidentais, o conhecimento parece vir do Espírito, Logos, *nous*, mundo arquetípico, concebendo “tudo o que existe objetivamente” e que, nós como seres humanos, não temos capacidade para alcançar, em sua totalidade. O Espírito não pode se manifestar como conhecimento humano sem que exista um corpo; no entanto, o corpo, como uma identidade ao mesmo tempo de um sujeito particular e de uma espécie, a humana, necessita de uma mediação para que o Espírito possa ser conhecido. O corpo isoladamente seria impenetrável ao conhecimento do Espírito. Esta mediação se dá pela alma, a potência que anima os corpos e, paradoxalmente, é imaterial e invisível, como o Espírito.

Seria justamente esta característica imaterial que permitiria ao Espírito se relacionar com a alma e “fazer a ponte” entre corpo e Espírito. A intuição é a forma como o Espírito se dá a conhecer. Logo, alma e intuição estão em relação direta. Pude perceber a mesma relação na obra de Jung.¹⁹

Entretanto, o Espírito tomado como uma realidade objetiva não é mais considerado como tal; ao menos na psicologia e nas investigações científicas sobre intuição no século XXI. Estimo que esta retomada histórica, ainda que breve, elucidada as diferenças entre as concepções de intuição filosófica e científica e nos orienta com relação às principais mudanças paradigmáticas ocorridas atualmente.

4.4 A INTUIÇÃO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

A Psicologia Analítica de Jung foi escolhida como referencial teórico deste trabalho por dois motivos principais: 1) por atribuir importância à intuição; e 2) devido à questão da interpretação simbólica e arquetípica nas leituras de Tarot e oráculos de cartas.

A Psicologia Analítica é uma abordagem psicológica teórico-metodológica, com aplicações na prática clínica que enfatiza a importância do processo de individuação e da interpretação simbólica na compreensão da natureza humana. Foi

¹⁹ Ver a seção Considerações epistemológicas sobre a questão da Alma em Jung, após Inconsciente Coletivo, Processo de Individuação, Ego e Self.

desenvolvida por Carl Gustav Jung, um psiquiatra suíço, no início do século XX. Jung foi discípulo de Sigmund Freud, mas as diferenças entre a Psicanálise freudiana e o pensamento de Jung provocaram um distanciamento entre eles.²⁰

Jung (1971; 2015) afirma que o inconsciente desempenha um papel fundamental com relação à formação da personalidade humana e que consiste em duas camadas: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O primeiro é semelhante ao inconsciente postulado por Freud, sendo constituído de material reprimido ou esquecido relativo a acontecimentos da vida de uma pessoa.

Já o inconsciente coletivo é muito mais arcaico, sendo um repositório de arquétipos universais que estão disponíveis para a humanidade. O inconsciente coletivo contém a memória de todas as experiências humanas na forma de arquétipos; entretanto, estes não estão acessíveis diretamente, apenas como imagens arquetípicas, que correspondem à representação individual de um arquétipo a partir da experiência. Logo, os arquétipos mãe, ou velho sábio, se apresentam na experiência individual como uma determinada imagem arquetípica que difere de pessoa para pessoa.

Segundo Pilard (2015), o inconsciente coletivo expressa potencialidades herdadas da imaginação humana que sempre estiveram potencialmente latentes na estrutura cerebral. Tal herança também explicaria o fenômeno de que o conteúdo e os temas de certas lendas e mitos são encontrados em todo o mundo em formas idênticas.

A ideia de inconsciente coletivo foi recebida com críticas no século XX, por parecer carecer de cientificidade. Entretanto, atualmente existem estudos que têm comprovado a existência de memória em células e moléculas. Sara Walker, fisicista, e Lee Cronin, químico, recentemente formularam uma teoria denominada “*Assembly Theory*” ou teoria da montagem, para unificar a evolução biológica com as leis universais da física. Tais cientistas são contrários à perspectiva reducionista de que a consciência pode ser totalmente explicada pela atividade cerebral. O artigo foi publicado como Sharma; Czégel; Lachmann *et al.* (2023). Nele, os autores afirmam a existência de uma espécie de memória inerente à natureza, a qual guia a construção de moléculas complexas. Esta teoria é similar ao inconsciente coletivo de Jung, no

²⁰ O Apêndice F mostra as organizações brasileiras que oferecem formação em psicoterapia com base na Psicologia Analítica ou Psicologia Profunda, nomes conhecidos da abordagem junguiana.

sentido de que o médico psiquiatra suíço também postulou a existência de uma memória inerente à natureza. Tal memória permitiria o acesso a conteúdos inconscientes, denominados arquétipos, relacionados à história da humanidade e do Universo.

A linguagem pela qual o inconsciente se expressa é semelhante a dos sonhos, predominantemente simbólica. Logo, as imagens arquetípicas são ricas em simbolismo e parecem servir de guia para o processo de desenvolvimento humano. É possível identificar imagens arquetípicas em trabalhos artísticos, mesmo que o artista não tenha conhecimento de seu significado simbólico. Pude constatar isto em uma experiência realizada na década de noventa, quando lecionava Psicologia da Arte para o Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Em uma atividade didática conjunta com o professor Dr. Antônio Carlos Vargas Sant'Anna, vários artistas locais foram convidados para apresentarem algumas de suas pinturas em classe. Os estudantes de graduação – Licenciatura em Artes Visuais - ficaram responsáveis por fazer a interpretação simbólica, e apresentá-la para os autores das obras. Invariavelmente, a reação do artista era de surpresa e de encantamento, pois a riqueza do simbolismo presente em suas pinturas foi ampliada pelo exercício.

O psiquiatra suíço encontrou evidências de que tanto artistas, quanto pacientes psiquiátricos com transtornos psicológicos como a esquizofrenia são mais sensíveis para intuir os arquétipos do inconsciente coletivo e trazê-los para a consciência na forma de imagens arquetípicas. Por esse motivo, técnicas artísticas como a pintura foram introduzidas em hospitais psiquiátricos que propunham tratamento na abordagem junguiana. No Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira foi pioneira neste trabalho. As obras dos pacientes sob seus cuidados foram agrupadas para exposição no Museu do Inconsciente, que hoje é também virtual.

Jung (1971; 2015) observou que era comum nos desenhos, pinturas, ou mesmo no discurso de seus pacientes esquizofrênicos, referências a mitos de diversas culturas, sem que estas pessoas tivessem conhecimento disso. Isto intrigou o pesquisador, que postulou a existência do inconsciente coletivo como uma explicação para o fenômeno. Deveria existir algo de base universal que tornava acessível a indivíduos o conhecimento mitológico que a humanidade já havia elaborado. Logo, os temas mitológicos pareciam ser relevantes para o desenvolvimento psicológico destes pacientes.

Investigando esta questão durante o tratamento clínico, Jung constatou que as imagens arquetípicas trazidas do inconsciente coletivo seriam pistas importantes para o processo de individuação. Este, por sua vez, é a jornada particular de uma pessoa em direção à realização de seu potencial único e a conhecer quem ela é essencialmente. É um trabalho de toda uma vida (*Ibid.*)

Para avançarmos em nosso processo de individuação precisamos trazer o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo à consciência. Isto ocorre através da interpretação de sonhos e de outras manifestações simbólicas do inconsciente. Jung postulava que cada pessoa pode ter acesso à sua sabedoria interior e encontrar soluções para problemas pessoais. Para isso, é preciso estar atento à intuição e às mensagens que surgem através de sonhos e eventos sincrônicos (*Ibid.*)

Assim, a intuição para Jung é concebida como o canal que une o inconsciente coletivo à consciência, possibilitando que o novo possa ser criado no mundo físico. Seria ainda um guia interno para que o ser humano se encaminhe em direção ao seu próprio processo de individuação. Uma espécie de bússola que nos orienta para o norte, para a direção de nos tornarmos nós mesmos. Para que isto aconteça, precisamos de autoconhecimento. Necessitamos que os aspectos sombrios de nossa psique possam ser iluminados, de modo que ao invés de nos identificarmos conscientemente apenas com nossa mente ou nosso ego, o centro dos processos conscientes, possamos nos identificar com o nosso *Self*, o centro da psique como um todo.

O conceito de *Self* diz respeito à totalidade psíquica, incluindo as partes consciente e inconsciente da psique. O trabalho de autoconhecimento permite que mais partes inconscientes sejam trazidas para a consciência e o *Self* se torne menos obscuro, sendo percebido, ao menos parcialmente, como uma realidade psicológica. Sobre o *Self*, ou Si mesmo, Jung (2012, p. 485-486) elucida:

O Si mesmo como conceito empírico designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos no homem. Expressa a unidade e totalidade da personalidade global. Mas na medida em que esta, devido à sua participação inconsciente, só pode ser consciente em parte, o conceito de si mesmo é, na verdade, potencialmente empírico em parte e, por isso, um postulado, na mesma proporção. Em outras palavras, engloba o experimentável e o não experimentável, respectivamente o ainda não experimentado. Essas qualidades ele tem em comum com muitos outros conceitos das ciências naturais que são mais nominais (nomes) do que ideias. Na medida em que a totalidade que se compõe tanto de conteúdos conscientes quanto de inconscientes for um postulado, seu conceito é transcendente, porque

pressupõe, com base na experiência, a existência de fatores inconscientes e caracteriza, assim, uma entidade que só pode ser descrita em parte, e que, de outra parte, continua irreconhecível e indimensionável. Uma vez que na prática, existem fenômenos da consciência e do inconsciente, o Si mesmo como totalidade psíquica tem aspecto consciente e inconsciente. O Si mesmo aparece empiricamente em sonhos, mitos e contos de fadas, na figura de personalidades superiores, como reis, heróis, profetas, salvadores, etc., ou na figura de símbolo de totalidade como o círculo, o quadrilátero, a *quadratura circuli* (quadratura do círculo), a cruz etc. Enquanto representa uma *complexio oppositorum*, uma união dos opostos, também pode manifestar-se como dualidade unificada, como, por exemplo, no *tao*, onde concorre o *Yang* e o *yin*, como irmãos em litígio, ou como o herói e seu rival (dragão, irmão inimigo, arquí-inimigo, Fausto e Mefisto etc.). Empiricamente, pois, o Si mesmo aparece como um jogo de luz e sombra, ainda que seja entendido como totalidade e, por isso, como unidade em que se unem os opostos. Já que este conceito não é explícito – *tertium non datur* – também é transcendente por esta mesma razão. Seria inclusive - logicamente - uma especulação inútil se ele não designasse e denominasse os símbolos de união que se manifestam empiricamente. O Si mesmo não é uma ideia filosófica já que não afirma sua própria existência, isto é, não se hipostasia. Intelectualmente significa apenas uma hipótese. Mas seus símbolos empíricos possuem muitas vezes significativa numinosidade, por exemplo o mandala, isto é um valor sentimental apriorístico (por exemplo, “Deus é círculo” (...)) demonstrando, pois, ser uma representação arquetípica que se distingue de outras representações do gênero por assumir uma posição central correspondente à importância de seu conteúdo e numinosidade.

A numinosidade, característica do que é numinoso, é abordada na sessão sobre a intuição na obra de Jung, com a contribuição de Pilard (2015). Trata-se de uma experiência em que o ser humano é colocado em contato com poderes superiores a si mesmo, e estes se tornam conscientes. A autora atribui o uso dessa expressão por Jung a partir da leitura da obra do teólogo Rudolf Otto.

Logo, de acordo com a passagem selecionada, o *Self* ou Si mesmo é predominantemente não experimentado, e por isso, irreconhecível e indimensionável. Entretanto, enquanto arquétipo, tem grande importância devido à sua centralidade e numinosidade. O *Self* é representado por muitos símbolos, em sonhos, mitos e contos de fadas, ora sob a forma de personagens “superiores”, como reis ou heróis, ora como figuras geométricas que representam a totalidade; ou ainda como símbolos, como o *Ying* e *Yang*, que significam uma unidade entre opostos.

Gostaria de destacar o *Self* como “*complexio oppositorum*” ou união de opostos, e a menção ao *Ying* e *Yang* como dualidade unificada. Para Jung (2012), a unilateralidade psíquica é considerada problemática e o processo de individuação tem a finalidade de permitir que estas estruturas evoluam na dinâmica da psique tornando-se diferenciadas. Este parece ser um aprendizado extraído de seus estudos orientais, como o *I Ching* e o Taoísmo, em que opostos complementares se harmonizam e

equilibram mutuamente. Na filosofia chinesa, a noção de *Ying* e *Yang*, as energias masculina e feminina, respectivamente, ativa e receptiva, são concebidas como dois polos integrados de uma mesma totalidade. A ênfase em um dos aspectos em detrimento do outro seria considerado unilateralidade e, conseqüentemente, prejudicial ao equilíbrio psíquico. Na obra de Jung é possível constatar a presença de pares complementares de opostos, característica que se faz presente na forma como compreende as quatro funções psicológicas.

Além de “ponte” entre o inconsciente e a consciência, a intuição também foi identificada por Jung como uma das quatro funções psicológicas atuantes no psiquismo humano. A intuição como função está em oposição complementar à função pensamento. As funções sensação e sentimento são também opostos complementares. Esta divisão da psique em quatro funções parece estar relacionada aos estudos de Jung sobre a astrologia (Greene, 2023). Jung considerava os conhecimentos astrológicos como uma forma de psicologia elaborada por civilizações muito antigas. Por isso, acreditava que havia valor em estudar tais conhecimentos. Vejo o mesmo com relação ao Tarot.

Na Astrologia, os 12 signos zodiacais estão divididos em quatro elementos. Áries, Leão e Sagitário correspondem ao Elemento Fogo; Touro, Virgem e Capricórnio, ao Elemento Terra; Gêmeos, Libra e Aquário ao Elemento Ar; e Câncer, Escorpião e Peixes ao Elemento Água. Este corresponderia à função sentimento; a função intuição ao Elemento Fogo. Terra está relacionada à função sensação; e Ar à função pensamento. Estas quatro funções corresponderiam a nossos processos psicológicos fundamentais. Segundo Jung (2012), a função pensamento e sentimento são racionais; a sensação e a intuição são irracionais, isto é, não são mediadas pela razão e, são, em grande parte, inconscientes.

A função pensamento corresponde aos processos cognitivos de associação de ideias e resolução de problemas por meio de decisões racionais, cuja principal finalidade é a compreensão. Ela se caracteriza pelo uso da lógica, da racionalidade, da análise e da objetividade. Através da função pensamento identificamos e classificamos as coisas que existem no mundo e estabelecemos relações entre elas.

A função sentimento é igualmente racional, mas diz respeito a como avaliamos ou julgamos o que sentimos: bom ou mal, agradável ou desagradável; atraente ou repulsivo. Esta função não trata do processo psicológico da emoção com

a sua correspondente resposta fisiológica, mas do sentimento, entendido como uma elaboração racional e avaliativa do que sentimos. A partir da função sentimento antipatizamos ou simpatizamos com pessoas, ideias e objetos.

Já a função sensação equivale a percepção sensorial através dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Trata-se de uma função com processamento irracional, segundo Jung (2012), isto é, inconsciente. Através da sensação reconhecemos o mundo como objeto de nossa percepção.

A função intuição seria uma espécie de percepção interna, contrapondo-se à “percepção externa” que constitui a função sensação. Está relacionada com a imaginação, com a visão de futuro, com a criatividade e com o *insight* que possibilita a resolução de problemas. Também estaria relacionada ao contato com o numinoso.

Jung (2012) compreende as quatro funções como nossos principais recursos e processos psicológicos através dos quais a consciência pode se orientar para a experiência.

Nas pessoas, as funções não estão igualmente diferenciadas. Diferenciação é o surgimento - que pode ser rápido ou progressivo - de uma das quatro funções a partir do inconsciente para a consciência. A primeira função é a mais diferenciada; portanto, é a mais visível, clara e proeminente na consciência. A segunda função, que é racional para tipos irracionais e vice-versa, é o necessário complemento na consciência. Dessa forma, se um indivíduo tem a função intuitiva como principal, a função pensamento seria sua segunda função (Jung, 2012).

A quarta e terceira funções são mais frequentemente complementares às duas primeiras funções e são inconscientes, por ainda não estarem diferenciadas. São chamadas de funções inferiores, não devido à sua importância, mas à sua indiferenciação. As funções inferiores, incluindo a segunda, podem permanecer inconscientes e provocar uma unilateralidade na consciência, com a função mais diferenciada sendo a única consciente (*Ibid.*).

O processo de individuação pode permitir a diferenciação das funções inconscientes e tal diferenciação é considerada necessária para o desenvolvimento pessoal e social.

4.5 CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE A QUESTÃO DA ALMA EM JUNG

Quando iniciei este estudo, devido à limitação de tempo, não tinha a intenção de fazer uma imersão na base filosófica que está implícita na obra de Jung. Entretanto, à medida que fui me embrenhando na complexidade de seus conceitos e visão de mundo, tal mergulho se tornou necessário e não pude deixar de fazê-lo. Senti-me como se estivesse no final de um livro que não podia parar de ler, mesmo que para isso tivesse que passar o desconforto de uma madrugada em claro. Era como se eu não tivesse mais a opção de parar, enquanto não conseguisse esclarecer as bases epistemológicas da herança junguiana.

Um relatório de tese na área de Gestão do Conhecimento, em primeiro lugar, necessita partir de um posicionamento teórico com relação ao conhecimento. É imprescindível que tal posicionamento seja de natureza epistemológica.

Um dos primeiros conceitos em que me debati para compreender melhor é o elusivo uso do termo “alma” por Jung. Recentemente, participei de um congresso online com a presença de analistas junguianos e perguntei aos presentes o que significava a alma para o psiquiatra suíço. Não fiquei satisfeita com as respostas. Tive a nítida impressão de que ninguém presente soube esclarecer o conceito.

Ao buscar elucidação nas Obras Completas, compreendi, em primeiro lugar, que Jung escolheu utilizar o termo alma como uma espécie de provocação à psicologia científica que estava se configurando entre o final do século XIX e o início do século XX. Entretanto, tal “provocação” tinha uma base mais séria do que uma mera brincadeira entre colegas, uma vez que dizia respeito às bases filosóficas e epistemológicas da psicologia junguiana.

É um fato conhecido dos psicólogos que o alemão Wilhelm Wundt criou o primeiro laboratório de Psicologia Experimental na cidade de Leipzig, em 1879. Este foi considerado artificialmente o marco do início da psicologia científica. A abordagem psicológica fundada por Wundt foi chamada de Estruturalismo e tinha como finalidade investigar as estruturas da psique, entendida como consciência. Tais estruturas são chamadas atualmente de processos psicológicos básicos, tais como Sensações, Memória, Atenção, Pensamento, Linguagem, Afetos, Volição ou Vontade etc. (Schultz; Schultz, 2015).

O ponto a ressaltar aqui é que o objeto da Psicologia de Wundt era a consciência. Na perspectiva de Jung (1971; 2012; 2015) não é possível estudar a consciência sem investigar o seu relacionamento com o inconsciente. Logo, a psicologia precisava incluir o inconsciente como seu objeto. Jung considerava investigar a psique como ela é, sem deixar nada relevante de fora. É possível que esta ênfase nos estudos dos fenômenos tais como nos aparecem à consciência, ainda que o postulado da existência do inconsciente esteja presente, seja uma influência da fenomenologia de Husserl. Jung conhecia sua obra.

Vale destacar que o inconsciente para Jung, tanto o pessoal, quanto o coletivo, equivale ao que nos é desconhecido, isto é, o que não conseguimos acessar com a consciência e nossos órgãos dos sentidos. Contudo, existe uma diferença fundamental entre ambos. O inconsciente pessoal se assemelha ao de Freud: é formado por conteúdos da vida pessoal que foram reprimidos ou esquecidos. Estes podem voltar à consciência, embora o mecanismo de defesa psicológica da repressão, quando ativo, criará resistências para que isso ocorra.

O inconsciente coletivo, por sua vez, não é acessível à consciência. Ele é um registro imaterial e imemorial de tudo o que já ocorreu no Universo e de todas as experiências vivenciadas pela humanidade. É formado por arquétipos, formas puras universais, que se tornam acessíveis à consciência apenas quando são geradas imagens arquetípicas. Exemplificando, todo ser humano nasceu de uma figura feminina que lhe deu a vida biológica e que é chamada de mãe. Mãe é um arquétipo universal, uma das potencialidades existentes no Universo tal qual o conhecemos e uma das mais significativas experiências humanas. A partir da experiência com uma mãe real, formamos uma imagem arquetípica dessa mãe, imagem que, por um lado, atualiza e constela o arquétipo, facilitando o seu acesso à consciência; e, por outro lado, jamais coincide com a mãe real.

Entendi ao investigar a natureza do arquétipo em Jung, que uma imagem arquetípica é uma imagem simbólica que, simultaneamente, unifica a representação inexata que formamos a partir da experiência real com nossa mãe (construída por nossa subjetividade), com a ideia universal de Mãe, presente no puro Logos (a realidade objetiva).

Aqui temos uma reviravolta importante para compreendermos a visão de mundo junguiana. A realidade objetiva está no inconsciente coletivo e na dimensão

arquetípica. Não temos acesso direto a ela. Tudo o que está em nossa consciência é de ordem subjetiva. Assim, acreditamos que podemos ser objetivos, mas estamos constantemente construindo representações subjetivas de nossas próprias experiências particulares. Tais representações implicam distorções e exclusões.

Uma das implicações dessa premissa é a de que a personalidade de uma pessoa determina a sua visão de mundo. Entre os junguianos e pós-junguianos existe um debate sobre se as diferenças entre as psicologias de Freud e Jung poderiam ser explicadas com relação à função psicológica dominante de cada um.

Jung era um intuitivo, tendo a intuição como sua principal função psicológica. Em sua psicologia, a intuição tem um papel importante: é uma das quatro funções básicas humanas. É uma função irracional, profundamente ligada ao inconsciente. Através da intuição podemos fazer acesso ao “mundo interior”, ao domínio da alma.

Logo, a obra de Jung abre espaço para a exploração intuitiva, e para estudos inter ou transdisciplinares que envolvem a compreensão da linguagem simbólica de sistemas variados, tais como a mitologia, a astrologia, o *I Ching*, o Tarot, a *Kabbalah* etc.

Já Freud não atribuiu importância à intuição como fundamento da sua psicanálise. Pilard (2015, s.p.) menciona que em 1920, “*Freud já fazia questão de repetir que não atribuía qualquer tipo de crédito à intuição como método*”. Sua função psicológica principal era a sensação, também irracional, o que está relacionado à sua investigação do inconsciente. Por outro lado, a sensação está relacionada ao conhecimento obtido pelos sentidos; pessoas com esta orientação tendem a ser empiristas. Freud criticou Jung como “místico” e, por mais que tivesse debatido fenômenos ocultos com Jung, não tinha interesse em construir uma abordagem psicológica sobre assuntos considerados liminares ou esotéricos, fora do escopo da psicologia científica da época (Greene, 2023).

Faz parte do debate atual entre estudiosos de Jung a questão: será a objetividade científica tão impossível, a ponto de que a subjetividade individual determinaria, inclusive, a forma de fazer ciência? A forma distinta de fazer ciência de Freud e Jung e suas respectivas funções dominantes parecem indicar que sim. Vemos o mundo através de lentes específicas e valorizamos diferentes aspectos da realidade. Logo, mesmo em uma atividade científica, existiria um “recorte” de um fenômeno e uma forma específica de enquadramento conceitual, em que a subjetividade do

cientista não consegue escapar. Podemos ver que tal entendimento tem implicações profundas para a ciência, fundada na busca da objetividade científica.

Retomando a noção de Jung de que o mundo arquetípico parece ser a realidade objetiva, os arquétipos do inconsciente coletivo de Jung se assemelham ao conceito de ideias platônicas. Platão (2022) concebia a realidade percebida pelos nossos órgãos dos sentidos como simulacros imperfeitos da realidade. O famoso mito da caverna de Platão é uma analogia a alguém que “saiu da caverna” e conseguiu compreender que até então, o que conhecia como realidade eram os meros reflexos projetados no fundo da caverna do mundo exterior. A diferença é que para Jung, não conseguiríamos acessar diretamente os arquétipos da realidade objetiva; somente as imagens arquetípicas, as representações imperfeitas e necessariamente subjetivas construídas a partir de nossas experiências vividas. Portanto, a equiparação do inconsciente coletivo de Jung como o mundo das ideias de Platão (2022) não parece ser exata, uma vez que não podemos ter acesso direto ao inconsciente coletivo. Aqui uma outra distinção se faz importante. Não podemos conhecer os “conteúdos” do inconsciente coletivo. Para conhecer tais conteúdos, denominados imagens arquetípicas, estas necessitam fazer a passagem do inconsciente coletivo para a consciência.

Logo o inconsciente, tanto pessoal, quanto coletivo, faz parte da análise psicológica junguiana. A psique humana é concebida como uma totalidade, representada por um círculo - o mais comum e antigo símbolo da totalidade - englobando a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

Nesta imagem circular, o *Self* é, simultaneamente, o centro da psique como um todo e a totalidade da psique. O ego é simplesmente o centro da consciência, e não o centro da psique como um todo. O *Self* é, em grande parte, inconsciente, e o trabalho de torná-lo consciente foi chamado de processo de individuação. Trata-se de um trabalho para toda uma vida, que não se realiza de forma automática e, sim, intencional. A psicoterapia analítica é um dos principais meios para se aprofundar neste trabalho, cuja natureza essencial, é de autoconhecimento.

Jung (2012) não somente ousou afirmar que a psicologia continuava a ter a alma como objeto, como, nos últimos anos de sua vida, se dedicou a denunciar a ausência de “alma” na civilização ocidental e seus efeitos funestos. Um dos primeiros trabalhos a serem realizados, tanto individual, quanto coletivamente, é a identificação

de nossa sombra, isto é, aspectos que consideramos negativos em nós mesmos e que são projetados em outras pessoas ou culturas. Se não for trazida para a consciência, e permanecer inconsciente, a sombra pode estar ligada a inúmeros comportamentos destrutivos, tais como a violência, as guerras, a falta de cuidado com o meio-ambiente etc.

No passado, a psicologia estava ligada à tradição filosófica ocidental e era considerada o estudo da alma, aqui entendida, como *anima*, termo de origem latina que significa sopro de vida. A alma seria um elemento misterioso, uma vez que é invisível e imaterial, e mesmo assim, é responsável por dar vida, animar e movimentar os corpos de todos os seres vivos orgânicos.

Como a alma anima o corpo foi uma questão para debate filosófico durante muitos séculos. Podemos encontrar em Santo Agostinho (2015) a ideia de que é possível observar um cadáver e verificar que lhe falta a vida, uma vez que sua alma já não mais se encontra presente. A alma, em Santo Agostinho, possuía faculdades manifestas fisiologicamente que podemos reconhecer como potências dos seres vivos, tais como a capacidade de crescer e de se reproduzir, entre outras. Fundamentalmente, Santo Agostinho compreendia a alma como “*o princípio motor do corpo, sede de todas as faculdades mentais*” (Pires Maia, 2019, p. 75).

O que consideramos hoje como processos psicológicos, tais como a percepção, a memória e a intuição seriam propriedades da alma. O corpo é o meio ou instrumento pelo qual as faculdades da alma realizam tais faculdades. Na perspectiva de Santo Agostinho, quando uma pessoa morre, aquilo que lhe permitia tanto o movimento, quanto as faculdades cognitivas, deixa de existir. Os espiritualistas compreenderam que a alma seria algo que deixa o corpo e sobrevive após a morte.

Destaco que, nesta perspectiva, para Santo Agostinho (2015), um corpo orgânico, de uma planta, animal, ou ser humano, cresce da infância à idade adulta, quando é capaz de se reproduzir e perpetuar sua espécie, porque existe algo imaterial que induz o corpo a realizar tais atividades autônomas, independentes do controle ou da razão humana. Há um nexos causal entre alma e corpo. A alma seria este princípio de organização a priori, necessário aos seres orgânicos para que o seu organismo chegue a nascer e se desenvolver.

Neste sentido, para Santo Agostinho (*Ibid.*), a alma seria o agente responsável pela manifestação de seres de uma determinada espécie, mas também o fato de que

não existe um ser orgânico igual ao outro. É a alma, como princípio organizador, que confere a unicidade e particularidade de cada vivente, seja planta, animal ou humano, ao mesmo tempo que conserva as características de sua espécie.

Esta é uma visão que pode ser considerada perdida para a ciência do século XXI. Nossa atual fisiologia não recorre à potência da alma para explicar o crescimento ou a reprodução humana. Nos últimos trezentos anos, o paradigma científico se tornou hegemônico e a alma é considerada uma abstração de natureza filosófica. Jung, no entanto, parece insistir na noção de alma, num período histórico em que a psicologia lhe voltava as costas.

Jung foi um pesquisador profícuo, cuja cultura englobava várias disciplinas e campos de saberes. Escrevia em alemão, mas tinha proficiência em inglês e lia em francês. Santo Agostinho foi um dos filósofos estudados pelo psiquiatra suíço. Alguns textos de Agostinho referenciados em sua obra são “*Contra Epistolam Manichaei*”²¹ e “*Sermones*”.²² Se a alma em Santo Agostinho se manifesta no corpo, isto ocorre para que Deus possa ser conhecido. Jung em “Tipos Psicológicos” faz a citação de uma passagem de um religioso de sua época, Eckhart, em que ele se pergunta e responde: “*para que Deus se fez homem [?], eu respondo: para que Deus possa nascer na alma e a alma novamente em Deus*” (Jung, 2012, p. 264).

Comentando este trecho, Jung fala que “*Deus está numa dependência plausível da alma*” e que “*a alma é o lugar de nascimento de Deus*”. Como isso ocorre? Jung explica: “*a função de percepção (alma) apreende os conteúdos do inconsciente e, como função criadora, engendra a força dinâmica de forma simbólica*”. Aqui parece que Jung está se referindo mais à intuição como apreensão de conteúdos inconscientes, do que a percepção de dados externos, o que talvez possa ser um erro de tradução. Os conteúdos que a alma engendra, de acordo com Jung (*Ibid.*) “*são, psicologicamente falando, imagens que a razão em geral considera inúteis*”. São consideradas inúteis porque não têm uma aplicabilidade imediata no mundo objetivo. Jung postula quatro possibilidades de utilização das imagens da alma: a primeira é artística; a segunda, é filosófica; a terceira, é religiosa; e a quarta é “*o emprego das forças imanentes nas imagens para cometer excessos de toda forma*” (*Ibid.*). Este último caso, Jung associa com a orientação anarquista da gnose.

²¹ In: MIGNE, J.P. (org). Patrologia Latina. Vol. 42, col. 173-206. Paris: Migne, 1844-1880.

²² In: MIGNE, J.P. (org). Patrologia Latina. Vol. 38, col. 1006. Paris: Migne, 1844-1880.

O que fica evidente com relação a este extrato, em primeiro lugar, é que o uso da noção de alma por Jung está ligada à espiritualidade e à relação com o divino. Em segundo lugar, o que a alma produz não interessa e nem pode ser objeto da ciência.

Na prática clínica, entretanto, Jung propôs um tratamento das imagens da alma na forma de um desenvolvimento destas imagens por meio da fantasia. Este tratamento possibilita a ampliação dos significados das imagens e tem duas faces: o método redutivo e o método sintético. Por método redutivo, Jung (2012) compreende a redução dos instintos primitivos à realidade, de modo que o paciente não fique tomado pela sua natureza instintiva. Ocorre um “*sacrifício*” dos instintos, por isso, uma redução. Quanto ao método sintético, complementar ao primeiro, “*desenvolve as fantasias simbólicas que resultam da libido introvertida pelo sacrifício. Desse desenvolvimento surge nova atitude para com o mundo que, graças à sua diferença, garante novo declive. Esta passagem para a nova atitude eu a denominei função transcendente* (Jung, 2012, p. 265)”.

O “*nascimento de Deus*” é esta atitude renovada, em que a libido que estava inconsciente reaparece como “*trabalho positivo*”, possibilitando uma “*vida nova*”. A “*alma que nasce em Deus*” é o movimento contrário, de retração da alma do objeto externo e submersão no inconsciente. Esta segunda atitude “*não é feliz*”, uma vez que corresponde a uma negação da “*vida diurna*” e uma “*descida ao Deus escondido (Deus absconditus) que possui qualidades bem diferentes do que o Deus luminoso do dia*” (*Ibid.*, p.265). A função transcendente permite o trabalho positivo e o retorno à vida, ao funcionamento saudável da psique no mundo.

Jung usa aqui a linguagem mitológica para expressar o que para ele é a realidade de um processo psicológico que se repete inúmeras vezes no inconsciente; a consciência deste acontecimento ocorreria apenas nas “*grandes oscilações*” [das forças vitais]. Estes temas arquetípicos de descida ao submundo e de retorno à luz estão presentes nos Arcanos Maiores do Tarot.

Mais adiante no mesmo texto, Jung (2012, p. 266) justifica o uso destas imagens mitológicas:

Por tratar-se de processos inconscientes, colocamos, cientificamente, o maior empenho para nos enfrontarmos na linguagem das imagens, ao menos tanto que possamos atingir o nível dessa linguagem em outras ciências. O respeito diante dos grandes mistérios da natureza que a linguagem religiosa se esforça por traduzir em símbolos santificados pela idade, pelo valor significativo e pela beleza, não sofrerá por causa da expansão da psicologia a este campo, até então vedado à ciência. Apenas fazemos os símbolos

retrocederem um pouco mais e colocamos à luz do dia parte de seu domínio, mas sem incorrerem no erro de pensar que criamos algo mais do que apenas novo símbolo para o mesmo enigma que desafiou todos os tempos que nos precederam. Nossa ciência também é linguagem de imagens, mas na prática, serve melhor do que a velha hipótese mitológica que se expressava em representações concretas, ao passo que nós usamos conceitos.

Jung parece ter feito questão de manter o conceito de alma, possivelmente tanto pelo seu valor psicológico, como uma expressão da subjetividade e da individualidade psíquicas, quanto por seu valor filosófico, como a potência que explica a vida e, simultaneamente, a unicidade e singularidade dos seres vivos. Contudo, o que procuro destacar com a passagem selecionada é uma visão que parece desejar integrar ciência e espiritualidade; e psicologia e mito. A alma teria um terceiro valor, para Jung, o espiritual.

Afirma que *“Deus se apresenta como função da alma, assim como a alma é função da divindade”* (*Ibid.*, p. 267). Deus é compreendido como *“a força criadora universal”*. Ao mesmo tempo, psicologicamente, é *“o instinto engendrador e criador que não conhece nem possui a si mesmo, à semelhança do conceito de vontade de Schopenhauer”*. Deus é revelado e *“expresso”* através da alma. Quando as forças do inconsciente irrompem, Deus *“desaparece como objeto”*, e se torna indiferenciável ao eu, no sentido de uma *“totalidade referencial, mística e dinâmica”*.

Esta imersão na fonte foi chamada de *“participação mística”* e é encontrada em sociedades consideradas *“primitivas”* na época de Jung, por não distinguirem uma realidade sem a presença de deuses. Tal *“retorno à natureza primitiva”* foi observado por Jung como *“comum a todas as religiões vivas”*, dos aborígenes australianos aos êxtases dos místicos cristãos.

Nesta perspectiva, o ser humano buscaria, sem sucesso, uma fusão com a divindade; entretanto, a cada tentativa, o *“mundo é recriado na medida em que a atitude do homem para com o objeto se renovou”* (*Ibid.*, p. 269). Logo, a partir de Jung entendemos porque a criação artística foi considerada divina e sagrada em muitas culturas e o motivo pelo qual a arte nasceu ligada à expressão religiosa. A arte é aquilo que permite a expressão simbólica e o acesso ao mundo arquetípico como Logos universal.

O posicionamento epistemológico de Jung parece ser - o que a princípio pode parecer paradoxal – por um lado, favorável ao desenvolvimento da ciência e de seus

conceitos; mas por outro, consciente dos limites alcançáveis pelo conhecimento científico. Entretanto, quando compreendemos o valor que atribui às suas quatro funções unificadas e não apenas à função pensamento, torna-se possível compreender que, para Jung, existem outras formas de conhecimento que não podem ser reduzidas à racionalidade científica. Arte, filosofia, religião e gnose (no sentido de experiência mística) são consideradas legítimas formas de conhecimento desenvolvidas há milênios pela humanidade.

A relevância que a intuição tem na obra de Jung e a importância conferida ao inconsciente coletivo, ambos corroboram a noção de que os métodos empregados pela ciência apenas tangenciam alguns fenômenos. Isto é, na perspectiva junguiana, nem todos os fenômenos podem ser explicados cientificamente, nem em sua totalidade. A técnica e a ciência são fundamentais, mas também a intuição e a alma humana.

4.6 A INTUIÇÃO NA OBRA DE JUNG: UMA SÍNTESE DO TRABALHO DE NATHALIE PILARD

Esta seção é uma síntese, elaborada por mim, do livro de Pilard (2015)²³ sobre “Jung e a intuição”. A pesquisadora francesa realizou um extenso trabalho de investigação, “passando um pente fino” como ela mesma declara, em sua obra completa, para verificar o desenvolvimento da noção de intuição.

Ao fazer isso, a autora observou problemas de tradução do alemão para o inglês, principalmente, que parecem ter distorcido a compreensão da intuição para Jung. Em segundo lugar, Pilard (2015) identificou três fases de desenvolvimento da compreensão de intuição na obra de Jung. Na primeira fase, nos anos iniciais, a intuição aparece como um fenômeno oculto; na segunda fase, como um processo subconsciente; na terceira, no final de sua trajetória profissional, Jung entende a intuição como um processo inconsciente.

Apresentarei estas três fases, utilizando a sequência criada por Pilard. Algumas referências das Obras Completas de Jung em inglês são mencionadas em

²³ Como o livro está em versão digital, não tenho como apresentar as citações com números de páginas.

notas de rodapé, mas não foram incorporadas às referências deste trabalho, por não terem sido estudadas diretamente por mim.

4.6.1 Primeira fase: a intuição como fenômeno oculto

Entre 1896 e 1899, Jung ministrou algumas conferências que foram chamadas de *Zofingia Lectures*. A segunda aula ministrada para a *Zofingia Society* foi considerada por Pilard (2015) um apelo apaixonado para que ocorra um “*sério estudo científico dos fenômenos espirituais*”. Nela, Jung apresentou a literatura do campo, testemunhando muitas formas de intuição, que eram compreendidas, em termos atuais, como “mediúnicas”, isto é, a pessoa que as recebe serve de “médium” ou canal para seres inteligentes que não estão no plano físico e sim, espiritual. Em alguns casos, o médium entra numa espécie de transe e não têm total consciência do que disse.

Na Suíça rural da época da infância de Jung era comum acontecimentos “estranhos” em que um relógio parou exatamente na hora da morte de uma pessoa, ou de alguém ter tido um sonho premonitório. Tais eventos eram corriqueiros, e eram “*taken for granted*”, isto é, as pessoas achavam “normal” e não davam muito valor para os relatos (*Ibid.*). Além disso, as chamadas “mesas girantes” em que médiuns recebiam mensagens “do além” estavam se tornando populares na Europa.

Entretanto, nem todos os fenômenos ditos “ocultos” foram vinculados historicamente à intuição. O teólogo alemão Heinrich Cornelius Agrippa escreveu um tratado em 1533 mencionando as ciências ocultas, que foram divididas entre vários tipos de práticas de “magia natural”, astrologia e alquimia. Para Agrippa, Astrologia era a mais objetiva das três, e não requeria um apelo à intuição (*Ibid.*).

Jung procurou fornecer provas ou evidências de tais fenômenos “ocultos” numa aula intitulada “*Empirical Psychology*”. Pilard (2015) analisou todos os casos citados por Jung nesta aula e ordenou-os em três categorias. Segundo ela, todas as categorias envolvem algum grau de capacidade intuitiva. O Quadro 6 apresenta uma síntese realizada por mim de um quadro mais amplo elaborado pela autora.

Quadro 6 - Síntese das categorias de Pilard com relação aos fenômenos ocultos e suas respectivas correlações com a intuição realizadas por Jung

ID	Fenômeno	Descrição	Correlação	Autor
1	Fenômenos em que o passado se faz presente: retrocognição.	Materialização de almas Hipnotismo. <i>Doppelgänger.</i>	Mediunidade. Sensibilidade ao hipnotista. Sensibilidade ou conexão com a pessoa morta.	Suspensão do espaço (Pilard, 2015).
2	Fenômenos em que há uma “elevação das qualidades do presente” Original: <i>“higher present”</i> .	Telepatia. Clarividência.	Habilidade de ver ou ouvir coisas que estão além do alcance dos 5 sentidos. Mediunidade em seu nível mais elevado.	Suspensão da causalidade (Pilard, 2015).
3	Fenômenos em que o futuro se faz presente.	Premonições, sonhos proféticos e profecias.	Intuição pura e aniquilação temporal de todas as funções modificando a cognição; acesso ao <i>noumenon</i> kantiano.	Suspensão do tempo (Pilard, 2015).

Fonte: Pilard (2015) modificada pela autora deste trabalho (2023)

Para explicar a retrocognição, Jung recorreu à ideia de suspensão das leis espaciais; já com relação à segunda categoria, para se perceber o “*presente elevado*”, seria preciso suspender a causalidade. Para prever o futuro era preciso superar tanto o tempo, quanto a causalidade. Por isso, Pilard (2015)²⁴ afirma que “*I could otherwise title the three sections of the table (1) Space, (2) Causality, e (3) Time*” / “eu poderia intitular as três seções da tabela de (1) Espaço, (2) Causalidade, e (3) Tempo”. Considerei mais apropriado apresentar estas categorias na última coluna à direita do Quadro 6, explicando que se trata da formulação da noção de suspensão de espaço, causalidade e tempo.

É possível perceber que nas duas primeiras categorias do Quadro 6, Jung parece não fazer uma discriminação entre mediunidade e intuição. Mediunidade diz respeito à presença de um(a) médium que permite a comunicação com pessoas

²⁴ Optei, nesta seção, em manter o original em inglês, seguido de minha tradução livre para o português, para evitar problemas adicionais com a tradução. Sugiro, portanto, considerar o original em inglês.

falecidas em sessões que ficaram conhecidas como “espíritas”. Jung frequentava estas sessões.

Pilard (2015) esclarece que se o(a) médium fosse considerada particularmente intuitiva, esta pessoa atrairia maior atenção, devido a seu dom ou talento como médium. Entretanto, “*intuition as a link to the dead was first performed by the group*” / intuição como uma ligação com o morto era primeiro realizada pelo grupo. “*In this context [mediumship], intuition means, first, relationship or rapport and, second, capacity*” / “No contexto da mediunidade, intuição significaria em primeiro lugar, relacionamento ou *rapport* e em segundo, capacidade”.

A autora relata que Jung participou de uma sessão mediúnica em particular, em que ocorreu o fenômeno de “materialização de almas”. A “evidência” de tais materializações eram fotográficas; em algumas a imagem de fadas e anjos podiam ser reconhecidas e se tornaram famosas no final do século XIX. Jung possuía algumas dessas fotos.²⁵ “*Fairies, angels and demons, like mediums, have, ever since antiquity, been considered intermediary beings*” / “Fadas, anjos e demônios [*daimons*] tem sido, desde a antiguidade, considerados seres intermediários”. De acordo com várias tradições religiosas, eles seriam mensageiros de Deus e do mundo espiritual e teriam o papel de guias da humanidade.

O estado denominado “intermediário” aparece nas tradições religiosas e em vários relatos mitológicos greco-romanos, significando aquele que não pertence a nenhum lugar, nem ao Céu, nem à Terra, nem ao Inferno, permanecendo entre tais zonas, que é capaz de percorrer. Estes níveis hierárquicos foram representados no passado por esferas planetárias. Shelldrake (2014) afirma que no passado, quando alguém se referia aos céus (*Heavens*), este era representado pelo céu físico, o céu em que podemos ver o Sol durante o dia e a Lua e as estrelas durante a noite. Esta proximidade acabou se perdendo em nosso tempo.

Se os espíritos não pertencem nem ao reino humano nem ao divino e estariam num reino intermediário, da mesma forma, os médiuns capazes de se comunicar com as almas que já partiram desse mundo eram considerados seres especiais que estariam à margem da sociedade, segundo Pilard (2015).

²⁵ Algumas dessas fotos foram consideradas fraudes realizadas a partir de truques fotográficos. Não tenho conhecimento a respeito da coleção fotográfica de Jung.

O transe mediúnico pode ser considerado um estado intermediário (*in-between state*), que daria aos médiuns um “*status transversal*”, no original, *transversal status*. Logo, as entidades que se manifestam trazendo mensagens e os médiuns que as comunicam estão exercendo uma função, acima de tudo. Para Jung, a função da intuição neste contexto, chamado “*estado intermediário do subconsciente*” (*the intermediate state of the under-conscious*) unifica os médiuns e os seres intermediários.

Com relação à hipnose, a intuição aparece como um *link*, uma relação ou um *rapport* criado pelo hipnotista. Pilard (2015) observa que este *rapport* mais tarde seria incorporado à noção de transferência na psicanálise. Os escritos iniciais de Jung sobre a transferência estavam ligados à intuição e não ao erotismo freudiano.

Já o *Doppelgänger*, traduzido como sósia, na Antiguidade era chamado de “*eidolon*”. Trata-se de um fenômeno explicado pelos pitagóricos como “*the recognisable unsubstantial shape of the deceased in the underworld and identified with the preexistent soul*” (van den Broek, 2006, p. 619 *apud* Pilard (2015)). Isto é, “*a forma insubstancial reconhecível do falecido no submundo, e identificada com a alma preexistente*”. O *eidolon* é um duplo do corpo físico, mas imaterial. Para exemplificar, se uma pessoa visse o duplo imaterial de um parente próximo que estava morrendo, Jung enfatizaria a intuição como o relacionamento extraordinário entre estes dois indivíduos. Em sua análise, devido à intuição, este relacionamento pode continuar além da morte física, tornando-se um relacionamento imaterial.

Jung (2015) relata que teve a oportunidade de ver detalhadamente o duplo de seu amigo sinólogo Richard Wilhelm em roupas orientais, em uma visão um pouco antes de adormecer. Na visão, o amigo lhe faz uma reverência e Jung logo compreendeu o importante sentido da mensagem: a missão que até então tinha sido exercida por Wilhelm agora lhe cabia. A visão era uma mensagem premonitória: o mestre faleceria em breve e que seria por suas mãos que o *I Ching*, um oráculo milenar chinês consultado na forma de varetas ou moedas, se tornaria conhecido no Ocidente.

Além da intuição como uma conexão especial em um relacionamento, Jung também procurou investigar a intuição com relação às leis da causalidade e do tempo. Para isso, estudou Kant e Schopenhauer e fez aproximações filosóficas com relação a ambos os filósofos, com a intenção de compreender a natureza e o relacionamento

entre tempo e espaço e a realidade única que estaria por detrás dos múltiplos fenômenos.

Voltando à tabela de Pilard (2015) e ao Quadro 6, uma pessoa clarividente seria capaz de ver ou ouvir coisas além dos cinco sentidos; teria a faculdade de perceber e fazer contato com espíritos dos mortos, anjos e outros seres imateriais; teria ainda a faculdade de ter acesso às “realidades finais” (*ultimate realities*), os mistérios ontológicos do cosmos. Esta última categoria é considerada uma faculdade de natureza gnóstica ou noética. A clarividência suspenderia as leis do tempo, o que significa para Jung “*the ultimate intuitive achievement*”, a máxima ou mais elevada realização intuitiva.

Jung tinha uma prima adolescente que era médium e recebeu informações, na sua avaliação, que ultrapassaram a experiência e o conhecimento obtidos em seus poucos anos de vida. Fascinado por esse fenômeno, decidiu estudá-lo. Tinha interesse em comprovar a eternidade da alma, que para ele, seria “inteligente” e existiria “independente de tempo e espaço”, segundo Pilard (2015).

Em sua tese de Medicina, publicada em 1902, Jung escreve que sua prima Helene Preiswerk, afetosamente apelidada Helly, cuja mediunidade foi o objeto de estudo, possuía um tipo de “conhecimento intuitivo” incompreensível para ele. Neste trabalho, Jung descreveu as visões de sua prima e os estranhos nomes atribuídos a um sistema de conhecimento a respeito de diversos tipos de mundos, além do mundo físico que conhecemos. Helly relata ainda a existência de seres da “luz” e da “sombra” e de um princípio que governa o Universo chamado de “Força Primária”. Tal conhecimento foi denominado “gnóstico” e capturado em um diagrama com círculos concêntricos, mais tarde revisado e refinado por Jung.

Posteriormente, este trabalho foi lembrado por Jeromson (*apud* Pilard, 2015) como uma das primeiras mandalas que surgiram no trabalho de Jung, ainda que ele não tenha mencionado esse termo em sua tese. Entretanto, em 1929, Jung retoma o diagrama e seus círculos chamando-o de “mandala de uma sonâmbula”.

Procurando a origem das informações ditadas por Helly, em 1902, Jung menciona que encontrou semelhanças em outros sistemas espalhados historicamente e em fontes variadas, e que sua prima, devido a sua tenra idade e *background*, não teria como ter tido acesso direto a tais leituras. Para explicar como Helly chegou a formular o complexo sistema de conhecimento, Jung atribui que foi através de uma ou

mais “revelações”, um termo utilizado pelo Gnosticismo. Nestas revelações, Helly podia ver vapores de diversas cores e vultos em formas humanas de cor branca, entre outras imagens.

Testemunhando o fenômeno que denominou “conhecimento intuitivo”, Jung escreveu: “*there are people who live on a higher plane of cosmic knowledge because their perceptions and sensations are finer than those of other human beings*”. (Jung, CW 1, par. 70)²⁶ / “*existem pessoas que vivem em um plano mais elevado de conhecimento cósmico porque suas percepções e sensações são mais refinadas que aquelas dos demais seres humanos*” (Jung, OC, vol. 1, parágrafo 70).

Ao final de seu estudo, Jung se sentiu “*inclined to regard the mystical system devised by [his] patient as just such an example of heightened unconscious performance that transcend[ed] her normal intelligence*” (Jung, CW 1, par. 148)²⁷ “*inclinado a reconhecer o sistema místico concebido pela [sua] paciente como um dos exemplos de desempenho inconsciente intensificado que transcende a inteligência normal*” (Jung, OC 1, par. 148). Tal desempenho foi considerado “extraordinário” pelo psiquiatra suíço. Jung intitulou o último capítulo de sua tese de “fenômenos ocultos”. Incapaz de explicar exatamente de onde o conhecimento intuitivo de Helly viria ou como ocorre, Pilard (2015) afirma que Jung preferiu enfatizar, utilizando vários artifícios poéticos, o *mistério da performance intuitiva*.

Logo, nesta época de sua vida é possível observar que Jung não apenas estava afirmando a existência de fenômenos ocultos e a veracidade do conhecimento intuitivo concebido por pessoas que exercem o papel de médiuns, mas sobretudo que existe uma realidade imaterial que pode ser percebida intuitivamente, do qual nosso mundo físico é apenas uma parte. O/a médium estaria a serviço do “crescimento espiritual” da humanidade, ao revelar “realidades mais sutis”, que a maior parte dos seres humanos não está em contato consciente.

Vale destacar, como o faz Pilard (2015), que no final do século XIX e início do século XX a teologia estava procurando se integrar com a ciência. Neste contexto, havia três movimentos. O primeiro, fundamentalista, priorizava os ensinamentos religiosos tradicionais e condenava a modernidade. O segundo, racionalista, negava

²⁶ Referência de Pilard (2015) à tradução inglesa das obras completas de Jung. OC corresponde a Obras Completas.

²⁷ Idem.

a religião e apoiava a ciência. Ambos concordavam que não poderia haver uma “religião moderna”, mas por diferentes razões. Os fundamentalistas conservadores não podiam aceitar os ajustes e mudanças que os tempos modernos estavam dispostos a trazer para o cenário religioso. Já os racionalistas não entendiam o lugar da manutenção da fé, da irracionalidade e dos dogmas numa época em que a ciência estava se tornando a visão dominante de mundo.

Jung fazia parte do terceiro movimento, denominado “romântico”. Os românticos postulavam que o progresso da ciência não se oporia ao da religião, desde que as religiões passassem a explicar o que até o momento fazia parte do seu “núcleo não-explanatório”. Neste sentido, é como se a ciência “obrigasse” a religião a provar a si mesma, numa tentativa de reconciliação entre ambas.

Entretanto, a visão de Jung sobre as questões que podem ser consideradas sobrenaturais na religião, tais como o milagre da ressurreição de Jesus Cristo, para o Cristianismo, são o que constituem o fundamento das religiões em si mesmas. Jung não esperava que alguns dogmas se tornassem facilmente explicáveis, ou que as religiões devessem abandonar o inexplicável cientificamente (*Ibid.*).

Sobre este aspecto sobrenatural, Jung o aborda como o relacionamento com “forças” ou “poderes” da mais “alta” ou “elevada ordem” que colocariam a consciência frente à experiência do *Numinosum* / Numinoso.²⁸ Foi o teólogo Rudolf Otto que apresentou este termo na obra “*The Idea of the Holy*” / A Noção do Sagrado, em 1917. Mais tarde, Jung vai mencionar que o Arquétipo tem a qualidade da numinosidade, e é a presença do numinoso que revela a existência de um arquétipo. Desse modo, Jung concebe o arquétipo como um tipo de intuição que se apresenta como uma imagem – *Anschauung* (em alemão, Visualização). Entretanto, *Anschauung* e arquétipo não são sinônimos (*Ibid.*). Arriscaria formular que os Arquétipos se manifestam como uma visualização na forma de imagens arquetípicas, enquanto nem toda visualização intuitiva é um Arquétipo.

Voltando ao Numinoso, para Jung, “*a numinous experience depicted the tremendous effect of a sensory intuition*” / “*uma experiência numinosa retratava o efeito tremendo de uma intuição sensorial*” (*Ibid.*) Em Jung, o encontro com o

²⁸ Do latim *numen* ou *numens*, o que está relacionado ao divino e é, portanto, sagrado, misterioso e de ordem sobrenatural. Otto referia-se ao numinoso como o que vem “do espírito”, tratando-se, portanto, uma revelação.

numinoso é sempre concebido como uma experiência e, neste sentido, ocorre uma primazia da experiência sobre a crença. Exemplificando, no *Livro Vermelho*, Jung (2010) descreve suas experiências premonitórias com relação à Primeira Guerra Mundial. Para Pilard (2015), tais experiências podem ser consideradas simultaneamente sobrenaturais, uma vez que a Guerra ocorreu e, numinosas, devido ao encontro da consciência com poderes superiores a ela própria. Assim, nesta experiência premonitória particular, estaríamos em presença de uma experiência religiosa²⁹ (ou espiritual) sobre um dos mais importantes eventos seculares, a guerra, em que a intuição se fez presente sob a forma de premonições.

No *Livro Vermelho*, Jung (2010) registrou 12 diferentes visões que considerou premonitórias com relação à Primeira Guerra Mundial. A primeira ocorreu entre primeiro e dois de outubro de 1913 e a última entre 10 à 12 de junho ou julho de 1914. Elas continham diferentes imagens de sangue, destruição e morte de milhares de pessoas. A princípio, Jung não entendeu muito bem o que estava ocorrendo com ele e chegou a pensar que estava tendo um surto esquizofrênico. Entretanto, quando a guerra foi deflagrada, compreendeu que as visões eram premonitórias e que tinham uma utilidade psicológica. Foi assim que os seus Livros Negros se transformaram no Livro Vermelho, o mais íntimo diário dos encontros de Jung com o Numinoso e a sua tradução em imagens, segundo Pilard (2015). No último, Jung afirma: “*I return to the small and the real for this is the great way, the way of what is to come*” (p. 306)³⁰/ *Eu retorno para o pequeno e para o real, pois este é o melhor jeito, o jeito do que está para vir*”.

Embora Jung tenha relatado suas experiências intuitivas desde 1897, a sequência de imagens perturbadoras sobre a guerra que estava por vir lhe deu uma oportunidade de compreender a importância dos símbolos para a psicologia. O “jeito que está para vir” é um caminho pavimentado por símbolos, segundo Pilard (2015). E

²⁹ Pilard usa a expressão religiosa. Para mim, o termo espiritual estaria mais apropriado. Existe uma diferença entre a experiência religiosa e espiritual. A primeira está na esfera do que uma dada instituição religiosa concebe como legítima. Há um consenso entre um coletivo de pessoas e uma ou mais figuras de autoridade que apresentam um código moral de conduta, uma forma de interpretar a verdade religiosa e critérios de inclusão ou exclusão sobre quem pertence ou não à religião. Concebo a experiência espiritual como uma experiência de natureza mística, liberta da codificação religiosa e que pode ocorrer sem que a pessoa faça parte de uma religião, ainda que experiências espirituais possam acontecer aos religiosos. Santa Teresa d’Ávila (1515-1582) e São João da Cruz (1542-1591) são considerados místicos espanhóis do século XVI, cujas experiências espirituais foram reconhecidas pela Igreja Católica.

³⁰ Referência de Pilard (2015) à edição em inglês.

o símbolo é o elo ou link entre a religião e a psicoterapia. Será a “vida simbólica” que facilitará a cada pessoa o seu processo de individuação, que significaria um “*escape dos determinantes coletivos*” (*Ibid.*).

Os pressentimentos intuitivos experienciados por Jung são chamados em alemão de *Ahnung*, *noção*, *ideia* ou *informação*. Na sequência do texto de Pilard (2015), vemos que a principal diferença entre símbolos e sinais diz respeito a que os últimos evocam aquilo que já é conhecido, o que já foi fixado e estabelecido por uma convenção; enquanto os primeiros anunciam “*o que ainda está para vir*” e se encontra desconhecido. Nesta perspectiva, as imagens simbólicas que Jung revela no Livro Vermelho são consideradas mensagens de um caráter individual e particular, não universal, uma vez que cada pessoa tem um único processo de individuação. O “*que está para vir*” necessita ser encontrado singularmente. O Livro Vermelho de Jung é um registro do processo de análise simbólica de imagens que ocorreu particularmente para ele. Sua validade não está na mera transposição de seu conteúdo para outras pessoas, mas na natureza psicológica do processo individual que foi detalhadamente ilustrado, descrito e analisado nesta obra.

Para Jung (2012), o símbolo faz uso de formas conhecidas de maneiras inéditas para nos dar pistas sobre algo desconhecido, de natureza numinosa. O símbolo é uma imagem que se revela para fazer uma ponte entre a nossa consciência e o Numinoso. Sobretudo, símbolos têm uma função teleológica e são orientados para o futuro. Jung constatou, a partir de seus próprios sonhos e o trabalho com sonhos na prática clínica, que um símbolo em um sonho revela o futuro do sonhador. Nas palavras do psiquiatra suíço (*Ibid.*, p.487):

O símbolo é a melhor forma escolhida para expressar algo relativamente desconhecido, mas cuja existência é reconhecida em algumas culturas, como a Santíssima Trindade da Igreja Católica³¹ ou o Yin-yang da filosofia taoísta chinesa.

Logo, o símbolo seria formado por uma parte consciente e outra inconsciente, a qual ganhou a melhor expressão possível na consciência. Ele constela um arquétipo em uma imagem arquetípica e, sua função é contribuir para o processo de individuação, operando teleologicamente.

³¹ Segundo Pilard (2015), Jung chegou a tentar desenvolver uma psicologia do processo de criação das religiões. Ele faria isso transformando as experiências numinosas individuais em símbolos, até chegar aos dogmas e credos das religiões institucionalizadas.

Jung tinha interesse em eventos de natureza teleológica. Em 1909, escreveu a Freud sobre “fenômenos espirituais de primeiro grau”, isto é, propondo que existiria um complexo universal relacionado às tendências prospectivas nos seres humanos. *“If there is”, he wrote, “a ‘psychoanalysis’ there must also be a ‘psychosynthesis’ which creates future events according to the same laws” / “Se existir, ele escreve, uma ‘psicanálise’ deve também ser uma psicossíntese, a qual cria eventos futuros de acordo com as mesmas leis”*. Freud, no entanto, não tinha interesse em tais afirmações, por considerá-las demasiado audaciosas (Pilard, 2015).

O fato de a psicologia do inconsciente de Jung ser orientada para o futuro aparece em seus escritos sobre os sonhos. Em 1916, Jung escreveu: *“A ocorrência de sonhos prospectivos não pode ser negada”, e continua, “os sonhos estão frequentemente numa posição muito mais favorável do que a consciência no que diz respeito ao prognóstico”*.³²

4.6.2 Segunda fase: a intuição como processo subconsciente

No início de sua carreira, Jung obteve reconhecimento ao aplicar testes de associações de palavras, em que era possível reconhecer nos sujeitos mudanças fisiológicas ou lapsos de resposta, indicando, no vocabulário junguiano, a existência de um complexo. As bases teóricas eram extraídas de Janet e de Freud (Pilard, 2015).

Os testes de associações de palavras foram iniciados por Galton no final do século XIX. O diretor da clínica *Burghölzli*, onde Jung trabalhava, Eugen Bleuler, incentivava seu uso. O teste era feito de uma forma padronizada, com cem palavras cuidadosamente selecionadas como palavras-estímulos, apresentadas em sequência ao sujeito. A cada palavra, a pessoa teria que dizer uma outra por livre-associação e o tempo de resposta era medido, assim como eram observadas as reações do sujeito. Repetições ou esquecimento eram registradas e consideradas tão significativas como o tempo de reação (*Ibid.*).

Ao anotar as respostas, Jung tornou-se hábil em juntar as palavras aparentemente desconexas em uma narrativa coerente que justificaria o fato de o sujeito ter reagido emocionalmente e, portanto, fisiologicamente a elas. Em certa

³² Referência de Pilard (2015) à tradução inglesa - Jung, CW 8, par. 493.

ocasião descobriu que um homem tinha esfaqueado outro quando estava bêbado após sair de um bar à noite, devido à reação obtida com as palavras “faca”, “homem”, “garrafa”, entre outras espalhadas na lista de cem palavras-estímulos. Quando contou ao sujeito a forma como as palavras se relacionavam, a resposta que obteve foi “Como soube?” O sujeito ficou incrédulo que o teste pôde revelar um segredo seu. A partir de tais resultados positivos, Jung foi convidado pela polícia suíça a fazer o teste de associações de palavras como uma espécie de “detector da verdade”.

Entre 1904 e 1906, Jung publicou artigos científicos que sintetizavam os resultados obtidos em seu trabalho com o teste de associações de palavras, fazendo uma revisão de literatura com os autores que contribuíram para a análise teórica: Emil Kraepelin, Gustav Aschaffenburg, Georg Theodor Ziehen, Édouard Claparède, Hugo Münsterberg, Benjamin Bourdon, e Wilhelm Wundt (*Ibid.*)

Jung organizou os tipos de respostas encontradas em oito categorias, o que pode ser considerado a origem metodológica de sua teoria sobre os tipos psicológicos. Os achados de Jung (2012) demonstraram que existem tipos de pessoas que reagem objetivamente aos estímulos e outros, subjetivamente. Estes resultados contribuíram para a elaboração dos conceitos atitude extrovertida, referente ao primeiro tipo e, atitude introvertida, segundo. A atitude é entendida como uma predisposição que conduz a uma expectativa, isto é, pessoas com atitude extrovertida tem uma tendência a reagir objetivamente ao mundo, a partir da expectativa que a mesma predisposição cria. O mesmo ocorre para pessoas introvertidas com relação à reação subjetiva.

Neste período também é possível identificar que Jung usa o conceito de repressão; entretanto, a sua compreensão dele está mais vinculada a Janet como uma espécie de *abaissement du niveau mental*, isto é, abaixamento do nível mental, do que a repressão freudiana. Para Jung, neste estado, ocorreria a “passividade do sujeito” entendida como *“the temporary absence of the ego in the face of the independence of the complex at the moment following the stimulus word.” / “a ausência temporária do ego na presença da independência do complexo no momento seguido da palavra-estímulo”* (Pilard, 2015).

Para exemplificar, suponhamos que uma pessoa desempregada quando submetida ao teste de associação de palavras, associe o estímulo “encontrar” com fracasso. Para Jung, isto revelaria o complexo relacionado ao seu desemprego. A reação ocorreria *“under-consciously”* ou subconscientemente, isto é, nem totalmente

consciente ou inconsciente. Neste estado, a pessoa constelaria imagens espontâneas intuitivas (*Einfälle*) que estariam relacionadas a ideia emocionalmente carregada de “encontrar um emprego”. De acordo com Pilard (2015), este era o legítimo sentido do teste de associação de palavras: conduzir o sujeito a uma falta de atenção focal que abrisse espaço para qualquer coisa que viesse de níveis sub ou inconscientes. Aqui aparece a noção de intuição como *Einfäll* ocorrendo em um nível mais subconsciente, do que inconsciente.

O enquadramento do experimento, portanto, era o reino ou domínio intuitivo do subconsciente mais ou menos perturbado pela atenção, uma vez que “*all associations taking place in the subconscious [are] outside the range of attention*” (Jung, CW 2, par. 451)³³/ “*todas as associações que ocorrem no subconsciente estão fora do alcance da atenção*” (Jung, OC2, par.451).

Jung chamou de associações indiretas as reações inesperadas que emergem de uma percepção intuitiva. Ao contrário da *Einfälle*, as associações indiretas não revelariam complexos, mas o que chamou de “intuições quantitativas”, isto é, a percepção sutil que permite que o teste de associação de palavras faça sentido (*Ibid.*)

Neste período de trabalho com os testes de associação de palavras, Jung observou uma reação comum tanto aos “tipos objetivos”, quanto sujeitos iletrados. Ambos tinham uma tendência a responder à palavra-estímulo como para que demonstrar que a compreenderam. A isto Jung chamou de “*síntese mental*” (Pilard, 2015). Pode-se dizer que nestes casos havia o predomínio da função pensamento impedindo a livre-associação como reação ao estímulo - embora este tipo de inferência foi realizado mais tarde, não nesta época.

Um outro fenômeno interessante observado por Jung foi o que denominou de automatismo de funções inferiores (sensoriais) ocorrendo no subconsciente, como no caso de uma pessoa que reagia a sons com cores. Este foi chamado de sinestesia. Jung postulou que num estado subconsciente, os sujeitos podiam usar a intuição. Além disso, observou que quando estavam fatigadas, as pessoas instruídas tendiam a produzir um número crescente de reações que denominou de “contundentes”, em que a racionalidade já não tinha o papel principal (*Ibid.*).

³³ Referência de Pilard (2015) à tradução inglesa.

Pilard (2015) afirma que na virada do século XIX para o XX, não existia uma nítida separação entre o inconsciente e a consciência e o inconsciente. O subconsciente dizia respeito a automatismos, associações indiretas, reações motoras, e estes fenômenos eram considerados intuições. Ou seja, eram *Einfälle*, definida como elementos que surgiam repentina e intuitivamente na mente de alguém.

Em 1907, Jung também usou os termos *Eingebungen*, ou “inspirações”, e *pathologische Einfälle* (*Einfälle* patológicas) para designar o mesmo fenômeno. “A mudança mais famosa de Jung do patológico para o normal - do complexo para o arquétipo - foi simultânea com a do *Einfälle* patológico para o *Einfall*, uma vez que os *Einfälle* patológicos revelam complexos e o *Einfall* um arquétipo” (Pilard, 2015).

Pilard (2015) menciona um erro fundamental do tradutor Hull ao traduzir *Vorstellung*; ao invés de imaginação, usou a palavra “ideia”, alterando o seu sentido. *Stellung* significa “posição”. O prefixo *vor-* significa “antes, na frente de”. *Vorstellung* pode ser concebida como uma representação teatral na frente, ou diante, do público. O sentido de “imaginação” abrangeria aspectos espaciais e temporais da *Vorstellung*. Em termos espaciais, é o que se apresenta “na frente” da mente. Temporalmente, implica alguma atividade mental que aconteceu “antes”, implicando uma sucessão no tempo. Da mesma forma, *Vorausahnung* e *Vorkenntnis* podem ser traduzidos como “precognição”, *Vorhersage* como “profecia” e *Vorhaussage* como “previsão” – segundo Pilard (2015).

“Quando psiquiatras de origem alemã, como Jung, usaram o termo *Vorstellung* no contexto de associação de palavras, eles queriam dizer “o que se apresenta diante do paciente e do médico como resultado da atividade mental que o precedeu” (*Ibid.*). Como ideias não são percepções, e podem ser consideradas o resultado da apercepção, a tradução de Hull é enganosa. Hull traduz ainda *Erkennens* como “o reino da apercepção”. Seria mais apropriado, na avaliação de Pilard (2015), que *Erkennen* fosse compreendido como “o meio para alcançar a intuição intelectual (*inatingível*). Não é uma apercepção, mas a percepção da intuição” (*Ibid.*).

Neste sentido, “o arquétipo é a emergência de uma relação intuitiva” (*Ibid.*) Foi considerado por Jung, em 1935, como vazio e puramente formal. O subconsciente, especialmente de alguns pacientes e pessoas intuitivas, foi compreendido na mesma época como uma janela direta para a intuição, uma vez que esse estado parece favorecer o surgimento de conexões, imagens ou mesmo sons intuitivos.

4.6.3 Terceira fase: a intuição como processo inconsciente

Esta parte é considerada mais clara por Pilard (2015); nela, a autora intenciona apresentar a compreensão correta do conceito de arquétipo. Inicia comentando que a obra “A psicologia do inconsciente” de Jung oficialmente marcou a separação entre Freud e ele, devido às divergências a respeito da compreensão do inconsciente. Para Freud, o inconsciente é pessoal; Jung foi ousado, opondo-se ao mestre austríaco e apresentando ao público a noção de inconsciente coletivo. A obra inicialmente foi publicada como um artigo em duas partes entre 1911-12 e 1917 e o livro em 1925, sendo revisado em 1952.

Pilard (2015) apresenta a tese de que os anos anteriores a 1911 não equivalem ao “período freudiano” como alguns historiadores apontam, mas a uma época em que Jung estava formulando sua teoria do subconsciente (*Underconscious*), a qual pouco se relaciona com a psicanálise freudiana. O desentendimento entre Freud e Jung, entretanto, não está reduzido à psicologia do inconsciente do último e seu conceito de inconsciente coletivo. O papel abrangente que Freud atribuía à libido e Jung à intuição foram motivos de discordância entre ambos. Jung foi tachado de “místico” por Freud. Greene (2023) menciona que Freud fez uma verdadeira campanha para prejudicar a reputação de Jung, uma vez que a cisão entre ambos ocorreu.

Em sua época, Jung não foi o primeiro a falar de inconsciente coletivo. No livro que traz sua biografia, *Memórias, Sonhos, Reflexões* (2015), o psiquiatra suíço menciona que leu avidamente os autores Carl Gustav Carus e Edward von Hartmann. Ambos publicaram obras em 1864 e 1869, respectivamente, em que o inconsciente coletivo foi discutido. Jung teve o papel de dar centralidade a um conceito que já vinha sendo debatido. A teoria foi elaborada posteriormente e publicada entre 1916 e 1917, em *Collected Papers on Analytical Psychology*. Nesta obra, Jung faz a distinção teórica entre inconsciente pessoal e coletivo e expõe suas estruturas, dinâmica e conteúdo, bem como as técnicas para explorá-los (Pilard, 2015).

Os conteúdos são os arquétipos, as estruturas são os instintos e a dinâmica é a intuição, ou *Anschauung*. “*In Jung’s psychology, God and noumenon become archetypes, and the way to reach them remains intuition, Anschauung*” / “*Na psicologia de Jung, Deus e o noumenon se tornam arquétipos, e a maneira de alcançá-los permanece [sendo a] intuição, Anschauung.*”

Pilard (2015) estima que o termo alemão para intuição não foi traduzido propriamente para o inglês. Para ela, o significado de “*olhar para, ou olhar para dentro*” do latim *intueri*, traduzido para o inglês “*look at or look into*” não produz o mesmo efeito do termo alemão *Anschauung*, que pode ser traduzido para o latim em três definições distintas, sendo apenas uma delas *intueri*. Indo mais além em sua análise, a autora demonstra que *intueri* apresenta “*o inconsciente desde o ego*”, ao passo que “*Anschauung inicia desde o coletivo, isto é, a partir de uma Weltanschauung*” – aqui traduzida como uma visão de mundo que engloba o inconsciente coletivo.

Numa palestra de 1923 publicada nas Obras Completas volume 6, na p.899,³⁴ Jung esclarece que *intueri*, olhar para dentro, diz respeito à percepção de conteúdos inconscientes. Pilard estima que o problema da tradução alemão-inglês permanece, uma vez que Jung dá primazia ao conceito de *Anschauung*, que se assemelha a um *insight* sobre algo que não se conhecia e que imediatamente se faz claro.

Ainda de acordo com Pilard (2015), o termo *Anschauung* está presente na Bíblia, em Kant e em Goethe. Kant o usa no contexto da intuição matemática; Goethe, no da intuição do poeta e ambos podem ser considerados sentidos semelhantes. Quanto à Bíblia, *Anschauung* aparece quando Moisés percebe que Deus está presente, mas não consegue olhar para ele. Podemos considerar a interpretação literalmente, ou figurativamente, no sentido de que Moisés não pôde concebê-Lo como Ele realmente é, não pôde ter um *insight* que englobasse a compreensão de Deus.³⁵

Quanto à questão da definição de arquétipo, a pesquisadora francesa aponta que as noções de “*dominantes*”, imagens primordiais (*Urbild*) e arquétipos estão próximas. Tanto os termos “*imagens primordiais*” quanto “*dominantes*” precederam “*arquétipos*” e reapareceram nos trabalhos posteriores de Jung, mesmo após o uso de “*arquétipo*” (*Ibid.*)³⁶

Jung recebeu críticas a partir destas denominações, particularmente com relação à existência de representações inconscientes (*Bild*). Contudo, como era consensual entre os psicólogos que apenas a consciência cria representação, este

³⁴ Referência de Pilard à tradução inglesa.

³⁵ Esclarecimento da autora sobre a referência de Pilard (2015) à passagem bíblica.

³⁶ Principalmente nos trabalhos de Jung sobre alquimia (ver, por exemplo, Jung CW 8, par. 423) - Referência de Pilard à tradução inglesa.

questionamento pode ter levado Jung à escolha do termo arquétipo, de acordo com Pilard (2015).

Uma segunda crítica referente à transmissão das imagens arquetípicas via inconsciente coletivo parece ter coagido Jung a rejeitar a noção de herança hereditária. Pilard (2015) afirma que, inicialmente, Jung tinha imaginado o arquétipo como um modelo fundamental, fora de quaisquer considerações hereditárias. A hereditariedade estaria na função da intuição e não no arquétipo.

Nesta terceira fase, Jung estabelece a intuição como uma função psicológica que ocorre no inconsciente e seu nome é *Anschauung*. Em alemão, *Anschauung* e intuição são equivalentes; ambos identificam o arquétipo. Logo, arquétipo não pode ser compreendido sem a função da intuição.

Segundo Pilard (2015), *Anschauung* não é apenas uma percepção, uma compreensão ou uma apreensão, mas todas elas ocorrendo intuitivamente. Logo, a origem do arquétipo é inconsciente e o seu relacionamento com a consciência se dá através da intuição. Acrescenta que, em 1919, os termos “dons inatos” e “arquétipos” eram neologismos. *Urbild* e *Anschauung* não tinham uma tradução apropriada. Jung foi um dos pensadores a deixar de lado o termo mais comum intuição (*intuition* em inglês), para favorecer a noção de *Anschauung*, em alemão. Como já mencionei, problemas com a tradução dificultaram a compreensão dessa distinção.

Ainda de acordo com Pilard (2015), Jung usava a expressão “*arquétipos da intuição*”; entretanto, a tradução inglesa e, posteriormente, a francesa suprimiram o *complemento* “da intuição”. Como consequência, houve um empobrecimento do entendimento da noção de arquétipo, bem como de sua relação intrínseca com a função da intuição. Esta precisão da terminologia junguiana foi perdida em parte, devido às traduções, e em parte, devido às reformulações que os estudiosos de Jung fizeram.

A intuição é definida por Pilard (2015) como “*a apreensão intencional inconsciente de uma situação altamente complexa*”. Intuição se assemelha à instinto, mas são fenômenos diferentes. O primeiro é o impulso intencional para realizar alguma ação de natureza complexa. Instintos são modos típicos de ação, são modos regulares e uniformes recorrentes de ação e reação, ao passo que arquétipos são modos típicos de apreensão, são modos regulares e uniformes recorrentes de apreensão. Na avaliação de Pilard (2015) “*é impossível dizer o que vem primeiro – a*

apreensão da situação ou o impulso para agir. Parece-me que ambos são aspectos da mesma atividade vital".

Ao unificar o processo psíquico desta forma, fica implícita uma conexão não apenas entre intuição e arquétipo, mas entre arquétipo e instinto. Em outras palavras, a origem da ação presente no instinto seria de natureza arquetípica. Segundo Pilard (2015), *Em "Sobre a natureza da psique"*, de 1945, Jung nem negou, nem deixou totalmente claro, na análise de Pilard (2015), que *"os arquétipos podem ser instintos e os instintos, arquétipos"*. Isto porque, a origem da consciência para Jung está no inconsciente, relacionado tanto aos instintos quanto aos arquétipos.

No inconsciente coletivo tudo está presente, mas nada, nem natureza, nem humanidade, é diferenciado. A natureza do inconsciente coletivo é vazia, isto é, é *"pré-formativa, a priori e pertencente aos mistérios de um estado incognoscível"* (Ibid.).

No entendimento de Jung, os *"primitivos"*, isto é, os primeiros humanos, vivenciaram uma primeira etapa de diferenciação: a alteridade psíquica com a natureza ou entre pares. No entanto, a sua tendência empática para se identificarem com o mundo externo permanece. Os *"primitivos"* identificam-se com a natureza. Um homem poderia ser um tigre ou um trovão, e uma mulher, um lago ou uma gazela. Este elo intuitivo entre a humanidade e a natureza, entre consciente e inconsciente coletivo foi considerado por Jung como uma forma pura de empatia. À medida que os seres humanos vão se desenvolvendo, as imagens empáticas primordiais vão se aperfeiçoando em imagens religiosas, ao mesmo tempo em que formas mais racionais vão ganhando força nas representações simbólicas. Para ilustrar, enquanto a palavra *"mana"* descrevia uma relação, *"os deuses", que surgiram mais tarde, descreviam um conceito e, portanto, um progresso do inconsciente para a consciência"* (Ibid.)

A perda da religião para os modernos implicava o que Jung chamou de *"perda de sua alma"*, o afastamento neurótico da consciência do inconsciente. A perda da alma está relacionada à diminuição da empatia:

Não mais conectado por *Einfühlung* às imagens e motivos do inconsciente coletivo, a humanidade ganhou níveis cada vez mais elaborados de consciência, inteligência e racionalidade, mas às custas de sua proximidade com sua alma, com seus instintos. O que inicialmente era *Einfühlung*, ou empatia no seu sentido mais forte, tornar-se-ia *Anschauung*, outra forma de intuição, que, em vez de ligar uma mera consciência potencial, uma subconsciência, ao inconsciente coletivo, ligaria uma consciência diferenciada a arquétipos (Ibid.).

Para Jung (2012), a ênfase na racionalidade como um valor extremo implica na repressão para o inconsciente da intuição e do instinto. Tal repressão é perigosa, porque, alimentada pela projeção, pode incitar violência e ausência de empatia nos relacionamentos humanos. Sem a guiança da intuição e sem a reverência ao Mistério, os seres humanos “*brincariam de serem Deus*” e perderiam o contato com os limites de sua própria arrogância, enterrando-se mais e mais, em sua húbriis.³⁷

4.6.4 Imaginação criativa, método construtivo e função transcendente

A intuição ocorre na prática junguiana e pós-junguiana durante duas atividades específicas: a imaginação ativa e o método construtivo. Para Pilard (2015), é difícil saber qual, na prática, destes dois surgiu primeiro. “*O mais importante é que Jung os praticou muito antes de escrever sobre eles e, quando o fez, enfatizou que esses métodos dificilmente poderiam ser teorizados*”. Prática e teoria, para Jung, eram distintas (*Ibid.*).

“*Em meados da década de 1910, Jung definiu o método construtivo em relação ao “método analítico” de Freud e como o equivalente psicológico do “método intuitivo” de Bergson*” (*Ibid.*). Pilard (2015) destaca que o método construtivo não pode ser chamado de teoria científica, uma vez que este é altamente individualizado, traçando o caminho psicológico do desenvolvimento de uma pessoa em particular.

Lembro aqui, que o processo de individuação é desconhecido, isto é, está potencialmente no futuro. Os símbolos são os guias do processo de individuação, abrindo caminho para o que ainda virá. Nesse sentido, o símbolo é intuitivo por natureza. “*Um símbolo é uma possibilidade, uma chave para uma resolução potencial de um conflito psicológico atual. É um palpite que os indivíduos podem captar ou perder*” (*Ibid.*). Pilard (2015) explica que na prática clínica, quando um símbolo é integrado na consciência, as pessoas se distanciam das expectativas coletivas e de suas próprias expectativas anteriores. Esta atitude renovada conduz a novos caminhos, como se “*portas se abrissem*”.

O trabalho terapêutico com símbolos inicia com a interpretação de sonhos. Para compreender um sonho, é necessária uma elaboração consciente; isto é, depois

³⁷ Minha interpretação; não está em Pilard (2015).

de o sonho ter ocorrido como uma expressão do inconsciente coletivo, é preciso recriar a cena do sonho em seu contexto. Esta recriação é chamada de amplificação – isto é, a amplificação necessária da consciência para a elucidação do material inconsciente.

A cooperação entre consciência e inconsciente é chamada de função “transcendente” da psique. O símbolo emergente representa o terceiro termo – transcendente – cuja função é “*assimilar o bloqueio do complexo para utilizá-lo e superá-lo*” (*Ibid.*). Durante a amplificação, todas as quatro funções da consciência são necessárias para compreender o significado do símbolo na vida de alguém. No entanto, na primeira fase do trabalho clínico com os sonhos, apenas a intuição opera no sentido de criar e apreender um símbolo e trazê-lo para a consciência. Nesta psicologia orientada para o futuro, tanto a compreensão do símbolo, quanto a compreensão do seu significado são aliadas, mas cada função têm um papel distinto; o da intuição é primordial.

Pilard (2015) enfatiza que o subconsciente foi considerado a condição mais favorável para o surgimento da intuição, em 1916, quando Jung escreveu o ensaio “*A função transcendente*”. Nele, afirma que o método da “*imaginação ativa*” tinha o efeito de intensificar conteúdos imediatamente abaixo do limiar da consciência, para que tivessem maior probabilidade de irromper espontaneamente na consciência.

Além da técnica da ampliação, a escrita automática, a contemplação de cristais, a hipnagogia - o estado crepuscular que ocorre pouco antes do adormecimento e que é rico em visões - foram usados por Jung e outros pesquisadores de sua época para acessar material inconsciente (*Ibid.*).

4.6.5 Síntese da compreensão da Intuição em Jung, a partir da obra de Pilard

A origem etimológica da palavra intuição vem do latim *Intueri*, que significa “*olhar para ou olhar para dentro*”. Jung utilizou outros dois termos em alemão para tratar de intuição, *Anschaung* e *Einfälle*, ambos sem tradução equivalente para o português. *Einfälle* dizia respeito a elementos que surgiam repentina e intuitivamente na consciência. *Fälle* tem o sentido de queda, como quando dizemos “caiu a ficha”.

Anschaung tem relação com a formação de imagens, ou melhor, de imagens arquetípicas. Jung enfatizou que, esteticamente, entre um arquétipo e sua realização

na consciência, existiria o símbolo. E entre o mito e a vida existiria a sincronicidade. A ligação de ambos, símbolo e sincronicidade, é o que foi descrito como *Anschauung*, intuição, de acordo com Pilard (2015).

O desenvolvimento da compreensão da intuição por Jung passou por três fases. Na primeira, a intuição foi considerada um fenômeno oculto, similar ao mediúnico; após sua experiência com testes de associações de palavras, Jung observou que processos intuitivos teriam origem subconsciente. Foi só mais tarde, em um estágio de maior maturidade profissional, que Jung compreendeu que a intuição é o que permite trazer o inconsciente para a consciência.

Sobretudo, Jung compreende a intuição como uma das quatro funções psicológicas básicas. É a função que faz a mediação das percepções de uma forma inconsciente. Qualquer coisa pode ser o foco deste tipo de percepção, sejam objetos externos ou internos, ou os relacionamentos entre eles. “*A peculiaridade da intuição é que ela não é nem percepção sensorial, nem sentimento, nem inferência intelectual, embora possa também aparecer nestas formas*” (*Ibid.*).

Na intuição, um conteúdo se apresenta por inteiro e por completo, sem que sejamos capazes de explicar como este conteúdo veio a existir. Intuição para Jung é, portanto, um tipo de apreensão instintiva, não importa o que contenha. Como a sensação, é uma função irracional da percepção. Da mesma forma como a sensação, seus conteúdos têm a característica de serem “*dados*”, em contraste com as características de “*derivados*” ou “*produzidos*” que os conteúdos do pensamento e do sentimento têm (*Ibid.*).

Jung postula que na tradição filosófica ocidental, o conhecimento intuitivo possui uma certeza e uma convicção intrínsecas, o que permitiu tanto a Spinoza, quanto a Bergson, destacarem a *scientia intuitiva* como a mais elevada forma de conhecimento. Para Jung, a intuição compartilha esta qualidade com a sensação, e a base dessa certeza está em sua fundação física. O estado de confiança ligado à intuição repousa igualmente num estado definido de “*alerta*” psíquico, de cuja origem o sujeito é inconsciente (*Ibid.*)

Em Jung, a intuição pode ser subjetiva ou objetiva: a primeira é a percepção da dados psíquicos inconscientes que têm origem no sujeito; a segunda é a percepção de dados dependentes tanto das percepções subliminares do objeto, quanto dos sentimentos e pensamentos que evocam. Jung faz uma classificação entre formas

concretas e abstratas de intuição, de acordo com o grau de participação da sensação. A intuição é concreta quando faz a mediação das percepções relacionadas à realidade das coisas; já a intuição abstrata permite as percepções de conexões ideacionais. A intuição concreta é considerada um processo reativo, uma vez que responde diretamente aos fatos dados; já a intuição abstrata, tal como a sensação abstrata, necessitaria de um certo elemento de direção, um ato de vontade, ou uma meta (*Ibid.*).

Tal como a sensação, a intuição é característica da psicologia “*primitiva*” e infantil, isto é, aquela nos primórdios de sua evolução ontogênica e filogenética. Ela “*contrabalançaria as poderosas impressões sensoriais da criança e dos primeiros seres humanos*”³⁸ - dando origem a percepções de imagens mitológicas. Jung compreende a mitologia e suas imagens como precursoras das ideias (*Ibid.*).

A intuição está em um relacionamento de compensação com a sensação, e, como ela, é a matriz pela qual pensamento e sentimento se desenvolvem como funções racionais. Embora a intuição seja uma função irracional, Jung acreditava que as intuições podem, em um momento posterior, serem reduzidas a seus elementos básicos. Em geral, isto ocorreria em harmonia com a racionalidade.

Qualquer pessoa cuja atitude geral é orientada pela intuição pertence ao tipo intuitivo.³⁹ Intuitivos podem ser introvertidos e extrovertidos e essa distinção tem relação a se a intuição está dirigida para dentro, para a visão interna, ou para fora, para a ação e para as conquistas. Nos casos patológicos, a intuição aparece fundida com os conteúdos do inconsciente coletivo, sendo determinada por eles. Por isso, o comportamento de um tipo intuitivo em um quadro patológico pode parecer extremamente irracional e além da compreensão.

³⁸ Segundo Jung, as crianças vivem em um estado menos consciente do que os adultos. Eles têm principalmente percepções, isto é, sensações e intuições. As sensações são percepções externas, e as intuições, internas. As apercepções são os pensamentos e sentimentos e estes surgem evolutivamente com a autoconsciência (*Ibid.*).

³⁹ O crédito por ter havido descoberto a existência do tipo intuitivo pertence à senhorita M. Moltzer. Informação extraída de Pilard (2015).

4.7 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma revisão integrativa de literatura tem o objetivo de revisar, criticar e sistematizar a literatura científica sobre determinado tema, integrando os resultados encontrados, de forma que novos modelos e/ou perspectivas teóricas possam ser gerados (Torraco, 2005). Isto significa que uma revisão integrativa é um ato criativo do pesquisador, uma vez que é preciso fazer uma análise minuciosa dos estudos selecionados, e encontrar as principais categorias de análise de modo a formular uma síntese, integrando os resultados obtidos de uma forma clara, objetiva, sistemática e inovadora.

Como a pergunta sobre o fenômeno de interesse tende a ser ampla, uma revisão integrativa pode fazer uso de uma revisão sistemática de literatura, mas além da síntese de evidências a partir de estudos empíricos que tal revisão realiza, o(a) autor(a) pode incluir artigos teóricos e outras fontes, tais como *papers* apresentados em conferências e definições apresentadas em livros clássicos sobre o tema. É possível ainda fazer uso da *grey literature* – aquela que não é revisada por pares, caso tal uso seja justificado pelo fato de que o estado da arte do fenômeno estudado ainda não tenha avançado ou se consolidado em uma tradição de pesquisa científica.

Segundo Torraco (2005), não há um formato padronizado para a revisão integrativa. Diferentes autores podem organizar o material de forma distinta. O que importa é que a revisão seja realizada de uma tal maneira, que quem a lê possa acompanhar a lógica por trás da sistematização, ser capaz de encontrar os estudos pesquisados e até mesmo de recriar os passos da revisão, em caso de interesse e necessidade de outros pesquisadores. Sendo assim, apesar do resultado de uma revisão integrativa ser um ato criativo do(a) pesquisador(a), por representar a maneira única de agrupar e analisar os dados extraídos dos estudos selecionados, a estrutura criada na revisão tem bases sistemáticas e científicas e é reproduzível.

A Revisão Integrativa de Literatura é o primeiro passo a ser realizado numa tese, pois com ele é possível verificar qual é o estado da arte do tema escolhido e as principais lacunas (*gaps*) constatadas nos estudos científicos. A revisão integrativa permite que o presente estudo possa oferecer uma contribuição inédita e original para

o avanço da ciência, ao ampliar o diálogo com membros da comunidade científica que compartilham o tema de investigação.

Em geral, uma revisão integrativa de literatura parte de uma pergunta, a ser respondida pela revisão em si. No caso deste artigo, a questão a ser investigada na presente Revisão Integrativa de Literatura está relacionada a meu tema de pesquisa de Doutorado em Gestão do Conhecimento: “Como se dá o fluxo entre intuição e conhecimento em interpretações de imagens simbólicas em leituras coletivas de oráculos?”

4.7.1 Fontes de informação

As principais fontes de informação foram as bases de dados *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. Após esta etapa foram buscadas publicações dos autores selecionados; as referências nos textos dos autores estudados foram lidas; e, em caso de relevância, houve a inclusão destas fontes. Esta técnica é conhecida como “*Snow Ball*”, bola de neve, por multiplicar as referências. Outra estratégia utilizada foi o contato com um dos autores, Victor Dörfler, por e-mail, para identificação de estudos adicionais. Dörfler enviou cinco publicações (Dörfler, 2022; Dörfler; Eden, 2011; Dörfler; Eden, 2014; Dörfler; Stierand, 2019).

Com relação à *grey literature*: foram lidos estudos sobre intuição publicados no website *Psychology Today* em 2023 e os mesmos indicadores utilizados nas bases de dados foram repetidos no *Google Scholar*, ou *Google Acadêmico*.

4.7.2 Descritores e critérios de inclusão e exclusão

Os principais descritores para a busca nas bases de dados *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo* foram: “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*tacit knowledge*”, no período de 2008 a 2023. Estes termos traduzidos para a língua portuguesa são: intuição, conhecimento e conhecimento tácito. Precisei incluir “*tacit knowledge*” por não conseguir resultados significativos com os termos “*intuition*” e “*knowledge*”.

A princípio, fiz várias buscas incluindo os termos “Jung”, “*Analytical Psychology*”, (Psicologia Analítica) “*oracle readings*” (leituras de oráculos), “*Tarot*” junto com os termos “*intuition*” AND “*knowledge*”, mas não obtive resultados. Estes

dados parecem indicar que estudos sobre a intuição em Tarot e oráculos de cartas sob a perspectiva junguiana ainda não foram realizados.

As bases de dados foram escolhidas pelo seu reconhecimento internacional e confiabilidade e por apresentarem estudos na temática escolhida. Os idiomas selecionados foram língua inglesa, espanhola e portuguesa. Foram incluídos artigos científicos, empíricos ou teóricos.

Os critérios de exclusão foram: Apresentações em conferências; artigos sobre intuição nas áreas de Filosofia, Neurociências, Ciências Físicas e Matemáticas, Engenharias, Computação, Química e Geociências e afins; artigos que não correspondem ao escopo da tese; artigos que tangenciam o tema em questão; publicações indisponíveis para análise; línguas além do inglês, português e espanhol; artigos com pesquisas com crianças, limitando o escopo dos estudos com adultos; artigos com trabalhos clínicos com sujeitos com transtornos psíquicos ou psicopatologias, limitando o escopo dos estudos com sujeitos saudáveis; artigos sobre “*situational awareness*”, por se tratar de um outro tema; artigos sobre tomada de decisão em equipes, limitando o escopo dos estudos à tomada de decisão individual; artigos sobre estilos cognitivos e sobre juízos morais, por constituírem um outro nível de análise.

4.7.3 Busca nas bases de dados

As bases de dados selecionadas foram *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. A primeira busca foi realizada em 2021 e finalizada em 2022. Em 2023, decidi atualizar a Revisão de Literatura, verificando se haveria novas publicações que seriam relevantes para a investigação. Os artigos de Bizarri *et al.* (2022) e Sviridova *et al.* (2022) foram incluídos. Na base *Scielo*, encontrei o estudo de Amaral e Souza, de 2011.

Em 2022, iniciei a busca com os descritores “*intuition*” AND “*knowledge*”, gerando 3.150 publicações na base de dados *Web of Science*. Incluí o descritor “*tacit knowledge*” para refinar a busca e o número de publicações caiu para 99. Filtrando por ano de publicação, de 2008 a 2022, o número caiu para 77. Refinando por área, restaram 37. Finalmente, fazendo uma filtragem por artigos, o número resultante foi 29. Deste total, 17 artigos foram selecionados para download e análise. Finalmente,

para me certificar de que não estava excluindo automaticamente algum estudo relevante, chequei os resumos das 99 publicações; por isso, os mantive na Tabela 1. O resultado foi o mesmo.

Já na base de dados *Scopus*, os descritores "*intuition*" AND "*knowledge*", geraram 5.037 publicações. Realizando o mesmo procedimento com a base de dados anterior, incluí o descritor "*tacit knowledge*" para refinar a busca e o número de publicações caiu para 145 documentos. Selecionei o período de 2008 a 2022 e o resultado foi 103 publicações.

```
TITLE-ABS-KEY ( "intuition" AND "knowledge" AND "tacit
knowledge" ) AND ( LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2022 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2021 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2020 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2019 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2018 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2017 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2016 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2015 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2014 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2013 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2012 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2011 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2010 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2009 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2008 ) )
```

Realizei uma filtragem adicional por área, totalizando 63 documentos:

```
TITLE-ABS-KEY ( "intuition" AND "knowledge" AND "tacit
knowledge" ) AND ( LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2022 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2021 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2020 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2019 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2018 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2017 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2016 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2015 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2014 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2013 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2012 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2011 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2010 ) OR LIMIT-
TO ( PUBYEAR , 2009 ) OR LIMIT-TO ( PUBYEAR , 2008 ) ) AND ( LIMIT-
TO ( SUBJAREA , "SOCJ" ) OR LIMIT-TO ( SUBJAREA , "BUSI" ) OR LIMIT-
TO ( SUBJAREA , "ARTS" ) OR LIMIT-TO ( SUBJAREA , "DECI" ) OR LIMIT-
TO ( SUBJAREA , "PSYC" ) OR LIMIT-TO ( SUBJAREA , "MULT" ) )
```


Filtrando apenas artigos científicos, restaram 48 publicações para a leitura dos resumos. Destes, 13 publicações foram selecionadas para download e análise, já excluindo os arquivos duplicados, que foram sete.

Na base de dados *Scielo*, com os descritores “*intuition*” AND “*knowledge*” resultaram 22 publicações. Todos os resumos foram lidos. Destas, apenas uma foi selecionada, de acordo com os critérios já mencionados (Marchisotti *et al.*, 2018).

Com os descritores “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*tacit knowledge*”, a busca gerou o artigo de Brisola e Cury, 2016. A Tabela 1 mostra a seleção dos artigos por base de dados.

Tabela 1 - Artigos selecionados por base de dados em 2022

Base de Dados	Número de Artigos
Total de artigos para seleção	169
Total de artigos para seleção por base de dados	
<i>Web of Science</i>	99
<i>Scopus</i>	48
<i>Scielo</i>	22
Rejeitados (<i>diminuição</i>)	138
Duplicados (<i>diminuição</i>)	07
Total de artigos selecionados	31
Total de artigos selecionados por base de dados	
<i>Web of Science</i>	16
<i>Scopus</i>	13
<i>Scielo</i>	02
Total de artigos para análise	31

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho em 2022 e revisados em 2023

4.7.3.1 Busca adicional com novos descritores

Utilizando as mesmas bases de dados, realizei uma busca com os descritores “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*intuitive knowledge*”, gerando 38 publicações. Ao ler os 38 resumos, constatei que a maior parte dos trabalhos que utilizam o termo “*intuitive knowledge*” provêm da área da Filosofia, portanto, fora de escopo. Selecionei três publicações que tangenciam o tema para leitura adicional, com o intuito de verificar se poderiam fornecer material complementar sobre a intuição como conhecimento. Após a leitura, não foram consideradas na Revisão de Literatura. Estes foram um estudo sobre psicologia da música (Pohjannoro, 2022), uma pesquisa envolvendo um grupo

focal com especialistas em um hospital (van Den Brick *et al.*, 2019), e um artigo teórico revisitando a célebre teoria da intuição de Poincaré (Mcdougall, 2010).

Nesta busca, o artigo de Radin (2008) apresentando uma investigação empírica sobre a intuição medida como um sistema quântico foi incluído na lista de artigos para análise.

Antes da Qualificação, procurei também incluir na busca os dois referenciais teóricos da tese, a Edusemiótica de Semetsky e a Psicologia Analítica de Jung. Os descritores “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*edusemiotics*” resultaram em zero artigos. Com a busca utilizando os descritores “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*Jung*” obtive 15 publicações. Todos os resumos foram lidos. Quatorze artigos foram excluídos, por não estarem relacionados à pergunta de pesquisa da revisão de literatura. O estudo de Müller (2021) foi incluído. Tem como tema “educação e intuição inspiracional”.

Estas buscas adicionais resultaram na inclusão de dois artigos, Radin (2008) e Müller (2021).

4.7.3.2 Busca adicional via *Google Scholar*

Dez estudos foram encontrados em buscas não sistemáticas via *Google Scholar* ou *Google Acadêmico* e foram incluídos para leitura por serem semelhantes a alguns artigos selecionados.

Em ordem alfabética: Abubakar (2019); Betsch (2011); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Frankish; Evans (2012); Goddard (2009); Hodgkinson; Langan-Fox; Sadler-Smith (2008); Hogarth (2010) e Pétervári; Osman; Bhattacharya (2016). Dentre estes, Frankish; Evans (2012) e Pétervari *et al.* (2016) foram excluídos. O primeiro por apresentar uma perspectiva histórica e o segundo, por ser um estudo voltado à criatividade.

Esta busca adicional possibilitou a inclusão de oito artigos, mostrada na Tabela 2.

Tabela 2 - Artigos selecionados após buscas adicionais em 2022

Base de Dados	Número de Artigos
Total de artigos selecionados em 2022	31
Artigos incluídos em buscas com outros descritores	02
Artigos incluídos - Google Acadêmico	08
Total de artigos para análise	41

Fonte: Dados elaborados pela autora em 2022 e revisados em 2023

4.7.4 Artigos incluídos em 2023

Refazendo as buscas realizadas em 2022, em 2023 foram incluídos os seguintes artigos:

Bizarri *et al.* (2022) e Sviridova *et al.* (2022), das bases de dados *Scopus* e *Web of Science*; e Amaral e Souza (2011), via *Scielo*. A Tabela 3 apresenta o total de artigos incluídos e o total de artigos para análise.

Tabela 3 - Total de artigos incluídos considerando as buscas em 2023

Base de Dados	Número de Artigos
Total de artigos incluídos 2022	41
Total de artigos incluídos 2023	03
Total de artigos para análise	44

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

Lista das 44 publicações científicas (autor(es), ano) incluídas na Revisão Integrativa de Literatura Científica por ordem alfabética:

1. Abubakar *et al.* (2019); 2. Amaral; Sousa (2011); 3. Betsch (2011); 4. Bizzarri *et al.* (2022); 5. Brisola; Cury (2016); 6. Brock (2015); 7. Chan (2020); 8. Çizgen; Ulusu Uraz (2019); 9. Dörfler; Ackermann (2012); 10. Epstein (2010); 11. Eskinazi; Giannopulu (2021); 12. Evans (2010); 13. Ferhani (2022); 14. Hallo; Nguyen (2022); 15. Hanna *et al.* (2020); 16. Harteis; Billet (2013); 17. Harteis *et al.* (2011); 18. Hodgkinson *et al.* (2008); 19. Hogarth (2010); 20. Hurteau *et al.* (2020); 21. Isenman (2009); 22. Kilakos (2018); 23. Kinchin *et al.* (2008); 24. Klein (2015); 25. Lucena; Popadiuk (2020); 26. Marchisotti *et al.* (2018); 27. Müller (2021); 28. Proença; de Oliveira (2009); 29. Radin; Borges (2009); 30. Radin (2008); 31. Raelison *et al.* (2020);

32. Reihlen; Ringberg (2013); 33. Salas *et al.* (2009); 34. Sasseti *et al.* (2021); 35. Sicora *et al.* (2021); 36. Stigliani; Ravasi (2018); 37. Sviridova *et al.* (2022); 38. Taylor *et al.* (2017); 39. Topolinski (2011); 40. Valle (2017); 41. van Kampen (2019); 42. von Diest *et al.* (2020); 43. Wood; Reynolds (2013) e 44. Zhang *et al.* (2016).

É importante destacar que os 44 estudos sobre intuição e conhecimento selecionados nesta busca da literatura científica constituem um conjunto aparentemente heterogêneo. Foi preciso um esforço para identificar os principais padrões e tendências de investigação. À primeira vista, existem várias definições de intuição e *insight*, e algumas vezes, os autores parecem estar falando de intuição e conhecimento tácito como se fossem sinônimos.

É possível que a diversidade de linguagem possa estar atribuída às diferenças de áreas de investigação. Encontrei artigos que se propunham a transformar conhecimento tácito em explícito em prol da educação no Design e na Medicina. As áreas de Serviço Social, Cuidados na Saúde e Segurança na Saúde também trataram de conhecimento tácito e tomadas de decisão. Optei por manter estudos de áreas diferentes devido aos critérios de inclusão já mencionados.

Nesta aparente Torre de Babel, o primeiro passo para obter clareza teórica e organização metodológica foi construir um quadro com as definições encontradas para a intuição. Esta estrutura inicial serviu de base para elaborar o Quadro 7, que apresenta as 14 principais categorias que definem intuição e relacionam os fenômenos intuição, *insight* e conhecimento tácito. Logo, para responder à questão de pesquisa, elaborei um quadro (Quadro 5) com todas as definições encontradas e ao compará-las, estabeleci as principais categorias presentes nos estudos. O motivo pelo qual não publiquei aqui este resultado inicial com as definições de cada autor, é que dentre os 44 estudos, mais de uma foram oferecidas. Isto significa que o resultado ficou muito extenso, englobando múltiplas páginas. Pareceu-me uma solução mais simples e elegante encontrar as características recorrentes sobre intuição como fundamento para a análise e discussão.⁴⁰

⁴⁰ O Apêndice C apresenta dados complementares sobre a sistematização da Revisão Integrativa de Literatura Científica. O Apêndice D exibe o protocolo desta Revisão Integrativa de Literatura, como uma forma alternativa de sistematização dos dados.

4.8 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA: REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme mencionado na justificativa para esta pesquisa, antes de ter realizado a Revisão Integrativa de Literatura, a análise dos 44 estudos científicos corroborou o fato de que a fundamentação teórica sobre intuição é heterogênea e confusa. Nesta seleção há autores que nem mesmo conceituam intuição em seus estudos, ainda que este esteja no título de sua obra. Mesmo entre as publicações que apresentam uma sessão teórica sobre intuição, são poucas as que definem o fenômeno.

É um consenso entre os autores que no passado, processos intuitivos eram considerados vagos e difíceis de sistematizar e, só recentemente, um pouco mais de duas décadas, têm recebido atenção científica. Dörfler e Ackermann (2012, p.555) mencionam que a intuição transcende o uso de métodos intelectuais e os termos usados para explicá-la são “‘sentimento’, ‘julgamento’, ‘sensação’, ‘proporção’, ‘equilíbrio’ e ‘adequação’.”⁴¹ A diversidade de terminologia a respeito da intuição continua sendo recorrente e esta pode ser considerada uma das dificuldades na pesquisa sobre processos intuitivos, uma vez que a ciência necessita de construtos rigorosamente definidos.

Dentre os autores mais citados para definir intuição estão Hodgkinson *et al.* (2008) e Dane e Plat (2007). Os últimos definem intuição como “*‘julgamentos afetivamente carregados que surgem por meio de associações rápidas, inconscientes e holísticas’*”. A definição de Hodgkinson *et al.* (2008) diz respeito “*ao fornecimento de uma conclusão a que se chegou sem uma análise formal*”, isto é, “*saber sem saber como se sabe (‘knowing without knowing how you know’), ou saber por dentro (‘knowing from within’)*” (Von Diest, 2020, p.279).

Hodgkinson *et al.* (2009, p. 279) propõe que o crescimento do interesse em intuição nas duas últimas décadas pode estar relacionado ao “*reconhecimento de que o raciocínio consciente deliberativo não é a única maneira de chegar a um conhecimento válido*”. De fato, alguns autores consideram a intuição como superior à racionalidade, modificando a visão predominante de que processos racionais são mais

⁴¹ A maior parte dos artigos selecionados está em inglês. As traduções trazidas como citações foram realizadas pelo Google Tradutor e revisadas por mim.

confiáveis do que os intuitivos. Tanto em Hanna *et al.* (2020), quanto em Hallo e Nguyen (2022, p.4, p.230), a intuição é considerada um processo superior à análise na tomada de decisões: “A intuição frequentemente evidencia a si mesma como a melhor conselheira na tomada de decisões do que os argumentos racionais ou as análises prolongadas.”

A partir deste renovado interesse na intuição como objeto de pesquisas, este fenômeno tem recebido atenção predominantemente em duas áreas, a tomada de decisões e a solução criativa de problemas (Dörfler; Ackermann, 2012). Entretanto, estes autores denunciam que o papel da intuição na criatividade não tem sido suficientemente pesquisado, talvez porque a intuição tem sido tratada na literatura científica predominantemente como um julgamento e, por isso, foi mais investigada na área de tomada de decisões (*Ibid.*).

Atualmente, a intuição vem sendo investigada em ao menos três perspectivas diferentes. Klein (2015) menciona que existem três comunidades de pesquisadores sobre a intuição: a FFH (*Fast and Frugal Heuristics*, traduzida como Heurísticas Rápidas e Frugais); a NDM (*Naturalistic Decision-Making*,⁴² Tomada de Decisão Naturalística) e a H&B (*Heuristics e Biases*, Heurísticas e Vieses).

A FFH vê a intuição tendo heurísticas como base numa ótica positiva. As decisões intuitivas são consideradas quase tão boas quanto aquelas que fazem uso de algoritmos em laboratório. A comunidade FFH vê heurísticas como uma base para a intuição, e ambas sob uma luz positiva.

Gigerenzer que acabou de publicar um livro sobre a intuição em 2023, é uma das maiores expressões desta abordagem. Gigerenzer (2023) menciona que a intuição na literatura científica tem sido considerada fonte de vieses, isto é, tende a ser abordada negativamente com relação à análise e à racionalidade na tomada de decisões. Entretanto, ele traz dois contra-argumentos com relação a esta questão: o primeiro é que parece ter havido vieses na realização dos experimentos, em favor da racionalidade; segundo, em pesquisas realizadas com gestores e CEOs de empresas nos EUA, embora a intuição seja levada em consideração na tomada de decisões

⁴² Uma diferenciação que surgiu na literatura científica foi entre “*decision taking*” (tomar decisões) and “*decision making*” (fazer decisões). Na língua portuguesa, não temos essa diferença, não fazemos decisões, tomamos decisões. A maior parte dos artigos faz uso do segundo termo; isto é, a tendência das pesquisas está em “*decision making*”.

importantes, há uma tendência a não ser mencionada nos relatórios oficiais. Este é considerado um enorme problema, pois gera custos para as empresas.

Já a H&B percebe a decisão intuitiva baseada em heurísticas sob uma luz negativa, e procura investigar os vieses que as pessoas fazem quando tomam decisões intuitivamente. Kahneman (2011) é um representante desta abordagem.

Em contraste, a NDM concebe a intuição como o reconhecimento de padrões que são estabelecidos através da experiência. A intuição é definida como “*uma expressão de experiência à medida que as pessoas constroem padrões que lhes permitem avaliar rapidamente as situações e tomar decisões rápidas sem ter que comparar opções*”⁴³ (Klein, 2015, p.164).

Klein é adepto da NDM, que estuda a intuição em situações reais. Em seu estudo de 2015, procurou incluir cinco sugestões que beneficiassem as outras duas comunidades. Elas ilustram como a abordagem de Tomada de Decisão Naturalística “*pode tentar construir conhecimento tácito*” (p.167). Esses aspectos do conhecimento tácito “*são, por definição, tácitos – difíceis de articular e muitas vezes indisponíveis para a consciência*” (p.166). A forma de explicar a construção de conhecimento tácito ocorre a partir de modelos mentais. Estes são constituídos por crenças que as pessoas possuem sobre relações de causa e efeito e são usados para compreender situações e antecipar o que pode acontecer no futuro. A pessoa pesquisada pode ser solicitada a fazer um mapa conceitual.

Ainda com relação aos tipos de estudos sobre intuição, Hodgkinson *et al.* (2008) afirmam que a intuição tem sido estudada a partir de teorias cognitivas com base em dois processos ou sistemas, um mais rápido e outro mais lento. Kahneman (2011) propõe que nosso pensamento tem como base dois diferentes modos de funcionamento, um mais rápido, chamado Sistema 1, relacionado ao funcionamento automático, operando sem esforço ou controle; e outro mais lento, denominado Sistema 2, permitindo elaborações mais sofisticadas que demandam foco, concentração e esforço.

Atribui a cientistas sociais na década de 70, a ideia amplamente aceita de que os seres humanos têm dois sistemas, um racional e outro emocional, sendo que estes

⁴³ Também em Klein (1998) e Klein *et al.* (2010).

se contrapõem. Assim, ao se basear em emoções, as pessoas não usariam sua racionalidade. Kahneman (2011) procura fazer uma crítica indireta a esta noção, utilizando a abordagem H&B. Este autor estuda os erros sistemáticos que as pessoas fazem quando estão tomando decisões. Menciona que possivelmente existe um “sexto sentido” intuitivo relacionado à percepção de perigo e que a intuição de especialistas (*expert intuition*) parece mágica, mas é só uma falsa impressão. Estima que a intuição esteja diretamente relacionada ao reconhecimento de padrões e, por isso, atribui à experiência o motivo pelo qual decisões intuitivas são acertadas.

Dörfler e Ackermann (2012) apontam que as raízes das teorias de dois sistemas podem ser traçadas na filosofia ocidental em Sócrates, Platão e Aristóteles. Recomendam a consulta à revisão das variantes das teorias de processamento dual que foi elaborada por Evans (2008). Hogarth (2010, p.338) afirma que:

Muitos pesquisadores também postularam teorias do chamado processo duplo (...) que distinguem entre o que pode ser aproximadamente chamado de processos de tomada de decisão “intuitivos” e “analíticos”, embora estes ocorram sob nomes diferentes, por exemplo, “Sistema 1” e “Sistema 2” (...), “experimental” e “racional” (...), ou “tácito” e “deliberado” (...).

A dualidade entre processos intuitivos e não intuitivos é largamente reconhecida na literatura científica (Dörfler; Ackermann, 2012). Entretanto, percebi uma nova tendência com relação a considerar intuição e racionalidade como processos de natureza complementar, que será apresentada como uma das categorias de análise, no item 4.6.5.9.

Dörfler e Ackermann (2012) são explícitos em conceber a intuição como uma forma de conhecimento que ocorre em altos níveis de *expertise*, isto é, a intuição é compreendida como “*expert intuition*”, a intuição de especialistas, ou intuição especializada. No entanto, fazem uma ressalva: a intuição é um fenômeno mais amplo do que o conhecimento intuitivo; este é apenas o recorte que fazem para as suas investigações. A intuição teria quatro níveis, de acordo com Clark (1973).

Clark⁴⁴, por sua vez, atribui a Robert Gerard a distinção de quatro níveis de consciência intuitiva (*intuitive awareness*): o físico, o emocional, o mental e o espiritual. Dörfler e Ackermann (2012) apontam que os estudos científicos tendem a investigar

⁴⁴ Ver também Vaughan (1979). Clark (1973) e Vaughan (1979) são a mesma pessoa. Possivelmente a autora se divorciou e trocou de sobrenome.

o nível mental, deixando três dimensões da consciência intuitiva que não estão sendo abordadas pelos autores: física, emocional e espiritual.

Segundo Clark (1973), o nível físico corresponde às sensações físicas que podem estar atreladas à intuição tais como arrepios, formigamentos, calor ou frio em certas partes do corpo, sensação de leveza ou peso, tremores, apertos, tensões. Por outro lado, a consciência intuitiva de um sentimento é uma função avaliativa que se traduz em uma resposta de atração ou repulsão com relação a alguém ou alguma coisa, sem uma explicação racional. A autora utiliza as quatro funções psicológicas de Jung em seu referencial teórico sobre intuição.

No nível mental, a intuição opera como um fator irracional na solução de problemas, como quando a solução é alcançada repentinamente por um salto de imaginação, e não como resultado de raciocínio dedutivo. A intuição em um nível espiritual permite que a pessoa se sintonize com o núcleo interior do ser de outra pessoa, transcendendo aspectos externos da personalidade. Este nível de intuição pode ser cultivado por uma atitude de aceitação amorosa, uma suspensão de julgamento e pela compreensão não analítica e empática (Vaughan, 1979, p.161).

Já a intuição em nível espiritual pressupõe a dissolução das fronteiras entre eu e o outro, compreendendo a unidade subjacente a todos os seres, a partir de uma profunda empatia e contato com estados de amor. Clark (1973) é uma estudiosa da psicologia transpessoal e inclui Jung em seu referencial teórico. Nesta passagem, comenta sobre a relação entre as quatro funções psicológicas de Jung e as quatro dimensões da intuição, ou consciência intuitiva:

É evidente que a função da intuição corresponde ao nível espiritual do desenvolvimento humano da mesma forma que o pensamento corresponde para o nível mental, sentimento para o nível emocional e sensação ao nível físico. No entanto, estas funções obviamente não funcionam independentemente umas das outras e a harmonia e a integração destas quatro funções continuam a ser essenciais para o desenvolvimento de um organismo humano saudável e em plenamente funcional. Ao diferenciar essas funções, no entanto, podemos começar a distinguir padrões de desenvolvimento intrapessoal. É claro que a ênfase excessiva no pensamento tende a interferir com o desenvolvimento da intuição, e em nossa cultura a intuição tem sido uma das funções menos apreciadas, e portanto reprimidas” (Vaughan, 1979, p.164).

Jung (2012, 2015) denuncia a forma como a sociedade ocidental tem gerado um desequilíbrio entre a diferenciação das quatro funções psicológicas, reprimindo a intuição e sobrevalorizando o pensamento.

Neste trabalho, escolhi usar o referencial teórico de Dörfler e Ackermann (2012) para contribuir com o *framework* conceitual elaborado por mim, pelos seguintes motivos: os autores são minoria em mencionar a intuição tanto como um processo

cognitivo, quanto como uma forma de conhecimento e procuram estudá-la “*conforme é usada*” (p.559), permitindo estudos empíricos. Além disso, constituem uma das exceções na literatura pesquisada ao procurar explicitar como a intuição faz uso do conhecimento tácito.

Os autores constataram em pesquisas anteriores, que a intuição corresponde ao tipo de conhecimento envolvido em “*saber como*” e “*saber o que*”. Sistematizaram **seis características** do conhecimento intuitivo:

A intuição é **rápida** (muitas vezes rotulada como instantânea), **espontânea** (não requer esforço e não pode ser deliberadamente controlada) e **alógica** (o que significa que não necessariamente contradiz as regras da lógica, mas também não as segue). O resultado do processo intuitivo é **tácito** (no sentido de que os intuitivos não podem dar conta de como chegaram aos resultados), **holístico** (também frequentemente chamada de *gestalt*, pois se preocupa com a totalidade de uma situação e não com partes dela), e o intuitivo se sente **confiante** em sua intuição (sem razão aparente em termos de evidência) (Dörfler; Ackermann, 2012, p.547).

Esta categorização parece não contrariar os resultados da literatura com relação à intuição como julgamento intuitivo; nem parece contradizer a distinção entre *insight* e intuição apresentadas por Dane e Pratt (2007) e por Hodgkinson *et al.* (2008).

Dentre as seis categorias de Dörfler e Ackermann (2012), as que mais apareceram na presente Revisão Integrativa de Literatura foram a “*rapidez*”, na categoria “*acontece subitamente*”, apresentada no item 4.9.7, e a “intuição relacionada ao conhecimento tácito”, no item 4.9.2. A “*espontaneidade*” aparece apenas nos autores que utilizam os dois sistemas de processamento cognitivo. Afirmar que a intuição é alógica está na categoria “*diferente de processos analíticos e racionais*”, no item 4.9.8.

A intuição como um “*fenômeno holístico*” está no item 4.9.12, mas não é uma característica citada pela maioria dos autores pesquisados. Já a sensação de “*confiança*”, também citada por Jung, está implícita na categoria “sentimento relacionado a melhores decisões”, no item 4.9.6.

Uma distinção relevante é entre “julgamento intuitivo” e “*insight* intuitivo”, assim como “julgamento não-intuitivo” e “*insight* não intuitivo” (Dörfler; Ackermann, 2012). Julgamento intuitivo é a escolha intuitiva que é selecionada na tomada de decisão. Julgamento não intuitivo é o processo lógico e analítico que leva a uma tomada de decisão. Logo, o primeiro é um julgamento com base na intuição e o segundo, na racionalidade.

Insight não intuitivo é aquele que uma pessoa tem quando está tentando descobrir de maneira lógica e racional, a solução para um problema bem-estruturado. Ela segue passos de forma lógica. E *insight* intuitivo é a intuição que é capaz de produzir conhecimento novo.

Naturalmente, o processo criativo pode envolver julgamentos intuitivos, por exemplo, julgar qual caminho seguir no curso de uma pesquisa. No entanto, argumentamos que há uma intuição que não é o julgamento, que na verdade produz o *novum* (conhecimento novo). É o que chamamos de insight intuitivo (Dörfler; Ackermann, 2012, p. 556).

Um dos autores apresentados nas revisões de literatura dos autores pesquisados foi Polanyi (1966). Ele faz uma distinção entre tomada de consciência focal e subsidiária. Esta, por sua vez, é similar à relação figura e fundo dos Gestalt- psicólogos. O autor exemplifica que quando estamos martelando um prego, a atenção focal está em enterrá-lo na superfície e a atenção subsidiária pode estar em qualquer outra coisa, como o peso do martelo, a sensação na palma da mão etc. Dörfler e Ackermann (2012) vão além da conceituação de Polanyi para englobar a ideia de conhecimento focal e subsidiário, tendo como base Baracscai (1997).

No conhecimento focal, a atenção é dirigida a uma coisa só por vez, isto é, a atenção focal se direciona a uma entidade como um todo, enquanto, a atenção subsidiária se volta a múltiplos particulares. “*Conhecimento é considerado um conteúdo mental. O ato de conhecer é um processo que utiliza o conhecimento, tal como quando aprendemos, pensamos ou aplicamos conhecimento*” (Dörfler; Ackermann, 2012, p.551).

Gerar diferentes alternativas pode implicar em criatividade e, conseqüentemente, *insight* intuitivo. Por outro lado, um processo criativo geralmente envolve julgamentos intuitivos, tais como escolher uma direção, seja numa pintura, ou numa pesquisa. Dörfler e Ackermann (2012) consideram que o *insight* intuitivo tem papel predominante na criatividade, enquanto o julgamento intuitivo prepondera na tomada de decisão (*decision taking*).

Na tomada de decisões, bem como na criatividade, também podemos encontrar julgamento intuitivo e percepção intuitiva. Esta é a razão pela qual é tão problemático reconhecer o julgamento intuitivo e o insight intuitivo como dois tipos distintos de intuição; eles raramente podem ser alcançados em uma forma pura (...). Um processo de decisão intuitivo pode envolver não apenas julgamentos intuitivos, mas também insights intuitivos (Dörfler e Ackermann, 2012, p. 558).

Dörfler e Ackermann (2012) usam a distinção de Polanyi's quanto à tomada de consciência (*awareness*) focal e subsidiária. E a teoria junguiana é considerada um modelo suplementar positivo com relação à compreensão da intuição. Os ingredientes e constituintes de Jung correspondem aos particulares de Polanyi. Com base na obra "Tipos Psicológicos" na sua edição inglesa de 1921, §772, os autores (2012, p. 553) afirmam que: "*Jung parte do produto final da intuição, tentando encontrar seus ingredientes, e ele descobre que a intuição geralmente pode ser decomposta em seus constituintes e, ao fazê-lo, o intuitivo pode chegar a uma explicação lógica do resultado intuitivo*".

Dörfler e Ackermann (2012, p.553) mencionam Polanyi (1961) neste trecho:

Esperamos que a intuição subsidiária seja lógica e possa ser colocada em palavras (como poderia ser ensinado em sala de aula) e que a intuição subsidiária seja tácita e alógica (já que não podemos identificar os detalhes). É claro que poderíamos prestar atenção aos particulares, só que então provavelmente perderíamos a visão de toda a entidade e nos concentraríamos em um aspecto particular; no entanto, se nos concentrarmos na entidade como um todo, os detalhes ficam submersos no todo.

Esta passagem diz respeito à percepção figura-fundo, utilizada neste trabalho como referencial teórico para responder à principal questão de pesquisa. No caso, quando estamos percebendo a figura, estamos percebendo alguma coisa em sua totalidade; para ilustrar, se minha atenção está na percepção da rosa como um todo, esta se torna uma figura. Se me ateno a um particular, como a forma da folha, ou a presença de espinhos, a percepção muda, e o que está sendo percebido se torna novamente figura. A diferença é que o que era antes um particular difuso no fundo, se torna o objeto focal de percepção, o percepto. Esta fundamentação teórica serviu como base para o Quadro 15.

Concluindo, um dos limites expostos pelos autores selecionados foi o de que nos estudos sobre intuição pode haver tipologias existentes, mas não expostas, ou tipologias divergentes com terminologias semelhantes, ou ainda tipologias semelhantes com terminologias diferentes. A questão de aumentar a clareza com relação aos termos técnicos e aos tipos de intuição é de extrema importância nessa área.

Além disso, a maior parte dos autores admite que está faltando suporte empírico às pesquisas sobre intuição, conhecimento e conhecimento tácito, o que posiciona a presente investigação como respondendo à uma relevante lacuna na literatura científica.

4.9 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA

A análise e codificação dos 44 estudos selecionados resultou em 14 categorias, correspondendo às características da intuição mais citadas pelos autores. Estas categorias estão apresentadas sinteticamente na Tabela 4, a seguir, e em detalhes no Quadro 7, na próxima página.

Tabela 4 - Categorias e quantidade de recorrências nos artigos científicos selecionados

Total de autores selecionados	44
Relação com o conhecimento tácito	38
Processo inconsciente	36
Expressão da experiência	32
Julgamento ou tomada de decisões	31
Sentimento relacionado a melhores decisões	29
Acontece subitamente	29
Diferente de processos analíticos e racionais	28
Fenômeno complexo	25
Reconhecimento de padrões	22
Processo cognitivo	19
Fenômeno holístico	19
Complementar a processos analíticos e racionais	18
Há distinção entre <i>insight</i> e intuição	13
Não há distinção entre <i>insight</i> e intuição	12

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

Quadro 7 - Categorias a partir da relação de autores e definições de intuição

RELAÇÃO DE AUTORES E DEFINIÇÕES DE INTUIÇÃO	RELAÇÃO COMO O CONHECIMENTO TÁCTO	PROCESSO INCONSCIENTE	EXPRESSION DA EXPERIÊNCIA	JUGAMENTO OU TOMADA DE DECISÃO	SENTIMENTO RELACIONADO A MELHORES DECISÕES	ACONTECE SUBITAMENTE	DIFERENTE DE PROCESSOS ANALÍTICOS E RACIONAIS	FENÓMENO COMPLEXO	RECONHECIMENTO DE PADRÕES	PROCESSO COGNITIVO	FENÓMENO HOLÍSTICO	COMPLEMENTAR A PROCESSOS ANALÍTICOS E RACIONAIS	HÁ DISTINÇÃO ENTRE INSIGHT E INTUIÇÃO	NÃO HÁ DISTINÇÃO ENTRE INSIGHT E INTUIÇÃO
AUTOR (ANO) / DEFINIÇÕES														
1. Abubakar et al. (2019)	●	●	●	●	●	●	●	○	●	○	●	○	○	●
2. Amaral; Sousa (2011)	●	●	●	○	○	○	●	○	○	○	○	○	○	○
3. Betsch (2011)	○	○	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○
4. Bizzarri et al. (2022)	●	○	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○
5. Brisola; Cury (2016)	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	●	○
6. Brock (2015)	●	●	○	○	●	●	○	○	●	○	○	○	●	○
7. Chan (2020)	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
8. Çizgen; Uлуу Uraz (2019)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	●
9. Dörfler; Ackermann (2012)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○
10. Epstein (2010)	○	●	●	○	○	●	●	●	●	●	●	●	○	○
11. Eskinazi; Giannopulu (2021)	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	●	○
12. Evans (2010)	○	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	●
13. Ferhani (2022)	●	●	●	●	●	○	○	○	●	○	○	○	○	○
14. Hallo; Nguyen (2022)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	●
15. Hanna et al. (2020)	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
16. Harteis; Billet (2013)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○
17. Harteis et al. (2011)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○
18. Hodgkinson et al. (2008)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○
19. Hogarth (2010)	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○
20. Hurteau et al. (2020)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○
21. Isenman (2009)	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
22. Kilakos (2018)	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
23. Kinchin et al. (2008)	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
24. Klein (2015)	●	●	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○
25. Lucena; Popadiuk (2020)	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
26. Marchisotti et al. (2018)	○	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
27. Müller (2021)	●	●	○	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
28. Proença; de Oliveira (2009)	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
29. Radin; Borges (2009)	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
30. Radin (2008)	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
31. Raelison et al. (2020)	○	○	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
32. Reihlen; Ringberg (2013)	●	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
33. Salas et al. (2009)	○	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
34. Sassetti et al. (2021)	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
35. Sicora et al. (2021)	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
36. Stigliani; Ravasi (2018)	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
37. Sviridova et al. (2022)	●	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
38. Taylor et al. (2017)	●	○	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
39. Topolinski (2011)	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
40. Valle (2017)	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
41. Van Kampen (2019)	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
42. von Diest et al. (2020)	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○
43. Wood; Reynolds (2013)	●	○	●	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
44. Zhang et al. (2016)	●	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
TOTAL DE AUTORES	38	36	32	31	29	29	28	25	22	19	19	18	13	12

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

4.9.1 A definição de intuição a partir das categorias de análise

Levando em consideração as categorias recorrentes na literatura científica, como características da intuição, teríamos a seguinte definição, aparentemente consensual: Intuição é um fenômeno complexo, que tem como base o conhecimento tácito e ocorre a partir de processos em parte inconscientes. Os processos intuitivos têm uma natureza diferente dos processos analíticos e racionais. A intuição acontece subitamente como um julgamento intuitivo em que há uma tomada de decisão e um sentimento de que a decisão intuitiva é a melhor. Ela se desenvolve com o tempo e tem como base a experiência vivida. Por isso, tem relação direta com a memória de longo prazo.

É possível que o reconhecimento de padrões seja uma das características da intuição, uma vez que metade dos autores estudados a menciona.

Em minha análise, é importante considerar a intuição como um processo cognitivo, uma vez que ela ocorre cognitivamente, estando ligada à memória de longo prazo. Além disso, como é diferente dos processos racionais e lógicos, a intuição possivelmente tem uma natureza holística, em que há uma compreensão de um todo como uma configuração maior do que a soma de suas partes – conforme a Gestalt-Psicologia (Schultz; Schultz, 2015). Este dado pode significar que uma das características da intuição é que ela é imagética; isto é, ocorreria através de uma imagem sem associação imediata com palavras. Por isso, o conhecimento tácito que serve de base para a intuição não seria facilmente recuperado como linguagem. Esta hipótese carece de confirmação em estudos futuros.

4.9.2 A intuição e sua “relação com o conhecimento tácito”

A categoria com maior número de recorrências foi a “relação com o conhecimento tácito”, o que não é surpreendente, uma vez que “conhecimento tácito” está no *string* de busca nas bases de dados. Dentre os 44 pesquisadores, 38 afirmam que o conhecimento tácito forma a base para a intuição; entretanto, foram poucos os que buscaram explicitar como isto ocorre em seus estudos. Os 38 autores são: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Sousa (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brisola; Cury (2016); Brock (2015); Chan (2020); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann

(2012); Eskinazi; Giannopulu (2021); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Kilakos (2018); Kinchin *et al.* (2008); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Reihlen; Ringberg (2013); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Sviridova *et al.* (2022); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); Valle (2017); van Kampen (2019); von Diest *et al.* (2020); Wood; Reynolds (2013) e Zhang *et al.* (2016). As categorias “conhecimento tácito” e “processo inconsciente” estão relacionadas no que diz respeito à dificuldade de explicitação do conhecimento intuitivo, devido à sua natureza subliminar à consciência.

Todos estes autores mencionam que a intuição é baseada em conhecimento tácito, que é o conhecimento que adquirimos através da experiência e que não é facilmente expresso ou comunicado. Este conhecimento tácito parece formar a base para a intuição.

Em Brisola e Cury (2016, p.99), a intuição é concebida como “*uma ponte entre o conhecimento explícito e o implícito*”.⁴⁵ Aqui, o conhecimento tácito está sendo usado como sinônimo de implícito e a intuição é o que possibilita que o conhecimento implícito se torne explícito. O conhecimento tácito é definido como o conhecimento que sabemos que temos, mas não sabemos como o obtemos. Tem como base Polanyi (1966).

Van Kampen (2019) descreve a intuição como um processo subliminar e, portanto, inconsciente, ligado ao conhecimento tácito e à experiência. A autora não define intuição ou conhecimento tácito. Escreve em prol de que o ensino de design favoreça a transformação do conhecimento tácito e intuitivo em explícito, proporcionando uma melhor integração entre teoria e prática. Da mesma forma que van Kampen (2019) e Chan, (2020), não define intuição, nem conhecimento tácito, apesar de incluir referência a ambos em seu estudo. A intuição não é trazida com clareza, mas faz parte do processo de design na área de arquitetura. A proposta é que os estudantes de arquitetura recebam uma educação que leve em conta intuição e processo em seus projetos experimentais de design, sejam aqueles realizados

⁴⁵ As traduções desta seção foram realizadas automaticamente via *Google Tradutor* ou *Microsoft Word* tradutor e revisadas pela autora deste trabalho.

manualmente, ou que recebem apoio digital. O autor sugere, por um lado, que a abordagem não computacional do design encoraje os estudantes para criarem designs em “*um meio mais intuitivo*” (p.171). Por outro lado, que a abertura a novas metodologias de design “permitam uma maior aproximação intuitiva com relação ao design computacional” (*Ibid.*).

Minha principal crítica a esta publicação é que carece de melhor enquadramento conceitual do que é intuição e sua relação com o conhecimento tácito.

Ferhani (2022, p.14) descreve a intuição como:

O produto direto do conhecimento tácito somático e pode ser tomada como impulsos sobre julgamentos ou decisões: padrões que foram construídos ao longo do tempo e levam a dar sentido a uma dada situação e decidir que curso de ação tomar, instintivamente, sem raciocínio consciente e deliberado.

O mesmo autor (2022, p.9) cita Polanyi (1966) para explicar que a dimensão tácita é chamada de conhecimento pré-lógico e não é composta simplesmente pelo conhecimento tácito somático - embora este seja central - mas também inclui “*sentimentos, imaginações, adivinhações com base em informações e palpites – ‘paixões’ – os quais podem informar a descoberta científica*”. Apesar de abstrata e subjetiva, o autor menciona que pesquisas neurológicas e biológicas apoiam “*a dimensão tácita e a ideia de que o conhecimento é um processo incorporado e que toda a nossa atenção consciente depende de toda uma gama de processos inconscientes e tácitos*” (*Ibid.*).

Logo, a intuição é um produto direto do conhecimento tácito. A tomada de decisão promovida pela intuição é considerada instintiva e impulsiva; isto é, sem consciência, ou raciocínio deliberado. Os julgamentos ou decisões são realizados através de reconhecimento de padrões, que foram elaborados pela ação do tempo e da experiência. O autor não traz uma definição de *insight*, nem menciona a intuição como um processo cognitivo ou processo complexo. Também não propõe que a intuição seja um fenômeno holístico e não apresenta diretamente a intuição como um fenômeno diferente ou complementar à racionalidade, apenas que aconteceria antes da lógica, como um fenômeno pré-lógico.

Segundo Brock (2015), as intuições podem ser definidas como palpites tácitos ou sentimentos que vêm à mente com pouca consciência do processamento. Intuição é entendida como cognição incorporada ou corporificada (*embodied cognition*). O

conhecimento tácito é definido como aquele que não é expresso em palavras. Tanto a intuição, quanto o *insight* ligam o tácito ao explícito.

Em Proença e de Oliveira (2009) a intuição é considerada um construto complexo e multidimensional, ligado não somente ao conhecimento tácito, mas ao implícito e ao normativo. As autoras não definem conhecimento implícito, nem o diferenciam de conhecimento tácito. A intuição permite a tomada de decisão ou julgamento sem processamento deliberado e consciente. Envolve o reconhecimento de padrões e tem base na experiência. Pode ser desenvolvida através de treinamento. Não é tratada como um fenômeno holístico.

Em Hanna *et al.* (2020, p.235), a intuição é definida como “a capacidade do operador de usar um modelo mental para fornecer um diagnóstico da condição do equipamento/processo”. O operador é considerado um especialista que faz uso do conhecimento tácito, correspondendo à definição de Nonaka. Intuição e intuição do especialista (*expert intuition*) estão sendo tratadas como equivalentes.

Um operador pode achar difícil, se não impossível, a articulação de raciocínio ou dos componentes subconscientes que levam a decisões de controle de processos”. A intuição do especialista ocorre através da “rápida associação (*matching*) de padrões, a qual não é registrada conscientemente (Hanna *et al.*, 2002, p. 235).

Logo, a intuição envolve a articulação do conhecimento tácito e rápido reconhecimento de padrões. Hanna *et al.* (2020) não fazem uso da expressão “processo inconsciente”, mas mencionam os componentes subconscientes da intuição. Neste sentido, escolhi colocá-los na categoria processos inconscientes, por mencionarem processos abaixo do limiar da consciência com outro nome.

4.9.3 A intuição como um “processo inconsciente”

A intuição é considerada um fenômeno desafiador para ser estudado, principalmente por ser considerado um processo de natureza inconsciente pela maioria dos autores pesquisados. A categoria “processo inconsciente” está presente entre 36 de 44 artigos, sendo: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Souza (2011); Betsch (2011); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein, (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Kilakos (2018); Klein

(2015); Lucena; Popadiuk, (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Sviridova *et al.* (2022); Topolinski (2011); van Kampen (2019); von Diest (2020) e Zhang *et al.* (2016).

Alguns autores não utilizaram o termo inconsciente, mas pré-consciente, subconsciente e não-consciente (*non-conscious*), aparentemente como sinônimos. Este dado demonstra que é necessário um melhor esclarecimento sobre as possíveis diferenças na terminologia. Considero relevante que os pesquisadores sobre a intuição discutissem em prol de uma padronização na literatura científica. Afinal, estes termos não têm o mesmo significado. Ao mesmo tempo, não são apresentados com clareza. Por que o uso da expressão não-consciente ao invés de inconsciente?

Contudo, parece haver um consenso em atribuir à intuição uma natureza subliminar à consciência. Em Sviridova *et al.* (2022, p.57) a intuição é definida como *“a habilidade de adquirir conhecimento sem raciocínio consciente, enquanto permitindo o uso subconsciente do conhecimento, possibilitando soluções que não seriam possíveis através de uma abordagem analítica”*.

Curiosamente, os mesmos autores fazem uso da metáfora “estrela guia” relacionada à intuição:

A intuição é aquela estrela guia que ajuda o designer a montar as peças sofisticadas de um quebra-cabeça de processo de design e superar a crescente complexidade de tarefas que enfrenta. É uma capacidade de adquirir conhecimento sem raciocínio consciente, permitindo o uso subconsciente desse conhecimento, possibilitando soluções, não possíveis por meio de uma abordagem analítica (Ibid., p.57).

Lembrando que Jung já tratou a intuição tanto como um processo subconsciente, quanto inconsciente; no final de sua trajetória profissional, optou pela segunda explicação. Compreendi, a partir de Jung, que “pré-consciente” e “subconsciente” talvez se refiram a processos que ainda não estão na consciência, mas cuja emergência está próxima. Entretanto, esta é só uma inferência sem evidências da parte dos autores selecionados.

Hanna *et al.* (2020) entendem a intuição é um processo subconsciente, holístico, que acontece subitamente, através de reconhecimento de padrões. Consideram a intuição como um **fenômeno específico com relação à situação**⁴⁶;

⁴⁶ Grifos meus.

isto é, dependente de contexto. Este relevante dado não tinha sido levado em consideração, ao menos explicitamente, pelos demais autores.

4.9.4 A intuição como julgamento intuitivo ou “julgamento ou tomada de decisão”

A maioria dos autores pesquisados, 31 de 44, admitem que a intuição é uma espécie de julgamento de base intuitiva, em que uma tomada de decisão é realizada, ainda que as pessoas não saibam explicar como chegaram a essa deliberação. Logo, há uma relação entre esta categoria e as anteriores, “relação com o conhecimento tácito” e “processo inconsciente”. Os pesquisadores que compreendem a intuição como um “julgamento ou tomada de decisão” são: Abubakar *et al.* (2019); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Sviridova *et al.* (2022); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); von Diest *et al.* (2020); Wood; Reynolds (2013) e Zhang *et al.* (2016).

Salas *et al.* (2009, p. 4) distinguem entre intuição e intuição especializada ou *expert intuition*. A intuição envolveria “*julgamentos rápidos e afetivamente carregados que são influenciados por estilos de processamento, decisões ambientais e decisões relacionadas a tarefas*”. Já a intuição especializada é considerada “*a geração rápida de opções de decisão única baseadas em conhecimento específico de domínio extensivo; reconhecimento de padrões e automatismo*”. Interessante que o reconhecimento de padrões e o automatismo não foram considerados características da intuição, apenas da intuição em *experts*.

Os processos de decisão tomados com base tanto na intuição, quanto na racionalidade são considerados complexos.

4.9.5 A intuição como “expressão da experiência”

A maior parte dos autores selecionados, 32 de 44, afirmam que a intuição é “expressão da experiência”; isto é, quanto mais experientes são os profissionais que fizeram parte dos estudos como sujeitos de pesquisa, melhores suas decisões intuitivas. Por isso, a intuição é considerada como algo que se desenvolve com o tempo e tem uma relação direta com a experiência de vida e profissional. A recuperação da experiência se dá através da memória de longo prazo.

Estes autores são: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brisola; Cury (2016); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Proença; de Oliveira (2009); Raelison *et al.* (2020); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); van Kampen (2019); von Diest *et al.* (2020) e Wood; Reynolds (2013). Logo, esta categoria está relacionada com a anterior, intuição como “julgamento ou tomada de decisão”.

Além dos autores selecionados, Hogarth (2001); Klein (2004); Dane e Pratt (2007, 2009); Hodgkinson *et al.* (2009); Sinclair e Ashkanasy (2005); Sinclair *et al.* (2009), também mencionam que a tomada de decisões implica no uso da intuição. Quanto mais experiente for a pessoa que precisa tomar decisões, mais confiante em sua intuição; em situações caóticas que necessitam de uma decisão rápida, sua escolha intuitiva tende a ser acertada.

Os estudos que não estão na categoria “expressão da experiência” são doze: Brock (2015); Chan (2020); Kilakos (2018); Kinchin *et al.* (2008); Müller (2021); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sviridova *et al.* (2022); Valle (2017) e Zhang *et al.* (2016).

4.9.6 A intuição como um “sentimento relacionado a melhores decisões”

Dentre os 31 autores que consideram a intuição como um “julgamento ou tomada de decisão”, a maioria, 27, mencionam que o resultado da tomada de decisão

é um “sentimento relacionado a melhores decisões”. Isto significa que a pessoa que toma uma decisão intuitiva tem uma nítida sensação de que a escolha está correta, de que seu palpite está certo. Esta sensação pode ser descrita como um sentimento de euforia, mas pode variar de sujeito para sujeito. Nem todos os estudos detalharam como é este sentimento. Os pesquisadores que mencionam a intuição como um “sentimento relacionado a melhores decisões” são: Abubakar *et al.* (2019); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Raelison *et al.* (2020); Salas *et al.* (2009); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); von Diest *et al.* (2020); Wood; Reynolds (2013); Zhang *et al.* (2016). As exceções foram quatro: Hanna *et al.* (2020); Isenman (2009); Reihlen; Ringberg (2013) e Sviridova *et al.* (2022) que não explicitam a questão do sentimento com relação à intuição.

A categoria “sentimento relacionado a melhores decisões” também está presente em Brock (2015) e Proença e de Oliveira (2009); fazendo com que o total de autores nesta categoria sejam 29.

As categorias “reconhecimento de padrões” e “sentimento relacionado a melhores decisões” surgem ligadas, em alguns autores. Em Zhang *et al.* (2016, p.1), intuição é “*a súbita apreensão de coerência (padrão, significado, estrutura) acima do nível de acaso com pouca chance de recuperação consciente*”. Existe um “sentimento de saber” que a acompanha. Esta definição também aparece em Topolinski (2011).

Hallo; Nguyen (2022) apontam que a intuição de especialistas ou a intuição especializada (*expert intuition*) é baseada no reconhecimento de padrões, da mesma forma que Salas *et al.* (2009). É conhecida popularmente como “sentimento visceral” (*gut feelings*). A “*associação do afeto com a intuição pode produzir uma experiência emocional positiva para a pessoa*” (Hallo; Nguyen, 2022, p.4).

4.9.7 A intuição “acontece subitamente”

Dentre os 44 estudos selecionados, 29 mencionam que uma característica importante da intuição é que esta “acontece subitamente”. São eles: Abubakar *et al.*

(2019); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Radin (2008); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); von Diest *et al.* (2020) e Zhang *et al.* (2016). Em geral, autores que compreendem que a intuição ocorre de forma súbita, também entendem que esta é espontânea, isto é, não pode ser controlada e parece não requerer esforço. Para ilustrar: “A intuição é concebida como sendo não intencional, automática, sem esforço, incontrolável, inconsciente e rápida” (Hallo; Nguyen, 2022, p.2). Contudo, a questão da intuição como um processo automático não é consensual, necessitando de estudos adicionais.

Entretanto, 15 estudos não mencionaram a categoria “acontece subitamente” como uma das principais características da intuição. São eles: Amaral; Sousa (2011); Brisola; Cury (2016); Chan (2020); Ferhani (2022); Hogarth (2010); Isenman (2009); Kilakos (2018); Kinchin *et al.* (2008); Proença; de Oliveira (2009); Radin; Borges (2009); Sasseti *et al.* (2021); Sviridova *et al.* (2022); Valle (2017); van Kampen (2019) e Wood; Reynolds (2013).

4.9.8 A intuição como “diferente de processos analíticos e racionais”

Uma das características da intuição mais apresentada pelos autores é a de que esta é “diferente de processos analíticos e racionais”. Dentre os 44 pesquisadores, 28 apontaram para esta diferença. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Sviridova *et al.* (2022); Topolinski (2011) e von Diest *et al.* (2020).

Logo, a intuição opera cognitivamente de forma diversa da racionalidade, conforme corroborada por Vaughan (1979) e por Jung (2012).

Hallo e Nguyen (2022) contextualizam a intuição como parte do processo evolucionário compartilhado com os animais e, como tal, é mais antiga e não-verbal. É considerada em oposição à análise, a qual é percebida como uma aquisição mais recente e unicamente humana. O processamento linguístico está relacionado com a linguagem. Aparentemente, como não-verbal, a intuição é imagética. Entretanto, este dado não é explicitado pelos autores.

Dezesseis (16) estudos que não mencionam a intuição como “diferente de processos analíticos e racionais”: Brisola; Cury (2016); Brock (2015); Chan (2020); Eskinazi; Giannopulu (2021); Ferhani (2022); Isenman (2009); Kilakos (2018); Kinchin *et al.* (2008); Lucena; Popadiuk (2020); Proença; de Oliveira (2009); Salas *et al.* (2009); Taylor *et al.* (2017); Valle (2017); van Kampen (2019); Wood; Reynolds (2013) e Zhang *et al.* (2016).

4.9.9 A intuição como um “fenômeno complexo”

A intuição como um “fenômeno complexo”, envolvendo múltiplas fontes de informação processadas simultaneamente a partir de processos inconscientes e conscientes, foi mencionada por 25 dentre os 44 pesquisadores. São eles: Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sicora *et al.* (2021); Sviridova *et al.* (2022) e Topolinski (2011).

Esperava que os autores tornassem mais explícita a consideração da intuição como um fenômeno de ordem da complexidade, tal como compreendida por Morin (2003), heterogeneidade de interação entre processos, multiplicidade de fenômenos e presença de incertezas e indeterminações. A complexidade, algumas vezes, foi inferida pelo contexto.

Hallo e Nguyen (2022) consideram a intuição um fenômeno complexo que pode trazer mais clareza ao conhecimento tácito. "*A intuição é um construto complexo, com múltiplas dimensões, muitas vezes ligado ao conhecimento implícito*" (Proença; de Oliveira, 2009, p.431-432).

Os 19 autores que não fizeram relação entre intuição e complexidade são: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Sousa (2011); Brisola; Cury (2016); Chan (2020); Eskinazi; Giannopulu (2021); Ferhani (2022); Kilakos (2018); Kinchin *et al.* (2008); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Raelison *et al.* (2020); Sasseti *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Valle (2017); van Kampen (2019); von Diest *et al.* (2020); Wood; Reynolds (2013) e Zhang *et al.* (2016).

4.9.10 A intuição como “reconhecimento de padrões”

Apesar de, na literatura científica, o reconhecimento de padrões estar relacionado com a experiência e com a aprendizagem ao longo do tempo, apenas a metade dos 44 autores selecionados mencionou o “reconhecimento de padrões” como uma característica da intuição. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Kilakos (2018); Klein (2015); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Raelison *et al.* (2020); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Zhang *et al.* (2016).

Logo, os 22 autores que não mencionam o “reconhecimento de padrões” como uma característica relevante da intuição são: Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brisola; Cury (2016); Chan (2020); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Isenman (2009); Kinchin *et al.* (2008); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sasseti *et al.* (2021); Sviridova *et al.* (2022); Topolinski (2011); Valle (2017); van Kampen (2019); von Diest *et al.* (2020) e Wood; Reynolds (2013). Considero esta discussão importante, isto é, se o reconhecimento de padrões deve ser considerado uma característica-chave do fenômeno intuitivo e, por isso, estar presente na definição de intuição.

4.9.11 A intuição como “processo cognitivo”

Como tenho formação em psicologia, para mim está claro que a intuição é um “processo cognitivo”, de natureza holística e alto grau de complexidade. Esperava encontrar mais menções diretas à intuição como um processo relevante para a cognição humana. Entretanto, apenas 19 autores, dentre os 44, apresentaram a intuição desta forma. São eles: Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Marchisotti *et al.* (2018); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018) e Topolinski (2011).

Dörfler e Ackermann (2012) consideram a compreensão da intuição relevante para um maior e melhor entendimento da cognição humana e da consciência. Entretanto, alguns autores que tratam a intuição como um processo cognitivo, usam a expressão “pensamento intuitivo”.

Raelison *et al.* (2020) propõem que a capacidade cognitiva (*cognitive capacity*) prediz o “pensamento intuitivo” (*intuitive thinking*) ao invés do “pensamento deliberativo” (*deliberate thinking*). A noção de pensamento intuitivo não é esclarecida. A intuição é considerada um processo cognitivo relacionado a tomada de melhores decisões e com base na experiência. Não há menção à intuição com um processo complexo, nem como um processo inconsciente.

Salas *et al.* (2009), entendem a intuição como um processo automático e inconsciente, que acontece subitamente. É também considerada um processo de pensamento que envolve o julgamento ou tomada de decisão através do uso da memória de longo prazo. Ao mesmo tempo, ao resultar em sentimento é rica emocionalmente. A definição de intuição é:

A intuição é um processo de pensamento. A entrada para esse processo é fornecida principalmente pelo conhecimento armazenado na memória de longo prazo que foi adquirido principalmente por meio da aprendizagem associativa. A entrada é processada automaticamente e sem consciência consciente. O resultado do processo é um sentimento que pode servir de base para julgamentos e decisões (Salas *et al.*, 2009, p.3).

Uma possível crítica a esta definição é considerar a intuição como um processo de pensamento que resulta em um sentimento. Talvez fosse mais sensato

considerar tanto pensamento quanto sentimento como integrantes do mesmo processo intuitivo. Além disso, falta esclarecer quais são as características do pensamento intuitivo e porque a intuição é concebida como uma forma de pensamento.

4.9.12 A intuição como “fenômeno holístico”

A categoria “fenômeno holístico”, significa que a intuição foi considerada como de natureza holística. Entretanto, apenas 19 autores mencionaram esta categoria como uma característica relevante da intuição. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Lucena; Popadiuk (2020); Müller (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018) e von Diest *et al.* (2020).

Harteis e Billet (2013, p.148) definem a intuição como “percepção holística” com base em Jung, acrescentando que *“Jung (1923) propõe a intuição como função mental básica da percepção holística e remete aos pressupostos de Spinoza e Descartes que consideravam a intuição de forma filosófica: como insight holístico”*.

Parece haver uma confusão terminológica aqui também, com autores falando de “compreensão holística”, “percepção holística” e “pensamento holístico”. Percepção e pensamento são fenômenos cognitivos distintos. A falta de rigor na terminologia pode trazer mal-entendidos quanto à compreensão da intuição. Além disso, definir a intuição como uma percepção holística pode ser problemático, uma vez que percepção e intuição são fenômenos distintos. Jung claramente separa a função da sensação, responsável pela percepção, da função intuição.

Harteis e Billet (2013, p.150) mencionam os testes de personalidade com base na teoria de Jung sobre tipos psicológicos e escrevem favoravelmente sobre a fundamentação teórica junguiana em estudos sobre intuição:

Esses instrumentos são amplamente utilizados em pesquisas e diagnósticos de personalidade, mas não para investigações científicas focadas na intuição. Os fundamentos teóricos de seus autores estão parcialmente alinhados com a teoria da percepção holística de Jung (...) e abordam a tendência de confiar em percepções intuitivas em vez de confiar em análises racionais. Certamente, alguns estudos empíricos sustentam a proposição de que a

capacidade de tomada de decisão intuitiva está positivamente correlacionada com o alto desempenho em atividades de resolução de problemas.

Portanto, ao utilizar Jung como fundamentação teórica, a intuição é considerada um processo inconsciente (função intuitiva, diferente da racionalidade, função pensamento), e baseada no conhecimento tácito.

Hanna *et al.* (2020) apresentem a intuição do especialista (*expert intuition*) como holística e como um fenômeno complexo.

Hallo e Nguyen (2022, p.17) apresentam a intuição como um processo holístico e mencionam a psicologia profunda de Jung e o inconsciente coletivo. O processo de emergir intuições do inconsciente coletivo, ou trazer o subconsciente para a consciência, é visto como um aspecto crítico do crescimento psíquico na psicologia junguiana. Jung é visto como uma ponte entre a psicologia e a filosofia, bem como entre o pensamento oriental e ocidental. O posicionamento dos autores é de que o desenvolvimento de uma abordagem holística com relação à intuição é benéfico, uma vez que esta parece ser “*uma forma potencialmente superior*” de tomar decisões complexas e solucionar problemas igualmente complexos (*Ibid.*, p. 20).

4.9.13 A intuição como um “processo complementar a processos analíticos e racionais”

Dentre os 44 autores selecionados, apenas 18 apresentam a intuição como um “processo complementar” à racionalidade, ou “a processos analíticos e racionais”. Estes autores são: Brisola; Cury (2016); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Hallo; Nguyen (2022); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018) e von Diest *et al.* (2020). Esta parece ser uma nova tendência entre os autores, que vem emergindo com maior evidência nos últimos dez anos.

Quanto à questão da intuição como oposta ou complementar à análise, Hallo e Nguyen (2022, p.4) mencionam o debate sobre a se a análise é superior à intuição e consideram a última como superior à primeira:

Uma posição é que, embora a intuição possa dar uma solução padrão rápida, a análise é necessária como árbitro para aceitar ou rejeitar essa decisão. Uma visão diferente é que esses dois processos operam em paralelo e competem.

O conflito é resolvido conforme necessário (...), por meio de processos de integração e compromisso. No entanto, outros sugerem que a intuição é superior em condições de complexidade (...). Certamente, muitos autores têm escrito sobre os limites dos processos lineares analíticos no julgamento humano (...).

As tomadas de decisões podem ser realizadas utilizando intuição ou análise, ou uma combinação de ambos.

Sasseti *et al.* (2021) compreendem a intuição como um processo inconsciente, diferente da racionalidade. Consideram intuição e racionalidade importantes para a eficácia na tomada de decisões, mas dão mais importância à última. Entretanto, propõem que tanto intuição quanto racionalidade possam ser consideradas “*como possíveis mediadores no relacionamento entre escanear e pesquisar a efetividade da tomada de decisões empreendedoras*” (p.3). Neste sentido, os autores consideram a intuição como complementar à racionalidade e sugerem pesquisas nesta direção. Além disso, a intuição tem uma relação direta com o conhecimento tácito e com a experiência.

4.9.14 Quanto à distinção entre *insight* e intuição

Apenas 13 autores fazem “distinção entre intuição e insight”. São eles: Brock (2015); Chan (2020); Dörfler; Ackermann (2012); Eskinazi; Giannopulu (2021); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Topolinski (2011) e Zhang *et al.* (2016).

Klein (2015, p.165) diferencia *insight* de intuição da seguinte forma: “*A intuição depende dos padrões que uma pessoa adquiriu; o insight é um meio de gerar novos padrões*”. Zhang *et al.* (2016) define *insight* como um acesso repentino à solução por reestruturação ou mudança na representação do problema. Logo, a principal diferença entre intuição e *insight* estaria em que a intuição reconhece padrões, sentidos e estruturas sem necessariamente passar por uma reestruturação da representação de um problema. A reestruturação e consequente descoberta súbita de uma solução é o que constitui o *insight*. Este viria após a intuição e emergiria conscientemente. A intuição é considerada contínua, e o *insight* descontínuo.

Não há definição clara de conhecimento tácito, mas o seu papel no *insight* e na intuição é considerado distinto. A intuição se beneficia do conhecimento tácito, uma

vez que este contribui para “o processamento do julgamento intuitivo de coerência, o que resulta em um padrão contínuo” (Zhang et al., 2016, p. 1). Intuição e *insight* são fenômenos diversos no que diz respeito se “a informação ativada inconscientemente é guiada pelo julgamento intuitivo ou recuperação consciente, e os diversos papéis do conhecimento tácito” (Ibid., p.4).

Em Brock (2015), a intuição é um fenômeno holístico de reconhecimento de padrões, semelhante ao *insight*. A diferença entre ambos é que a intuição é um palpite ou sentimento a respeito da resolução de um problema, que é difícil de colocar em palavras. Por outro lado, o *insight* requer um período de incubação, com pouca consciência do processo, mas com maior clareza na explicitação da solução. O *insight* é definido como a tomada de consciência explícita de novas relações entre conceitos que surgem aparentemente de forma súbita, mas com pouca consciência de como foram processados. Proporciona o desenvolvimento de conexões conceituais.

Uma das principais semelhanças entre intuição e *insight* está na pouca consciência de seu processamento; a principal diferença entre ambos está na premissa de que o *insight* ocorre subitamente e diz respeito à consciência clara do estabelecimento de novas relações. Uma inferência é que nem toda intuição toma a forma de *insight* e, para uma intuição se tornar um *insight*, ela precisaria acontecer de forma súbita e envolver a clarificação de novas relações.

Os autores que não fazem distinção entre intuição e *insight* são doze: Abubakar et al. (2019); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Harteis; Billet (2013); Isenman (2009); Kilakos (2018); Müller (2021); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Valle (2017) e von Diest et al. (2020).

Em Hallo e Nguyen (2022) não há definição clara de “*insight*”, porém, este é considerado como um “tipo de intuição” que permite novas conexões entre as coisas e ideias. Esse tipo de intuição está relacionado à criatividade e tem sido chamado de “*intuição empreendedora*”, bem como de “*experiência aha*” ou “*efeito Eureka*”. Os autores consideram que a ideia popular de que o *insight* chegaria “sem nenhum esforço mental” é incorreta, uma vez que *insights* surgiriam após muito tempo de reflexões sobre a questão. Com o *insight*, o problema é visto de uma nova maneira, sob um novo ângulo. A intuição pode ocorrer na forma de *insight* quando permite o estabelecimento de relações ou conexões de formas originais. A intuição dos especialistas (*expert intuition*) é concebida como uma forma de processamento não

verbal que está relacionada a sensações corporais, particularmente viscerais, e que permite o reconhecimento de padrões. Quando este reconhecimento estabelece conexões inéditas, é chamado de *insight*.

Os autores que não distinguem entre intuição e *insight* tendem a compreendê-los como parte de um *continuum*, em que a intuição gradativamente dá lugar ao *insight*.

Não foi possível verificar a distinção entre intuição e *insight* nos restantes 19 estudos: Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brisola; Cury (2016); Epstein (2010); Ferhani (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis *et al.* (2011); Kinchin *et al.* (2008); Marchisotti *et al.* (2018); Proença; de Oliveira (2009); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sasseti *et al.* (2021); Sviridova *et al.* (2022); Taylor *et al.* (2017); van Kampen (2019) e Wood; Reynolds (2013).

Brisola e Cury (2016, p.100) mencionam o *insight* como um “*processo deliberado e consciente, mas não necessariamente linear ou lógico*”. Como a intuição não é considerada um processo deliberado e consciente, mas que ocorre a partir do conhecimento tácito, infiro que para os autores, *insight* e intuição são fenômenos distintos. Entretanto, a distinção não fica explícita em seu texto.

4.10 REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O TAROT

Os baralhos de Tarot são considerados cobiçados objetos estéticos para quem os aprecia. A sua beleza, colorido, e imagens repletas de reis, rainhas e personagens arquetípicos que fizeram parte do passado da humanidade evocam fascínio em algumas pessoas. Sou uma delas. Quando vi as imagens do Tarot pela primeira vez, fiquei intrigada e quis aprender esta arte, o que aconteceu por volta do início da década de noventa. No Apêndice G, falo de minha relação com o Tarot e a espiritualidade e discorro sobre o percurso de elaboração desta tese.

Quando preparei o documento para a Qualificação, chamei as imagens do Tarot de arquetípicas. Ao estudar mais profundamente a obra de Jung, constatei que apenas as imagens dos Arcanos Maiores do Tarot podem ser denominadas de arquetípicas. Aquelas apresentadas nos Arcanos Menores são simbólicas. Imagens

arquetípicas são formadas por um ou mais símbolos. Logo, as imagens arquetípicas são simbólicas, mas nem toda imagem simbólica é arquetípica.

Cada uma das cartas do Tarot carrega consigo uma rica linguagem simbólica que precisa de tradução e interpretação para revelar seu significado. Uma sessão ou consulta de Tarot também pode ser chamada de “leitura”, uma vez que o Tarot pode ser considerado um texto visual que necessita de tradução em palavras.

A arte de interpretação do Tarot pode ser considerada uma arte projetiva, isto é, que faz uso do mecanismo de projeção. Projetar para Jung (1991, p. 478) significa *“transferir para o objeto um processo subjetivo”*. Quando projetamos um conteúdo psíquico em alguém, podemos inconscientemente tentar nos livrar de aspectos desagradáveis em nós mesmos que são atribuídos ao outro; ou ainda conferir à outra pessoa valores positivos que estariam ocultos para nós mesmos. Quando projetamos em cartas do Tarot como consulentes, a projeção consiste em ver nas cartas aquilo que já conhecemos, isto é, reconhecer aspectos subjetivos que foram transferidos para as cartas, como objetos.

As vívidas imagens das cartas de Tarot proporcionam a ativação da imaginação e cada pessoa pode se identificar com o seu conteúdo, reconhecendo cenas ou situações familiares. Entretanto, o significado tradicional de cada imagem pode ser diferente daquele projetado por um leigo. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, as interpretações provenientes de profissionais não são vagas, e sim bastante específicas.

Para a oraculista, a situação é um pouco diferente. A projeção continua ocorrendo, entretanto, como o número de combinações é praticamente infinito, a interpretação do Tarot pode ser considerada uma arte de alta complexidade, que requer anos de experiência, flexibilidade com relação aos significados das cartas e a capacidade de unir diversas imagens em uma narrativa que faça sentido à consulente, ou consulentes, no caso das leituras coletivas. Assim, a oraculista não apenas faz uso da projeção e de seu conhecimento, além de, possivelmente, sua intuição. Segundo Jung (*Ibid.*, p, 478), também introjeta e se baseia no *“ato da empatia”*, que é *“um processo de introjeção porque serve para levar o objeto a uma íntima relação com o sujeito”*. Logo, ao empatizar com a consulente, quem realiza a interpretação não apenas projeta conteúdos e separa sujeito de objeto, mas unifica novamente objeto e sujeito a partir da empatia. Nesse sentido, uma leitura de Tarot pode ser organizadora

de conteúdos psicológicos para quem a requisita. Além disso, como um processo complexo e dinâmico, a consulente participa ativamente da criação de sentidos iniciada pela oraculista.

Uma leitura é capaz de revelar tanto o que a consulente já sabe, quanto o que ainda não está claro para ela, revelando uma tendência projetiva da situação tema da consulta. Este resultado não é uma condenação ou uma sentença, mas a direção mais provável da constelação dos elementos até então. Ao possibilitar uma visão panorâmica da situação, interligando passado, presente e futuro potencial, a oraculista pode abrir um ou mais novos caminhos cognitivos para a consulente, como também pode fechar, considerando a projeção futura como determinante. A leitura que abre caminhos e encontra soluções para as situações vividas pela consulente possibilita que esta perceba como pode agir para obter determinados resultados desejados, sem recorrer a autoenganos ou manipulações de outras pessoas. Sobretudo, permite que o futuro imaginado não seja concebido como certo, mas como apenas uma de inúmeras possibilidades. Estamos criando nosso futuro a partir do presente e do passado o tempo todo. A questão é com que consciência estamos a fazê-lo!

Visto sob esta perspectiva, o Tarot pode ser visto como uma ferramenta de autoconhecimento e de ampliação de consciência. É possível que a sincronicidade tenha um papel fundamental nesta questão, como um princípio de conexões acausais. Quando uma carta surge numa leitura de Tarot, pode ser compreendida como fruto do mero acaso, da casualidade. Entretanto, para Jung (2014), os oráculos demonstram a ação de “*coincidências significativas*”, aquelas que fazem sentido especial ao observador, sem nenhuma causa aparente para o fenômeno. A explicação para isso seria “*a presença simultânea de equivalências significativas em processos heterogêneos sem ligação causal*” (*Ibid.*, p. 123). Eventos sincrônicos testemunham tanto que “*a psique não pode ser localizada espacialmente*” (*Ibid.*, p. 123), quanto que o aspecto temporal pode ser relativizado. Em outras palavras, eventos não causais que ocorrem simultaneamente, gerando sentidos relevantes para alguém, estão ocorrendo através da não-espacialidade da psique e de sua não-localidade no tempo. Este dado sugerido por Jung (*Ibid.*) abre espaço para considerar o Tarot como um instrumento conectado a um campo morfogenético que é capaz de revelar informação sobre ele, o que é tratado na seção 4.10.10.

As próximas seções se dedicam ao desenvolvimento histórico do Tarot, como a preparação para uma leitura é realizada, a complexa arte de interpretação do Tarot, bem como o simbolismo dos Arcanos Maiores e Menores, números, cores e orientação das imagens. Discorro ainda sobre os diferentes tipos de leitura.

Como tenho conhecimento a respeito de como fazer uma leitura de Tarot, a maior parte do texto sobre a arte de interpretação foi escrito livremente. Para quem quiser saber mais sobre os significados aprofundados dos Arcanos Maiores e Menores, os tipos de leituras e o desenvolvimento histórico deste oráculo, sugiro consultar os especialistas que estudei antes e durante esta pesquisa. São eles: Banzhaf (2023); Pollack (2023); Barbier (2021); Bartlett (2011); Bem-Dov (2020); Dean (2015); Jodorowsky e Costa (2016); Nichols (2007); e Wen (2015).

4.10.1 Breve nota sobre o desenvolvimento histórico do Tarot

O Tarot é popularmente conhecido como uma forma de oráculo ou sistema de adivinhação que utiliza um conjunto de 78 cartas, divididas em 22 Arcanos Maiores, também conhecidos como Trunfos, e 56 Arcanos Menores. Esses últimos correspondem ao baralho com quatro naipes e têm sido usados ao longo da história, comprovadamente no século XIV no continente europeu, como jogos de azar.

Por volta do século XV, na Europa, existem evidências de que os 22 Arcanos Maiores, considerados por alguns estudiosos do Tarot como o “quinto naipe”,⁴⁷ foram adicionados às cartas *Mamlûk*.⁴⁸ Passaram a ser usados como uma arte divinatória, principalmente a partir do século XVIII.⁴⁹ Entretanto, pouco se sabe sobre como os Arcanos Maiores eram utilizados. No mesmo século, vários baralhos pintados foram comissionados pelos nobres Viscontis de Milão, e os D’Estes de Ferrara. Estes lindos objetos hoje fazem parte de coleções em museus.

No século XVI, baralhos impressos de Tarot foram produzidos na Itália e espalhados para a França, Suíça, Bélgica e Espanha. Os números romanos e os

⁴⁷ Pessoalmente, não concordo com a atribuição de quinto naipe aos Arcanos Maiores, uma vez que eles parecem ter uma configuração bem distinta dos quatro naipes anteriores.

⁴⁸ Ver ilustração na Figura 5.

⁴⁹ Divinatório ou divinatória vem do Latim *divinare*, “predizer o futuro”, de *divinus*, “divino, relativo a um deus”, que veio de *divus*, “deus”. A atividade de olhar para o futuro pertencia aos deuses, na Antiguidade.

títulos foram adicionados aos Arcanos Maiores. Continuavam sendo usados para jogos de cartas.

Durante o século XVII, o Papa vigente demandou que as figuras do Papa, da Papisa, do Imperador e da Imperatriz fossem substituídos, por serem considerados impróprios em jogos de azar. Novos tarots são criados. Marselha se torna o maior centro de produção de tarots na Europa. Surge a versão mais antiga do Tarot de Marselha (1650) com os moldes de gravação de Jean Noblet.

No século seguinte, o Tarot de Marselha se torna popular. Os baralhos passam a ser usados em cartomancia. Nesta época, o Tarot de Marselha era produzido pelo gravador Nicolas Conver, cuja casa editora funcionou de 1760 a 1890. As lâminas eram coloridas à mão sobre a impressão inicial. O uso de cores era limitado. Cartomancia e tarot são palavras francesas. Mancia vem do grego *manteia*, adivinhação ou arte divinatória. Possivelmente, a popularização do Tarot de Marselha levou consigo o conhecimento da palavra cartomancia, adivinhação através de oráculos de cartas.

No século XIX, surgem escolas de Tarot, como A Ordem Hermética da Aurora Dourada, na Inglaterra. Os estudiosos destas sociedades esotéricas encontraram correspondências entre o simbolismo da *Kabbalah*, da Astrologia, da Alquimia, entre outros, e estes foram incorporados ao Tarot. Nesta época, a ideia de que o Tarot teria tido origem no Antigo Egito, com a finalidade de conservar conhecimentos ocultos em forma de imagens simbólicas se tornou popular; entretanto, não há provas conclusivas para esta afirmação.

É atribuído ao ocultista Paul Forster Case (1884-1954), a frase *ROTA TAROT ORAT TORA ATOR*, significando “a roda do tarot anuncia a lei da iniciação”. O estudioso do Tarot fez as seguintes associações:

- *tarot* = caminho real – vem do egípcio TAR = caminho e RO = rei.
- *tarot* = lei divina – vem do hebraico TORAH
- *orat* – vem do egípcio anunciar
- *ator* – deusa egípcia da iniciação

Entretanto, a ideia do Tarot como uma ferramenta iniciática é polêmica; a frase de Case pode ser considerada um mero jogo inteligente de palavras.

O século XX permite uma gradativa popularização do Tarot como arte divinatória. Em 1910, o Tarot de Rider-Waite-Smith é publicado e se torna uma

referência. Em 1931, a editora francesa *Grimaud* reedita o Tarot de Marselha, reproduzindo os valorizados moldes gravados por Nicolas Conver. O Tarot de Marselha tornou-se uma das edições mais divulgadas do Tarot em todo o mundo. É restaurado por Kris Hadar e por Jodorowsky-Camoin.

Em 1969, é publicado o Tarot de *Thoth*, conhecido por Tarot de Crowley ou Tarot de Crowley-Harris. Aleister Crowley (1875-1947) é o autor das alterações nas interpretações. Lady Frieda Harris (1877-1962) foi a artista visual convidada para pintar as imagens das cartas. Este Tarot trouxe modificações nas imagens e na simbologia, adicionando equivalências da Astrologia e da *Kabbalah*. Crowley foi inicialmente muito criticado, mas seu Tarot se tornou uma referência e ainda é usado atualmente.

No final do século XX, inúmeros *decks*– *baralho em inglês* - disponíveis em lojas físicas especializadas. A maior parte deles é publicada em língua inglesa. Tornou-se possível colecionar baralhos de Tarot. A cartomancia se torna mais acessível, pois qualquer pessoa pode comprar livros sobre como usar o Tarot e praticar com os baralhos adquiridos. Cursos de Tarot, no entanto, ainda são raros. As lojas disponíveis não são de conhecimento da maioria das pessoas, apenas do nicho de interessados.

O século XXI se tornou a era em que o Tarot se tornou um fenômeno digital, enquanto os baralhos, em si, ainda são impressos como objetos físicos. Ocorre uma explosão de *decks*: os já mencionados continuam sendo reproduzidos, para um crescente público. Muitos outros são criados por artistas independentes e disponibilizados para compra online. Colecioná-los se torna mais difícil, devido ao grande número e valor dos baralhos. Surgem cursos de Tarot online. Livros sobre Tarot continuam a ser impressos e distribuídos, física e virtualmente. As leituras de Tarot começam a ser realizadas no *YouTube*, isto é, publicamente e por meio de vídeos. Em algumas destas leituras, as oraculistas mesclam o Tarot ao Baralho Cigano; além disso, vários *decks* podem ser usados em uma única sessão.

4.10.2 A preparação para uma leitura de Tarot

Uma leitura de Tarot envolve, geralmente, um ritual de preparação que varia, em duração e qualidade, de pessoa a pessoa, de acordo com suas crenças pessoais e com a forma como aprendeu a arte de interpretação. A preparação envolve ao

menos o estabelecimento do cenário da leitura e um momento de quietude para que o intérprete entre em contato consigo próprio e com o que está prestes a realizar. Alguns oraculistas podem fazer orações. Uma prática comum é ter sobre a mesa uma representação dos quatro elementos, tais como uma vela acesa para o fogo e para o ar, um copo de água para a água, uma ou mais pedras de cristal para a terra. Alguns tarólogos dispõem as cartas sobre um lenço colorido ou uma toalha especializada, criada para que as cartas deslizem com facilidade, e fiquem em destaque na perspectiva visual do consulente.

As sessões de Tarot têm um tema, determinado pelo consulente no *setting* privado. No ambiente público do *YouTube*, as oraculistas tendem a definir o tema quando a leitura terminou, a partir do que foi interpretado, ou antes, se receberam uma intuição específica. Uma vez determinada a intenção da leitura, esta se inicia com o embaralhamento das cartas. O baralho é então cortado em três montes e estes são reunidos em uma posição diferente da original. O tarólogo espalha as cartas sobre uma mesa lisa ou sobre um lenço, e o consulente escolhe um certo número de cartas determinado pelo oraculista. Estas são apresentadas viradas para baixo, sem que as imagens sejam reveladas. Após a seleção do consulente, o tarólogo pode optar por ir revelando as cartas uma a uma, à medida que vai fazendo a interpretação, ou dispor todas as cartas viradas para cima, para obter uma perspectiva global da leitura. A carta do fundo do baralho pode ser considerada como um elemento importante da leitura, uma espécie de síntese visual.

Há tarólogos que não deixam os consulentes tocarem nos baralhos; e outros, que permitem que os consulentes embaralhem e selecionem as cartas. Atualmente, com as leituras online, os oraculistas fazem todo o trabalho. Observei uma tendência de que as cartas sejam embaralhadas e selecionadas antes da gravação do vídeo para economia de tempo. Contudo, nem todos os oraculistas procedem desta maneira. Aqueles que o fazem, podem usar vários baralhos de Tarot diferentes, possibilitando que a mesma carta seja selecionada em baralhos distintos, durante uma leitura. Além disso, podem iniciar o vídeo com algumas das cartas já viradas para cima; ou ir virando as cartas à medida que a leitura vai sendo realizada. Nos canais do *YouTube*, cartas de Tarot e baralho cigano podem se complementar numa leitura. Algumas oraculistas possuem dados cujas faces equivalem às lâminas do baralho cigano e jogam os dados como complemento da interpretação.

4.10.3 A arte de interpretação do Tarot

O Tarot é uma arte de interpretação simbólica. Considero a linguagem do Tarot polissêmica, imagética, simbólica e arquetípica. Polissêmica, por permitir múltiplas possibilidades de significação; imagética, porque é predominantemente visual e envolve a análise de elementos formais como cor, forma e orientação espacial, entre outros; simbólica, por fazer uso de símbolos que necessitam interpretação; arquetípica, uma vez que existem símbolos de natureza coletiva, considerados originários do inconsciente coletivo e apresentados na forma de imagens arquetípicas.

Estimo que a polissemia seja intencional e inerente ao Tarot, no sentido de que as interpretações conseguem ser específicas, sem serem fechadas. Comparo o Tarot como um caleidoscópio. A cada movimento ou leitura, uma nova configuração simbólica é formada a partir de múltiplos elementos que, um momento depois, se desfazem. Tal polissemia permite uma potencialidade de incontáveis sentidos, seja em uma única carta, ou em várias interpretadas em conjunto. A riqueza do simbolismo do Tarot é tamanha, que uma resposta pode ser dada através da interpretação de apenas uma imagem. Trata-se de uma arte complexa, uma vez que as cartas não são apenas lidas em separado, mas em relação umas com as outras. As combinações matemáticas podem ser praticamente infinitas. Seria impossível a um ser humano memorizar todas as probabilidades de relacionamento entre as cartas.

O tema da leitura é relevante, pois pode se tratar de uma interpretação genérica, ou bastante específica. A interpretação dos símbolos presentes nas imagens não diz respeito apenas às figuras concretas. Cores, números e o posicionamento das figuras são elementos relevantes e complementares à interpretação. Quando as cartas estão unidas em uma sequência, estas correspondências se ampliam, pois os números, as cores e a forma como as figuras se relacionam visualmente podem trazer pistas para uma leitura específica.

No Tarot, como na vida, não há controle sobre o grau de interpretação, uma vez que não existe conhecimento a priori das cartas que emergirão numa leitura. A interpretação pode ser considerada um ato criativo em que originalidade e espontaneidade ocorrem de forma integrada a cada momento de uma leitura.

Talvez uma das diferenças entre um tarólogo experiente e um novato, esteja no relaxamento com relação às múltiplas interpretações e a confiança em sua própria capacidade de leitura. As pessoas que não sabem Tarot ficam inseguras com tantas possibilidades e parecem desejar memorizar o que cada carta significa. Embora o conhecimento técnico de cada imagem é importante, o apego à memorização pode tornar a interpretação rígida e empobrecida. Um tarólogo experiente é capaz de se desapegar do conhecimento adquirido e confiar na sua própria intuição e habilidade de leitura. Possivelmente o Tarot não seja uma arte de retenção de significados, mas de flexibilização; o intérprete precisaria “soltar o conhecido”, para que sua intuição se manifeste e relacione as imagens simbólicas de uma maneira original. Tal originalidade corresponde à espontaneidade de um momento genuíno, vivo.

A princípio, uma interpretação pode ter vários níveis. Em minha própria categorização, podem existir, ao menos, quatro níveis de interpretação:

2. *Leitura intuitiva*, a partir da observação da imagem, sem conhecimento prévio do simbolismo;
3. *Leitura especializada*, a partir do conhecimento do que cada carta pode significar, isoladamente ou em conjunto, levando em conta a interpretação simbólica própria do Tarot; esta pode ser de memória ou através da consulta a um livro;
4. *Leitura especializada ampliada*, com referências cruzadas a outros sistemas de conhecimento simbólico, como a *Kabbalah*, a Astrologia, a Numerologia, a Mitologia Greco-Romana, entre outros;
5. *Leitura iniciática*, aquela que seria capaz de revelar algo oculto ou misterioso, de natureza espiritual ou numinosa, tal como o entendimento do momento atual do processo de individuação de uma pessoa, na perspectiva junguiana.

A última parece ser mais rara. Destaco aqui que a ideia de que o Tarot pode ter um conteúdo iniciático é polêmica. Atualmente está se tornando conhecida a proposta de interpretar os Arcanos Maiores como a “Jornada do Louco”, compreendida como a “Jornada do Herói” de Campbell (2004). Nesta perspectiva, o Arcano Zero é o Herói; sua travessia pelos 21 Arcanos Maiores equivaleriam às 12 etapas de transformação da Jornada descrita pelo mitólogo norte-americano no século XX.

Banzhaf (2023), um estudioso do Tarot, recria a Jornada do Herói com base nos Arcanos Maiores. Seu livro sobre o tema tem o objetivo de demonstrar “a chave

simbólica oculta nos Arcanos Maiores” – como anuncia o subtítulo. Apresenta a Jornada do Herói como “*uma parábola para o caminho de vida dos seres humanos*” (*Ibid.*, p.31). Nele, o autor apresenta a jornada dividida em três etapas: a primeira, dos Arcanos I a IX, é diurna, isto é, ocorre, simbolicamente, sobre a Terra; os Arcanos X a XVIII correspondem à parte noturna, como uma viagem ao submundo, ao mundo escuro do inconsciente. Os três Arcanos restantes, XIX, XX e XXI, dizem respeito ao retorno vitorioso à luz solar. O herói cumpre com a sua missão de diferenciar-se, progressivamente e, simultaneamente, integrar os conteúdos psíquicos necessários para a sua transformação. Concebida desta forma, a Jornada do Louco é uma sucessão de experiências de natureza psicológica, que parecem corresponder ao processo de individuação de Jung e a metamorfose gradativa do ego ao *Self*.

Nesta perspectiva, poderia interpretar os níveis de leitura como gradativamente mais sofisticados. Nos dois primeiros, as leituras resultantes poderiam ser consideradas pobres e rasas, e nos dois últimos, enriquecedoras e profundas. Entretanto, como os sentidos lidos pelo oraculista são recriados pelo consulente, é possível que mesmo leituras que podem ser julgadas como “rasas” possam trazer *insights* valiosos para quem as procurou. O inverso também pode ser verdadeiro e uma interpretação especializada pode não reverberar e não fazer sentido para o consulente

Minha postura é a de abstenção com relação a este tipo de julgamentos. Isto significa que mesmo que possamos admitir diferentes níveis de interpretação de acordo com a complexidade do conhecimento de cada tarólogo sobre o Tarot, ainda assim, devido à própria linguagem simbólica, cada interpretação realizada é capaz de gerar sentidos legítimos para o consulente.

Isto vale, inclusive, para quem não conhece o Tarot, compra um *deck*, faz uma pergunta, tira uma carta e, realiza uma leitura intuitiva – no sentido de que não há conhecimento prévio de seu simbolismo – a partir da interpretação da imagem. Esta interpretação é geralmente realizada pelo que a imagem comunica, através de suas cores, traços e figuras. O exercício de interpretação é de natureza projetiva, isto é, a pessoa percebe na imagem o que é relevante para ela e tem relação com a sua experiência de vida.

Para exemplificar, uma ocasião mostrei a uma amiga a carta do 6 de Ouros do Tarot Encantado, para explicar o simbolismo do número seis e sua relação com

harmonia e relacionamentos equilibrados. Esta pessoa me relatou que compreendeu a interpretação, mas o que mais lhe chamava a atenção era o número 5 formado por cinco estrelas que circundavam a mulher na figura principal. O número 5 está associado a conflitos e ela estava passando por uma situação conflitante em um relacionamento no momento. O contexto não era de uma leitura formal, mas minha amiga compreendeu que o símbolo para o qual se sentiu atraída tinha uma relação direta com a sua experiência.

Um leigo ou iniciante no estudo da simbologia do Tarot, após a observação dos detalhes de uma imagem, pode ler o texto associado à carta, que geralmente acompanha o *deck*, ou procurar na internet, ou em um dicionário de símbolos, os significados possíveis. Dessa forma, realizando uma ampliação das possibilidades de interpretação, pode deduzir como a imagem pode se relacionar à sua vida. No caso de ter havido uma questão formulada, pode obter sua resposta.

Para cada Arcano, Maior ou Menor, existem algumas associações de palavras-chave que facilitam a aprendizagem para o novato e a memorização de alguns possíveis significados da carta. Entretanto, em uma única lâmina, os significados podem ser múltiplos, mas ainda limitados a uma determinada configuração. O que o Arcano XIX, O Sol, significa não é o mesmo que o Arcano XXI, O Mundo, ainda que a interpretação de ambas possa ser favorável. Ambas as cartas são reconhecidas como as mais auspiciosas do Tarot; alguns tarólogos estão inclinados para o Arcano XXI, enquanto outros, para o XIX.

Além disso, as cartas são dispostas em tipos diversos de *layouts*, chamadas “*spread*” em inglês, ou tiragens em português. É possível interpretar apenas uma carta e obter a resposta desejada para uma questão. Existem tantos *layouts* quanto o número de cartas, isto é, é possível fazer tiragens com uma a 78 lâminas. A escolha depende da natureza da questão, da quantidade de tempo disponível para a interpretação – quanto mais cartas abertas para a leitura, maior tempo para integrá-las em uma interpretação coerente – e da preferência do tarólogo.

Como uma arte, a interpretação das cartas do Tarot exige uma combinação de conhecimento e sensibilidade, e fica melhor com a prática. A intuição do tarólogo ou oraculista é considerada fundamental para que uma leitura seja realizada. Cada leitura é única e personalizada, pois depende do tema trazido pelo consulente, das cartas escolhidas e da conexão entre elas, e da experiência do oraculista. Um

intérprete de Tarot habilidoso é capaz de traduzir os símbolos expressos nas imagens em mensagens significativas e relevantes para o consulente.⁵⁰

Entendo a arte de interpretar os símbolos presentes no Tarot como tornar acessível à consciência sentidos que contribuam para o desenvolvimento humano, com a finalidade de facilitar o processo de individuação - conforme descrito por Jung. Como tal, o uso do Tarot tem uma natureza teleológica, isto é, orientada para o futuro, tal como Jung a compreende. Nesta perspectiva, o Tarot pode ser considerado um instrumento para o autoconhecimento e uma forma de obter orientação para a realização de escolhas importantes para o consulente, aquele que busca a consulta.

Em minha perspectiva, o Tarot oferece uma “visão panorâmica” de uma determinada situação e a interpretação simbólica enriquece e amplia a perspectiva do consulente. Isto significa que, durante uma leitura, pode ser que o consulente ponha em suspenso o que pensa de uma determinada situação para receber, numa postura de abertura e receptividade, uma nova forma de narrar a sua própria história. Esta nova forma é capaz de lhe trazer *insights* e, nesse sentido, sua narrativa anterior pode ser abandonada e recriada com elementos inéditos.

Apesar do Tarot não ser necessariamente uma ferramenta terapêutica, dependendo de sua utilização, o tarólogo pode amplificar os significados simbólicos das imagens de uma leitura para o consulente, de uma forma semelhante pela qual um terapeuta junguiano faria o trabalho de amplificação na análise dos símbolos de um sonho – guardadas as devidas proporções entre as diferenças destas atividades.

No momento da leitura, o consulente é um “observador de sua própria vida” e as cartas são um reflexo simbólico de sua própria jornada como sujeito. Esta posição privilegiada permite a ressignificação do que estava sendo vivenciado. Como ocorre a criação de uma nova narrativa, a que estava sendo utilizada pelo consulente pode ser reformulada, a ponto de existir a possibilidade de um *insight*, isto é, uma mudança de percepção que possibilita o novo.

Ao mesmo tempo, a interpretação é oferecida através de imagens que são visualizadas pelo consulente. É possível que o uso de imagens “quebre” a dominância da racionalidade, ou a predominância da racionalidade, associada ao uso do

⁵⁰ Tradicionalmente, quem faz a leitura do Tarot é chamado de intérprete e quem solicitou a sessão, consulente. Até o advento do *YouTube*, as sessões de Tarot costumavam ser um fenômeno privado, entre duas pessoas. No *YouTube*, as tarólogas ou oraculistas (aquelas que usam outros oráculos além do Tarot), publicam vídeos com leituras chamadas “intuitivas” para um coletivo de pessoas.

hemisfério esquerdo,⁵¹ tão presente em nossa cultura. Com o processamento de imagens ativado durante uma consulta, existe a possibilidade de que os processos cognitivos do consulente mudem, isto é, ao invés de estar em um modo habitual e, talvez dominante, de prestar atenção a seus pensamentos e racionalizações, validando-as, haja abertura para uma mudança de perspectiva.

As imagens do Tarot são simbólicas e, portanto, parecem ter como base os mesmos processos cognitivos que se assemelham a um sonho. A linearidade racional e a lógica de sucessão no tempo – presente, passado e futuro – são ambas suspensas na perspectiva da interpretação das imagens, mas não no tempo cronológico de uma sessão de Tarot, privada ou pública. A linguagem simbólica não requer uma única interpretação fechada, nem mesmo relações de causa e efeito. Existe uma liberdade intrínseca para que tanto o tarólogo, quanto o consulente realizem novas conexões, gerando novas possibilidades que são traduzidas em imagens e novamente traduzidas em palavras.

Conseqüentemente, no momento da leitura, estimo que há uma suspensão da forma ordinária em que vemos o mundo e ocorre uma abertura para uma visão mais global, holística e até mesmo espiritual da existência. Com as cartas espalhadas sobre uma mesa ou superfície plana, é literalmente possível ter uma visão panorâmica da situação, que vai se expandindo à medida que mais cartas vão sendo interpretadas.

A interpretação, por outro lado, não é apenas realizada pelo oraculista. Há uma cooperação do consulente, que pode ser considerado cocriador da leitura. Afinal, a interpretação precisa fazer sentido para ele ou ela. Não só isso, o consulente necessita sair da sessão ou consulta com a sensação de que agora têm mais informações sobre o tema explorado, do que quando procurou o tarólogo. Se a leitura ocorreu de forma positiva, as informações serão transformadas em conhecimento e colocadas em ação; isto é, será principalmente o próprio consulente que fará esse trabalho – relacionar as informações oferecidas pelo oraculista à sua vida, de forma que resulte em conhecimentos que podem ser aplicados. Tal aplicação do conhecimento pode ser compreendida como sabedoria.

⁵¹ Apesar de haver uma distinção entre as funções dos diferentes hemisférios cerebrais, o esquerdo associado à análise e à linguagem, e o direito ao processamento de imagens, tendo uma natureza holística, o posicionamento atual é de que ambos os hemisférios atuam em conjunto. Não haveria uma predominância de um hemisfério sobre o outro, apenas diferentes funções especializadas.

Evidentemente, como qualquer forma de oráculo, o Tarot é uma ferramenta que pode ser considerada neutra; isto é, pode ser usada de maneira responsável para proporcionar uma ampliação de perspectiva e clareza para o consulente, ou de maneira irresponsável, com o tarólogo sendo percebido como uma figura de poder que irá aconselhar o consulente e tomar as decisões para ele. Além disso, um oraculista mal-intencionado ou inexperiente pode gerar crenças limitantes em seus consulentes, ao invés de ampliar a sua percepção e as suas possibilidades de escolha.

Considero importante destacar que existem cartomantes que fazem leituras de oráculos de cartas associadas ao que ficou popularmente conhecido como “trabalhos espirituais”; isto é, não realizam apenas a interpretação das imagens simbólicas, mas oferecem seus serviços para fazerem “feitiços” com finalidades diversas. Estes feitiços envolvem a invocação de entidades espirituais na forma de sacrifícios e oferendas, que são realizadas pelos profissionais e pagas pelos consulentes. Os “trabalhos” mais conhecidos são “abertura de caminhos”, ou “trago o seu amor de volta em tantos dias”. Esta modalidade não é considerada sinônimo de Tarot e oráculos de cartas e não está sendo investigada neste estudo.

Nas próximas seções apresentarei o simbolismo geral dos Arcanos Maiores e dos naipes dos Arcanos Menores, bem como dos números, cores e orientação das figuras.

4.10.4 O simbolismo dos Arcanos Maiores

Os 22 Arcanos Maiores são imagens numeradas no estilo romano, de zero a XXI, com títulos. Os símbolos apresentados em cada carta podem variar de Tarot para Tarot, e a interpretação também. Entretanto, em geral, as imagens são reconhecidas a partir da correspondência com seus nomes e números. É possível atribuir aos Arcanos Maiores palavras-chave, conforme o Quadro 8⁵².

⁵² Classificação feita por mim, com base na obra de Banzhaf (2023). Em alguns Tarots, a ordem da Justiça e da Força estão invertidas. O nome Dependurado parece ser uma tradução mais feliz do que o Enforcado, uma vez que na interpretação tradicional da carta, o jovem pendurado de ponta cabeça com um dos pés presos a uma corda tem a possibilidade de se libertar. No Tarot de Marselha, a Morte foi representada sem título e ficou conhecida como “a carta sem nome”.

Quadro 8 - Palavras-chave dos Arcanos Maiores

Número	Título	Palavras-Chave
I	O Mago.	Ação no Mundo, Maestria, Autorrealização.
II	A Sacerdotisa ou Alta Sacerdotisa.	Intuição, Inspiração, Silêncio
III	A Imperatriz.	Crescimento, Fertilidade, Criatividade.
IV	O Imperador.	Estrutura, Autoridade, Responsabilidade.
V	O Papa.	Respeito À Tradição, Orientação Religiosa, Busca de Sentido.
VI	Os Enamorados.	Dúvida, Necessidade de Escolha, Decisão com o Coração.
VII	O Carro.	Movimento, Partida, Viagens.
VIII	A Justiça (ou A Força).	Razão, Justiça, Julgamento Sensato
IX	O Eremita.	Sabedoria, Introversão, Autoconhecimento.
X	A Roda da Fortuna.	Ação do Destino, Boa Fortuna, Mudanças de Ciclos.
XI	A Força (ou A Justiça).	Coragem, Luxúria, Fazer Uso da Força
XII	O Enforcado ou O Dependurado.	Sacrifício, Provação, Mudança de Perspectiva
XIII	A Morte ou A Carta sem Nome.	Transformação, Fim de um Ciclo, Libertação
XIV	A Temperança.	Paciência, Harmonia entre Opostos, Casamento Alquímico.
XV	O Diabo.	Encontro com a Sombra, Dependências ou Adições, Projeções.
XVI	A Torre.	Destruição de Velhas Estruturas, Ruptura, Desmoronamento de Ilusões.
XVII	A Estrela.	Cura, Esperança, Renovação da Vitalidade.
XVIII	A Lua.	Inconsciente, Medo, Nem Tudo Está Claro.
XIX	O Sol.	Leveza, Alegria de Viver, Orgulho, Percepção Clara.
XX	O Julgamento.	Renascimento, Retorno do Que Foi Considerado Perdido, Redenção.
XXI	O Mundo.	Vitória, Conclusão Satisfatória, Integração de Experiências.
0	O Louco.	Ingenuidade, Inexperiência, Abertura para o Novo.

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho a partir da consulta à obra de Banzhaf (2023)

Os Arcanos Maiores podem ser considerados arquetípicos, isto é, seu simbolismo seria uma manifestação do inconsciente coletivo da humanidade, noção proposta por Jung (1978, 1982, 2006, 2012, 2014, 2015). Isto se daria por dois motivos principais: primeiro, porque os símbolos dos Arcanos Maiores não podem ser atribuídos a um único autor ou criador, e podem ser encontrados em mitos de várias culturas. Exemplificando, o símbolo da Lua Crescente aos pés da Sacerdotisa em alguns dos Tarots, era inicialmente presente nas culturas pagãs, sendo muito antigo. Com o advento do Cristianismo foi incorporado pela Igreja Católica como um símbolo da Nossa Senhora da Conceição. Observei que o manto azul da Sacerdotisa passou a ser usado por Maria, mãe de Jesus. O sincretismo religioso transformou a Sacerdotisa, a devota guardiã feminina de templos de múltiplos deuses e deusas em

Nossa Senhora, conectando-a com a figura de um Deus único que foi encarnado em seu filho. Comparar as imagens apresentadas como Figura 1.

Figura 1- Imagens da Sacerdotisa no Tarot de *Rider-Waite-Smith* e de Nossa Senhora da Conceição em uma pintura de Murillo (1670)



Fonte: Clube do Tarô e Pinterest (2023)

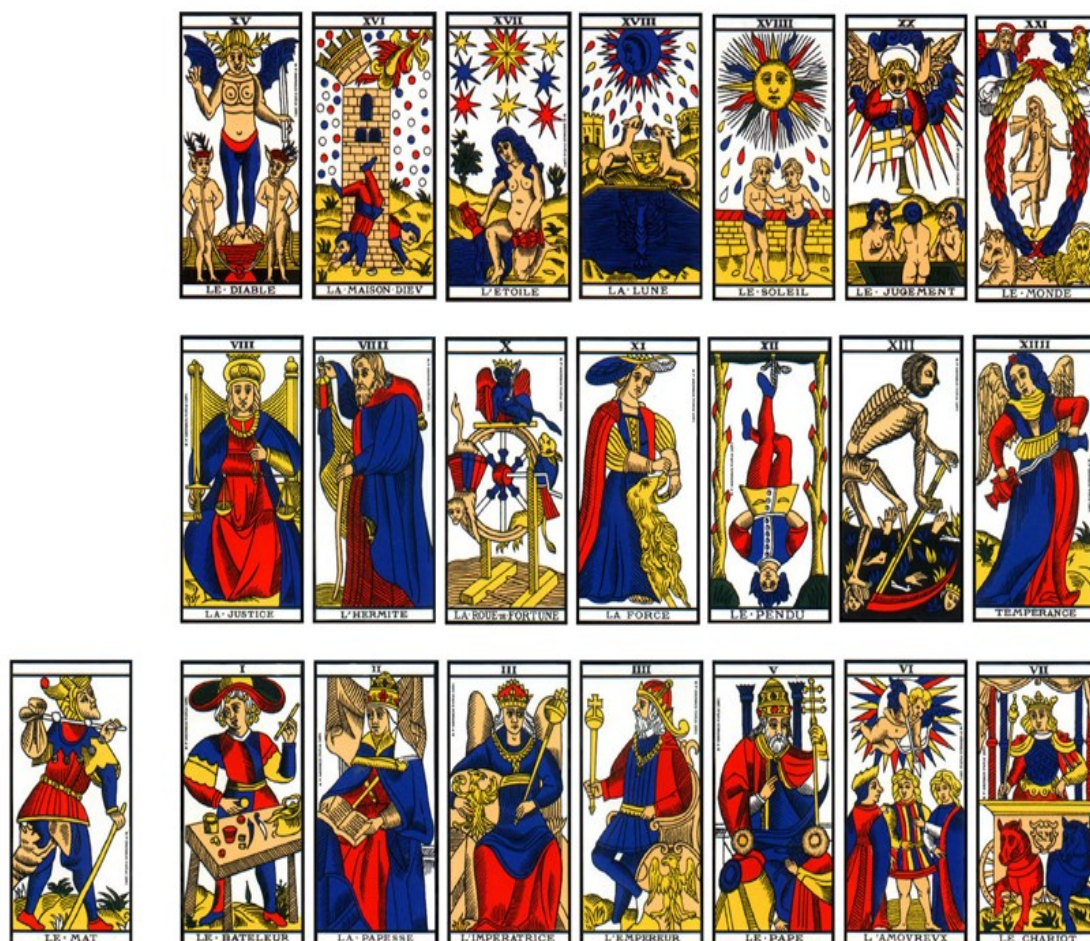
Em segundo lugar, os Arcanos Maiores são “misteriosos”, isto é, a interpretação dos mesmos não é clara ou evidente, sugerindo, conforme Jung (2012), uma vinculação com um conteúdo inconsciente que a imagem arquetípica e seus símbolos procura evocar. Em uma leitura, os Arcanos Maiores são considerados marcos importantes e estão relacionados a eventos significativos ao longo da vida. Por isso, os Arcanos Maiores têm um “peso” maior na interpretação; como sendo imagens de natureza mística ou espiritual que traduziriam o numinoso. É comum que os tarólogos os interpretem como mais relevantes do que os Arcanos Menores, como

uma mensagem da espiritualidade, ou do plano espiritual, que estaria na regência da vida dos seres humanos.

Cada Arcano Maior representa uma imagem arquetípica que pode ser considerada uma história em si, repleta de simbolismo, uma vez que as imagens arquetípicas são formadas por vários símbolos em uma única carta. Ao lançar as cartas e estabelecer relações entre as imagens arquetípicas e seus símbolos, no caso dos Arcanos Maiores, e dos símbolos dos Arcanos Menores, é realizada uma interpretação na qual é criada uma narrativa.

Na Figura 2, apresento os 22 Arcanos Maiores segundo o Tarot de Marselha.

Figura 2 - Arcanos Maiores segundo o Tarot de Marselha



Fonte: Oficina das Bruxas (2023)⁵³

⁵³ Crédito da imagem: <https://oficinadasbruxas.com/tarot-de-marselha-os-arcanos-maiores/>; acesso em 07 nov. 2023.

A Figura 3 mostra os 22 Arcanos Maiores segundo o Tarot *Rider-Waite-Smith*.

Figura 3 - Arcanos Maiores segundo o Tarot *Rider-Waite-Smith*



Fonte: Passei Direto (2023)⁵⁴

⁵⁴ Crédito da imagem: <https://www.passeidireto.com/arquivo/79918787/taro-river-waite>

Os Arcanos Maiores podem ser interpretados como uma sequência linear, em que o de número maior “trunfa” sobre o anterior. Por esta razão, os Arcanos Maiores são chamados de trunfos, porque representam a “vitória” de alguns arcanos sobre outros. O conhecimento desta sequência pode ser útil na interpretação. Para ilustrar, no Arcano Maior, XVI, a Torre, há um acontecimento repentino, obra do destino ou de Deus, em que um raio desce dos céus e destrói dramaticamente parte da estrutura de uma Torre. Apesar do estrago, a mensagem da carta é de que se a base do que foi destruído for sólida o suficiente, a Torre pode ser reconstruída. Em geral, isto se aplica para o consulente como situações em que há uma disrupção inesperada, num negócio, ou casamento. Pode significar a morte de alguém importante no passado. Algo que havia durado anos foi destruído. A carta seguinte, o Arcano XVII, a Estrela, representa a cura, a renovação da vitalidade, do prazer e, sobretudo, da esperança. A Estrela triunfa sobre a Torre, trazendo a bonança depois da tempestade.

Destaco que apesar dos Arcanos Maiores poderem ser lidos, para efeitos didáticos, na ordem em que se apresentam, de zero a XXI, a temporalidade inerente ao Tarot parece não ser linear, mas cíclica. Nesse sentido, ela tem parentesco com a música modal, com a filosofia antiga e com todos os sistemas construídos pela humanidade levando em conta o aspecto cíclico da natureza, como a Astrologia. Esta informação foi obtida por *insight*.

A temporalidade não linear do Tarot aparece, sobretudo, numa leitura. As cartas não surgem ordenadas em sequências numéricas, mas são escolhidas, viradas para baixo, sem que haja um conhecimento consciente de seus conteúdos. Quando as imagens são viradas para cima e expostas ao consulente, tanto numa leitura privada, quanto pública no *YouTube*, a ordem está frequentemente misturada. A interpretação será realizada a partir da disposição das cartas e das imagens simbólicas (Arcanos Menores) ou arquetípicas (Arcanos Maiores), levando-se em consideração o que trouxe a pessoa a solicitar a consulta ou sessão de Tarot, ou procurar o vídeo. Cabe ao intérprete saber como fazer a conexão entre os vários significados possíveis entre as imagens selecionadas.

A narrativa gerada pode ter ao menos duas finalidades: obter *insights* sobre situações específicas da vida do consulente, de forma que possa tomar melhores decisões; e/ou verificar a tendência futura de uma determinada situação, seja um relacionamento, uma empresa, uma viagem, com o fim de poder agir de forma

preventiva. Tais tendências, se consideradas reais, são passageiras e podem ser modificadas pela ação do consulente; neste sentido, o Tarot não apresentaria deterministicamente o “destino” de quem o consulta, mas a direção que teria maior probabilidade de ocorrer. Isso é explicado da seguinte forma: quando iniciamos uma ação, esta tem consequências, mesmo que não estejamos conscientes delas. Neste sentido, seria possível verificar através do Tarot qual o encaminhamento mais evidente que aquela ação pôs em movimento.

O Tarot seria capaz de mostrar tanto o que o consulente já sabe, por exemplo, considerando o passado e o presente, quanto o que ele ainda não tem consciência, mas estaria no inconsciente. Em outras palavras, o Tarot mostraria o desenvolvimento de uma situação, trazendo o inconsciente para o consciente e, portanto, sendo capaz de revelar o que potencialmente poderia ocorrer no futuro. Por essa razão, foi considerado uma arte divinatória, que significava, em suas origens, “consultar um deus”, sendo capaz de “prever” o futuro. Se estas afirmações puderem ser comprovadas do ponto de vista científico, significaria que o tempo do Tarot é diferente do sucessivo, podendo trazer informações referentes ao passado, ao presente e ao futuro.

4.10.5 O simbolismo dos Arcanos Menores

Os Arcanos Menores são formados pelos naipes de Paus, Copas, Ouros e Espadas, que também constituem um baralho para jogos de azar. No Tarot, cada naipe tem dez cartas numeradas de 1 a 10 e quatro imagens que são denominadas “Cartas da Corte” ou da Realeza. Estas têm variado historicamente. Como exemplo, o Tarot de Raider-Waite-Smith apresenta um Pajem, um Cavaleiro, uma Rainha e um Rei para cada naipe. O Tarot Encantado substitui o Pajem por uma Princesa e o Cavaleiro por um Príncipe. Quanto tais modificações acontecem, existem pequenas variações de interpretação.

Em leituras tradicionais, as Cartas da Corte podem representar aspectos da personalidade do próprio consulente ou de pessoas reais em sua vida. Pajens e princesas representam baixo nível de maturidade e experiência. Pajens desejam se tornar Cavaleiros; Príncipes e Princesas desejam se tornar Reis e Rainhas, respectivamente. O Cavaleiro serve lealmente sua Rainha; e a Rainha é consorte do

Rei. Ambos compartilham a regência de um reinado. Os Reis representam o maior nível de maturidade e estabilidade com relação às características de cada naipe. A Rainha é uma *expert* em relacionamentos humanos conectados com o que cada naipe simboliza. O Cavaleiro é considerado alguém que conhece muito bem o “reino”, uma vez que se desloca a cavalo para prestar serviços aos soberanos. O Pajem tende a ser um mensageiro. Todas estas características podem ser levadas em consideração em uma leitura.⁵⁵ Ver na Figura 4, como o naipe de Paus e as cartas da Corte ou Realeza foram representados no Tarot Rider-Waite-Smith, o primeiro que transformou as cartas numeradas em imagens simbólicas.

Figura 4 - Naipe de Paus no *Tarot Rider-Waite-Smith* com as cartas da Realeza e as numeradas de 1 a 10



Fonte: Pinterest (2023)⁵⁶

Na perspectiva junguiana, os Arcanos Menores não são necessariamente imagens arquetípicas, uma vez que eles foram criados por autores que podem ser nomeados em um período histórico recente. Para ilustrar, Arthur Edward Waite (1857-1942) é o autor do Tarot *Rider-Waite-Smith*, que é considerado um dos mais conhecidos. Foi publicado em 1910, pela *Rider & Co*, uma editora em Londres. Waite solicitou à artista visual Pamela Colman Smith (1878-1951), que ilustrasse o Tarot, e

⁵⁵ O simbolismo dos números será apresentado separadamente, em uma seção mais adiante.

⁵⁶ Imagem disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/790874384533508791/>; acesso em 07 nov. 2023.

incluiu cenas e figuras humanas nas cartas de todos os naipes dos Arcanos Menores. Estas imagens correspondem a significados específicos relacionados a cada carta, contribuindo para o seu reconhecimento simbólico.

Historicamente, os quatro naipes não eram ilustrados da mesma forma que os Arcanos Maiores. Um dos primeiros Tarots registrados continha apenas os Arcanos Menores, e é conhecido hoje como *Mamlûk*, ou Tarot Mameluco. *Mamlûk* é o nome de uma dinastia de sultões egípcios descendentes de escravos turcos que formaram um exército no século XIII.

Entre os séculos XIV e XV, 56 Cartas *Mamlûk* para jogar vindas do Egito foram introduzidas na Europa. São decoradas com arabescos. Cada naipe tem um símbolo e as cartas são reconhecidas pelo número de símbolos que representa cada naipe. Na Figura 5 é possível observar que o Três de Copas apresenta três cálices; o Ás de Espadas traz uma cimitarra, que mais tarde foi substituída nos Tarots contemporâneos por uma espada de corte reto. A carta Cinco de Ouros tem cinco pentáculos ou moedas; e Dois de Paus mostra dois tacos de um jogo popular na época. Posteriormente os tacos foram substituídos por bastões.⁵⁷

Figura 5 - Três de Copas, Ás de Espadas, Cinco de Ouros e Dois de Paus



Fonte: Clube do Tarô ⁵⁸

⁵⁷ Ver Figura 4 correspondendo ao naipe de Paus no Tarot Rider-Waite-Smith.

⁵⁸ Imagens disponíveis em: http://www.clubedotaro.com.br/site/h23_15_mamluk.asp.

A interpretação tradicional dos Arcanos Menores costuma trazer contexto aos Arcanos Maiores presentes na leitura, considerados mais relevantes. Os Arcanos Menores revelam maiores detalhes sobre a área da vida que está sendo enfocada em uma leitura. Os 56 Arcanos Menores são divididos em quatro Naipes: Ouros (ou Pentáculos) representado por moedas; Espadas, representados por espadas; Copas, representadas por taças; e Paus (ou Bastos), representados por bastões ou pedaços de pau. Cada naipe está associado a um elemento da natureza: Terra, Ar, Água e Fogo, respectivamente, e, por isso, lida com aspectos diferentes da experiência humana. O Quadro 9 apresenta a classificação dos naipes do Tarot segundo os quatro elementos.

Na interpretação tradicional, os Ouros representam a realização material e questões financeiras, enquanto as Espadas estão relacionadas aos pensamentos, ideias e conflitos mentais, bem como à comunicação. As Copas refletem os sentimentos e emoções, relacionamentos e eventos que possuem uma carga emocional; e os Paus simbolizam a intuição, a criatividade, e o ímpeto de aventura.

Quadro 9 - Classificação dos naipes do Tarot segundo os quatro elementos da natureza

Naips	Elemento	Significados
Espadas	Elemento Ar	Pensamentos, razão, comunicação
Paus	Elemento Fogo	Intuição, criatividade, ímpeto de aventura
Copas	Elemento Água	Emoções e sentimentos, relacionamentos
Ouros	Elemento Ouros	Materialização, conquistas materiais e financeiras

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

Cada naipe tem uma sequência de cartas numeradas de zero a dez e um conjunto de cartas chamadas da “realeza” ou “cartas da corte”. Desde que baralhos de Tarot foram descobertos no século XIV, o número e os nomes destas figuras variam. Em alguns baralhos antigos havia apenas três; nos atuais, em geral, há quatro: Reis, Rainhas, Cavaleiros e Pajens. Uma modificação comum é os Cavaleiros serem representados por Príncipes e os Pajens por Princesas, o que muda um pouco a interpretação.

Esta numeração conta uma história, relacionada a cada esfera da vida representada pelos diferentes naipes. O significado destes números será apresentado

na seção a seguir. Mas, antes, quero apresentar uma interpretação adicional dos quatro naipes dos Arcanos Menores, no Quadro 10.

Quadro 10 - Classificação dos naipes do Tarot segundo as energias masculina e feminina, material e espiritual

Naips	Elemento	Significados
Paus	Ativas para a Terra	Energia masculina e material
Copas	Receptivas para o Céu	Energia feminina e espiritual
Ouros	Receptivas para a Terra	Energia feminina e material

Fonte: Adaptado de Jodorowski e Costa (2016, p.70)

Cada naipe representa um tipo de energia, que pode ser considerada masculina, ou ativa, ou feminina, ou receptiva. Estas energias são as mesmas representadas pelo símbolo chinês *Ying-Yang* e não correspondem a divisões de papéis sociais com relação a gênero. A explicação subjacente é que todos os seres humanos, assim como todo o Universo, seria composto deste conjunto de energias opostas e complementares. Assim, pessoas que se identificam com o gênero masculino têm ambas as energias femininas e masculinas, mas o último polo estaria predominante. O mesmo ocorre para quem se identifica com o gênero feminino, com a polaridade feminina mais ativa. E assim por diante, cobrindo quaisquer variações entre pessoas LGBTQ+. ⁵⁹

Em síntese, a dualidade de energias feminina e masculina expressas no Tarot não correspondem a gênero, estando presentes em todos os seres humanos. O naipe de Espadas é masculino e espiritual em contraposição ao naipe de Ouros, que é feminino e material, como os pensamentos. Isto significa que a energia representada pelas cartas de Espadas é ativa e imaterial, ao passo que aquela representada pelo naipe de Ouros é passiva, mas capaz de manifestação no mundo da matéria, na forma de bens e finanças.

Já o naipe de Paus é considerado masculino e material, ativamente concebendo projetos criativos que poderão ser manifestados ou concretizados

⁵⁹ No ano de 2023 a sigla LGBTQ+ aumentou, tornando-se LGBTQQICAPF2K+, que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Questionando, Intersexo, Curiosos, Assexuais, Pansexuais e Polisssexuais (no mesmo P), F = Friends, em português foi traduzido como Aliados, 2 = Two-Spirit, corresponde a nascer como espírito feminino e masculino simultaneamente. e Kink, relacionado a fetiches. O sinal de mais diz respeito a outras identidades de gênero e orientações sexuais que não estão representadas nos anteriores. Para saber mais, consulte: <https://www.correiobraziliense.com.br/webstories/2023/08/5121662-lgbtqqicapf2k-entenda-o-significado-de-cada-letra-da-sigla.html>; acesso em: 31/10/23.

materialmente. E o naipe de Copas é feminino e espiritual. Por isso, alguns oraculistas consideram o naipe de Copas o representante legítimo da função intuitiva, não o de Paus, como na interpretação tradicional. Talvez tenha havido, historicamente, alguma confusão entre o significado de inspiração - a fagulha criativa simbolizada pelo naipe de Paus - e o de intuição. A inspiração criativa é ativa e pode ser expressa em ações, ao passo que a intuição é considerada passiva, isto é, chega em um estado de receptividade, cujo arquétipo está presente na figura da Sacerdotisa, Arcano Maior número II.

Além disso, o fato de a intuição estar relacionada ao elemento água e à imagem arquetípica da Sacerdotisa, possivelmente significa sua conexão com a capacidade de sentir representada por este elemento. Segundo o conhecimento implícito no Tarot, a intuição se dá em um estado passivo de receptividade, em que quem intui está conectado à capacidade de sentir. Como a água também é representada como um fluxo, uma interpretação adicional possível é que a intuição ocorra como uma corrente de sensações que surgem à consciência, como a água surgiria de uma nascente.

O simbolismo do Tarot como um todo é análogo à natureza, representando o primeiro conhecimento que o ser humano foi capaz de adquirir: o dos ciclos observáveis no mundo natural. A natureza não só está presente no Tarot literalmente em imagens, mas também de forma simbólica, como lições a serem aprendidas. Para exemplificar, o Arcano Maior número III, a Imperatriz é a senhora do mundo natural e a encarnação da maternidade, da criatividade e da geração do novo. Está implícito no arquétipo vários simbolismos que contêm lições a serem aprendidas pela humanidade; uma delas, que a Natureza é a “verdadeira mãe do ser humano numa escala global”. Portanto, é preciso cuidar do planeta se quisermos não só sobreviver, mas manter uma qualidade de vida ideal, com água potável, solo fértil, alimentação farta e ar não poluído para todos.

A gestação da Imperatriz leva nove meses para vir a termo, significando que “a natureza não dá saltos” e que “para todo plantio, existe uma colheita, que leva tempo para se manifestar”. Diferente do sexo masculino na espécie humana, que não pode engravidar, o arquétipo da Imperatriz, do sexo feminino, engloba não só a gestação e a maternidade em seus aspectos físicos e biológicos, mas a fusão com a noção de gerar o novo e de criar. No Tarot, o espírito criativo é feminino, em termos de energia e sua contraparte está no Imperador, cuja energia masculina trará estrutura às

criações da Imperatriz. Cabe ao Imperador a manutenção do que foi criado por sua consorte; por isso, esse par é indissociável, assim como as energias feminina e masculina do Universo. O número III também tem um significado relacionado à criatividade, e é o que apresentarei a seguir.

4.10.6 O simbolismo dos números no Tarot

O significado dos números do Tarot têm relação com a numerologia pitagórica. Neste sentido, cada número expressa uma vibração energética e uma frequência particular. Pessoas nascidas em datas com números diferentes teriam personalidade diferenciada, de acordo com a vibração numerológica. Jodorowski e Costa (2016), estudiosos do Tarot, interpretam o simbolismo numérico da seguinte forma, apresentada no Quadro 11:

Quadro 11 - Simbolismo dos números de acordo com a interpretação de Jodorowski e Costa

ID	Descrição
1	Início, potencial, totalidade em potência.
2	Estado receptivo de gestação, preparação para a ação.
3	Primeira ação, explosão criativa espontânea, sem planejamento.
4	Estrutura estável – a ação se estabiliza – mesa de 4 pés, quadrado.
5	Desequilibra a estabilidade do 4 – traz algum tipo de conflito; é uma ponte.
6	Fazer o que se gosta – primeira ação aliada à vontade.
7	Ação concreta no mundo com algum nível de dificuldade.
8	Equilíbrio e perfeição sem simetria, busca de excelência.
9	Abandonar a perfeição para entrar no caos, no novo – é um desafio.
10	Totalidade completa, fim do ciclo e início do novo.

Fonte: Adaptado de Jodorowski e Costa (2016, p.76)

É possível constatar que, segundo Jodorowski e Costa (2016) os números se sucedem numa sequência que faz sentido quando compreendida globalmente. O número um representa o início de algo e a totalidade em potência, algo que está prestes a entrar em existência. Pode ser simbolizado como o ovo que acabou de ser fertilizado. O dois corresponde ao estado de gestação e de preparação para a ação. O três seria o nascimento no mundo, um momento de ação espontânea. O quatro é a formação de uma primeira estrutura, que consolida e estabiliza a ação do número três. O cinco traz um conflito e desequilibra a estrutura criada no quatro. O seis permite o retorno à harmonia. O sete representa algum nível de dificuldade com relação a ações

planejadas; o oito simboliza a busca de excelência, equilíbrio e perfeição; o nove, o aprendizado desafiador de que é preciso abandonar a perfeição para voltar a experimentar a energia criativa do caos. E o dez, simboliza a finalização de um ciclo e o início de uma nova etapa de vida.

Os números nas cartas do Tarot também podem ser compreendidos como indicadores de desenvolvimento humano, refletindo as diferentes fases que os seres humanos atravessam ao longo de sua existência. O Quadro 12 apresenta esta classificação. Cada número representa uma jornada única e um estágio crucial para o crescimento, ampliando o desenvolvimento ocorrido nas fases anteriores.

Quadro 12 - Números do Tarot como etapas do desenvolvimento humano

ID	Etapas	Descrição
1	Infância	Inícios, ausência de experiências e conhecimentos
2 e 3	Adolescência	Definição de uma identidade funcional, de papéis sociais
4 e 5	Vida Adulta	Maturidade no plano material
6 e 7	Maturidade	Refinamento nos planos intelectual e emocional
8 e 9	Terceira Idade	Maior evolução, autonomia e sabedoria, refinamento no plano espiritual

Fonte: Adaptado de Jodorowski e Costa (2016, p.77)

O um é a unidade, o início de algo que estava latente, adormecido, em estado potencial. Nos Arcanos Maiores, o número I é o Mago, que significa, entre outras interpretações possíveis, o domínio dos quatro elementos e a capacidade de cocriação no mundo material.

Como etapa de desenvolvimento, o número um é frequentemente associado à infância. Nesse estágio, estamos no início de nossa jornada, com pouca ou nenhuma experiência e conhecimento. Assim como uma criança que está apenas começando a explorar o mundo, estamos repletos de curiosidade e um desejo de descobrir o desconhecido.

À medida que avançamos para os números 2 e 3, entramos na fase da adolescência. Aqui, estamos definindo nossa identidade funcional, descobrindo quem somos e o que queremos alcançar na vida. Essa é uma época de experimentação e autodescoberta, à medida que buscamos nosso lugar no mundo.

Conforme entramos na vida adulta, nos deparamos com os números 4 e 5. Nesse estágio, alcançamos maturidade no plano material, assumindo responsabilidades, estabelecendo carreiras e construindo uma base sólida para o

futuro. Estamos focados em questões práticas e em garantir nossa segurança financeira.

Quando progredimos para os números 6 e 7, entramos na maturidade. Neste ponto, estamos buscando o refinamento no plano intelectual e emocional. Temos uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo, e começamos a ter uma ideia mais clara de para onde estamos indo em nossas vidas.

E, finalmente, quando avançamos para os números 8 e 9, estamos no auge de nosso desenvolvimento. Alcançamos maior autonomia e sabedoria, e estamos buscando o refinamento no plano espiritual. Nossas prioridades mudaram, e estamos mais focados no crescimento interior e na busca de um propósito mais elevado.

Em resumo, os números do Tarot podem ser vistos como uma jornada espiritual que reflete o desenvolvimento humano. Cada número representa uma etapa crucial em nossa evolução, desde a infância até a maturidade espiritual.

4.10.7 O simbolismo das cores no Tarot

Todas as cores do Tarot parecem ter recebido suas interpretações a partir da forma como se apresentam no mundo natural. O amarelo é encontrado na luz solar e está associado com a luz da consciência e com a energia vital. O vermelho, presente no sangue, no planeta Marte, nas plantas venenosas, sugere perigo e agressividade. O azul do céu e da água que reflete o céu, representa paz, receptividade e equilíbrio. O verde abundante na vegetação é sinônimo de fertilidade, exuberância e crescimento. O roxo, mais raro, presente em algumas flores, nas uvas e nas ametistas, simboliza a espiritualidade, a intuição e a sabedoria. O branco, união de todas as cores é reconhecido como símbolo da pureza e da unidade perfeita. O negro é o vazio, a origem de tudo o que existe, mas em estado potencial. De forma equivalente, a escuridão representa o inconsciente. A cor de carne (pele) se tornou um símbolo da dualidade e da ambiguidade existentes como uma característica da vida humana, bem como da união entre opostos. O Quadro 13 apresenta o simbolismo das cores no Tarot.

Quadro 13 - Simbolismo das cores no Tarot

Cores	Descrição
Amarelo	Vitalidade, Energia, Entusiasmo, Luz da Consciência
Vermelho	Paixão, Agressividade, Vida, Perigo, Atividade, Reino Animal
Azul	Tranquilidade, Receptividade, Paz, Equilíbrio
Verde	Crescimento, Fertilidade, Exuberância, Reino Vegetal, Conexão com a Natureza
Roxo	Espiritualidade, Sabedoria Suprema, Intuição
Branco	Unidade Perfeita, Pureza, Purificação, Totalidade Potencial
Negro	Vazio, Nigredo Alquímico (origem de todas as coisas), Trabalho Interno em Profundidade, O Grande Mistério.
Escuridão	Inconsciente, o Oculto, Para Além da Visão Física
Cor de carne	Reino Humano, Ambiguidade, Dualidade e União dos Opostos

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

4.10.8 O simbolismo da orientação das figuras humanas no Tarot

A interpretação do Tarot segue orientações particulares. A leitura das cartas é tradicionalmente feita da esquerda para a direita, seguindo a direção natural da escrita. Essa orientação pode ser levemente modificada se a leitura está sendo realizada na modalidade de uma cruz, como a Cruz Celta. Neste caso, pode haver também a leitura de cima para baixo ou de baixo para cima.

Com relação à orientação das figuras nas cartas do Tarot, podem estar viradas para a esquerda, para a direita ou para a frente. Cada orientação tem seu próprio simbolismo. Quando as figuras estão viradas para a esquerda, isso sugere uma conexão com o passado, indicando que a situação ou o tema em questão tem raízes históricas ou envolve influências do passado; ou ainda que o consulente deve olhar para o passado em busca de uma resposta. Pode significar que o consulente está “preso” ao passado. A mudança da interpretação depende do tema da consulta e das outras cartas relacionadas. Por outro lado, quando as figuras estão viradas para a direita, isso aponta para o futuro, indicando que o assunto em análise tem conexão com o futuro. Tal conexão pode ser melhor explorada perguntando diretamente ao consulente, ou abrindo mais cartas. Pode significar que o consulente está demasiado voltado para o futuro, caso seja uma carta que o represente.

As figuras viradas para a frente estão relacionadas com o presente, sugerindo que o tema está ocorrendo no momento atual. Elas também parecem encarar o consulente face a face, convidando-o à reflexão e à ampliação de consciência sobre o tema em discussão. Essas cartas são consideradas particularmente importantes,

pois revelam aspectos do presente que o consulente deve considerar. Existem vários Arcanos Maiores que estão representados como “olhando” diretamente para o consulente, como a Justiça, o Sol e o Julgamento.

Em uma leitura sobre um casal em que duas cartas juntas estão olhando para direções opostas, pode indicar que o casal esteja em conflito e com dificuldade de conseguir uma solução que beneficie a ambos. Pode haver uma pessoa olhando para o cônjuge, mas o cônjuge está olhando para fora, para outra figura, ou para o futuro. Duas cartas que se olham, indicam harmonia e união.

A presença ou não de horizonte nas cartas e o posicionamento das figuras acima ou abaixo desta linha também têm significados específicos. O plano acima é o espiritual e o plano abaixo é o material. Estes dados também podem ser evidenciados, ou não, em leituras de Tarot.

4.10.9 Tipos de leituras de Tarot

Existem várias perguntas que podem ser utilizadas para guiar uma leitura, dependendo do tipo de informação que busca. Para leituras de apenas uma carta de Tarot, algumas questões comuns incluem:

1. Qual a energia para o meu dia? Essa pergunta pode fornecer uma visão geral do seu estado de espírito e das influências que moldarão o seu dia. A carta revelada pode mostrar se o dia será de tranquilidade, ou apresentará desafios e como enfrentá-los;
2. O que estou precisando prestar atenção essa semana? Esta pergunta é útil para identificar áreas da vida que demandam maior atenção e cuidado nos próximos dias. A carta revelada pode identificar alguns aspectos que não têm sido levados em conta, mas que merecem foco;
3. Qual o maior aprendizado dessa situação? Se alguém estiver passando por um desafio ou enfrentando uma questão específica, essa pergunta pode ajudar a compreender as lições que estão sendo apresentadas. Nesta perspectiva, o Tarot pode oferecer orientações valiosas sobre como crescer a partir da experiência, possibilitando a ressignificação, ou ampliando a visão a respeito do que está sendo vivenciado;

4. Como está a minha vida amorosa (ou profissional, ou financeira, ou espiritual etc.)? Essa pergunta permite obter *insights* específicos sobre a área da vida que mais interessa ao consulente. A carta revelada pode mostrar tendências, desafios ou oportunidades no setor em foco.

Além das leituras de uma única carta, também é possível fazer leituras de duas cartas. Nesse caso, as perguntas podem ser:

1. O que você vê e o que não vê em uma dada situação? A primeira carta pode representar o que é óbvio ou aparente na situação, enquanto a segunda carta pode revelar aspectos ocultos ou subestimados. Isso contribui para obter uma compreensão mais completa;

2. Como você se sente e o que está ocorrendo? A primeira carta pode indicar seus sentimentos e emoções em relação à situação, enquanto a segunda carta pode descrever os eventos ou circunstâncias que estão ocorrendo objetivamente;

3. Como a situação atual vai se desenvolver? Essa pergunta busca prever o futuro ou o desenrolar dos acontecimentos. A primeira carta pode indicar o estado atual, e a segunda carta pode apontar para o caminho que a situação provavelmente tomará;

As leituras de três cartas geralmente dizem respeito ao passado, presente em futuro de uma determinada situação. A partir desse número, existem disposições que foram criadas por tarólogos, que lhes deram nomes específicos, tais como Cruz Celta, quanto há uma distribuição em forma de cruz, com 10 lâminas. Existem tantas possibilidades de leituras, quanto o número total de cartas. Leituras utilizando quatro, cinco, sete, dez, onze e doze cartas são comuns.

Além disso, o Tarot oferece a possibilidade de responder a perguntas do tipo SIM ou NÃO. Existem Arcanos Maiores que são mais propensas a responder de maneira afirmativa. São eles: I, II, III, IV, V, VII, VIII, IX, X, XI, XIV, XVII, XIX e XXI; isto é, O Mago, A Sacerdotisa, A Imperatriz, O Imperador, O Papa, O Carro, A Força, O Eremita, A Roda da Fortuna, a Justiça, a Temperança, a Estrela, o Sol e o Mundo. Estas últimas são consideradas as cartas mais positivas do Tarot.

Por outro lado, as cartas que respondem negativamente, são os Arcanos XII, XIII, XV e XVI, respectivamente, O Dependurado, A Morte, o Diabo e A Torre. Algumas cartas, como Os Enamorados, Arcano VI, e o Julgamento, Arcano XX, podem indicar

dúvida e respondem como "talvez", sugerindo que a situação pode ser influenciada por fatores variáveis e merece maior exploração.

Um caso especial é o Arcano da Lua, número XVIII, que pode ser interpretado como "Não" ou "Talvez", dependendo do oraculista. Sugere que a situação pode ser complexa e sujeita a mudanças imprevisíveis que estariam “ocultas pela escuridão da noite” presente na imagem da carta.

Em síntese, o Tarot oferece um conjunto complexo de símbolos que podem ser interpretados de múltiplas formas. A interpretação dos Arcanos, números, cores, e orientação das imagens em diversos tipos de leituras exigem prática e conhecimento por parte do leitor de Tarot. Cada carta têm vários significados que podem ser alterados dependendo do contexto. A habilidade do oraculista está em combinar esses elementos para fornecer orientações valiosas ao consulente.

4.10.10 Tarot e energia: o Tarot poderia ser explicado através da noção de campos morfogenéticos?

É importante lembrar que atualmente o Tarot não é considerado um meio mágico para prever o futuro de forma absoluta, mas sim uma ferramenta de autoconhecimento. Ele pode proporcionar orientação e *insights*, além de uma compreensão mais profunda de si e das situações que o consulente está enfrentando. Entretanto, existem, relacionadas ao Tarot, questões que ainda não têm resposta ou evidência científica.

As tarólogas que fazem leituras coletivas no *YouTube* frequentemente fazem uso da palavra “energia” em seus vídeos. Elas dizem sentir, no momento de uma leitura, as energias do grupo de consulentes. Por exemplo, na hora de embaralhar, há momentos em que as cartas parecem “pular” aos montes; nestas ocasiões, as oraculistas dizem que são os consulentes que estão “ansiosos por uma resposta”. Da mesma forma, quando as cartas são embaralhadas com o objetivo de que caiam sobre a mesa, há ocasiões que “parecem não querer sair”, como se tivessem vontade própria. Se a sessão coletiva tem o tema relacionamento amoroso, uma interpretação que pode ser oferecida é a de que a pessoa amada, referente ao grupo de consulentes, “não está querendo falar”. Neste sentido, a capacidade intuitiva das

oraculistas está relacionada a “sentir as energias” presentes em uma leitura e fazer a interpretação a partir dessa informação.

É comum que o Tarot seja considerado uma entidade autônoma e consciente, por quem lida com ele. Isto é, como oráculo, ele parece responder de forma independente às intenções do tarólogo. Isto significa que pode haver leituras em que tanto o tarólogo quanto o consulente desejam uma determinada resposta e esta não vem. Em geral, a questão é perguntada novamente, e pode não haver esclarecimento. Quando isto ocorre é comum ser interpretado como “ainda não é o momento para que este assunto seja tratado”; ou como “um veto da espiritualidade”, para os oraculistas que afirmam serem canais mediúnicos de entes espirituais.

É possível que a intenção de uma leitura seja relevante para que ela tenha resultados positivos. Uma hipótese é a de que pode existir um campo energético formado pelo tarólogo, o Tarot e o consulente – ou consulentes, no caso das leituras coletivas. Este campo seria rico em informação e sensível à intenção colocada em uma interpretação. Campo é um conceito unificado, que implica que tudo o que existe no universo forma campos de energia, visto que matéria é energia. Como todas as coisas no Universo têm energia, inclusive os seres humanos, campos energéticos existiriam, mas invisíveis, sendo percebidos pelos seus efeitos. A informação presente no campo “colapsaria”, respondendo, como ressonância, às características de cada campo particular e, possivelmente, às intenções de seus integrantes.

Assim, se que quem busca a leitura tem uma intenção clara; e se esta intenção seria capaz de “impregnar” o campo energético, seria possível sugerir que as cartas que são selecionadas sem que suas imagens sejam vistas, por estarem viradas para baixo, tenham uma correspondência com o que foi intencionado e com a energia total do campo. Nesta perspectiva, o contrário também seria verdadeiro: pessoas sem intenção clara, que querem “brincar” numa leitura, sem ter intencionado um propósito legítimo, receberão uma leitura com menor sentido do que se tivessem um tema ou uma questão a explorar.

Além disso, seria o campo de energia o responsável pelas leituras sem sentido, dando a impressão de que é o Tarot que tem autonomia sobre o tarólogo e o consulente. É possível que o Tarot espelhe em imagens, os pontos mais relevantes da vida e/ou da psique do consulente, ainda que não exista uma elucidação científica

para isso; ou ao menos, uma explicação que seja consensual e tenha se tornado hegemônica.

Na hipótese do campo energético, o oráculo seria uma forma de trazer à consciência aspectos que estão presentes no campo como uma totalidade. Uma leitura de Tarot seria uma apresentação ao consulente de aspectos conscientes e inconscientes em seu psiquismo e que estariam em ação em sua vida, de forma a que o consulente possa ver o que não estava acessível à sua consciência. Esta hipótese parece ser corroborada pela teoria junguiana. No trabalho com imagens simbólicas há necessariamente um elemento inconsciente sempre presente que, ao emergir na consciência, mesmo que de forma parcial, servirá de orientação com relação ao processo de individuação de cada ser humano.

Em outras palavras, símbolos universais específicos presentes em imagens arquetípicas igualmente universais fornecem significados que farão sentido particular para cada consulente. As imagens arquetípicas e simbólicas presentes nas cartas, dispostas sobre uma mesa, ou superfície lisa ou firme, parecem oferecer ao consulente uma visão panorâmica das questões relevantes que o levaram a buscar a leitura. Para Jung, o contato com imagens arquetípicas pode abrir espaço para uma experiência numinosa, por isso, extraordinária e capaz de mudar a vida de quem a vivencia.

Uma hipótese para a explicação do Tarot como um campo energético seria a teoria dos campos morfogenéticos de Sheldrake (2009; 2014). Campos morfogenéticos são campos de energia organizadores de sistemas biológicos, tais como moléculas, cristais, células e tecidos. Eles possuem uma memória inerente que é gerada por ressonância mórfica. Esta por sua vez, articula coletivos através da organização da informação presente no campo. A morfogênese não ocorre no vácuo. Sheldrake (2009, p. 65) menciona a existência de um “germe morfogenético” (*morphogenetic germ*), isto é, uma forma característica que é cercada por um campo morfogenético particular. Este é uma espécie de “forma virtual” (*virtual form*) do sistema final. Quando uma entidade biológica se desenvolve por completo, ela coincide com seu campo morfogenético, que dirigiu a sua transformação, do ovo fertilizado a forma adulta.

Campos morfogenéticos são estruturas de probabilidades. Como tal, se assemelham ao Tarot, que também pode ser considerado um processo dinâmico

gerador de múltiplas estruturas de probabilidades de interpretação e criação de sentidos. Na ressonância mórfica, apenas as frequências que são naturalmente próximas do campo formado são capazes de fazer o campo ressoar. Neste sentido, um campo está impregnado de informação que só é ativada em determinadas frequências. Hipoteticamente, cada carta de Tarot, com os seus significados específicos e, ao mesmo tempo, a sua polissemia, teria uma frequência única. Esta frequência ressoaria apenas em determinados campos, mas não em todos, o que poderia explicar a diversidade das cartas emergentes e, ao mesmo tempo, a possibilidade de repetição de algumas delas, representando os padrões mais característicos do campo. Assim como seres biológicos são complexos e dinâmicos, o Tarot pode ser considerado desta forma.

É possível que a leitura de cartas forme um campo energético em que a sincronicidade esteja presente, no sentido de que as cartas estariam respondendo a frequências vibratórias específicas e, por isso, o seu surgimento numa leitura não seria aleatório. As cartas seriam as melhores correspondências qualitativas, traduzidas em imagens simbólicas, às frequências constituintes de um determinado campo.

Da mesma forma, os conceitos de intenção e de intencionalidade seriam importantes para criar “vetores energéticos”, isto é, como os vetores na física, tanto a intencionalidade da consciência, quanto a intenção da leitura poderiam ser consideradas vetores correspondendo à direção, sentido e intensidade da interpretação.

Assim como na física, no caso da força, da velocidade, da aceleração e do deslocamento é preciso descrever para onde atuam tais grandezas, a intencionalidade e a intenção descreveriam como a sincronicidade ocorre, isto é, qual é a orientação de uma leitura e a tendência das cartas como “emergentes” de um campo. Por isso, a disposição das cartas de Tarot não seria aleatória, uma vez que os vetores possibilitariam a atribuição de direção e sentido em um determinado campo.

Por outro lado, aqueles que são incrédulos de que este seja um fenômeno científico, tendem a atribuir as diferenças de interpretação nas leituras apenas à capacidade que os seres humanos têm de gerar significados. Nesta perspectiva, o tarólogo e o cliente veriam nas cartas de Tarot o que desejam ver; e a interpretação seria criada para causar uma “ilusão de confirmação”, mesmo que o tarólogo esteja bem-intencionado. O campo energético não existiria e o exercício de interpretação

seria uma espécie de “liberdade criativa” ou “licença poética” do intérprete, validando o Tarot como um “jogo de espelhamento”, enquanto seria apenas um “jogo de criação de significados compartilhados” em um contexto cultural específico.

Conhecimentos da psicologia demonstraram que o Tarot pode ser utilizado como uma ferramenta projetiva, isto é, cada pessoa vê nas imagens o reflexo de sua própria subjetividade. Entretanto, o Tarot não é considerado oficialmente uma técnica para uso psicológico no século XXI, pois seu uso é proibido pelo Conselho Federal de Psicologia. É possível que existam profissionais, psicólogos clínicos, ou terapeutas de outras ordens, que façam uso do Tarot terapeuticamente, solicitando ao cliente o que vê na(s) imagem(ns) e considerando o material oriundo da projeção como dados relevantes para o tratamento.

Além disso, existem explicações alternativas para explicar a “percepção de sincronicidade” em uma leitura. Em um artigo online em *Psychology Today*, Beitmen (2023) afirma que variáveis psicológicas são as principais responsáveis pela criação de sentido em eventos que parecem coincidências significativas, também chamadas de eventos sincrônicos, ou sincronicidade. Os principais pontos de argumentação do autor podem ser sintetizados da seguinte forma: em primeiro lugar, para existir, as coincidências significativas devem ser reconhecidas por alguém que se empenha em compreender seu significado; o passo inicial requer a ativação do eu-observador; o reconhecimento de padrões pode ser distorcido, e uma pessoa pode perceber padrões que não existem, ou não reconhecer padrões que estão presentes; e, finalmente, traços de personalidade estão correlacionados com sensibilidade à percepção de coincidências significativas.

Em síntese, Beitmen (2023) afirma que são as pessoas que estabelecem sentido aos eventos percebidos como sincrônicos. Para ilustrar, conta o caso de uma pessoa que está pensando em aceitar um emprego em uma outra cidade, mas está em dúvida sobre a decisão. Uma noite, enquanto estava discutindo a questão com um amigo, ele recebe um telefonema de um velho conhecido que mora naquela cidade. O conhecido não sabe de sua oferta de emprego. Impressionado pela coincidência, a pessoa decide interpretar o evento sincrônico como um sim e aceitar o emprego. Para este autor, da mesma forma que a pessoa entendeu tal coincidência como um “sim”, o evento poderia ter o efeito contrário, e resultar em um “não”, pois não há nenhum sentido evidente no telefonema em si.

Beitmen (2023) propõe que futuras pesquisas examinem outras variáveis psicológicas que influenciem a sensibilidade de uma pessoa à sincronicidade, além da observação de si próprio e do reconhecimento de padrões. Sugere ainda que variáveis cuja correlação com a sincronicidade foi negativa, como a agradabilidade, sejam investigadas

Quanto à não existência de um “sentido evidente”, o mesmo pode ser dito das leituras de Tarot; isto é, que não existiriam campos energéticos, ou eventos sincrônicos, e que os padrões reconhecidos nas cartas fazem parte dos sentidos estabelecidos pela oraculista e compartilhados com seus consulentes. Os intérpretes de leituras de Tarot e oráculos de cartas estão familiarizados com eventos como cartas repetidas, que são interpretadas como confirmação da leitura; ou afirmam “sentir energias” que são tomadas como indicadores de interpretação.

Este é um campo aberto para a investigação científica; entretanto, é considerado polêmico, pois existem cientistas que não concordam que o Tarot possa ser estudado cientificamente. Encontrei um estudo de Oriden (2021) que procurou evidenciar que a ideia de que o Tarot pode prever o futuro é pseudocientífica, uma vez que não é possível repetir uma leitura. Entretanto, as interpretações podem ser gravadas em vídeo. O autor aponta que as interpretações são genéricas e podem servir a qualquer pessoa. Afirma que o efeito *Forer* - utilizado para explicar que o que é dito sobre a personalidade de uma pessoa é geral e vago o suficiente para que múltiplas pessoas acreditem que o enunciado se dirige a elas – se aplica igualmente ao Tarot.

Sem negar a possibilidade do efeito *Forer* em alguns casos, existem leituras de Tarot que são muito específicas para poderem ser consideradas válidas para muitas pessoas. A premissa subjacente em uma leitura coletiva de Tarot é que vai servir a múltiplos casos, mas não a todos. Se, segundo o efeito *Forer*, qualquer interpretação de Tarot e oráculos de cartas realizada seria vaga o suficiente para se aplicar a qualquer pessoa, isto parece não ocorrer em todas as situações.

Destaco que a validade do Tarot não foi objeto desta tese e que sou a favor de investigações que possam elucidar como se dá a interpretação de sentidos pelos consulentes.

É possível que, em uma mesma leitura, objetivamente gravada em vídeo, grupos diferentes possam se apoiar em concepções contraditórias para explicar o que

ocorre numa interpretação de imagens simbólicas de Tarot, dependendo de suas visões de mundo. Este fato, para mim, por si só, é intrigante e merece maior investigação.

5 MÉTODO

Esta pesquisa qualitativa teve como método a etnografia digital para responder à questão de pesquisa “como ocorre o fluxo entre intuição e conhecimento durante a interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas?”

As leituras coletivas intuitivas de Tarot e oráculos de cartas estão presentes em canais da plataforma *YouTube* para milhares de espectadores, em nível nacional. Ao procurar selecionar múltiplas informantes, recebi o consentimento de apenas uma: a responsável pelo canal “Caminhos da Alma”. A coleta de dados foi feita em duas etapas: entrevistas individuais em profundidade, realizadas online e gravadas em vídeo pela ferramenta *Zoom*; e seleção de vídeos do canal para análise de dados. Uma terceira etapa envolveu a devolução da análise para a informante, para que expusesse seus comentários. Esta sessão online foi gravada.

Uma das características essenciais dos métodos qualitativos de pesquisa é o foco em como os informantes atribuem significado ao que fazem e em como narram suas experiências. Nesta perspectiva, investiguei como a informante conceitua intuição e como descreve o funcionamento de processos intuitivos nas leituras coletivas de Tarot gravadas em vídeo e publicadas em seu canal no *YouTube*. Estudei ainda, a relação entre o conhecimento prévio sobre o simbolismo do Tarot para realizar a interpretação das cartas e sua intuição.

Com relação às questões teóricas, nesta investigação revisito o conceito de intuição com a finalidade de refinar a sua definição científica e verificar a delimitação entre intuição e *insight*, bem como a relação entre conhecimento tácito e intuição. Na revisão integrativa da literatura científica sobre o tema, incluo as contribuições teóricas da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e uma exploração da intuição em suas origens filosóficas. A fundamentação teórica se encaminha na perspectiva de ir além do dualismo mente-corpo cartesiano.

Como um dos principais resultados, ofereço uma forma de visualização do fluxo entre intuição e conhecimento que ocorre durante a interpretação de imagens simbólicas de cartas de oráculos e Tarot no contexto de leituras intuitivas coletivas publicadas em vídeo no canal de *YouTube* “Caminhos da Alma”.

5.1 A ETNOGRAFIA DIGITAL

O método de pesquisa qualitativo escolhido para a presente investigação com o objetivo de responder à questão de pesquisa é a etnografia digital. A etnografia clássica é um dos cinco principais tipos de pesquisa qualitativa apresentados por Merriam (1998). Originada da antropologia, a principal característica da etnografia é o foco em fenômenos sociais e culturais. O etnógrafo faz uma imersão profunda na cultura dos sujeitos investigados, com a finalidade de trazer à tona e descrever atitudes, crenças e valores que estão subjacentes e estruturam o comportamento de um grupo (*Ibid.*).

A etnografia digital é uma das formas emergentes de fazer etnografia em meios virtuais e/ou sobre produtos e processos digitais. Pink (2015) aponta para o fato de que os novos meios digitais, métodos e tecnologias estão redefinindo a prática etnográfica. Para verificar a emergência de trabalhos com este método, em março de 2023, fiz uma busca na base de dados Scielo com o termo “etnografia digital”, resultando em cinco trabalhos: dois publicados em 2021, um em 2020 e dois em 2019.

Dentre estes cinco autores, Souza e Balieiro (2021, p.1) investigaram o uso das mídias digitais por Linn da Quebrada, “artista dissidente em termos de gênero, sexualidade, raça e classe social”. A principal fonte digital pesquisada foi a plataforma *YouTube*. Palma-Gutierrez (2021) pesquisou a vulnerabilidade e a resistência de migrantes venezuelanos em um assentamento transitório com 500 pessoas, em Bogotá, Colômbia, durante a pandemia de Covid-19. Foram utilizados como fontes de análise, o *Twitter*, o *Facebook*, o *YouTube*, áudios gravados de uma rádio local e os registros de uma conferência de imprensa realizada digitalmente.

Barbosa e Machado (2020) estudaram a formação de vínculos socioafetivos proporcionados pelo ambiente digital no processo de internação hospitalar via aparelhos tecnológicos de uso pessoal entre pacientes. Scribano (2019) escolheu como tema as articulações entre o amor filial em várias comunidades de práticas coletivas e os laços de confiança que essas práticas geram, em seis países: México, Guatemala, Brasil, Uruguay, Chile e Argentina.

Finalmente, Windle e Ferreira (2019, p. 139) realizaram “uma etnografia digital de uma página do *Facebook* que trata da cultura popular negra estadunidense”,

analisando “os recursos linguísticos e referências culturais apropriadas pelos participantes” -brasileiros.

Fiz algumas buscas na plataforma Scielo com outros descritores e encontrei mais dois trabalhos que são etnografias digitais publicadas em 2021, mas que não foram selecionadas na busca com o termo “etnografia digital”. Pastor (2021) realizou uma pesquisa sobre a *selfie* e a dataficação do cotidiano com personagens etnográficos que conheceu presencialmente numa praça pública, e interagiu em redes sociais. Já Moura e Machado (2021) estudaram a construção identitária das bruxas contemporâneas a partir do site e do fenômeno *slowbeauty*, analisando as práticas e a interação da comunidade de mulheres.

Constato que a publicação de etnografias digitais parece estar em crescimento nos últimos anos quatro anos, com a exceção de que não há registros ainda em 2022 e no início do ano de 2023. É possível verificar a diversidade de usos dos meios digitais nos artigos científicos. De fato, a etnografia digital procura expandir as possibilidades da etnografia através da exploração das redes sociais e digitais. O sujeito da pesquisa é investigado em ambiente online. Em alguns casos, ocorre a “criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo” (Team, 2023), buscando atingir um público extra-acadêmico.

Outros tipos de pesquisa que são inovadoras por fazer uso dos meios digitais são a netnografia, a webnografia e a ciberantropologia. Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011), a primeira parte de um neologismo do final da década de noventa unindo os termos net e etnografia. Foi criada para delimitar as adaptações do método etnográfico com relação à geração e à análise de dados, bem como aos aspectos éticos da investigação na internet. Surgiu ligada aos estudos de comunicação sobre consumo, marketing e comunidades de fãs. A netnografia se utiliza principalmente de análises de redes sociais e de suas interações.

A webnografia se originou de pesquisas mercadológicas que fazem uso de métricas das audiências dos sites em pesquisas sobre marketing, ampliando sua utilização para o meio acadêmico. E a ciberantropologia tem como base o conceito de “antropologia ciborgue” cunhado por Donna Haraway. Examina como o ser humano está se reconstruindo a partir da tecnologia e, portanto, cria uma categoria mais ampla de “ser humano”, pela incorporação de materiais inorgânicos ao corpo (*Ibid.*).

Como recursos instrumentais de pesquisa qualitativa, tanto a etnografia digital, quanto a netnografia são, simultaneamente, observantes e interativas, visando descrever as nuances do comportamento interpessoal no ambiente online. Parece haver maior convergência do que divergência entre ambas. Quando o foco é um grupo de usuários em espaços digitais, ambas registram os comportamentos que ocorrem na navegação e nos chats de interação. O etnógrafo digital pode fazer à essa amostragem uma série de perguntas estruturadas, em forma de bate-papos e realizar a moderação (Team, 2023).

5.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UMA PESQUISA QUALITATIVA

É escrita na primeira pessoa, uma vez que o processo de pesquisa qualitativo é considerado uma atividade criativa e subjetiva. O pesquisador imprime sua marca no texto de acordo com suas experiências de vida, trajetória acadêmica, bem como conhecimento e familiaridade sobre o tema de pesquisa e o método selecionado. Mesmo que dois pesquisadores estejam estudando o mesmo tema, hipoteticamente tendo selecionado a mesma pergunta de pesquisa, objetivos, referencial teórico, método e sujeitos, o texto criado por ambos seria diferente.

Em geral, a pesquisa qualitativa envolve trabalho de campo, para que os dados empíricos possam ser contrastados com a revisão científica de literatura. Isto se dá na fase de análise dos dados, que será abordada mais adiante no texto.

Quando há trabalho de campo, os sujeitos são chamados de informantes; são estudados em pequenos números, em prol da profundidade da investigação. Sua individualidade é posta em evidência, mesmo que a sua identidade esteja preservada por sigilo. O método qualitativo visa trazer à tona o que o informante tem em comum e, simultaneamente, quais são as especificidades que podem revelar diferenças com relação à resposta das questões de pesquisa. Com relação ao tema desta pesquisa, é esperado que a forma como cada informante define e faz uso da intuição numa leitura coletiva de cartas pode variar. Essa variação, por sua vez, pode proporcionar maior riqueza e profundidade à análise.

Logo, o foco de uma pesquisa qualitativa está na perspectiva do informante e não na do pesquisador. Esta concepção é denominada interpretativista, isto é, o paradigma epistemológico subjacente afirma que os significados que as pessoas

atribuem ao mundo são dependentes de suas relações interpessoais e de suas experiências de vida em uma determinada cultura e tempo históricos. Dessa forma, “a realidade é socialmente construída, isto é, não há uma realidade observável única. Ao invés disso, existem múltiplas realidades, ou interpretações de um evento único” (Merriam, 1998, p.9) O interesse do pesquisador é, justamente, capturar as sutilezas dos sentidos que um ou mais sujeitos da investigação, ou informantes, imprimem ao mundo, à sua vida cotidiana e ao fenômeno que está sendo estudado.

Ao focar na compreensão de processos e significados, o resultado da pesquisa qualitativa é marcadamente descritivo. Isto não significa que a análise não seja necessária; ao contrário. Os significados do informante serão a “lente emprestada” pela qual o pesquisador irá investigar o fenômeno de interesse. A subjetividade pela qual o informante veem o mundo e o objeto de estudo é capturada para ser descrita e, posteriormente, analisada à luz do referencial teórico.

O pesquisador qualitativo é, portanto, considerado o instrumento primário de coleta e análise dos dados. Emprega estratégias indutivas de pesquisa, isto é, parte da observação de fenômenos empíricos para gerar dados que serão, por sua vez, categorizados e codificados e comparados com a literatura científica. O objetivo é contribuir para o avanço científico da área de conhecimento da qual faz parte. A escolha do tema de uma investigação qualitativa está ligada, portanto, a uma lacuna na literatura científica, o que em inglês é chamado “*gap*”. O novo estudo procura preencher este espaço, deixado por algo que ainda não foi investigado ou respondido, trazendo uma contribuição original à análise da relação entre empiria e teoria. Entretanto, outros fatores de ordem mais pessoal, como o interesse do pesquisador, e a relação do tema de estudo com a sua trajetória acadêmica podem exercer um papel importante na escolha do tema.

Uma característica da pesquisa acadêmica, seja qualitativa, quantitativa, ou mista, é a de que é preciso que o pesquisador elabore o design de sua investigação antes de ir a campo. O pesquisador pode optar por realizar um projeto piloto, de natureza exploratória, de forma a verificar se o design proposto é suficiente para responder à questão de pesquisa, ou se necessita ajustes. É importante destacar que a pesquisa qualitativa segue um planejamento, entretanto, o seu processo reflexivo não é linear, nem sequencial; é esperado que novos desenvolvimentos ocorram durante a pesquisa, de tal forma que possam inclusive, alterar o rumo da investigação.

(Maxwell, 2008). Por isso, mesmo após o projeto piloto ter sido aprovado, é possível que o estudo ainda sofra modificações. O trabalho de campo pode trazer informações que não tinham sido antecipadas pelo pesquisador e, se forem consideradas relevantes, podem alterar o design prévio.

Com relação a este planejamento, o modelo interativo de Maxwell (*Ibid.*) propõe que as questões de pesquisa são centrais para o desenvolvimento da investigação, devendo estar claramente relacionadas aos objetivos geral e específicos e à literatura científica, incluindo os conceitos e modelos teóricos que possam ser aplicados ao fenômeno estudado. Em paralelo, a escolha do referencial teórico e do método de investigação precisam estar relacionados aos objetivos e às questões de pesquisa.

Por sua vez, o método selecionado necessita responder às perguntas da investigação e, simultaneamente, ser capaz de lidar com possíveis ameaças com relação à validade das respostas formuladas. Desta forma, objetivos, revisão de literatura, método e validade estão a serviço da obtenção das respostas às questões de pesquisa, que são o “coração” ou núcleo do modelo interativo de Maxwell.

Neste modelo, a pesquisa qualitativa procura atingir cinco principais objetivos:

1. Compreender o significado para o informante do estudo, dos eventos, situações e ações em que estão envolvidos, bem como o significado de suas vidas e experiências a partir de suas narrativas;
2. Compreender o contexto particular no qual os participantes atuam e a influência deste contexto sobre as suas ações;
3. Identificar fenômenos e influências não previstas e gerar novas teorizações sobre eles;
4. Compreender os processos pelos quais os eventos e ações ocorrem;
5. Desenvolver explicações causais com base em inferências a respeito de processos e mecanismos subjacentes ao fenômeno em questão.

Quando os objetivos já estão formulados e integrados à revisão de literatura de modo a buscar responder à principal questão de pesquisa, é o momento de definir a amostra de informantes e explicitar os motivos de escolha destes sujeitos em particular. Maxwell (2008) sugere que o pesquisador responda às questões onde, quando, quem e o que. Aproveito para deixar claro os motivos da escolha do informante deste estudo.

5.3 JUSTIFICATIVA PARA A SELEÇÃO DE INFORMANTES NESTA PESQUISA

O Quadro 14 apresenta a proposta inicial, apresentada para a banca examinadora da Qualificação de doutoramento, com relação à seleção de informantes.

Quadro 14 - Proposta inicial com relação à seleção de informantes

Respondendo Onde, Quando, Quem, e o Que	
ONDE	Canais do <i>YouTube</i> e coleta de dados online
QUANDO	Período de abril a junho de 2023
QUEM	4 a 6 informantes que possuem canais de leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas com mais de 10 mil participantes.
O QUE	Oraculistas e cartomantes que trabalham com leituras intuitivas de Tarot e oráculos de cartas

Fonte: Dados elaborados pela autora deste trabalho (2023)

5.3.1 Critérios de escolha das informantes

Informantes: Oraculistas de cartas, cartomantes ou tarólogas com canais no *YouTube*: a partir de 10 mil seguidores, com postagens de vídeos semanais, ou diários.

Justificativa: Canais com mais de três anos de duração. Isto significa que há um número considerável de vídeos para análise, que continua crescendo. As oraculistas são profissionais experientes, o que é interessante para investigar a relação entre intuição e *expertise*, apresentada na literatura científica.

Número de informantes: Quatro a seis.

Justificativa: Como as entrevistas serão em profundidade, e devido ao limite de tempo para a conclusão da investigação, avalio que este número é suficiente e viável para a análise.

Gênero: Feminino.

Justificativa: Apesar de existirem cartomantes do gênero masculino, optei por homogeneizar a análise no quesito gênero e escolhi mulheres por serem mais numerosas que homens.

Escopo: Nacional.

Idioma: Português do Brasil.

Justificativa: No *YouTube*, existem canais de tarólogas e oraculistas em outros idiomas, canais de oraculistas brasileiras que vivem no exterior e de portuguesas residentes em Portugal. Estes foram excluídos da presente investigação para homogeneizar as informantes como brasileiras. A amplitude do território nacional me pareceu mais interessante como escopo, do que a regionalidade, devido à riqueza cultural do país.

5.3.2. O convite às informantes potenciais e a formalização do aceite

Inicialmente, selecionei um número de 20 oraculistas que cumprem com os requisitos mencionados no item 5.3.1, para fazer o convite para esta pesquisa. Este se deu de “forma fria”, isto é, estabeleci a interação inicial sem conhecer as profissionais, através das redes sociais que disponibilizam para contato em seus canais no *YouTube*. Estas em geral são *WhatsApp*, *Instagram*, e-mails ou sites na internet.

Inicialmente, me apresento, dizendo que sou uma das consulentes do canal desde 2020, ou 2021, em alguns casos. Agradeço o serviço prestado pela oraculista de uma forma específica, demonstrando o valor que o seu trabalho teve em minha vida. Na sequência, explico que estou fazendo um doutorado e que meu tema de trabalho é a intuição como conhecimento em leituras coletivas de Tarot. Afirmando que a pesquisa envolve uma ou mais entrevistas online no horário da conveniência da informante, e solicito a sua contribuição.

Caso a pessoa aceite, encaminho a ela o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que elaborei para que esta investigação seja realizada dentro dos parâmetros do CEPESH – Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, da UFSC - Ver Apêndice B. Esclareço que o termo de consentimento é realizado para a proteção de quem contribui para a pesquisa e falo sobre os direitos que a pessoa tem, inclusive, de desistir da participação.

A etapa seguinte é receber o Termo de Consentimento assinado e combinar a entrevista online.

Os primeiros contatos foram realizados entre 29/11 e 12/12/2021, a maioria por e-mail. Recebi apenas uma resposta, de São Paulo, mas esta informante,

posteriormente declinou a sua participação, alegando estar com problemas familiares. Devido à proximidade do final do ano, decidi fazer uma nova tentativa no ano seguinte.

Os e-mails foram enviados novamente, em março de 2022, sem sucesso. Fiz uma nova busca nos canais do *YouTube* e selecionei outras 20 oraculistas. Não obtive respostas. Fiz uma pausa nas tentativas e iniciei o trabalho teórico.

Entre janeiro e março de 2023, selecionei novamente 20 participantes, e, dessa vez, obtive o consentimento de três oraculistas, duas de Minas Gerais e uma do Rio Grande do Sul. Os contatos com as 20 convidadas foram realizados da seguinte forma: 13 por e-mail; cinco pelo *WhatsApp*; uma pelo *Instagram*, uma; e uma pelo seu site profissional na internet.

A primeira convidada de Minas Gerais inicialmente confirmou sua participação, me pedindo que eu enviasse o termo de consentimento e o roteiro de entrevista por e-mail para ela responder como um questionário. No entanto, ela falhou em me enviar as respostas no prazo estabelecido e não pude contar com a sua contribuição.

A segunda, também de Minas Gerais, aceitou prontamente, sendo a única informante desta pesquisa.

Com a terceira, do Rio Grande do Sul, combinei uma conversa por *WhatsApp*, mas no dia combinado, ela desistiu, sem me dar uma explicação. Mais tarde, entrou em contato comigo dizendo que “*tinha se assustado, que não sabia se podia confiar em mim*”. Havia conversado com a sua filha e lhe mostrado minhas mensagens, que lhe disse: “*que bobagem, mãe*” e a encorajou a participar da pesquisa. Respondi a ela ainda pelo *WhatsApp* por texto e enviei mensagens de áudio, reforçando que entendia a sua preocupação e explicando novamente a natureza da pesquisa. Pareceu estar de acordo em conversar comigo. No entanto, após alguns dias, a oraculista não mais respondeu ao meu contato e decidi não insistir.

Após a etapa da qualificação, realizada em 28/03/23, iniciei o trabalho de campo com a única participante. Durante dois meses ainda tentei novamente fazer contato com oraculistas. Contudo, devido aos poucos meses para realizar a análise e finalizar o doutorado, permaneci com apenas uma informante.

É possível que tanto o medo, quanto a desconfiança, expressos pela terceira participante contactada tenham estado presentes e sejam motivos pelos quais tive

dificuldade em encontrar participantes para esta pesquisa. Talvez tenha havido medo de exposição, ou de críticas de seu trabalho em um ambiente acadêmico.

5.3.3. A confirmação da única informante

Para minha surpresa e desapontamento, mesmo após a insistência em conseguir a participação de mais oraculistas, apenas uma assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, consentindo por escrito que eu realizasse a pesquisa. A informante me autorizou para que eu exponha publicamente, tanto o seu primeiro nome, Renata, quanto o nome de seu canal no *YouTube*, “Caminhos da Alma” neste trabalho. Apesar do número inferior de informantes com relação ao que havia planejado, como o canal de Renata foi um dos que acompanho semanalmente desde 2021, fiquei muito feliz com a sua colaboração.

5.4 PRINCIPAIS RECURSOS METODOLÓGICOS

A proposta era de realizar uma triangulação de metodologias que permitissem a análise em profundidade e dessem a oportunidade para as informantes esclarecerem da melhor forma possível como compreendem o que ocorre durante uma leitura intuitiva de Tarot e oráculos de cartas realizada coletivamente. Minhas escolhas foram:

- 1) Entrevistas semiestruturadas em profundidade realizadas e gravadas online;
- 2) Análise de vídeos com leituras coletivas de oráculos publicados no *YouTube* em 2023;
- 3) Um a dois encontros de grupos focais com as informantes após a realização das entrevistas e gravados online.

Contudo, como o estudo foi realizado com apenas uma informante, a proposta do grupo focal deixou de fazer sentido. Apenas os itens um e dois foram realizados como recursos metodológicos.

5.4.1 A realização das entrevistas e da análise dos vídeos

As entrevistas foram realizadas em duas sessões. A primeira no dia 11/05/23 com a duração de 01h:25:56, a partir do Roteiro 1, apresentado no Apêndice A. A segunda no dia 15/05/23, a partir do Roteiro 2, no mesmo Apêndice, com o tempo total de 01h:57:09. A transcrição das entrevistas foi realizada em maio e a codificação iniciada no mesmo mês.

Quanto à análise dos vídeos, a codificação iniciou em junho do mesmo ano, após a transcrição e análise das entrevistas. Estou familiarizada com as leituras coletivas publicadas no canal de Renata há dois anos, assistindo-as semanalmente. O planejamento de finalizar a análise dos vídeos entre junho e julho não foi suficiente. Ainda estava terminando os capítulos teóricos e, sobretudo, a Revisão Integrativa de Literatura. Decidi interromper a análise dos vídeos e terminar a parte teórica, para depois, realizar a codificação dos vídeos.

Para esta análise, selecionei o período de dois meses, entre setembro e outubro de 2023, devido à proximidade temporal, isto é, a recuperação pela memória estava facilitada. O Apêndice E mostra o Quadro de Vídeos Publicados no Canal em Setembro e Outubro de 2023, com seus títulos, duração e links para acesso. Os 44 vídeos foram assistidos, mais de uma vez, e a codificação foi realizada, tendo sido terminada no início de novembro do mesmo ano. Experimentei realizar a transcrição dos vídeos através de algumas novas ferramentas de Inteligência Artificial, mas isto não resultou eficiente para a análise. Para elaborar o *framework* conceitual, precisei estar atenta à movimentação da informante durante a leitura gravada em vídeo, e a cada carta disposta sobre a mesa, bem como aos significados que iam sendo narrados. Por isso, a repetição de cada vídeo foi uma melhor estratégia do que a transcrição.

Havia proposto à Renata, inicialmente, que faria mais uma sessão online com ela para discutir a análise de três vídeos, dentre os 44 vídeos. Isto havia sido apresentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por Renata, no Apêndice B. Entretanto, o término dessa análise foi tardio. Devido ao entendimento de que esta parte poderia ser opcional, tal sessão não foi realizada. Entretanto, fiz questão de realizar uma entrevista devolutiva com a informante.

5.4.2 A entrevista devolutiva

Como um sinal de respeito e de consideração para com a informante, combinei um encontro virtual após a análise dos dados para lhe apresentar os principais resultados. Este foi realizado no dia 20/11/23 e teve a duração de 1h:29:27. A sessão online foi gravada em vídeo via *Zoom* e foi um sucesso. Renata se surpreendeu com a análise de seus processos intuitivos dizendo que “*não sabia que fazia tanta coisa ao mesmo tempo*”. Aproveitei a ocasião para lhe fazer mais perguntas e confirmar a análise realizada. Não houve alteração dos resultados, apenas a confirmação de que a intuição como “comando” é um dado relevante para a seção de análise e discussão.

5.4.3 Nível de análise

São dois níveis de análise: individual (entrevistas); e em rede (vídeos).

5.4.4 Justificativa para a duração do trabalho de campo e da análise dos dados

Na pesquisa qualitativa, o período de coleta de dados e o de análise dos dados coincide, uma vez que esta estratégia permite ao pesquisador a constante revisão de suas observações e de suas conclusões emergentes. O processo de análise do método qualitativo envolve múltiplas idas e vindas ao material coletado no trabalho de campo, com a finalidade de estabelecer a codificação.

É uma etapa lenta e minuciosa que envolve atenção aos detalhes e capacidade de fazer conexões para a busca de categorias relevantes para responder à questão de pesquisa. Além disso, nesta etapa é necessário que o pesquisador estabeleça os links entre o trabalho de campo e a revisão científica de literatura.

No caso deste estudo, o trabalho de campo foi realizado em um período de apenas seis meses de coleta de dados, compreendendo as primeiras entrevistas, a transcrição e a análise inicial. Esta etapa permite o ir e vir necessário para a análise dos dados. É relevante que ocorra o momento em que a informante passa a conhecer a análise realizada, dialogando com ela e aprofundando a reflexão.

Maxwell (2008) distribui a análise de dados em três grupos principais:

1. Estratégias de categorização, tais como codificação e análise temática;
2. Estratégias de conexão, tais como análise narrativa e estudos de casos individuais;
3. Memos e apresentação.

A princípio, as três estratégias podem ser combinadas, mas a principal delas é a primeira, a codificação.

5.5 A ETAPA DE ANÁLISE DE DADOS

A Análise de Temática de Braun e Clarke (2006) tinha sido selecionada devido a sua objetividade com relação à etapa de codificação. A análise qualitativa dos dados havia sido planejada para ser realizada com o apoio do *software* ATLAS.ti ©. Na prática, acabei abandonando o uso do *software*, por falta de habilidade de manejo. A ferramenta mais me confundiu do que ajudou. Havia feito cursos para uso básico. Não tive tempo hábil para fazer cursos avançados, nem consegui ajuda especializada. Lamento o ocorrido, porque não pude contar com o ganho de tempo que a ferramenta potencialmente poderia me oferecer.

Entretanto, como o que ocorreu foi falha minha, mantenho a justificativa que havia elaborado quanto ao uso do ATLAS.ti © no documento de Qualificação:

Softwares que possibilitam a elaboração da análise qualitativa de dados, nada mais são que ferramentas digitais que facilitam, mas não substituem o trabalho do pesquisador durante a etapa de codificação. Eles permitem que os códigos sejam visualizados agrupando vários textos armazenados pela ferramenta. Além da facilidade na visualização dos códigos e dos textos, é possível fazer modificações e novos agrupamentos.

Perguntei ao ChatGPT (2023) quais são as principais vantagens dos *softwares* de análise qualitativa de dados. Segundo o *chatbot* estes incluem:

1. Organização dos dados: esses softwares permitem que o pesquisador organize e gerencie grandes quantidades de dados, como transcrições de entrevistas, dados de observação, documentos e mídias, em uma única plataforma. Isso ajuda a evitar a perda de dados ou informações e facilita o acesso e a recuperação de informações relevantes;
2. Codificação: os softwares permitem que o pesquisador codifique os dados, identificando temas, conceitos e padrões. A codificação pode ser realizada de forma sistemática e consistente, ajudando a garantir que a análise seja precisa e confiável;

3. Análise temática: esses softwares permitem que o pesquisador identifique temas e padrões nos dados, permitindo uma análise mais profunda e abrangente. O software pode ajudar a identificar relacionamentos entre as diferentes categorias e temas, bem como a explorar diferentes perspectivas sobre o mesmo tema;
4. Visualização dos dados: muitos softwares permitem que o pesquisador visualize os dados em diferentes formatos, como gráficos, diagramas e mapas de calor. Essas visualizações podem ajudar a identificar padrões e relacionamentos que podem não ser óbvios a partir da análise de dados brutos;
5. Colaboração: muitos softwares permitem que várias pessoas trabalhem juntas em um projeto de pesquisa, compartilhando dados, codificação e análise. Isso pode facilitar a colaboração entre pesquisadores em diferentes locais geográficos e aumentar a eficiência da análise.

Logo, os *softwares* de análise qualitativa de dados podem ser considerados ferramentas valiosas, particularmente, para pesquisadores que necessitam analisar grandes volumes de dados. O uso do recurso permite ainda maior rapidez e eficiência no processo de análise, contribui para manter o registro das etapas realizadas e é capaz de analisar não apenas textos, mas imagens, vídeos e redes sociais.

No caso do *Atlas.TI*, o programa possibilita o trabalho com as demais estratégias de análise de dados, a etapa da conexão entre as fontes e a confecção de memos. Estes são notas de pesquisa de autoria do pesquisador, cujo objetivo é a brevidade e a fácil compreensão. Tanto podem se referir à parte teórica, quanto ao trabalho de campo. Contribuem como lembretes de algo a ser investigado, conectado ou posto em prática. Também podem se referir a impressões do pesquisador durante o trabalho de campo.

5.5.1 Codificação e análise dos dados

O trabalho de codificação e análise foi realizado no período de maio a outubro de 2023 e revisado e finalizado em novembro. A elaboração da análise levou em conta tanto o objetivo geral, quanto os específicos do relatório de tese, visando respondê-los. A codificação foi realizada a mão, assistindo os vídeos e as entrevistas, anotando as passagens mais relevantes e buscando os códigos. Este trabalho teve oito etapas:

1. Transcrição das entrevistas e dos vídeos;
2. Familiarização com o material das entrevistas e vídeos, ouvindo e lendo as transcrições simultaneamente;

3. Identificação dos extratos relevantes para a codificação, copiando-os em um novo documento;
4. Definição dos códigos;
5. Revisão dos códigos elaborados;
6. Estabelecimento de relações dos códigos entre si e dos códigos com a revisão de literatura;
7. Elaboração do *framework* conceitual;
8. Escrita do texto que explica o *framework* conceitual.

5.6 CHECKLIST DE CRITÉRIOS PARA O ESTABELECIMENTO DA VALIDADE DA PESQUISA

Com relação ao estabelecimento da validade da pesquisa, Maxwell (2008, p.244-245) propõe um *checklist* com sete itens:

1. Longo e intenso envolvimento com o informante;
2. Riqueza dos dados, com profundidade de análise;
3. Validação do respondente (ou informante), ou seja, pedir ao informante feedback sobre as conclusões estabelecidas a partir dos dados coletados;
4. Busca por evidências discrepantes ou casos negativos;
5. Triangulação;
6. Quasi-estatística;
7. Comparação.

Maxwell (2008) aponta que o principal efeito desejado na realização deste checklist é a obtenção de coerência entre todas as partes da investigação.

O primeiro item da lista de Maxwell (*Ibid.*) diz respeito à necessidade de familiaridade e contato íntimo com o informante, para que a confiança seja estabelecida. A confiança é um requisito importante para as relações interpessoais entre pesquisador e informantes.

O segundo aponta para a necessidade de que o trabalho de campo seja capaz de gerar dados ricos para a análise, isto é, que permitam a necessária profundidade teórica. Em geral, o ponto de saturação é encontrado quando o pesquisador não mais

obtem dados diferentes ou relevantes em seu trabalho de campo e este pode ser finalizado.

O terceiro item é a sugestão de que o pesquisador peça ao informante *feedback* sobre o seu próprio trabalho de pesquisa, de modo que eles sejam cocriadores do estudo em elaboração. Este procedimento é relevante para aumentar as relações de confiança entre pesquisador e informantes, bem como para ampliar o diálogo com o informante, de forma a esclarecer questões ainda não bem compreendidas.

O quarto item do checklist diz respeito à necessidade de que o pesquisador busque ativamente e seja transparente com relação a achados que possam contradizer o rumo teórico da investigação, ou mesmo ofereçam evidências tão discrepantes, que seja necessário questionar o que está ocorrendo. Este item se refere à questão ética que diz respeito à integridade do pesquisador. Ele é capaz de sacrificar o seu apego à fundamentação teórica escolhida, caso os dados empíricos contradigam seriamente a literatura científica até então. Estes casos são raros, mas ocorrem. Alguns deles podem significar um momento de inovação disruptiva para a área de conhecimento em questão.

Já a triangulação, no quinto item da lista, é um recurso em que dados, teoria, investigadores e metodologias podem ser “triangulados”, isto é, comparados em grupos. Pode haver a triangulação das quatro categorias mencionadas; entretanto, o pesquisador geralmente seleciona um a três procedimentos que sejam relevantes para o seu trabalho, de modo a obter maior rigor na investigação. O uso da estratégia da Triangulação aumenta a validade e a confiabilidade da pesquisa (Denzin; Lincoln, 2018).

O uso da Quasi-estatística como sexto item, é a escolha do pesquisador em tornar explícitos possíveis resultados numéricos que podem ser extraídos dos dados qualitativos. A análise qualitativa não exclui a possibilidade de que algumas informações possam ser expressas estatística ou numericamente. Caso estes dados estejam presentes, sua apresentação enriquece a análise.

E, finalmente, a comparação, no último requisito da lista, é um lembrete aos pesquisadores qualitativos do fato de que mesmo que não estejam realizando grupos de controle e medidas estatísticas de variáveis, é possível realizar o design da

pesquisa qualitativa de modo a comparar grupos de sujeitos, ou mesmo informantes individuais, para trazer maior riqueza qualitativa à análise.

5.6.1 O checklist de critérios para a validade desta investigação

Dentre os sete itens da lista de checagem, tinha a intenção de fazer uso de todos; mas infelizmente, isto não foi possível.

Com relação ao primeiro item, é possível que o período de seis meses utilizado para o trabalho de campo não seja compatível com o estabelecimento da intensidade e da familiaridade desejadas em um estudo etnográfico. Esta pode ser uma das limitações desta pesquisa.

Quanto à triangulação de teorias, ocorreu, pois há mais de uma neste estudo: a intuição na perspectiva da Psicologia Analítica; estudos emergentes sobre a intuição na revisão integrativa de literatura científica; e a intuição na perspectiva filosófica. Entretanto, a triangulação de dados entre ao menos três informantes não foi possível. A triangulação de metodologias (entrevistas, grupo focal e análise de vídeos) se desestabilizou com a perda do grupo focal.

A triangulação de investigadores; isto é, de pares que aceitassem replicar a etapa de análise de dados, principalmente a codificação, com a finalidade de corroborar ou não os resultados obtidos não foi possível, devido à limitação de tempo e recursos humanos. A triangulação de investigadores tem sido recomendada na literatura sobre pesquisas qualitativas como uma situação ideal para garantir a coerência no nível da análise, uma vez que é realizada por ao menos três pesquisadores distintos (Creswell; de Imilda, 2007; Maxwell, 2008; Merriam, 1998; Merriam; Tisdell, 2016).

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 A INTUIÇÃO PARA A INFORMANTE SEGUNDO OS DADOS DAS ENTREVISTAS

Conforme mencionado no capítulo de método, somente uma das informantes que contactei para realizar este estudo aceitou a proposta; tal fato impediu a comparação do discurso apresentado por Renata com outras oraculistas brasileiras que também possuem canais no *YouTube* e que realizam um trabalho semelhante ao dela.

Perguntei à informante como ela chama o trabalho que realiza: se se considera uma taróloga? Renata respondeu: *“Eu me identifico como uma oraculista, porque na minha cabeça, o tarólogo só vai ler tarot. A oraculista, ela lê tarot, ela lê baralho cigano, ela lê oráculos de anjos... eu, ah, eu tiro, mexo com o pêndulo, eu brinco com os dados⁶⁰ e tiro informações dali”*.

Conseqüentemente, nos tipos de leituras que Renata realiza, o Tarot faz parte de muitas tiragens, mas elas são realizadas com técnicas mistas. Em geral, há uma seleção de cartas de vários oráculos distintos, sendo o Tarot apenas um deles. Renata usa vários tipos de tarots, alguns tipos de baralhos ciganos e diversos oráculos de cartas. Alguns deles são comuns em outros canais semelhantes.

A escolha dos *decks* que vai usar no dia da leitura é considerada “intuitiva”, com o sentido de que não há uma escolha intencional *a priori*, mas ditada pela sua intuição no dia. Da mesma forma, “leituras intuitivas” são aquelas em que não há opções de escolhas aos espectadores, na forma de ao menos dois montes de cartas. A leitura coletiva intuitiva é realizada em um só bloco. Renata afirma que em uma leitura intuitiva não sabe o que vai acontecer; o tema e como vai ser conduzida são definidos no momento em que a tiragem está sendo realizada, a partir do que é *“ditado pela sua intuição”*.

O canal de Renata no *YouTube* se chama “Caminhos da Alma”, o que para ela denota, de imediato, uma conexão com a espiritualidade. A mim, recorda a psicologia profunda de Jung, que também traz a alma como conceito. Renata chama

⁶⁰ Dentre os vídeos selecionados para análise neste trabalho, não houve consultas ao pêndulo ou aos dados.

carinhosamente o canal e quem o assiste, de CdAs, a abreviatura de “Caminhos da Alma”. Este nome lhe foi sugerido, dentre outros, pela taróloga que a orientou e incentivou a iniciar o seu trabalho como oraculista⁶¹, para que Renata fizesse sua escolha. Não tive conhecimento das demais opções de nomes para o canal, apenas que este foi o que mais a atraiu.

Para a imagem que seria o logo de seu canal,⁶² apresentado na Figura 6, Renata escolheu uma mandala, dizendo se identificar com o símbolo. O amarelo é sua cor “*de paixão*”. Não forneceu detalhes sobre as mandalas concêntricas no interior do círculo central, nem sobre os elementos periféricos, que parecem pétalas de uma flor.⁶³

Figura 6 - Logo e *Sticker*: Caminhos da Alma



Fonte: Canal “Caminhos da Alma” no *YouTube* (2023)

Quando lhe perguntei, na primeira entrevista, quando iniciou o canal, e como teve essa ideia, Renata respondeu que foi algo “*meio que imposto*” a ela, a partir de uma mensagem canalizada da espiritualidade por uma oraculista que havia consultado há alguns anos. Isto significa que Renata não estava pensando ou planejando abrir um canal no *YouTube* naquela ocasião. Ela não tinha nenhum baralho de tarot ou oráculo de cartas e nem sabia como fazer a interpretação. A

⁶¹ Mais informações a respeito virão a seguir.

⁶² A mensagem de apresentação do Canal “Caminhos da Alma” está reproduzida na seção de Anexos, como Anexo A.

⁶³ Recentemente, a oraculista começou a vender produtos com o seu logo no próprio canal do *YouTube*, como uma das novas estratégias de monetização da rede social.

taróloga em questão lhe disse que “*seus mentores espirituais*”⁶⁴ estavam lhe comunicando que “o seu tempo acabou” e que era hora de começar a trabalhar como oraculista. Como Renata não sabia nem como ou por onde começar, a taróloga lhe deu um “*empurrãozinho*”.

É importante ressaltar que, a princípio, Renata não sabia como proceder com relação a este tipo de mensagem. A primeira reação foi de medo; tanto que a oraculista “*pediu a Deus*” que “*fechasse aquela porta*” para ela, se “*não fosse para ser*”. Tal compreensão pressupõe a ação de um Destino superior à sua pessoa, de origem divina, e a submissão à sua Vontade. Esta é uma visão de mundo que Renata compartilha em seu canal: Há coisas que “*são para ser*” e são reveladas pelas cartas dos oráculos, e há coisas que “*não são para ser*”. Há momentos apropriados para algumas ações e outros, ao contrário.

E com 10 meses de canal, eu já estava com 100 mil escritos, aí ficou, veio a placa do YouTube. E aí que eu falei, não é possível que esse negócio é assim, é, é, era para ser - porque eu pedi muito a Deus, se não for para ser, se for um grande engano, fecha a minha porta, fecha essa porta para mim, porque eu não quero entrar nisso, não. Eu tinha muito medo.

Medo de que? – perguntei. A resposta de Renata confirma a existência de um certo tabu relacionado à cartomancia, expresso, em sua experiência, por pessoas religiosas de sua própria família, ou por membros de sua comunidade. O fato de Renata viver em uma cidade pequena, onde as pessoas se conhecem e exercem um certo controle sobre o que as pessoas fazem ou deveriam estar fazendo, foi um fator de peso para ela:

[Medo] de uma série de coisas. Do julgamento da minha família, né, muito católicos, todos, da minha mãe assistir missa e rezar terços todos os dias, as irmãs dela, minhas tias, todo mundo; vivo numa cidade muito pequena, onde a opinião alheia, ela tem peso, que é dependendo daquilo que você faz, você abre muitas portas, ou fecha outras tantas; tenho filhos adolescentes, que a hora que os pais dos amigos descobrissem, ‘ai, ela é uma cigana, ela é cartomante, esse povo é esquisito’, sabe, e eu tinha, sempre tive muito receio da opinião alheia.

Renata comenta que até hoje as pessoas de sua cidade não sabem de seu canal e desse trabalho:

⁶⁴ As aspas aqui se referem a conteúdos extraídos das entrevistas. A existência de mentores espirituais trazida na fala da informante não está sendo posta em dúvida nesta pesquisa; tampouco está sendo confirmada, pois não é este o foco do estudo. O que Renata expressa em seu discurso é entendido como a visão de mundo da informante e, como tal, é legítima e merece respeito, mesmo que alguns temas não sejam comprovados cientificamente. Este é o meu posicionamento como autora deste trabalho.

E aí, eu, para falar a verdade, do número de inscritos que eu tenho hoje, que já são quase 200 mil, eu no... se tiver umas 10, 15 pessoas na minha cidade que sabe, tirando a família, é muito, ninguém sabe. Eu não faço questão de expor isso, justamente porque eu não tenho paciência para ficar justificando, o porquê: ah, mas você tem certeza que é isso mesmo que você quer? Ou: você jura que você vê as coisas mesmo? Aí, tira aí para eu ver então; ou então aqueles deboches: ai, então me fala os números da (mega)sena.

Em outro trecho, Renata afirma:

Então, na verdade, eu não escolhi entrar no YouTube; como foi uma indicação da taróloga, que segundo ela, o mentor me disse que eu precisava montar, que através deste canal, eu ia chegar às pessoas que precisavam me ouvir, que a minha mensagem chegaria até elas. Entendeu?

Para algumas abordagens da psicologia, como a fenomenológico-existencialista, estamos sempre fazendo escolhas, mesmo quando não tenhamos consciência disso, ou mesmo que interpretemos o momento de uma escolha de forma diversa. A seleção de palavras de Renata “*eu não escolhi entrar no YouTube*” sugere duas interpretações. A primeira é de que para ela, não se tratou de uma escolha intencional que partiu de um planejamento prévio, e sim, de algo que lhe foi comunicado, subitamente, de surpresa, como um imperativo espiritual e divino. A segunda interpretação é que, após passados alguns meses, ao relutantemente acolher a mensagem transmitida pela espiritualidade, e abrir o seu canal no *YouTube* como oraculista, Renata compartilha da “Jornada do Herói”, expressa pelo mitólogo Joseph Campbell (2004).

Faz parte desta estrutura mítica presente na maioria dos contos e lendas conhecidas pela humanidade, que uma pessoa comum, vivendo uma vida ordinária, receba um chamado para se tornar um herói. A princípio, o protagonista da história expressa resistência em iniciar essa jornada, a qual será invariavelmente longa e repleta de perigos. Uma vez que a Jornada do Herói inicia, haverá uma profunda transformação na vida do protagonista, que nunca mais será o mesmo.

É possível estabelecer um paralelo entre o relato de Renata e a sua iniciação como heroína de sua própria história. Uma história em que Renata não sabe o que vai lhe ocorrer, mas assim como os heróis mitológicos, segue em frente apesar do medo. Ao aceitar o “chamado espiritual”, Renata inicia uma nova etapa na sua vida, em que não mais é a pessoa que trabalha com turismo e que teria tanto medo da opinião alheia, que não ousaria fazer algo contrário ao que é pregado como valor em sua cidade. Ela ousa enfrentar a destruição de sua imagem anterior, para a criação de uma nova personagem que se torna protagonista de sua própria história.

Logo, o que significa para a informante trabalhar como oraculista?

Significa tornar-se uma “mensageira da espiritualidade”, isto é, servir de canal para que mentores espirituais e figuras angélicas, entre outros, transmitam mensagens positivas para pessoas necessitadas destas palavras. Com isso, Renata encarna o principal símbolo do Arcano II, “A Sacerdotisa”. Ela se torna a corporificação de uma função arcaica, existente na Antiguidade, de uma mulher que realiza uma ponte entre o divino, ou espiritual, e o terreno, ou material. A palavra pontífice em latim tem esse significado, e na cultura romana denominava as pessoas que exerciam o sacerdócio, homens ou mulheres. Mais tarde, a Igreja Católica passou a dominar de pontífice, a maior autoridade espiritual existente, isto é, o Papa. Este ato de poder pressupõe que existe, no seio da Igreja, uma hierarquia predominantemente masculina que culmina na autoridade papal. Padres são ainda considerados sacerdotes, mas as mulheres foram afastadas desta posição. Na Idade Média, foram queimadas como bruxas hereges durante o período da Inquisição.

As sacerdotisas nas culturas da Antiguidade, como a grega, romana ou egípcia, para citar algumas, eram dedicadas a determinados deuses ou deusas. Para realizar seu sacerdócio, passavam a viver no templo, tornando-se responsáveis não só pelo cuidado e manutenção do espaço físico, mas das estátuas, que eram consideradas “vivas”, isto é, a corporificação da divindade.

Consequentemente, o possível conflito entre a opinião das pessoas religiosas da cidade pequena em que Renata vive e o seu papel como “sacerdotisa do século XXI” ainda parece espelhar, historicamente, o embate da Igreja durante o início do Cristianismo contra o paganismo vigente nas culturas da Antiguidade. Em algum lugar ancestral, ainda ressoa a memória de que, sobretudo, para as mulheres, “mexer com a espiritualidade” ou “ler cartas” é perigoso e pode, inclusive, ser fatal.

Ao fazer o seu “rito de passagem”, Renata está demonstrando ousadia, pois sabe que será criticada. Quando indaguei a ela sobre se houve mudança no conteúdo de seu canal, com a passagem do tempo, a informante afirmou que sim. Para ilustrar, mencionou as críticas que costumava receber nos comentários abaixo de seus vídeos. Os temas pareciam estar focados na vida amorosa das consulentes. Atualmente, parece haver maior diversidade temática.

Uma transformação mais recente, no ano de 2023, foi a decisão de mostrar seu rosto nos vídeos. Inicialmente, as leituras eram filmadas em um ângulo em que

apenas as mãos da oraculista eram vistas, assim como as cartas sobre uma mesa e o cenário colorido característico de seu canal. As pessoas a reconheciam pela voz, pois não sabiam como é sua aparência física. Renata relata que “*seus mentores*” lhe conduziram a aparecer de frente para os espectadores e que este foi um grande desafio para ela.

Para Renata este trabalho vem com uma “*grande responsabilidade*”; em primeiro lugar, com relação ao que denomina de “*espiritualidade*”, que para ela, “*é uma coisa muito séria*”:

Porque eu vejo aquilo que as cartas estão trazendo, mas eu friso muito, quando chega alguém perguntando, eu quero saber, minha mãe vai fazer uma cirurgia amanhã, você pode ver se vai dar certo? Eu não! Não posso, porque inclusive, os mentores não abrem isso. Você imagina o caos, se você me procura, Renata, eu vou passar por uma cirurgia, vai dar certo? Luciana, não entra, não, que você vai morrer na cirurgia, ué? Primeiro que eu não sou Deus, nem brinco de ser Deus, não tenho uma bola de cristal.

Em segundo lugar, considera-se responsável para com as pessoas que a procuram, uma vez que percebe que é muito fácil que uma relação de dependência se estabeleça. Em suas palavras:

E é um universo onde a carência faz com que as pessoas te procurem. As pessoas precisam de uma afirmação, e não é raro as pessoas comentarem no canal: “nossa, eu vim, cheguei aqui hoje na sua leitura completamente derrubada e tô saindo leve”, não sei quê. Aí eu até brinco com o que a minha mãe fala, eu poderia ter seguido psicologia, ao invés de turismo. Só que a gente sabe que não é por aí. Mas é como se aquela... As pessoas estão tão carentes, que elas precisam daquele reforço ali, ou daquela confirmação. É meio que assim, não passando uma imagem errada, com o que eu vou falar agora: “ah, a Renata falou, então, eu vou acreditar, sabe?” E até, é preocupante, porque eles endeusam muita gente, sabe? Colocam a gente no pedestal, é um tal de “ai, minha ídola, minha guru”; eu não gosto dessas coisas. E eu sempre falo: “não, nada disso. As informações estão dentro de você. A gente só está servindo de canal para abrir isso.

Renata menciona que sabe que não é uma psicóloga, e que já recebeu críticas em seu canal por estar lidando com conteúdo terapêutico ou da área de saúde. Atualmente colocou uma declaração de isenção de responsabilidade, no sentido de que os vídeos devem ser compreendidos como entretenimento. Entretanto, considera que as suas leituras podem ter efeitos terapêuticos: “*Que as pessoas estão realmente tão carentes, de alguém que cuide, de alguém que pare, para ouvir. Que o que elas querem é aquilo ali. Então, na verdade, é uma leitura terapêutica*”.

O que é intuição para Renata? A intuição é como uma voz que chega de repente e lhe dá um “comando” para agir. Essa voz pode ser considerada de “*mentores espirituais*”, mas também como a voz que representa a “*verdadeira*

Renata". A oraculista admite que há guias espirituais que orientam as suas leituras de Tarot. É comum Renata se referir a "eles" como as presenças espirituais que estão lhe orientando nas leituras intuitivas.

Como já havia mencionado, Renata contrapõe as leituras que são realizadas com os "montinhos" de cartas em que oferece opções de escolha aos espectadores, com o que chama de "leituras intuitivas" em que não há possibilidade de escolha, nem de tema. O que ocorre segundo Renata é que vai utilizando a sua intuição para saber como apresentar o cenário, a posição da câmara, os baralhos a serem utilizados, o número de cartas que serão interpretadas e a própria direção da narrativa. O vídeo de 21/10/23 é um exemplo de leitura intuitiva.

Os relatos de Renata durante as sessões públicas de Tarot referentes à espiritualidade e à existência de seres espirituais como mentores ou anjos da guarda, se assemelham às formas como povos indígenas compreendem sua experiência do mundo (Lorencova; Trnka, 2017; 2023). Segundo Lorencova e Trnka (2023), a consciência é concebida como relacional e não inteiramente separada da visão de mundo existente sobre o ambiente e as ideias religiosas ou espirituais. Além disso, é holística, incorporada e integrada (*embedded*) e, simultaneamente, local e global, equilibrando e unificando a consciência individual e a coletiva. Logo, as dimensões física e metafísica são inseparáveis, uma vez que todos os seres estão interconectados e o Universo como um todo é concebido como uma entidade viva.

De forma análoga, o mundo que Renata apresenta a quem a assiste é povoado de figuras benéficas que estão disponíveis para interceder a quem lhes pedir, seja na forma de orações, ou de uma conversa mental, ou em voz alta, com o ser espiritual em questão. O Universo é percebido como uma totalidade viva, que está o tempo todo enviando mensagens na forma de sinais aos seres humanos, para que possam encontrar orientação em seus caminhos. O trabalho de Renata com o Tarot não só comunica aos espectadores essa premissa, mas procura contribuir para que suas consulentes identifiquem os sinais que podem estar disponíveis para elas.

Sinais seriam a forma como a espiritualidade atesta a sua presença invisível, mas considerada real. A palavra sinal aqui tem um duplo sentido; em primeiro lugar é sinal no sentido de que a presença do signo X ou Y significa outra coisa, como no caso de nos semáforos, a cor verde é significante de "pode ir". Os significantes do sinal são atribuídos pelo consulente ou espectador, de acordo com experiências

prévias ou interesses específicos. Algumas pessoas podem procurar no vídeo a presença de um ou mais sinais particulares, como uma confirmação de que a leitura é para elas.

Nas sessões de Renata, sinais podem ser imagens concretas de seres vivos, como borboletas; parte de paisagens, como nuvens; imagens de objetos criados pelo ser humano, como balões de ar; a presença ou repetição de um determinado número, como o 11; um objeto que está no cenário, como uma pedra, ou um quadro; ou uma frase que a consulente tenha ouvido recentemente e que Renata, sem saber, repete na leitura. Estes sinais podem surgir como um elemento das cartas interpretadas em uma leitura específica, ou do cenário daquele dia, ou ainda como algo que Renata tenha mencionado em seu discurso. Tais sinais significam: *“essa leitura é para você”, isto é, “mesmo que eu, Renata, não lhe conheça diretamente, se você chegou até aqui e reconheceu algum sinal, você vai encontrar orientações específicas para a sua situação de vida”*.

Em segundo lugar, os sinais também são simbólicos, uma vez que demandam uma interpretação suplementar. Para exemplificar, Renata pode pedir que a pessoa procure na internet ou em algum dicionário de símbolos o significado simbólico da borboleta, ou do número 11, se ele não for mencionado diretamente durante a leitura.

Renata diz que as pessoas nem sempre prestam atenção aos sinais, e eles podem passar despercebidos. Uma “educação para a presença dos sinais e como interpretá-los”, parece ser necessária para que as pessoas saibam que eles existem e consigam identificá-los. Consequentemente, uma das funções que Renata parece realizar em seu trabalho com as leituras públicas de Tarot é o de “lembradora” e “educadora”, no sentido etimológico de que educar significa “cultivar”.

Esta afirmação parece indicar a necessidade de que as consulentes façam uso de intencionalidade e atenção focal para que possam identificar as mensagens do Universo, seja na leitura de oráculos realizada por Renata, ou em outras sessões oraculares, ou no cotidiano, mais comumente na forma de símbolos ou números repetidos.

Uma outra função que Renata parece exercer é a de uma “educadora emocional”. Para ilustrar, em um vídeo de 21/10/23, Renata inicia falando do perdão e conta sobre uma situação em que este ato, aparentemente difícil, pode ser visto

necessário.⁶⁵ Renata exerce ainda o papel, por vezes, de “aconselhadora”, interpretando as cartas como indicadores para uma ação específica no mundo, da parte das consulentes. Ilustrando este ponto, no mesmo vídeo de 21/10/23, Renata utiliza o baralho cigano para contar o caso de um casal que parece estar separado, mas ambas as pessoas continuam “espiritualmente interligadas”, um ainda pensando frequentemente no outro. O vídeo em questão tem 25:23 minutos.

Uma característica da visão espiritual presente nas leituras de Tarot no *YouTube* é a premissa de que “pensamento puxa pensamento” e que quando duas pessoas estão pensando frequentemente uma na outra, foi uma delas que iniciou o processo, atraindo o pensamento da outra. Isto ocorreria através de uma frequência energética. No final da sessão de leitura coletiva apresentada no dia 21/10/23, Renata usa um baralho que não faz uso de imagens, mas apresenta uma frase diferente em cada lâmina. As frases são lidas como mensagens pessoais de alguém importante para quem está assistindo o vídeo. No contexto deste vídeo, na compreensão que Renata expressa, a leitura foi se encaminhando para mostrar que existe um casal, ou melhor, vários casais, já que é uma interpretação coletiva, em que ambos não estão se falando, mas têm vontade de voltar a estar em contato um com outro.

Ela então tira seis cartas do baralho de frases, usando um processo intuitivo, no sentido de que não havia predeterminado quantas cartas iria puxar do baralho para a mesa. Então ela se pergunta se “*as cartas querem sair*”, como se tivessem vontade própria. Esta questão é bastante comum entre tarólogos que percebem o Tarot como um ser vivo, como um oráculo que responde de uma forma muito específica, que pode fugir ao que foi planejado. Para ilustrar, uma taróloga quer tirar poucas cartas, mas vêm muitas. Algumas vezes ela “*sente*” que precisa aceitar todas as que vieram, outras vezes, “*é dito para ela*” para retornar as cartas para o baralho.

No caso do vídeo em questão, Renata diz o seguinte, como que “conversando com as cartas”, no minuto 21:40:

Aí agora você quer pular, então você vem, vamos para mais uma, vamos ver se precisa de mais uma. Pera aí, já...Já entendi! Já veio tudo. Vamos lá, vamos para as duas primeiras, lembrando que pode ser o que você tá sentindo, mas não tem coragem de falar né, porque trava ou é o que o lado de lá também tá sentindo.

⁶⁵ Ver citação da oraculista sobre o perdão nas páginas 194-195.

No início do trecho acima, Renata está comunicando que está sentindo que “*as cartas querem pular*”, isto é, que ainda têm cartas que vão ser usadas nessa leitura. Então parece haver um momento em que fica claro para ela que serão seis cartas, quando já estão todas sobre a mesa. Então afirma “*Já entendi! Já veio tudo*”, e inicia a leitura das mensagens que estão escritas em cada uma das seis cartas.

A segunda parte do trecho selecionado diz respeito à Renata alertar os espectadores que as frases tanto podem representar a própria pessoa que está assistindo, se ela se identificar com a situação mencionada de “*trava*”, ou “*falta de coragem de falar*”. Ou, por outro lado, a mensagem que será lida pode ser compreendida como se viesse da outra pessoa, isto é, do interesse amoroso do ou da consulente.

A sensibilidade com relação à energia de um campo é um dos fatores que parece estar presente em uma leitura intuitiva coletiva, sendo confirmado por Renata em suas entrevistas. A energia em uma interpretação pode variar. Para ilustrar, vamos comparar, hipoteticamente, duas leituras consecutivas, realizadas em um espaço de poucos dias. Quando a energia das duas leituras se assemelham, uma interpretação possível é que o campo gerado na leitura anterior ainda permanece, ao menos parcialmente. Este campo energético seria criado coletivamente, não só por Renata, mas pela união dos campos das pessoas que irão assistir a leitura. Isso pode significar, inclusive, que algumas cartas relevantes que emergiram na interpretação anterior podem retornar. Quando a energia se modifica, um novo campo parece ter sido formado e a leitura pode tomar uma direção diferente da realizada alguns dias antes. Isto explicaria a tiragem das cartas como sincrônicas e não aleatórias, isto é, como intrinsecamente relacionadas ao padrão energético do campo que foi criado. Entretanto, para trazer evidências científicas para esta hipótese, seria preciso mensurar, de alguma forma, a energia deste campo.

Renata afirma que acha incrível que dentre quase 200 mil pessoas inscritas em seu canal, aquelas que assistem suas leituras se identificam com as suas mensagens e parecem ter sido atraídas para elas, energeticamente.

Antes mesmo de tirar as cartas, quando está embaralhando, o ato de embaralhar é um dos elementos que intuitivamente podem comunicar “*algo diferente*”, em que Renata “*deve prestar atenção*”. As cartas podem cair na mesa aos montes, e precisar voltar para o baralho; ou, ao contrário, Renata embaralha de uma forma que

ao menos uma carta possa cair na mesa, e isso não acontece. Renata interpreta esses acontecimentos como “*indicadores de energia*”. Em minha análise, estes indicadores estão presentes no campo, que aqui tem triplo sentido, campo perceptivo conforme explicado pela psicologia da percepção; campo segundo a Teoria de Campo de Kurt Lewin, com seus vetores - e campo energético, de acordo com a física.

Considero relevante que futuros estudos possam pesquisar a possibilidade de que as cartas representem frequências energéticas específicas, que poderiam formar um campo de funcionamento semelhante ao morfogenético. A questão da intenção do intérprete e do consulente como base para o sucesso de uma leitura, possivelmente ativando frequências específicas, também merece investigação.

Retomando a leitura, quatro das mensagens que foram reveladas foram: “*Meu desejo é formar uma família com você*”, “*Só você me leva para o céu*”, “*Não é só desejo, acredite no meu amor*” e “*Sim, eu agi no impulso e hoje me arrependo*”. Quando as seis cartas foram abertas, no minuto 23:46, Renata percebe que duas estão repetidas, com a frase “*Eu já estou quase pronto para voltar para você*”. Ela então fornece a seguinte explicação:

[...] As duas cartas são iguais, é isso mesmo, é, sabe por quê? Quando eu fiz esse oráculo para mim, eu coloquei um baralho e meio, não foram dois, mas um baralho e meio junto, porque algumas cartas eu senti que eu precisava vir com carga dupla e essa é uma delas. Qual é a probabilidade das duas virem juntas numa tiragem? Eu diria que mínima; posso até afirmar que é a primeira vez que as duas vem. Já vieram em leituras, não em vídeos assim, para tanta gente, então, vocês conseguem entender que isso aqui é como se fosse um reforço da espiritualidade? É um sinal bem claro, é, é uma, é uma, tem uma sincronicidade aqui acontecendo mesmo; “*Eu já estou quase pronto para voltar com você*” vindo duas vezes. Você queria um sinal maior do que esse do casal junto da aliança, dos dois sofrendo aqui? Tem não.

Após demonstrar como as mensagens dessas seis cartas estão relacionadas com o restante da leitura, Renata conclui falando assertivamente para quem a assiste:

Mete bronca! Toma posse disso, solta isso que tá te incomodando, essas mágoas e essas cordas. Desamarra isso que ainda tá te prendendo, que pode ser essa culpa, essa tristeza, esse medo que te paralisa. E lembra que tem um “sol” para você viver aí, de todo tamanho, com essa pessoa!

Este trecho pode não fazer sentido para quem não assistiu o vídeo inteiro; mas foi a forma como Renata sintetizou a mensagem dessa leitura intuitiva.

A oraculista reúne aqui dois elementos presentes em sua leitura: em primeiro lugar, traz um conteúdo emocional, apontando para a existência de algumas emoções, como culpa, tristeza e medo, que vem sendo mantidas e ressentidas, gerando uma paralisação da ação de entrar em contato com a pessoa; em segundo lugar, realiza

uma conclusão que orienta a consulente para a ação: “*solta o que está te prendendo*” porque “*vocês ainda têm alguma coisa para viver*”. Escolhe o símbolo do Sol, representado pelo Arcano Maior XIX, para sintetizar o potencial de felicidade para o casal.

A existência de conteúdos emocionais nas leituras de Renata poderia, a princípio, equipará-la a um psicólogo ou psicoterapeuta. Entretanto, é comum no cenário psicoterapêutico que o psicólogo não aconselhe diretamente o cliente, evitando tomar decisões por ele. Este guia ético de conduta é particularmente importante para evitar a dependência do cliente com relação ao terapeuta, e para que o cliente não crie uma expectativa de que será o psicólogo que vai lhe dizer o que fazer. Isto não significa que tal risco de dependência da parte do cliente e de aconselhamento da parte do psicólogo não possa ocorrer, em alguns casos, mas ele é intencionalmente evitado pelos psicoterapeutas sérios e competentes.

O contexto da leitura de Tarot, pública ou privada, é diverso da psicoterapia neste sentido, porque as pessoas buscam uma interpretação diretiva que as ajude a tomar decisões. Embora o psicólogo clínico também contribua para que o cliente decida por si próprio, as possíveis orientações ocorrem em um processo que se dá em um ambiente protegido, sigiloso, em que geralmente há um longo tempo para que uma relação de confiança entre cliente e psicoterapeuta seja estabelecida. O mais importante, no entanto, é que o psicólogo procura fazer com que o próprio cliente chegue, gradativamente, a uma compreensão que já tinha sido realizada por ele ou ela. Por isso, embora alguns paralelos entre o serviço prestado por Renata e a psicoterapia possam ser traçados, estritamente, existem diferenças fundamentais entre o trabalho de um tarólogo e de um psicólogo.

Não nego, absolutamente, entretanto, que as mensagens de Renata gravadas em vídeos possam ter um efeito terapêutico para as pessoas que os assistem; ou ainda, que tais conteúdos possam permitir aos espectadores, úteis elaborações ou elucidações com respeito a como lidar de forma mais saudável com as emoções. Renata deixa claro, aos 4:58 minutos do vídeo de 21/10/23, como o ressentimento pode ser guardado por anos a fio e, ao mesmo tempo, como pode ser simples a sua solução, através do perdão:

É necessário um perdão; então, às vezes, você tá aí presa a uma mágoa de alguém, e às vezes essa pessoa, muitas vezes, nem sabe que te feriu a esse ponto... a ponto de você guardar esse sentimento até hoje. Eu já atendi

peças que eh, vinham para mim falar: “olha Renata, eu tinha uma mágoa de uma mãe né, da minha mãe, ou do meu pai, ou de um irmão, ou enfim, alguma situação que eu presenciei e que a pessoa na verdade nunca soube, e quando eu resolvi falar, que eu criei coragem, essa pessoa prontamente me pediu desculpa, e falou: olha eu não imaginei que eu tinha te incomodado, ou te ferido tanto né?” Então, às vezes o a a solução tá ao alcance das suas mãos, e você tá se mantendo preso a algo ou alguém, ou essa situação, sem ter noção de que a liberdade tá muito próxima, e a liberdade pode ser você perdoar alguém ou mais: você se perdoar. Que talvez esse fardo seja seu, então, se a espiritualidade tem te mandado sinais aí e sincronicidades a uma questão de perdão e você tá se sentindo preso a algo, ou alguém, tá na hora de você soltar né?

Aqui há o retorno ao tema do “*envio de sinais pela espiritualidade*” e a confirmação de que “*está na hora da pessoa soltar*” as mágoas e perdoar. O fato de que Renata se posiciona e faz aconselhamentos específicos, pode ser julgado tanto positiva quanto negativamente. De fato, algumas pessoas respondem nos chats abaixo de seus vídeos, ora fazendo críticas, ora agradecendo a mensagem, trazendo um *feedback* positivo. Como não fiz uma análise desta parte, não tenho como afirmar com certeza, quais dos dois são predominantes, mas fico com a impressão, a ser confirmada, de que mais pessoas escrevem com intenções positivas do que o contrário.

Para ilustrar a questão do julgamento positivo ou negativo, no caso do exemplo acima, com relação ao perdão, o trecho de Renata pode significar, para algumas pessoas, um incentivo oportuno para voltar a falar com algum parente ou ente querido, e solucionar de uma vez por todas um longo tempo de ausência de contato. Pode ainda, para outras pessoas, ser entendido como uma “chamada” para exercitar o necessário autoperdão. Para outras, no entanto, a mensagem pode não surtir nenhum efeito, devido à dificuldade de “deixar ir” a mágoa ou o ressentimento. A pessoa ainda não consegue “se libertar, soltar, deixar ir”. E podemos ainda supor que algumas pessoas podem seguir o aconselhamento bem-intencionado de Renata e ter algum tipo de experiência negativa.

A compreensão de Renata é que, numa leitura coletiva, a mensagem possivelmente servirá para muitos espectadores, talvez até para a maioria, mas não foi intencionada para todos. Por isso, existe a necessidade de a própria pessoa fazer a discriminação entre o que lhe serve e o que não faz sentido. Pode inclusive, ocorrer de a leitura estar sendo direcionada a apenas uma pessoa, mas ela não tem como saber.

A intuição de Renata tem como base o conhecimento tácito e, por isso, em alguns momentos foi difícil para ela explicar como experiencia sua intuição. Por outro lado, quando emerge na consciência, tem algumas características:

1) Indica um caminho claro de ação, que é considerado o mais acertado, ou apropriado;

2) É representada na forma auditiva, como uma voz;

3) Pode vir acompanhada de sensações físicas;

4) Ocorre subitamente, e sem aviso prévio, em situações que aparentemente não teriam relação com o contexto intuitivo, isto é, no caso de Renata, pode ocorrer fora do contexto da leitura de Tarot e oráculos de cartas;

5) Pode ocorrer um “diálogo interno” entre intuição e racionalidade para definir a melhor decisão;

6) Decisões definidas pela racionalidade mais tarde são tomadas como erradas, pois a experiência comprova que a escolha intuitiva teria sido mais apropriada;

7) A intuição surge como um imperativo para uma ação, em que Renata é “sequestrada”, da mesma forma como as pessoas são “tomadas” emocionalmente. Entretanto, o paralelo que traço não diz respeito à questão emocional, mas à sensação de “sequestro” ou “arrebatamento”: uma vez que a voz da intuição foi ouvida, aparentemente não há sossego. A intuição precisa ser seguida.

6.2 SÍNTESE DA ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS COMPARADA AOS OBJETIVOS DA TESE

Este trabalho tem como objetivo geral:

Elaborar um *framework* conceitual que explique como se dá o fluxo ou a relação entre intuição e conhecimento na interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

1. Identificar o que é intuição para a informante e como narra o uso de sua intuição e seus processos intuitivos em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas disponíveis na rede social *YouTube*;
2. Examinar como a informante estabelece a relação entre o conhecimento que possui para realizar a interpretação das imagens simbólicas de Tarot e oráculos de cartas e o uso de sua intuição;
3. Compreender como se dá a percepção da informante sobre seus próprios estados psíquicos e sensações corporais durante a leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas;
4. Mapear a diferenciação conceitual entre intuição, conhecimento tácito e *insight* a partir da revisão sistemática de literatura;
5. Relacionar o mapeamento conceitual com a interpretação de imagens simbólicas realizada pela informante em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas nos vídeos selecionados e disponíveis na rede social *YouTube*.

Apresentarei o objetivo geral após os objetivos específicos, pois avalio que o *framework* conceitual ficará mais claro.

6.2.1 Quanto ao primeiro objetivo específico

Quanto ao primeiro objeto específico, apresentarei inicialmente o que é intuição para a informante, em geral, isto é, sem estar relacionada à leitura de Tarot e oráculos de cartas.

A intuição é descrita pela informante como uma voz que lhe avisa se o que quer fazer vai dar certo ou não. Considera um sexto sentido que possui. Ocorre em situações cotidianas, por exemplo, quando a informante deseja sair de casa com um casaco por pensar que vai fazer frio; se esta não for uma escolha acertada, surge a voz lhe avisando que não é para seguir nesta direção. Da forma como a intuição é descrita, parece haver um diálogo entre dois processos cognitivos: entre a parte que pensa e deseja seguir um determinado curso de ação e a parte que intui e avisa sobre as consequências que podem ocorrer. Este exemplo parece ser o de uma intuição negativa, que muda o curso de ação. Entretanto, intuições positivas, que confirmam a tomada de decisão, também podem ocorrer, com a concomitante sensação interna de que “é por aí mesmo”.

A intuição também acontece como uma sensação de que a informante já sabe o que vai acontecer, como na situação em que vai se encontrar com uma amiga e é capaz de antecipar algumas de suas palavras e ações, o que se comprova posteriormente. Não considera isto uma premonição, uma vez que, para ela, o evento intuído teria que ocorrer com pelo menos mais de três dias para ser identificado como premonitório.

A função da voz parece ser a de “alerta”, não só com relação à possibilidade de um perigo, mas de prestar atenção para “algo que está diferente”: “Alguma coisa mostra pra gente que tem uma energia diferente” e que é para ficar atenta a isto.

Logo, na experiência da informante, parece haver três funções da intuição: a primeira é uma sensação interna de alerta, de que há algo diferente que precisa de atenção; a segunda, é uma sensação interna de conhecimento prévio sobre se o que quer fazer vai ter boas ou más implicações, “se vai dar bom ou ruim”; e a terceira, também é uma sensação interna de conhecimento antecipado sobre o que vai acontecer em uma determinada situação. Estas últimas modalidades ocorrem antes do evento, e são confirmadas a posteriori.

Renata admite que se não ouvir a voz da sua intuição, o resultado costuma ser negativo; e quando se dispõe a ouvi-la, em geral, as coisas fluem bem.

A segunda função, em particular, parece ser análoga a de um GPS, um sentido de orientação interno que lhe indica o que fazer e o que não fazer, assim como o GPS do automóvel diz a alguém para virar à esquerda e não à direita. Da mesma forma como o GPS pode fornecer orientações em áudio, o guia interno de Renata se

assemelha a uma voz que é percebida de forma separada do seu eu, mesmo que sua origem venha de seu próprio psiquismo. Por isso parece ser confuso para ela fazer essa identificação.

A informante, inicialmente, disse não saber precisar “quem é que está falando com ela”, pois é essa impressão que tem, que há uma voz que lhe diz algo. Também mencionou que a voz pode ser interpretada por outras pessoas como sendo a do Anjo da Guarda, ou de outros seres espirituais: “Aí algumas pessoas vão dizer, mas essa intuição na verdade é o quê? É o seu Mentor falando com você, é o seu Anjo de Guarda, é Maria, é um Cigano, é um Orixá, eu não sei precisar”.

Durante a segunda entrevista, fez uma relação da voz com a sua “criança interior” falando com ela: “Hoje eu tenho uma relação mais clara daquilo que eu sinto e do meu dever de obediência a ela porque eu sinto que é a minha criança interior me alertando de algo que no fundo eu já sei”. Logo, é como se Renata obtivesse uma orientação interna que lhe alerta sobre algo que ela já sabe, mas ou que não está totalmente consciente, ou não está suficientemente atenta à questão no momento em que o diálogo interno inicia. A voz da intuição, nesse sentido, mostraria com clareza qual dentre duas opções conflitantes escolher. E ainda deixaria claro que esse conhecimento já estava disponível para ela, aparentemente, de forma subliminar.

Renata mencionou na entrevista, o termo vozes, no plural, e conclui: “Mas são essas vozes que são a verdadeira Renata” – propondo que a sua intuição, na forma de vozes, tem a função de lembrar o que é verdadeiro para ela e para a sua própria identidade.

Neste sentido, com relação ao que pode ser essa voz ou vozes, há três interpretações imediatas: a primeira é de que durante o processo intuitivo, conforme experienciado por Renata, sua cognição se divide em dois processos que são percebidos como um “diálogo interno”: uma parte que se constitui pelo que deseja e pelo que pensa fazer, e outra pelo que intui e lhe alerta como o melhor curso de ação. Esse processo interno dual é compreendido por Renata como um diálogo com a sua criança interior, ainda que nem sempre a identificação da voz, ou das vozes, fique clara para ela. De qualquer forma, a primeira interpretação configura a intuição como um processo psicológico em que Renata reconhece a si própria como a origem das vozes. Na psicologia junguiana, seria possível estipular que as vozes seriam manifestações do *Self* de Renata, uma vez que o *Self* é “quem nós somos

verdadeiramente”. Entretanto, para Jung, raramente o *Self* se manifestaria diretamente. Sua linguagem mais comum é a simbólica, o que abre uma margem para questionar se este tipo de interpretação seria legítimo com relação à Psicologia Analítica. Se aprovada por outros estudiosos de Jung, o caso de Renata evidencia uma relação direta entre o *Self* e a intuição, apresentando a intuição como uma manifestação do *Self*.

Uma segunda interpretação se assemelha ao posicionamento de Bakhtin (1895; 1975), estudioso da linguagem e da criação literária sob a ótica do Materialismo Histórico. Para este filósofo russo, nossos processos psicológicos têm origem coletiva, isto é, são constituídos social e culturalmente. Isto significa que não chegamos a nos tornar indivíduos no sentido original da palavra, seres não divididos, em uma totalidade coerente. Uma vez que a vida em sociedade é repleta de conflitos e contradições, o psiquismo humano também é constituído por “diversas vozes”, reflexos de vozes reais que ouvimos de outras pessoas, e que correspondem a diferentes discursos que foram internalizados durante a vida.

Bakhtin (1987; 1990) denominou de polifonia tanto as múltiplas vozes interiorizadas no psiquismo humano, quanto o processo pelo qual um texto literário é formado pela confluência de outros textos que vieram antes dele. No início do século XXI, o conceito de polifonia foi usado para questionar se seria possível afirmar a autoria em obras literárias, uma vez que o escritor não cria “do nada” e sim, faz parte da tradição literária que chegou até o seu tempo.

Outro conceito importante na obra de Bakhtin é o de dialogismo, no sentido de que os seres humanos se constituem socialmente através de processos dialógicos, isto é, produzem sentidos dialogicamente, no contato com outras pessoas, com a alteridade. A existência de múltiplas perspectivas possibilita que as pessoas alterem os sentidos estabelecidos anteriormente e mudem de opiniões.

Sob a perspectiva Bakhtiniana, o que Renata chama de intuição poderia ser compreendido como uma evidência da polifonia, de múltiplas vozes que dialogam internamente como um reflexo do diálogo entre duas pessoas no contexto social. É Renata que atribui sentido a tais vozes, como “isto é minha intuição” ou “a voz de minha criança interior”, a partir de possibilidades aprendidas culturalmente.

Uma terceira interpretação envolve a compreensão de que existem seres de natureza espiritual que são capazes de se comunicar telepaticamente com algumas

peessoas, isto é, que o pensamento de tais seres é captado como uma voz que lhes “sopra aconselhamentos ou orientações ao pé do ouvido”. Esses seres são interpretados de várias formas, uma delas sendo a voz do Anjo da Guarda da pessoa, ou de um Mentor Espiritual; podendo ser identificados ainda como um ancestral, ou alguma figura religiosa de importância para quem recebe a mensagem. Em alguns casos, a voz não é identificada como sendo de alguém em particular, e as pessoas apenas têm a sensação de ter ouvido uma voz com um timbre específico, podendo ser masculino ou feminino.

Neste terceiro caso, a intuição seria compreendida como um fenômeno mediúnico, de natureza paranormal, não reconhecida cientificamente. No vocabulário da paranormalidade esse fenômeno é chamado de clariaudiência e, pressupõe a noção de que a voz não provenha do psiquismo da informante e sim de outros seres invisíveis, mas cuja existência seria tomada como real. Nos livros populares sobre intuição, o tema é tratado com naturalidade e é chamado de canalização (ou *Channeling*), isto é, a arte de servir de canal para a recepção de mensagens de natureza espiritual.

Como o objetivo deste trabalho não é comprovar ou refutar cientificamente a possibilidade da existência de fenômenos tais como mediunidade ou canalização, os relatos da informante são compreendidos como legítimos. Isto é, a descrição de Renata diz respeito à forma subjetiva como percebe o que ocorre com ela e seus processos intuitivos, e essa percepção é o que está sendo estudado e comparado à literatura científica sobre intuição. Investigações sobre fenômenos mediúnicos ficam como sugestão para futuras pesquisas.

6.2.2 Quanto ao segundo objetivo específico

Com relação à segunda parte do primeiro objetivo específico, apresentarei como a informante narra o uso de sua intuição e seus processos intuitivos em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas disponíveis na rede social *YouTube*.

Renata menciona como no passado, quando começou a fazer as leituras de oráculos, não confiava muito na sua intuição. Exemplificando, em uma leitura particular, ela estava embaralhando as cartas e tirou uma representando a área da saúde. Ela pensou que aquela carta “não deveria ter caído”, colocou a carta

novamente no baralho, tornou a embaralhar e a mesma carta foi tirada. Mais uma vez, pôs a carta de volta no baralho, embaralhou de novo e a carta voltou a sair.

Após essa sucessão de eventos, sua voz interna lhe confirmou que era para incluir a carta na leitura, mesmo que ela ainda não tivesse entendido como interpretá-la. Hoje, a oraculista afirma entender, intuitivamente, que não é para “*brigar com o que sai*”, que mesmo que em um primeiro momento a carta não pareça ter relação com a leitura, esta relação logo é descoberta. Neste exemplo, era uma consulta particular e a consulente estava desejando trocar de área de atuação profissional, da área de humanas para a área da saúde. Isto foi revelado quando a carta da saúde saiu, pois foi entendido pela moça como uma confirmação para a questão que estava buscando no contexto de transição profissional.

Em dias de leituras, Renata menciona que a voz fica bem presente e conversa com ela mesmo antes da sessão. Exemplificando: Renata fez um planejamento de gravar o vídeo em um determinado horário, mais tarde. Surge a voz e lhe diz que é para gravar agora. Às vezes, Renata mantém o planejado, mas em sua experiência aprendeu que é melhor seguir a voz de sua intuição, mesmo que não saiba o porquê é “melhor agora”. Afirma que o motivo se revelará mais tarde.

Renata conta que nesses momentos em que dialoga com a voz, “*mas agora?*” – ela se sente como “*louca*”, possivelmente porque percebe que há uma divisão em sua consciência, entre o que foi planejado e o que lhe está sendo sugerido. Neste exemplo, a informante afirma: “*sou eu mesma falando comigo. Que é a minha voz interior, é a minha consciência, é a minha alma, é meu anjo, onde eu guardo minha intuição, seja o que for*”.

Nesta perspectiva, há momentos em que Renata propõe que a voz, mesmo que seja percebida como a de um Anjo da Guarda, é no fundo, uma voz originada de sua própria consciência, uma voz interior. Em outras palavras, ainda que a percepção da intuição seja de um diálogo interno, ambas as vozes são suas. E a voz da intuição é a que deve unificar o diálogo, trazendo uma solução ao conflito.

Entretanto, para Renata, intuição e espiritualidade são inseparáveis, significando que para ela, a intuição tem origem espiritual. O que ela entende por isso? Em primeiro lugar, Renata têm experiências de natureza espiritual, mesmo antes de trabalhar com oráculos. Em algumas circunstâncias, ela relata que viu pessoas de sua família que já faleceram. Em momentos de meditação, ela tem a sensação de fazer

uma “viagem astral”, com o entendimento de que “seu espírito deixou seu corpo e viajou para uma dimensão espiritual”. Acrescenta, sem que eu tenha perguntado, que não pode comprovar isso, apenas relatar. E, ainda, participou de vivências guiadas em que pôde se perceber como “vivendo outras vidas”, em que pareceu ser levada para um tempo e espaço no passado, em que podia se ver como uma outra pessoa, com roupas diferentes, e simultaneamente, reconhecer-se.

O ponto principal desta narrativa é de que a espiritualidade é compreendida por Renata como um conjunto de experiências que fazem parte de sua vida. Por isso, é natural para ela que as suas experiências espirituais estejam relacionadas com a intuição. Exemplificando:

Ah, a gente tem a sensação de que nossa, eu não acredito, pensei em você hoje. Aí você me ligou, aí que bacana! Aí, pra gente, isso é completamente diferente. Você puxou aquela pessoa, você criou, cocriou aquela realidade e ela também. Vocês estavam no mesmo padrão de energia. E um aproximou do outro. Sabe? Então, intuição e espiritualidade pra mim hoje são inseparáveis.

A noção de cocriação da realidade é uma das interpretações possíveis do Arcano Maior I, o Mago. A base espiritual vem das noções de que “semelhante atrai semelhante” – máxima também presente na homeopatia - e que “teu Ser atrai a sua vida”, no sentido de que são os estados vibratórios, ou as frequências energéticas das pessoas, que determinam o que lhes ocorre, ainda que não estejam conscientes disso.

Nesta perspectiva, é preciso que haja um estado de coerência vibratória, ou de ressonância, para que determinados eventos aconteçam, seja um acidente de automóvel, ou o recebimento de um presente-surpresa, ou o encontro, aparentemente por acaso, entre duas pessoas. A compreensão implícita é a de que existe um campo energético de frequências afins que se atraem, o que poderia ser a explicação do conceito de sincronicidade de Jung. Eventos sincrônicos são definidos por Jung como aqueles que ocorrem juntos no tempo e no espaço, sem que haja uma determinação causal evidente. Portanto, uma tiragem de Tarot, ou mais especificamente, a ocorrência de repetição de cartas numa leitura pode ser considerado um evento sincrônico, ou aleatório, dependendo da perspectiva.

Voltando à intuição durante uma interpretação do Tarot, quando uma carta surge numa leitura, em primeiro lugar é uma imagem como um todo que é reconhecida, em seus elementos formais. Para exemplificar, proponho a Carta da

Imperatriz, Arcano Maior III. A imagem evoca imediatamente um significado específico na forma de uma ou mais palavras-chaves, relacionada ao conhecimento prévio da oraculista sobre o Tarot e a carta específica. A Imperatriz está relacionada à maternidade, à energia criadora da natureza e à criatividade que é capaz de gerar o novo.

Uma opção inicial é dizer o que a Imperatriz simboliza. Entretanto, algum detalhe da imagem pode chamar mais atenção e se tornar figura, como o que a Imperatriz está vestindo, ou a sua gravidez. Inclusive, o foco no detalhe permite que a interpretação tome um rumo distinto do que seria uma leitura com o simbolismo tradicional. Se isso ocorre, o conhecimento do que a carta significa pode se tornar fundo e o que dita a narrativa como figura são as associações com o que foi percebido visualmente. A oraculista pode contar uma história que ocorreu no passado com ela ou outra pessoa, fazendo uso da memória. Na sequência, pode perceber uma sensação diferente no seu corpo e interpretar como algo que também traz coerência para a leitura.

Identifiquei oito elementos que podem ser levados em conta no momento da interpretação dos símbolos presentes em uma carta específica e da sequência de cartas. São eles:

- 1) Conhecimento prévio do simbolismo das cartas do Tarot expresso em palavras-chave;
- 2) Percepção visual de uma imagem como um todo;
- 3) Percepção visual de um ou mais detalhes da imagem;
- 4) Memória associativa de acontecimentos;
- 5) Atenção ao que ocorre no ato de manusear e embaralhar as cartas;
- 6) Atenção ao cenário da leitura ou ao ambiente em geral;
- 7) Atenção a estados internos e a como a oraculista se sente numa leitura;
- 8) Sensações corporais (frio, calor, dor, tensão, relaxamento).

Na experiência de Renata, estes elementos são guiados pela sua intuição, na forma de uma voz que lhe diz o que tomar como relevante numa interpretação. Logo, durante uma leitura intuitiva, a informante está em um estado de receptividade e abertura para múltiplas possibilidades de interpretação, não só guiada pela polissemia dos símbolos do Tarot e oráculos de cartas, mas pelos oito elementos que podem ser

considerados no contexto interpretativo. Denominei este estado de receptividade de “abertura para o inesperado”, uma vez que parece se constituir em uma espécie de vazio criativo ou “vazio fértil” em que “tudo pode ser possível”, isto é, elementos inesperados podem surgir como “emergentes” na consciência. Tal estado de receptividade parece ser o que contribui para que a intuição se manifeste e, simultaneamente, a base para a função intuitiva em si, conforme descrita por Jung.

Quanto ao segundo objetivo específico desta tese, “examinar como a informante estabelece a relação entre o conhecimento que possui para realizar a interpretação das imagens simbólicas de Tarot e oráculos de cartas e o uso de sua intuição”, a resposta de Renata é muito direta:

O conhecimento prévio do simbolismo do Tarot faz parte de uma leitura, mas não parece ser o principal determinante, uma vez que não ocorre uma interpretação guiada apenas pelo conhecimento do que as cartas significam. Muito mais entra em jogo. Na percepção de Renata, a intuição, na forma da voz que lhe acompanha, dita o que fazer ou em que ficar atenta; por exemplo, se é para tirar mais ou menos cartas, o momento de incluir um novo baralho na leitura, e inclusive como interpretar as cartas que apareceram na tiragem. A leitura vai se tornando, na sequência temporal, um fluxo narrativo que vai trazendo coerência aos elementos que emergiram como “figura”. Por isso, a função pensamento e a função intuitiva parecem operar em conjunto numa leitura intuitiva.

6.2.3 Quanto ao terceiro objetivo específico

Apresentarei, a seguir os resultados relacionados ao terceiro objetivo específico deste estudo, “compreender como se dá a percepção da informante sobre seus próprios estados psíquicos e sensações corporais durante a leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas.”

A informante se identifica como uma “médium empata”, isto é, uma pessoa que é capaz de sentir energias de pessoas e ambientes e “trazer estas energias para si”. Relata que precisa realizar uma “blindagem” espiritual, para que não se sinta esgotada, estressada, ou mesmo triste, depois de algum encontro com pessoas nestas energias.

Afirma que seu corpo sinaliza “que tem alguma coisa errada”, na forma de sintomas ou sinais físicos, geralmente relacionados a processos desafiadores vivenciados por ela ou pessoas próximas, como familiares. Pode sentir uma dor na região do umbigo, a região da nuca “pesada”, ou ter uma diarreia.

Estas sensações físicas também podem ocorrer no momento de uma leitura. De fato, é possível dizer que a intuição não é apenas um processo que ocorre na mente da informante, mas algo que é experienciado como uma totalidade psicofísica.

Aquele estado de receptividade a múltiplos estímulos, já mencionado, que denomino de “abertura ao inesperado” e que parece configurar uma pré-condição para uma leitura de Tarot e oráculos de cartas, se mostra também como uma sensibilidade física a sinais corporais. Estes sinais, quando aparecem, são compreendidos como relevantes e incorporados em uma leitura. São um dos oito elementos encontrados que podem fazer parte de uma interpretação. As sensações físicas e proprioceptivas estão relacionadas à função sensação descrita por Jung. Assim, Renata parece estar fazendo uso da função sensação em suas leituras coletivas.

6.2.4 Quanto ao quarto objetivo específico

Quanto ao quarto objetivo específico desta pesquisa, “mapear a diferenciação conceitual entre intuição, conhecimento tácito e *insight* a partir da revisão sistemática de literatura”, em síntese:

A intuição na Revisão de Literatura é conceituada de várias formas. Apresentarei as definições que corroboram a experiência de Renata, já adiantando o quinto objetivo específico, correlacionando a revisão de literatura com o trabalho de campo.

Apesar de não haver um consenso entre os especialistas sobre como definir conceitualmente a intuição, a maior parte – 38 entre 44 - dos autores dos estudos selecionados na Revisão de Literatura concordam que o conhecimento tácito faz parte de processos intuitivos. Reihlen e Ringberg (2013, p.708) concebem a intuição como “*moldada por práticas culturais compartilhadas, sendo uma fonte superior de conhecimento gerencial*”. A intuição permitiria que os gestores “*lidem com incertezas estratégicas sem precisar invocar raciocínios explícitos*”, isto é, sem precisar traduzir o conhecimento tácito numa formulação consciente. Por isso, processos inconscientes

que ainda não foram colocados em palavras são considerados presentes na intuição, o que dificulta o seu estudo. Renata comentou, em sua primeira entrevista, o quão era difícil para ela explicar como a sua intuição funciona. Era como se não encontrasse as palavras para descrever adequadamente a sua experiência intuitiva. Este dado condiz com a presença de conhecimento tácito e a sua difícil tradução em processos explícitos.

Similarmente ao senso comum e à experiência de Renata, a intuição pode ser caracterizada como "*saber sem ser capaz de explicar como sabemos*" (Vaughan, 1979; Epstein, 2008; Radin; Borges, 2009; Eskinazi; Giannopulu, 2021). Em geral, este conhecimento é caracterizado como ocorrendo subitamente, sendo de natureza holística. Dezenove autores mencionaram a primeira característica, e 29, a segunda.

A intuição é frequentemente definida como "reconhecimento de padrões inconscientes" ou "processamento de informações inconscientes", no momento em que aparecem na consciência. Trinta e seis estudos apresentaram a intuição como um "processo inconsciente"; para citar alguns, Isenman (2009); Lucena; Popadiuk (2020); Eskinazi; Giannopulu (2021) e Bizarri *et al.* (2022). Considero esta definição como problemática, uma vez que se os processos surgem na consciência, deixaram de ser inconscientes. Entretanto, compreendo que os autores estão escrevendo sobre processos que estavam inconscientes, isto é, abaixo do limiar da consciência, até chegarem a se tornar conscientes.

Doze estudos definem o *insight* como similar à experiência intuitiva, havendo um *continuum* entre ambos. Contudo, treze publicações entendem a diferença como somente o *insight* seria capaz de gerar novas conexões e ideias. Assim, nem toda intuição seria um *insight*. Eskinazi (2022, p. 2) sintetiza a relação entre intuição, conhecimento tácito e *insight*:

A intuição significa soluções baseadas em representações tácitas e pode pressagiar o discernimento; insight designa uma súbita compreensão e resolução de uma situação, (i.e. euréka), combinando vários elementos. Como tal, o mecanismo que abre caminho da intuição ao insight gradualmente se desenvolve de uma informação tácita para uma compreensão e expressão explícitas.

Dörfler (2012) equipara *insight* e intuição, uma vez que em sua visão, o *insight* intuitivo é o que gera o novo. Kilakos (2008) postula que a intuição está diretamente ligada ao pensamento criativo. Sob esta perspectiva, é possível considerar que a informante está criando, no momento em que está fazendo a interpretação de imagens

simbólicas, uma vez que cada leitura é única e pode ser considerada o resultado de uma síntese criativa. Neste sentido, a intuição de Renata pode ser considerada criadora, embora possivelmente de uma forma distinta da criação artística. Este pode ser um tema para futuros estudos.

Bizarri (2022, p.3) traz a definição de Dane e Pratt (2007) chamando de intuição o "*juízo afetivamente carregado que surge por meio de associações rápidas, inconscientes e holísticas*". Esta definição se aproxima da função sentimento de Jung, que é considerada uma função racional, que nos permite estabelecer valores para experiências de cunho emocional. Trinta e um estudos apontam a intuição como uma forma de juízo intuitivo e 29 indicam a presença de um sentimento relacionado a que a melhor decisão foi encontrada. Alguns autores apresentam este sentimento como euforia, ou como uma forte sensação de confiança (Dörfler; Ackermann, 2012). Renata menciona tanto a sensação de confiança ao perceber que o que a sua intuição está mostrando "está certo", quanto a euforia que costuma sentir quando percebe que as últimas cartas de uma tiragem confirmam a interpretação realizada até então.

A intuição quando concebida como uma forma de juízo, no sentido de tomada de decisão, que ajuda a decidir o melhor curso de ação, se parece com a experiência de Renata. Repito a definição de Bizarri (2022, p.3) chamando de intuição o "*juízo afetivamente carregado que surge por meio de associações rápidas, inconscientes e holísticas*". Dentre os 31 autores que corroboram a intuição como um juízo estão Salas *et al.* (2009), Evans (2010), Harteis *et al.* (2011), Wood; Reynolds (2013), Taylor *et al.* (2017), Stigliani; Ravasi (2018), Hurteau *et al.* (2020), Sicora *et al.* (2021) e Bizarri *et al.* (2022).

Sicora *et al.* (2021) toma para si a definição de Pretz que considera a intuição como uma forma de pensamento holístico: "*O pensamento intuitivo é uma perspectiva holística que leva em conta todos os tipos de informações que muitas vezes não podem ser facilmente articuladas explicitamente*" (Pretz, 2008, p.555)".

Salas (2009) também concebe a intuição como pensamento. Dentre os 19 autores que consideram a intuição como holística, nem todos a definem como um pensamento, nem mesmo como um processo cognitivo. Apenas 19 publicações apresentaram a última categoria.

Considero a intuição como um fenômeno holístico, mas não tenho certeza se a intuição pode ser considerada um pensamento; talvez seja mais correto dizer que ela pode ser percebida como um pensamento, uma vez que tenha sido admitida na consciência. No caso de Renata, há uma distinção entre o que ela mesmo pensa e o que a voz de sua intuição lhe diz, o que pode ser considerado como um pensamento que contrasta com outro. Futuras investigações podem procurar elucidar esta questão.

Além da questão da relação com o conhecimento tácito, do processamento de informações que já foram inconscientes e da natureza holística, 22 autores evidenciam a intuição como uma forma de reconhecimento de padrões: "*A intuição pode ser concebida como uma súbita apreensão de coerência (padrão, significado, estrutura) acima do nível do acaso com pouca recuperação consciente*" (Zhang, 2017, p.1), corroborada por Topolinski (2011).

Os autores que relacionam a intuição a reconhecimento de padrões em geral relatam a importância da experiência, mas os números não coincidiram: trinta e dois estudos ponderando que a experiência é uma das bases da intuição, ao passo que apenas 22 levando em consideração a intuição como um reconhecimento de padrões. A relevância da experiência aparece no relato de Renata, já que a sua intuição é fundamentalmente baseada em suas experiências, tais como apresentado por Klein, (2015). "*A comunidade NDM vê a intuição como uma expressão de experiência, à medida que as pessoas constroem padrões que lhes permitem dimensionar rapidamente as situações e tomar decisões rápidas sem ter que comparar opções* (Klein, 1998; Klein *et al.*, 2010)". A tomada de decisão rápida durante uma leitura intuitiva se dá na escolha do fluxo narrativo, entre várias opções presentes.

Abubakar *et al.* (2017, p.106) integra as concepções sobre intuição já mencionadas:

A intuição denota "um sentimento vago" ou "sensação de sentimento de padrão ou relacionamentos". Também é referido como "pensamento holístico, insight imediato, ver a resposta sem saber como ela foi alcançada" (...), ou como "uma técnica de recuperação rápida de palpites e formas de conhecimento moldadas a partir de experiências anteriores" (...). Os tomadores de decisão podem sentir padrões, sentimentos e objetos em fatos aparentemente desconexos. A intuição é frequentemente percebida pelas pessoas como uma súbita consciência da informação (...).

Todas estas definições podem ser relacionadas aos relatos de Renata sobre seus processos intuitivos.

Hallo e Nguyen (2022, p. 2), por sua vez, conceituam a intuição como “*sendo evolutivamente antiga e não verbal, compartilhada com os animais, em oposição à análise, que é percebida como recente, exclusivamente humana e ligada à linguagem*”. Este conceito dá lugar à concepção de um sistema dual no processamento intuitivo. Nesta perspectiva, Dörfler (2012, p. 546) afirma que “*a intuição está no centro de uma série de teorias de cognição de processo dual. Essas teorias de processo duplo surgiram porque a cognição parecia ser difícil de entender como um construto unitário (por exemplo, Evans, 2010)*”. Os autores que compreendem a intuição como um processo dual discordam daqueles que apresentam a intuição como um processo unitário. Vinte e oito publicações mencionam a intuição e a racionalidade como processos distintos e 18 como processos diversos, mas complementares.

Fernahi (2022, p. 09) relaciona a questão do conhecimento tácito somático e do reconhecimento de padrões, mas afirma que a intuição seria uma espécie de impulso ou de instinto, em que o raciocínio lógico não ocorre:

A intuição é o produto direto do conhecimento tácito somático e pode ser tomada como impulsos sobre julgamentos ou decisões: padrões que foram construídos ao longo do tempo e levam a dar sentido a uma dada situação e decidir que curso de ação tomar, instintivamente, sem raciocínio consciente e deliberado.

No caso de Renata, é possível identificar em sua narrativa, a existência de conhecimento tácito somático, isto é, de sinais corporais, quando ocorrem; o reconhecimento de padrões durante a leitura de Tarot e oráculos de cartas; e a intuição como um guia para a tomada de decisão. Entretanto, Renata dialoga com o conteúdo de suas intuições; o que pode indicar que, uma vez no limiar da consciência, a intuição ocorre paralelamente a processos racionais. Esta afirmação necessita de corroboração em futuras pesquisas. Além disso, a complexidade do processamento intuitivo de Renata traduzido no *framework* conceitual corrobora a intuição como um fenômeno complexo. Entretanto, apenas 25 publicações apresentam a intuição como tal.

Sintetizando, os autores estudados não trazem uma perspectiva integrada e consensual de intuição; no entanto, as principais definições apresentadas e transformadas em 14 categorias parecem estar presentes nos relatos sobre a experiência da informante com relação a seus processos intuitivos.

6.2.5 Quanto ao quinto objetivo específico

Com relação ao quinto e último objetivo específico desta investigação, trata-se de relacionar o mapeamento conceitual com a interpretação de imagens simbólicas realizada pela informante em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas nos vídeos selecionados e disponíveis na rede social *YouTube*.

Nesta seção, apresento as relações que estabeleci entre as descrições de Renata e possíveis relações com processos psicológicos que funcionariam de forma unificada, durante a interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas:

A intuição conforme descrita pela informante pode ser definida da seguinte maneira:

Um estado psicológico que se constitui como receptividade e sensibilidade conectadas ao sentir, em que um guia interno é acionado e percebido como um estado de alerta e como a sensação de saber, com antecedência, qual a melhor opção de ação em uma situação específica, ou o que vai acontecer em uma determinada situação. O guia interno é considerado um “sexto sentido” e é percebido como uma voz ou vozes que representam “o Ser verdadeiro”.

Entendo que a definição da intuição como um “estado” pode parecer vaga, à primeira vista; entretanto, considero uma opção que permite que vários processos psicológicos estejam em ação simultaneamente.

O conceito de intuição como um estado parece refletir e sintetizar a experiência de Renata - e possivelmente a do chefe de bombeiros mencionada em um capítulo anterior - sugerindo que a intuição pode ocorrer tanto em momentos de perigo, quanto em situações de relaxamento. Em situações de perigo, o estado de alerta contribui para que a pessoa não precise pensar e possa encontrar uma solução rápida e eficaz que lhe garanta a sobrevivência. Esta é uma das principais funções do sistema simpático, enquanto o parassimpático permite o retorno à homeostase depois que a ameaça passou. Durante um contexto de perigo, a intuição ocorre subitamente e não envolve a experiência de análise, permitindo uma resposta rápida à situação. Em contrapartida, em um estado de relaxamento, a intuição é percebida como uma opção a ser seguida ou não, e pode ocasionar um diálogo interno para determinar a decisão.

Além disso, esta definição se assemelha ao conhecimento sobre intuição que está implícito na interpretação da carta da Sacerdotisa, Arcano Maior II, o qual pode ser considerado uma forma de conhecimento milenar sobre a intuição. A imagem arquetípica da Sacerdotisa está associada com processos intuitivos, relacionados à energia feminina de receptividade, podendo ocorrer em qualquer gênero. O que a Sacerdotisa capta na forma de intuição tanto podem ser conhecimentos arquetípicos relacionados à história da humanidade e do Universo, quanto saberes que estão relacionados à sabedoria interior existente em cada ser humano. A intuição, neste sentido, constitui uma fonte de conhecimentos aplicáveis disponível para todas as pessoas. Entretanto, como a Sacerdotisa exemplifica, é preciso fazer silêncio e entrar em contato com esta fonte internamente. No contexto deste Arcano Maior, as respostas intuitivas são consideradas mais apropriadas do que a busca de respostas fora de si mesmo.

Durante uma leitura de Tarot o estado de receptividade de Renata está orientado intencionalmente para encontrar a melhor opção de narrativa possível, uma vez que as cartas tiradas em sequência têm potencialmente múltiplos significados.

A intencionalidade é relevante porque parece ser fundamental para colocar em marcha o processo intuitivo, embora como tal, não apareça nos estudos selecionados para a revisão de literatura. Isto significa que o presente trabalho abre espaço para futuras investigações quanto ao papel da intencionalidade em relação a processos intuitivos.

A noção de intencionalidade é a proposta por Husserl (1859; 1938), em sua fenomenologia. A intencionalidade é a característica da consciência humana de estar necessariamente em relação a um objeto, como consciência de algo. Logo, em Husserl (2019), tanto o conhecimento, quanto a consciência são intencionais. A consciência está em movimento e através deste movimento, há uma abertura para que os objetos da consciência se mostrem a essa consciência e, conseqüentemente, se tornem conhecidos.

Há uma diferença fundamental entre intenção e intencionalidade; enquanto a intenção pode ser considerada um ato da vontade humana em direção a algum objeto, a intencionalidade é a natureza mesma da consciência. A intencionalidade pressupõe ainda o fato de que a consciência humana se relaciona com os objetos dando significados a eles; uma pessoa com sede e alguém com fome irão se relacionar de

forma diferente com um copo de água e um prato de comida. A significação não é apenas inerente à característica dos objetos, mas como nos relacionamos com eles.

A intencionalidade é uma noção que se entrelaça com a de intersubjetividade, uma vez que, para Husserl (2019), o mundo e os outros seres têm realidade objetiva, mas a única forma de conhecê-los é por intermédio do eu. O outro como alteridade se relaciona com a minha consciência intencional. Em outras palavras, não conhecemos a realidade de forma imediata. Não há como conhecer algo fora de mim mesma sem a mediação de minha consciência intencional. Portanto, a forma como percebo a realidade é, simultaneamente subjetiva, e gerada intersubjetivamente, nas relações com o mundo.

Numa leitura coletiva de Tarot, a intencionalidade está presente como a característica fundamental da consciência, contribuindo para que as imagens simbólicas das cartas sejam percebidas imediatamente como “unidades de sentido”. Vygotski (1997) chamou este fenômeno de “mediação semiótica”, afirmando que ao perceber um relógio analógico, não vemos apenas um objeto circular com dois ponteiros, mas atribuímos um nome “relógio” e a sua função. No caso de Renata, a mediação não é apenas semiótica, mas simbólica, no sentido de que não há apenas um signo para ser reconhecido, mas um conjunto de imagens simbólicas que possuem múltiplos significados.

A intuição parece servir como guia para o fluxo narrativo da interpretação das imagens simbólicas, que se dá numa sequência temporal, operando integradamente com três processos psicológicos simultâneos:

- 1) Percepção figura e fundo;
- 2) Associações livres (ou conexões);
- 3) Raciocínio lógico.

1. Percepção figura e fundo

O termo “figura e fundo” foi formulado pelos psicólogos alemães Wertheimer, Koeller e Koffka quando investigaram a percepção no início do século XX e deram início à abordagem da Gestalt-Psicologia (Schultz; Schultz, 2015). A percepção humana se dá pelo reconhecimento imediato do que foi chamado de “forma forte” ou “configuração forte” em um contexto em que vários elementos estão presentes.

Quando uma forma forte se torna a “figura” da percepção, os demais elementos permanecem no fundo. Se a percepção for visual, quando estou em um jardim de rosas e tomo como foco de minha percepção uma única rosa, ela se torna figura e as demais, fundo.

Entretanto, a percepção figura e fundo é dinâmica e, como tal, o que é fundo pode se tornar figura e vice-versa. Para ilustrar, no momento em que escrevo este texto, minha atenção está no processo da escrita e na tela do computador à minha frente, onde as frases vão se formando letra por letra, palavra por palavra. A seguir, percebo que estou digitando, mas não estava consciente dos movimentos de meus dedos. Assim que volto a minha atenção a este movimento, a tela do computador se torna fundo. E agora estou consciente de todos os objetos que podem se tornar figura na sala em que estou. Logo, minha atenção se fixa no ruído alto dos automóveis que passam pela rua e que, até um momento atrás, não estavam em meu campo perceptivo.

Todo objeto de percepção destaca-se no interior de um campo perceptivo. Na fenomenologia, esta relação entre o objeto e o campo que ele integra é referida como estrutura objeto-horizonte, enquanto na Psicologia da Gestalt, que mantém laços históricos com a fenomenologia, fala-se em estrutura de figura e fundo. Tudo aquilo que pode tornar-se figura, ou seja, que pode ser objetivado como tema perceptivo, apresenta-se no interior de um quadro mais amplo, repleto de coisas com os quais mantém relações de sentido mais ou menos estreitas (Verissimo, 2019, p.10)

Considero importante destacar na passagem acima que um campo perceptivo é formado e é através deste campo que relações de sentido são estabelecidas. Se estou em um jardim contemplando a beleza das rosas, a que se torna figura vai ser uma que representa tal beleza, não aquela que já floriu e começa a perder suas pétalas. No caso de Renata, quando está em um supermercado, o que tem maior probabilidade de se tornar figura é a escolha de um produto em sua lista de compras; no entanto, processos intuitivos também podem emergir e se tornar o foco de sua atenção e percepção. É possível verificar, via experiência, que estamos realizando o processo de atenção figura e fundo o tempo todo; e o quanto percepção e atenção estão interligadas.

Para a psicologia, a percepção humana é seletiva; isto é, não percebemos todos os estímulos que estão presentes em um dado momento. Isto é considerado

uma adaptação evolutiva que favorece a sobrevivência, uma vez que a percepção figura e fundo, de raízes biológicas e neurofisiológicas, permite o foco no que é mais relevante, principalmente em situações de ameaça.

Durante uma leitura coletiva, a percepção figura e fundo ocorre do início ao fim. Vários elementos surgem como figura, um de cada vez, e se esvaem como fundo, dando lugar a uma nova figura, e assim, sucessivamente.

2. Associações livres (ou conexões)

As associações livres não estão sendo aqui consideradas como o método de estudo científico utilizado tanto por Freud, quanto por Jung, quando a psicanálise ainda era nascente, entre o final do século XIX e início do século XX. No método, uma série de palavras isoladas e sem nexos aparentes eram apresentadas ao sujeito da investigação em um curto intervalo. Este era intencional, para que não houvesse tempo para reflexão. A proposta do teste era de que o sujeito dissesse em voz alta a primeira associação que lhe ocorresse após ouvir cada palavra. Mais tarde, as associações eram analisadas em busca de padrões ou de ocorrências inesperadas.

Com relação ao que ocorre durante uma leitura coletiva, ao tirar uma carta de Tarot ou demais oráculos que utiliza, Renata inicialmente percebe visualmente a imagem desta carta. Tal imagem está associada a vários significados possíveis, representados por uma ou mais palavras-chave que lhe vêm à memória. Este nível de interpretação inicial é enriquecido por outras associações, que vem a seguir. Elas são “livres”, no sentido de que parece existir um alto grau de liberdade para que uma interpretação se configure como tal. Renata pode perceber como figura um elemento da imagem da carta e conduzir a leitura para esta direção.

Cada momento em que a interpretação é realizada a partir do surgimento de uma nova carta, ou imagem simbólica, tem o potencial de evocar em Renata associações livres, ou novas conexões. Cada um dos oito elementos a seguir pode ser evocado com apenas uma carta.

1) Conhecimento prévio do simbolismo das cartas do Tarot expresso em palavras-chave;

2) Percepção visual de uma imagem como um todo;

- 3) Percepção visual de um ou mais detalhes da imagem;
- 4) Memória associativa de acontecimentos;
- 5) Atenção ao que ocorre no ato de manusear e embaralhar as cartas;
- 6) Atenção ao cenário da leitura ou ao ambiente em geral;
- 7) Atenção a estados internos e a como a oraculista se sente numa leitura;
- 8) Sensações corporais (frio, calor, dor, tensão, relaxamento).

Nem todos os elementos acima aparecem em uma leitura. A interpretação é gerada numa sequência temporal em que cada carta evoca um elemento por vez, que se torna figura. Assim, uma única carta pode evocar mais de um elemento, um de cada vez, que se torna figura e desvanece como fundo, quando outro surge como figura. Quando há o esgotamento das possibilidades de interpretação da carta em questão, outra é tirada e novamente o processo de figura e fundo entre várias associações livres continua como um fluxo interpretativo.

3. Raciocínio lógico

À medida que o exercício de interpretação continua em uma leitura coletiva, as associações livres vão sendo encadeadas em uma narrativa coerente.

Este fluxo associativo se torna coerente por meio do raciocínio lógico, que, por sua vez está sendo guiado pela intencionalidade presente na leitura e, possivelmente, pela intuição, o que corrobora a posição de Jung (2012) que afirma que as funções pensamento e intuição operam de forma complementar. Mais recentemente, Evan (2010), Eskinaki (2021) e Gigerenzer (2023) propõem que intuição e raciocínio lógico funcionam cooperativamente. Hogarth (2010, p. 338) apresenta o conceito de intuição de Hammond, Ham, Grassia e Person de 1987. Estes autores “conceberam a “intuição” e a “análise” como sendo “*os pontos finais de um continuum de estilos cognitivos que podem ser combinados com as exigências de um continuum paralelo de diferentes características de tarefas*”.

Os três processos – percepção figura e fundo, associações livres e raciocínio lógico – parecem ser iniciados pela intuição e surgem integrados pela intencionalidade da consciência, que, por sua vez, se relaciona com a intenção da leitura em três níveis; em primeiro lugar, há a intenção de fazer uma interpretação que está orientada para

o futuro, teleologicamente, da mesma forma como Jung compreende o termo. Uma leitura coletiva de Tarot, de certa forma, pode ser entendida como sendo capaz de trazer o futuro para o presente. Não apenas no sentido de “previsão de uma tendência”, mas que os espectadores compreendam o desenrolar de suas ações em um futuro concebido como provável e considerem suas implicações.

Em segundo, é importante que a leitura faça sentido, isto é, que os símbolos contidos nas cartas sejam interpretados e unificados em uma totalidade coerente. Tal coerência é necessária para que a mensagem transmitida pela informante seja compreendida pelos espectadores do vídeo como direcionada para eles.

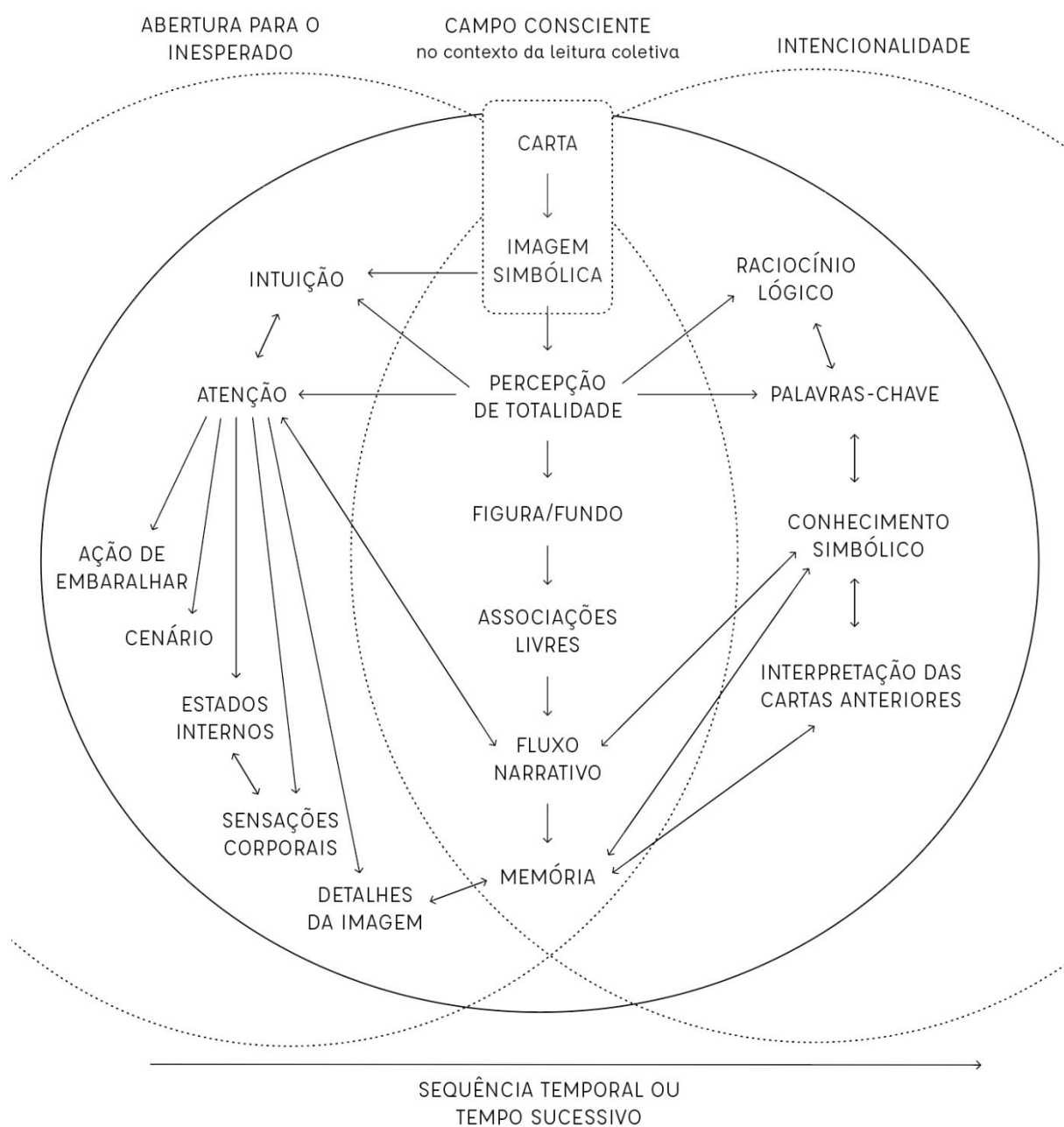
Em terceiro, além da finalidade teleológica e da coerência, existe a intenção de que a leitura seja útil. O que Renata se propõe a fazer quando grava um vídeo com uma leitura de Tarot direcionada para um coletivo de pessoas é prestar um serviço público e gratuito. Este serviço está orientado pela intenção de que a sua narrativa sirva como fonte de aprendizado ou de crescimento pessoal para quem a assiste.

Considero importante destacar que a memória como processo psicológico tem um papel muito importante numa leitura coletiva de cartas. A memória de longo prazo permite a retenção do conhecimento prévio dos significados das cartas de Tarot e oráculos de cartas. E a memória de curto prazo permite que Renata, em cada leitura, consiga memorizar os pontos-chave de sua interpretação e perceber as cartas que emergem posteriormente como confirmações dos significados atribuídos desde o início. Ainda de forma mais relevante, é a memória de curto prazo unida ao raciocínio lógico, que possibilita que Renata ofereça uma leitura ordenada, coerente e integrada, com um tema que pode ser reconhecido por seus espectadores.

6.2.6 *Framework* conceitual e sua explicação

Este *framework* conceitual mostra o fluxo entre intuição e conhecimento em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas no canal do *YouTube* “Caminhos da Alma”. Foi elaborado a partir da análise conjunta dos vídeos estudados, das entrevistas e da revisão de literatura.

Figura 7 - Framework Conceitual



Fonte: Autora deste trabalho (2023)

Estou considerando o que ocorre no campo de consciência de Renata como processos psicológicos que ocorrem integradamente. Isto significa que a oraculista está consciente desses processos quando acontecem, possivelmente um de cada vez, ainda que não utilize a mesma nomenclatura técnica para explicá-los.

Não tenho como comprovar neste estudo que o que estou chamando de intuição sejam, de fato, processos intuitivos em ação, uma vez que o material analisado têm como base principal os relatos da informante sobre a sua intuição. Os vídeos selecionados para análise contribuíram igualmente para a elaboração do *framework*.

O *framework* é apresentado para cada carta que é selecionada para ser interpretada em uma leitura coletiva, uma por vez. Por isso, apenas uma carta aparece desenhada. O tempo sucessivo é representado como uma seta da esquerda para a direita, implicando que outras cartas serão incorporadas à leitura e interpretadas. Cada carta revela uma imagem simbólica, ou arquetípica, se for um Arcano Maior. Cada imagem simbólica ou arquetípica é constituída, por sua vez, por um conjunto de símbolos, que podem ser evidenciados em uma interpretação, ou não.

A imagem simbólica é percebida como um todo, ou como uma totalidade, inicialmente. A partir desta percepção, ocorre o reconhecimento da carta e de seus possíveis significados e palavras-chave. Ao lembrar de uma ou mais palavras-chave, Renata, está fazendo uso da memória de longo prazo para acessar o conhecimento simbólico sobre a arte do Tarot e oráculos de cartas, e do raciocínio lógico.

À medida que mais cartas vão sendo integradas à leitura, a memória de curto prazo também é utilizada para que Renata se lembre do fluxo narrativo passado e possa interpretar as cartas de forma coerente. A memória de curto prazo lhe permite fazer uma síntese ao final, dando destaque a determinadas cartas.

A intuição parece direcionar a atenção de Renata para vários elementos, além das propriedades das cartas; tais como seus próprios gestos, principalmente, quando está embaralhando ou virando as cartas para cima; o cenário da leitura, suas próprias sensações corporais e estados internos. O que vai surgindo como figura, na percepção figura e fundo vai se tornando parte do fluxo narrativo. Logo, os processos intuitivos à esquerda do *framework* representam elementos que podem ser considerados em uma leitura coletiva, ou não.

Detalhes da imagem podem se tornar figura e configurar um novo rumo para a interpretação. O lado direito do *framework* representa o conhecimento simbólico prévio, a interpretação das cartas anteriores, e a construção de um fluxo narrativo em que intuição e raciocínio lógico parecem operar em conjunto.

Conseqüentemente, o fluxo narrativo é formado de associações livres entre os vários elementos do *framework*, em que a atenção da oraculista é dirigida para uma figura, que se torna fundo, quando outra figura é evidenciada, e assim por diante.

Este processo envolve frequentes tomadas de decisão, que podem implicar aceitar ou não uma carta que caiu sobre a mesa, por exemplo, ou levar em consideração na narrativa um detalhe da imagem que está se tornando figura. É possível que essa decisão tenha que ocorrer rapidamente, uma vez que ao menos dois elementos podem estar “disputando” a atenção da oraculista. Cabe a ela determinar o que vai ser incorporado na interpretação e no fluxo narrativo. Intuição e raciocínio lógico parecem entrar em cooperação para que as decisões sejam tomadas.

Quanto à questão da abertura para o inesperado e da intencionalidade, explico a seguir.

Um dos resultados deste estudo é o de que o processo intuitivo que ocorre em uma leitura coletiva de cartas não começa no momento da gravação em vídeo. Há uma preparação, em parte, involuntária, que pode iniciar bem antes da gravação, e parece se constituir de dois elementos principais: o primeiro é a intencionalidade como característica da consciência, englobando a intenção da oraculista em fazer a leitura; e o segundo é o estado de receptividade ou “abertura para o inesperado”, em que a intuição se assemelha ao estado do vazio fértil, um estado potencial de múltiplas possibilidades.

Quando Renata intenciona fazer uma leitura de cartas, parece ser criado um campo que “toma conta” ou “domina” sua consciência. Como isso parece ocorrer? Mesmo que ela determine fazer a leitura em um determinado horário, por exemplo, mais tarde em seu dia, já está em ação o que estou denominando de “abertura para o inesperado”, isto é, parece haver a formação e manutenção de um estado psicológico em que processos intuitivos começam a se manifestar, de forma involuntária.

A “abertura para o inesperado” seria um estado de receptividade em que conteúdos originados de processos intuitivos se tornam “emergentes”, isto é, são percebidos como “figura” mesmo fora do contexto da leitura de cartas, em antecipação a ela. Para ilustrar, Renata pode ter ido ao supermercado, ocupada em fazer compras; entretanto, para a sua própria surpresa, ela pode se dar conta de que a sua intuição “já está falando com ela”, sendo percebida como “uma voz”. Neste sentido, ela pode

entender que “seria melhor fazer a leitura mais cedo”, como se a sua intuição estivesse lhe comunicando a necessidade de mudar o seu planejamento. Isto ocorreria súbita e espontaneamente, sem que Renata estivesse, conscientemente, pensando, isto é, direcionando seu pensamento sobre a leitura que irá realizar mais tarde.

Assim, o que está no campo de consciência de Renata no momento de uma leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas, em primeiro lugar é o contexto da própria leitura, em que a intencionalidade e o estado de abertura e receptividade para o inesperado ocorrem de forma integrada. Este estado de receptividade é a base do funcionamento intuitivo.

Nesta perspectiva, no início de uma leitura, antes mesmo de abrir, ou virar para cima a primeira carta, a atenção de Renata pode ter sido dirigida, intuitivamente, para um determinado objeto do cenário, digamos, uma borboleta. Este pode ser considerado um aviso intuitivo de que o tema da leitura estará relacionado à transformação, uma vez que borboletas são símbolos de transformação. Na sequência, a oraculista pode lembrar de algo, associado ao símbolo da borboleta; pode ser uma história pessoal, ou de uma leitura anterior, e ela pode desejar contar aos espectadores antes mesmo de iniciar a leitura propriamente dita. Sua atenção também pode se voltar a seus próprios estados internos e sensações corporais. O que se torna “emergente” vai sendo considerado como relevante para a leitura.

Alguns dos elementos emergentes são incorporados à narrativa na mesma hora; outros, por falta de clarificação, são colocados em suspenso, até que Renata tenha compreendido o sentido daquele determinado conteúdo, ou que alguma carta tirada na leitura possa ter relação com o que intuiu antes.

Dessa forma, os processos intuitivos, considerados como função intuitiva, parecem operar em paralelo com os pensamentos e o raciocínio lógico, ou a função pensamento, pois, à medida em que um conteúdo emerge intuitivamente, ele é colocado em um fluxo narrativo coerente. Este fluxo narrativo coerente, por sua vez, está relacionado com a intencionalidade, isto é, com o fato de que a consciência de Renata está em relação com os objetos presentes no campo perceptivo; e com a intenção da leitura, que é a de trazer algum tipo de orientação a quem irá assistir o vídeo gravado e publicado posteriormente no canal “Caminhos da Alma”.

Além disso, o *framework* conceitual parece corroborar as noções de tomada de consciência (ou atenção) focal e subsidiária de Polanyi (1966). O Quadro 15 foi originalmente, elaborado por Dörfler e Ackermann (2012, p.552) para ilustrar o conhecimento na escrita de um poema. Fiz uma adaptação para o trabalho de campo desta pesquisa. Estou entendendo o conhecimento como ação de conhecer.

Quadro 15 - Conhecimento em uma leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas

	Conhecimento das regras e das palavras-chave das cartas do Tarot e Baralho Cigano Subsidiário	Leitura interpretativa Focal
Conhecimento Conteúdo Mental	Explícito	Tácito
Ação de conhecer Identificação do conteúdo	Tácito	Explícito

Fonte: Dörfler e Ackermann (2012) adaptado pela autora deste trabalho (2023)

A cada passo da leitura coletiva de cartas de Tarot, Renata tira uma carta por vez e sua atenção é focal. No momento em que está atenta a uma carta e recorrendo ao conhecimento subsidiário dos significados possíveis das cartas, adquiridos previamente, o conteúdo que está presente em sua consciência é tácito; se eu pedir a ela o motivo da escolha daquela interpretação, entre tantas outras, ela possivelmente não saberia dizer. Entretanto, se a carta foi a da Estrela e eu perguntar a ela o que a Estrela significa, o conteúdo mental deste conhecimento é explícito, isto é, pode ser recuperado e explicado com facilidade. Com relação a ação de conhecer no momento de uma leitura, a identificação do conteúdo das imagens é tácita, isto é, não está como ponto focal de sua atenção; ocorre de forma subsidiária. O que está como ponto focal e por isso se torna um ato de conhecer explícito é a narrativa que está formando a partir da interpretação das imagens simbólicas de cada carta. A evidência para isto está nos vídeos: durante a sessão, existe um fio narrativo, o que demonstra que Renata está consciente do relacionamento que estabelece entre as cartas. Além disso, quando a leitura está chegando no final, Renata é capaz de destacar as cartas que foram repetidas, e sintetizar a principal mensagem que vinha sendo construída na sucessão temporal.

O que considero relevante destacar é que o que corresponde ao conhecimento tácito, Renata atribui à sua intuição. Este é um aspecto que necessita ser mais pesquisado futuramente. Renata utiliza o julgamento intuitivo durante uma

leitura quando decide entre alternativas de ação e interpretação e seleciona uma direção para o seu fluxo narrativo.

O uso do *insight* intuitivo se daria em momentos em que, durante uma leitura, ela teria uma ideia ou uma solução que implicaria em um novo conhecimento, como por exemplo, hipoteticamente, encontrar uma forma inédita de interpretar um dos Arcanos Maiores, ou criar um tipo de leitura com um determinado número de cartas e o que elas significariam numa tiragem.

6.2.7 Conclusão da análise e discussão dos resultados

Concluindo, a intuição durante uma leitura coletiva de oráculos pode ser compreendida como uma experiência holística, porque integrada, multissensorial e multimodal, em que mente e corpo operam como uma unidade psicofísica. Como o Tarot é polissêmico, múltiplas interpretações são possíveis e é necessário que a oraculista decida quais elementos são relevantes para a interpretação.

Além disso, diversos estímulos ou padrões são reconhecidos como figura e são apresentados numa sequência ordenada e integrada, que traduz uma mensagem unificada. No caso de Renata, proponho que intuição e raciocínio lógico operem em cooperação. Uma vez que sensações podem fazer parte da leitura, e que a função sentimento parece estar atuante na avaliação do que é relevante, as funções sensação e sentimento de Jung podem ter um papel complementar às funções intuitiva e de pensamento. A relação entre intuição e as quatro funções psicológicas de Jung merece maiores investigações.

A experiência intuitiva ocorre em um campo em que a intencionalidade têm um papel fundamental. Nenhum estudo selecionado nesta pesquisa correlacionou intencionalidade à intuição e, portanto, este é um resultado inédito que merece futuras explorações.

Os processos de percepção figura e fundo, associações livres e raciocínio lógico, unidos à memória de curto e longo prazo, unificam os elementos percebidos numa narrativa coerente, relacionada à intenção da leitura.

Logo, compreendo a interpretação de imagens simbólicas em uma leitura coletiva como sendo realizada de forma dinâmica e fluida, em que várias funções psíquicas surgem integradas no campo da consciência. Trata-se de um fenômeno

altamente complexo, que em muito espelha o funcionamento do psiquismo em situações reais, dado a concorrência simultânea de múltiplos processos psicológicos. Este pode ser considerado um dos pontos positivos deste trabalho, estudar um fenômeno complexo, de natureza subjetiva, mas que ocorre em uma situação real objetivada na forma de vídeos.

Considero, portanto, que os objetivos, tanto geral, quanto específicos traçados para este trabalho foram cumpridos. Os conhecimentos obtidos tanto teórica, quanto empiricamente durante esta investigação, sintetizados neste texto, são inéditos e abrem um fértil campo para que a relação entre intuição e conhecimento possa ser investigada futuramente, neste e em outros contextos.

6.2.8. Notas sobre minhas hipóteses sobre a intuição à luz do referencial teórico

Foram as minhas hipóteses corroboradas pela literatura científica? Antes de realizar a Revisão Integrativa de Literatura, apresentei algumas conjecturas sobre a intuição.

A primeira era que “a intuição é um fenômeno complexo que envolve tanto processos conscientes quanto inconscientes, dificultando o seu estudo”. A questão da base inconsciente da intuição foi apresentada por 36 dos 44 autores selecionados: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Souza (2011); Betsch (2011); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Kilakos (2018); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Sviridova *et al.* (2022); Topolinski (2011); van Kampen (2019); von Diest (2020) e Zhang *et al.* (2016).

Já a questão da complexidade da intuição apareceu apenas em 25 dentre os 44 pesquisadores. São eles: Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011);

Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sicora *et al.* (2021); Sviridova *et al.* (2022) e Topolinski (2011). Este dado me pareceu surpreendente.

A segunda premissa era a de que “a intuição ocorre em um estado de atenção global, não focal, em que uma ou mais informações subitamente tornam-se conscientes, isto é, entram no limiar da consciência”. O estado não global de intuição não é mencionado explicitamente na literatura, mas os autores que utilizam a abordagem de Polanyi e sua categorização a respeito da tomada de consciência focal e subsidiária, fazem a diferenciação entre consciência focal e não focal.

Quanto à questão de “não estarmos ativamente buscando estas informações, quando surgem de forma inesperada”, apareceu na categoria que afirma que a intuição “ocorre subitamente”, apresentada por 29 autores. São eles: São eles: Abubakar *et al.* (2019); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Radin (2008); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); von Diest *et al.* (2020) e Zhang *et al.* (2016).

Sobre a questão do “caminho cerebral” em que a intuição chega à consciência não ser lógico, nem racional, nem analítico; mas holístico, isto é, a informação surgiria de forma clara e consciente, como um todo integrado - haveria uma sensação de que “sei algo que não sabia um momento atrás”, mas não “sei explicar como eu sei”. Esta foi uma das categorias recorrentes na literatura científica, com 28 pesquisadores apontando para a diferença entre processos analíticos e racionais e processos intuitivos. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013);

Sassetti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Sviridova *et al.* (2022); Topolinski (2011) e von Diest *et al.* (2020).

Além disso, 18 estudos adicionais mencionaram esta diferença entre racionalidade e intuição, mas enfatizaram que não são processos de natureza oposta e sim complementares. São eles: Brisola; Cury (2016); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Hallo; Nguyen (2022); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Müller (2021); Raelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Sassetti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018) e von Diest *et al.* (2020).

Entretanto, apenas 19 autores consideraram a intuição como holística. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Lucena; Popadiuk (2020); Müller (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018) e von Diest *et al.* (2020). A questão da intuição ser holística e, possivelmente, ter uma base imagética, ainda necessita de maiores esclarecimentos.

Quanto à intuição “ocorrer como um súbito “colapso” de informações no campo perceptivo, possivelmente em um estado não-emocionado, semelhante ao da contemplação ou ao da meditação”, esta hipótese não apareceu na literatura científica, merecendo futuras investigações.

Propus ainda que “a informação recebida intuitivamente teria significado imediato, e valor para a pessoa, quando está no limiar da consciência. Isto significa que as informações são transformadas imediatamente em conhecimento e podem ser utilizadas pela pessoa, de forma prática”. Este dado não está declarado explicitamente, mas pode ser inferido em todas as pesquisas sobre tomada de decisão intuitiva.

Uma hipótese adicional foi a de que “se a informação é percebida como relevante e tem uma significação clara e imediata, a intuição pode ser considerada um dos processos psicológicos complexos relacionados à construção de significados”. Interessante constatar que a intuição aparece na literatura científica como relacionada ao reconhecimento de padrões, mas não à construção de significados. Penso que

este é um campo riquíssimo de exploração científica. Metade dos estudos apontou o reconhecimento de padrões como uma característica fundamental da intuição. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Brock (2015); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Kilakos (2018); Klein (2015); Müller (2021); Proença; de Oliveira (2009); Raelison *et al.* (2020); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017) e Zhang *et al.* (2016).

Outra hipótese que gostaria que a literatura científica houvesse confirmado é “a de que seria possível receber intuições e estas ficarem abaixo do limiar de consciência e percepção. Mais tarde, poderia ocorrer a lembrança da intuição que não foi captada, de forma semelhante a quando nos recordamos vagamente de um sonho que havíamos tido à noite, horas mais tarde durante o dia”. Este fenômeno, se real, parece ainda não ter sido investigado. Empiricamente, constatei que nos dias de leituras intuitivas, a intuição de Renata fica ativa mesmo antes do momento da tiragem de cartas. É algo que não está no controle da oraculista, segundo suas próprias palavras. Pode ser que quando a intuição esteja ativada durante um período de muitas horas, pela questão da intencionalidade e da intenção, várias intuições se tornem emergentes na consciência. Esta questão necessita de maiores evidências.

Postulei ainda que “só somos capazes de intuir aquilo que conhecemos; portanto, o conhecimento que temos tem um papel importante naquilo que somos capazes de intuir.” Esta afirmação parece óbvia; no entanto, em ciência, as aparências de um fenômeno podem não coincidir com os seus fundamentos. Nas experiências com transes mediúnicos no início de sua carreira médica, Jung constatou que sua prima conseguia intuir conhecimentos que não estavam em seu *background*. Entretanto, neste trabalho, não chego a investigar a questão mediúnica, mesmo que esteja presente no discurso de Renata. Sem negar a possibilidade de que a mediunidade possa ser um fenômeno relacionado à intuição e, portanto, necessitando de esclarecimento, preferi optar neste estudo por pesquisar como se dá o fluxo entre intuição e conhecimento no momento de uma leitura coletiva intuitiva gravada em vídeo. Nesta perspectiva, é possível afirmar que Renata intuiu aspectos dentro do seu conhecimento, tais como interpretar determinado Arcano Maior do Tarot, e como fazer a relação entre esta imagem arquetípica e a próxima; entretanto, a forma como isso

aparece numa leitura não é conhecido a priori. Portanto, Renata frequentemente se surpreende com as suas próprias leituras e vibra, se entusiasma, quando, mais próximo do fim, pode constatar o resultado do que vinha fazendo.

Havia pensado anteriormente que “a intuição pudesse ser um fenômeno holístico que ocorre tanto no corpo, quanto na mente. A compreensão do fenômeno da intuição não seria suficiente a partir da dicotomia corpo-mente”. Este dado parece ser corroborado pela literatura científica, apesar de que não apareceu como uma característica distintiva da intuição. Explico: durante a revisão de literatura, Harteis; Billet (2013) admitiu a possibilidade de haver diferentes tipos de ações intuitivas, citando três casos estudados na literatura com diferentes profissionais: bombeiros (Klein, 1998), violoncelista Yo-Yo Ma (Gladwell, 1999), e pilotos (Sadler-Smith, 2010). Nestas diferentes situações, existem sensações físicas que estão relacionadas com a intuição, assim como no caso de Renata. Entretanto, esta questão parece não receber destaque na literatura científica, apontando para estudos numa perspectiva mais tradicional de cognição como um fenômeno mental.

É digno de nota que o estudo com o piloto constatou que a intuição não é uma resposta automática, uma vez que os profissionais sujeitos de pesquisa não tinham experiência prévia com a tarefa solicitada. Ou seja, a intuição parece ser uma resposta que ocorre subitamente, como expressão da experiência e reconhecimento de padrões, mas também é possível haver uma prontidão de resposta intuitiva que não foi anteriormente treinada e aprendida. Trata-se de um fenômeno que demanda maiores investigações.

A proposição de que “a intuição é um fenômeno atencional, uma vez que a intuição direciona a atenção a algo emergente”, parece estar presente apenas nos adeptos de Polanyi; contudo, mesmo assim, merece maior esclarecimento. Além disso, havia sugerido que “a atenção ao que está ocorrendo fisicamente no momento da intuição poderia contribuir para o conhecimento tácito se tornar explícito”. No estudo de Klein (1998) sobre os bombeiros, a informação física serviu como um alerta para o perigo, possibilitando uma resposta rápida de sobrevivência. No entanto, no momento em que ocorre, ela continua tácita. Posteriormente ao evento também, uma vez que há dificuldade em explicar como ocorreu a súbita percepção de emergência e de risco potencial. Logo, possivelmente esta hipótese não tenha fundamento.

Quanto à questão de “a intuição ser uma habilidade disponível a qualquer pessoa e que necessita de prática para ser aprimorada”, os 32 estudos que consideram a intuição como “expressão da experiência” parecem corroborar que a intuição pode ser desenvolvida e aperfeiçoada. São eles: Abubakar *et al.* (2019); Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brisola; Cury (2016); Çizgen; Ulusu Uraz (2019); Dörfler; Ackermann (2012); Epstein (2010); Eskinazi; Giannopulu (2021); Evans (2010); Ferhani (2022); Hallo; Nguyen (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis; Billet (2013); Harteis *et al.* (2011); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Isenman (2009); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Marchisotti *et al.* (2018); Proença; de Oliveira (2009); Raelison *et al.* (2020); Sasseti *et al.* (2021); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Taylor *et al.* (2017); Topolinski (2011); van Kampen (2019); von Diest *et al.* (2020) e Wood; Reynolds (2013).

Quanto à possibilidade de que “alguns tipos de personalidade possam ser mais intuitivos que outros”, isto aparece nos autores que se embasam em Jung, devido à questão da tipologia de personalidade. Para ilustrar, Vaughan (1979) admite diferenças pessoais com relação à intuição.

Havia sugerido ainda que “na leitura intuitiva de cartas de Tarot, a intuição operaria selecionando um entre milhares de caminhos possíveis de interpretação. Cada imagem simbólica possui uma gama de significados que são modificados de acordo com o posicionamento das demais cartas. A intuição aponta uma direção, dentre muitas, para a leitura e interpretação”. No trabalho empírico com Renata, a intuição pareceu ocorrer de uma forma ainda mais complexa, isto é, não somente as variadas possibilidades de interpretação são geradas pelas imagens simbólicas das cartas que emergiram em uma leitura, mas outras pistas intuitivas parecem ocorrer com frequência. Entre elas, constatei detalhes do cenário, lembranças e associações que ocorrem na hora, a ação de embaralhar, estados internos, sensações físicas e detalhes das cartas.

E, por último, havia proposto que “em uma leitura intuitiva de cartas de Tarot, ocorreria um fluxo entre intuição e conhecimento e este poderia ser explicitado visualmente”. Bem, isto foi o que procurei realizar com o *framework* conceitual.

Resta ainda uma questão: poderia ser a intuição considerada uma matriz criativa? Se considerarmos que o *insight*, sendo o que possibilita a criação de algo

inédito, seria um *continuum* da intuição, como sugerem os autores que não diferenciam ambos os fenômenos, a resposta é sim. Se pensarmos que intuição e *insight* são fenômenos distintos, possivelmente, intuição e criatividade não compartilhariam o ato criativo ou a ação criadora.

Lembrando que apenas 13 autores fazem “distinção entre intuição e *insight*”. São eles: Brock (2015); Chan (2020); Dörfler; Ackermann (2012); Eskinazi; Giannopulu (2021); Hodgkinson *et al.* (2008); Hogarth (2010); Hurteau *et al.* (2020); Klein (2015); Lucena; Popadiuk (2020); Sicora *et al.* (2021); Stigliani; Ravasi (2018); Topolinski (2011); Zhang *et al.* (2016). E que não foi possível verificar a distinção entre intuição e *insight* em 19 estudos: Amaral; Sousa (2011); Betsch (2011); Bizzarri *et al.* (2022); Brisola; Cury (2016); Epstein (2010); Ferhani (2022); Hanna *et al.* (2020); Harteis *et al.* (2011); Kinchin *et al.* (2008); Marchisotti *et al.* (2018); Proença; de Oliveira (2009); Raoelison *et al.* (2020); Reihlen; Ringberg (2013); Salas *et al.* (2009); Sasseti *et al.* (2021); Sviridova *et al.* (2022); Taylor *et al.* (2017); van Kampen (2019) e Wood; Reynolds (2013).

Logo, os 12 autores que propõem um *continuum* entre intuição e *insight* são: Abubakar *et al.* (2019); Çizgen; Ulus Uraz (2019); Evans (2010); Hallo; Nguyen (2022); Harteis; Billet (2013); Isenman (2009); Kilakos (2018); Müller (2021); Radin; Borges (2009); Radin (2008); Valle (2017) e von Diest *et al.* (2020).

A questão da delimitação entre intuição e *insight* e o papel da criatividade na intuição, ou da intuição como matriz criadora, ainda merecem futuras investigações.

7 SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

O campo de pesquisas sobre a intuição e sua relação com o conhecimento está ainda em aberto com relação a muitas questões e explorações adicionais. Em primeiro lugar, há uma clara ausência de estudos de casos na literatura científica e esta lacuna necessita ser propriamente abordada. Relacionado a isso, em segundo lugar, estão faltando estudos empíricos que explicitem como o conhecimento tácito serve de base à intuição. Este parece ser um dos maiores “*gaps*” atualmente, um espaço que este trabalho procurou preencher.

Em terceiro, os estudos não são embasados em abordagens que superam a dicotomia corpo e mente, e esta é uma direção interessante para futuras investigações. Sugiro a Cognição 4E, particularmente com relação à *embodied cognition*; e pesquisas que estudem a intuição numa perspectiva multimodal.

Em quarto lugar, a questão sobre a delimitação entre *insight* e intuição não está clara, havendo autores que fazem a distinção entre ambos, outros que propõem a existência de um *continuum* entre intuição e *insight*, e aqueles que não se posicionaram neste sentido. Este parece ser um caminho muito frutífero para as pesquisas, uma vez que pode explorar a intuição como “matriz criadora”, termo que cunhei nesta investigação. A disponibilidade para o novo e para o inesperado constatada no trabalho de campo pode indicar que existem elementos de criação na interpretação intuitiva de imagens simbólicas em oráculos de cartas. Este é um resultado inédito que ainda permanece inexplorado, assim como a questão do papel da intencionalidade e da intenção com relação à intuição.

Em quinto lugar, a intuição conforme percebida e relatada por Renata, parece ocorrer como um “comando”, como um imperativo para a ação, semelhante em relatos de artistas, que necessitam compor, pintar ou escrever quando a inspiração surge (Schmidt, 2008). Considero este dado como relevante para futuras investigações.

Com relação à revisão de literatura, selecionei algumas sugestões que considerei dignas de nota:

Dörfler e Ackermann (2012) propõem estudos sobre julgamento intuitivo e *insight* intuitivo nos níveis físico, emocional e espiritual, uma vez que a ênfase na literatura tem sido em questões mentais. Estudar as diferenças entre *insight* e intuição com relação ao processamento cerebral é sugerido por Zhang *et al.* (2016). Além

disso, a relação entre intuição e criatividade, bem como a questão da delimitação entre intuição e *insight* necessitam futuras investigações. Çizgen e Ulusu Uraz (2019) propõem que as pesquisas sobre intuição partam de novas perspectivas, ainda não exploradas na literatura científica. Sasseti *et al.* (2021) admitem que seu estudo tem certas limitações e sugerem que novas contribuições possam ser realizadas, sobretudo no que diz respeito à intuição e racionalidade como modos complementares. Estes autores gostariam que novas pesquisas fossem realizadas na direção de mostrar processos racionais e intuitivos como mediadores na eficácia das tomadas de decisões em contextos de empreendedorismo.

A intuição é frequentemente referida como um processo automático, principalmente entre os autores que são partidários da teoria de processamento dual entre razão e intuição. Entretanto, é possível que “acontecer rapidamente” não seja equivalente a “processo automático”. Este refinamento conceitual é digno de consideração.

Quanto a minhas hipóteses discutidas na seção anterior, uma questão fundamental diz respeito à base da intuição ser holística e, possivelmente imagética, sendo processada não-linguisticamente. Caso confirmado, este dado explicaria a dificuldade em explicitar o conhecimento tácito com relação à intuição. No momento, ainda necessita de maiores esclarecimentos.

Se a intuição pode ocorrer em um “estado não-emocionado”, semelhante ao de contemplação, em contraste com um estado em que sentimentos estão presentes, é uma hipótese que merece investigação.

O fato de que a literatura científica não tem estudado a intuição relacionada à construção de significados, em minha avaliação, abre um campo profícuo de exploração. Assim como a questão de a intuição ser ou não processada como um fenômeno com várias emergências ao longo de algumas horas.

Finalmente, as limitações deste trabalho fornecem excelentes oportunidades para novas pesquisas, tais como:

- 1) Estudar intuição sob a perspectiva das Neurociências, para amplificar a compreensão de seu substrato fisiológico;
- 2) Utilizar outras abordagens psicológicas para a análise da intuição;
- 3) Explorar a fundamentação filosófica das abordagens teóricas utilizadas neste estudo sobre intuição;

4) Diversificar o método, selecionando particularmente aqueles indicados por Sinclair (2011, 2014, 2020) para o estudo da intuição.

5) Finalmente, aprofundar os resultados obtidos na análise deste trabalho, especialmente com relação a perguntas não respondidas.

Com relação ao Tarot, conforme visto na seção sobre o desenvolvimento histórico do Tarot e da cartomancia, estas formas oraculares não só continuam vivas atualmente, mas estão conseguindo fazer com sucesso a passagem para a era digital. As consultas de Tarot continuam existindo em contextos privados, mas agora elas também podem ser realizadas online, via plataformas de videoconferência, como o *Zoom*, possibilitando a diluição de fronteiras geográficas.

Por outro lado, a mudança do *setting* físico para o virtual pode se constituir em um objeto de futuras pesquisas. Existiria algum tipo de perda de qualidade com relação ao *setting* tradicional na perspectiva do tarólogo ou do consulente? Como esta mudança está sendo significada por ambos? Os objetivos das sessões privadas tradicional e online continuam sendo os mesmos? Estas são algumas das questões que podem ser indagadas em pesquisas qualitativas.

Com relação às sessões coletivas gravadas no *YouTube*, um rico material a ser explorado são os chats disponíveis abaixo de cada gravação, pois eles frequentemente são *feedbacks* de quem assistiu as leituras de Tarot. As leituras de Tarot no *YouTube* são públicas, isto é, elas perdem o caráter daquela sessão tradicional, na qual o consulente vai até o lugar onde o tarólogo está, para obter uma consulta privada com ele ou ela. Agora este local é o canal no *YouTube* e a pessoa que busca uma leitura de Tarot pode fazê-lo em qualquer horário, conforme a sua conveniência. Estando gravadas em vídeos, as interpretações podem ser revistas quantas vezes se fizer necessário. Entretanto, apesar desta conveniência, existe algo que está faltando numa sessão pública de cartomancia: o contato direto com o tarólogo e a possibilidade de diálogo sobre a situação do consulente em particular.

Numa leitura privada, o tarólogo geralmente questiona o cliente sobre o motivo que o trouxe ali e quais as suas expectativas da sessão. À medida em que as cartas são dispostas sobre uma mesa, viradas para cima e interpretadas, novas indagações podem ser realizadas, tanto pelo tarólogo, quanto pelo consulente. Tais questões têm o objetivo de elucidar, de forma satisfatória para ambos, tarólogo e consulente, o tema principal que foi o motivo da consulta.

Isso não ocorre na sessão pública no *YouTube*, significando que a maior parte da elaboração do que é dito pelo tarólogo é realizado por quem assiste a leitura. É o espectador quem precisa verificar se a interpretação que está assistindo tem relação com a sua vida ou não. Ou, ainda mais especificamente, se tem relação com a questão pontual que o trouxe até aquele vídeo particular.

Assim sendo, há uma dinâmica diferente da sessão privada. Impossibilitado de fazer perguntas adicionais ao tarólogo, na sessão pública, o espectador tem uma tarefa a realizar: a de discriminar o que faz sentido para si e o que não faz. As oraculistas com canais no *YouTube* que acompanhei durante esta pesquisa geralmente procuram dar algumas orientações para servir de guia ao consulente. Neste sentido, costumam comunicar desde o início da gravação, principalmente naquelas que têm mais de uma opção de escolha de “montinhos” ou pilhas de cartas, que algumas dessas interpretações realmente não farão sentido a quem as busca. Cabe ao espectador, ora usar a sua intuição e escolher o montinho que lhe chama mais atenção, ora fazer uso de um “sinal” particular para aquela pessoa para fazer a escolha. Por exemplo, se uma pessoa se identifica com a pedra quartzo rosa e esta foi utilizada para demarcar uma dentre três pilhas de cartas, a pessoa pode escolher este monte como sendo “a sua leitura”, isto é, a interpretação que fará sentido para ela. Uma outra opção é que o espectador assista o vídeo inteiro e, realizando a tarefa de discriminação, descarte as leituras que não lhe dizem respeito.

Por outro lado, há ainda outras possibilidades, que atestei por experiência própria. Em casos não tão comuns, todas as leituras podem fazer sentido e as pilhas, uma, duas e três, demonstrarem a ordem cronológica de alguns acontecimentos relacionados à interpretação, ainda que não exatamente na ordenação das pilhas. Para exemplificar, o que aconteceu no passado mais remoto estava na pilha dois, o presente na pilha três e o que pôde ser lido como tendência para o futuro na primeira pilha.

Outro fenômeno que pode ocorrer é que todas as leituras não façam sentido algum e é preciso escolher outro vídeo, ou até mesmo, outro canal. Além disso, todas as pilhas podem fazer sentido, mas apenas parcialmente, cabendo novamente ao espectador fazer a discriminação necessária. Neste caso, é comum que apenas uma ou outra frase em cada leitura seja compreendida como um sinal para o consulente. Em minha vivência como espectadora desde 2020, tais situações são a exceção e

não a regra, mas aqui trago apenas um relato de experiência que ainda não foi estudado na perspectiva científica, com espectadores em maior número. Ou seja, minha experiência é apenas uma, entre milhares que não foram consideradas neste estudo. Este também pode ser um tema de investigação futura.

Entretanto, gostaria de destacar que tal relevante mudança nas sessões públicas com relação às leituras tradicionais coloca o “peso” da interpretação mais nas mãos das consulentes, do que das próprias tarólogas. Neste sentido, se qualquer atribuição de sentidos em uma leitura de Tarot pode ser considerada uma cocriação de ambos, tarólogo e consulente, é possível inferir que no caso das sessões públicas gravadas, é o consulente que tem maior importância, uma vez que é ele que relaciona ativamente a interpretação realizada pela oraculista com o tema de seu interesse. Esta transformação pode ser objeto de futuras pesquisas, pois pode revelar quais as formas e critérios que os espectadores utilizam para que as sessões públicas façam sentido particular.

Além do *YouTube*, o Tarot está presente virtualmente na forma original de *crowdfunding* de novos *decks* criados por artistas contemporâneos e, ainda, nas lojas virtuais que vendem livros e baralhos de cartomancia. Este é um fenômeno em pleno crescimento, como atesta Barbier (2021). Qualquer pessoa hoje pode procurar na internet e encontrar uma quantidade imensurável de *decks* diferentes de Tarot disponíveis para compra, bem como oráculos de cartas. Esta é uma mudança qualitativa com relação a como era difícil conseguir acesso à literatura especializada e aos poucos baralhos de Tarot publicamente conhecidos antes da década de oitenta do século passado.

Assim, o Tarot tem sido reinventado em nosso tempo e pode ser considerado uma tradição milenar que continua viva. Pois, mesmo que tenhamos evidências de que ele tem 700 anos de existência, os estudiosos de sua origem acreditam que é provável que sua história seja mais antiga. Nesta perspectiva, há ao menos uma indagação a ser feita: qual o seu valor no nosso tempo?

Com relação às leituras coletivas de Tarot no *YouTube*, um possível valor está em trazer orientação de natureza psicológica, tais como manejo de emoções, com efeitos terapêuticos, para milhares de pessoas que fazem uso destes canais. Seria uma forma de receber aconselhamento e aprendizagem sobre temas que dizem

respeito a crescimento pessoal. Este fenômeno não está ocorrendo apenas no Brasil, mas em outros países e outros idiomas também.

É provável que grande parte do público do Tarot no *YouTube* deseje confirmação de algum tipo, ou a previsão de acontecimentos considerados relevantes. Consultar o Tarot pode ser considerado simultaneamente um ato de curiosidade e de fé que as respostas almejadas sejam obtidas. Entretanto, para além da previsão, no discurso de oraculistas como Renata é possível encontrar mensagens que trazem conforto e orientação com relação a temas sensíveis.

Vivemos em uma época complexa; particularmente durante e após os anos da Pandemia de *Covid-19*, os índices de suicídio, ansiedade e depressão aumentaram significativamente.⁶⁶ Nossa sociedade ainda carece de veículos apropriados para a melhora da saúde mental como uma questão coletiva, na forma de políticas públicas. Pode ser que as oraculistas do *YouTube* estejam prestando um serviço de saúde pública, ainda que marginalizado socialmente, e polêmico com relação à sua natureza e seu valor. Esta possibilidade pode ser confirmada em futuros estudos.

Concluindo, proponho algumas sugestões que não puderam ser contempladas neste trabalho:

- 1) Investigar o papel do gênero na construção da identidade das oraculistas e das consulentes;
- 2) Realizar uma análise sociológica dos conteúdos dos canais de *YouTube*, para verificar sua função social;
- 3) Pesquisar a interação entre consulentes e oraculistas nas redes sociais das últimas, principalmente via *chats* públicos (netnografia), com a finalidade de compreender os sentidos que os consulentes estabelecem sobre a leitura coletiva de Tarot e oráculos de cartas;
- 4) Analisar o papel da semiótica visual na interpretação das imagens simbólicas de Tarot em leituras coletivas;

⁶⁶ Em 2017, a Associação de Ansiedade e Depressão dos EUA, estimava que cerca de 264 milhões de pessoas sofriam de ansiedade, no mundo. Um ano depois, 39 por cento dos norte-americanos admitiram se sentir ainda mais ansiosos que no ano anterior e outros 39 % continuavam com os mesmos índices de ansiedade. Isto corresponde a 80% da população e os dados são de antes da pandemia de *Covid-19*. A estimativa é que este panorama está ainda pior depois de 2020 (Brewer, 2021).

5) Realizar uma pesquisa similar, mas com outras características demográficas, tais como gênero masculino, maior número de informantes, e escopo internacional.

8 LIMITAÇÕES DESTA PESQUISA

A presente investigação pode ser considerada limitada sob vários aspectos. Em primeiro lugar, por se tratar de um estudo inédito, com base em referenciais teóricos ainda pouco explorados, como a relação entre Jung e a intuição, este estudo carece de maior diálogo entre os pares. Espero ter podido contornar essa dificuldade estabelecendo relações que podem ser convidativas a novas investigações.

Ao realizar o trabalho de campo sobre um jogo de cartas que é conhecido como místico, ou utilizado para adivinhar o futuro - o Tarot - à primeira vista, isto pode ser considerado uma fonte não apropriada para estudos científicos. Contudo, o objetivo de verificar cientificamente se a oraculista realmente está prevendo o futuro dos consulentes nunca foi objeto deste estudo. O que estava em foco era a forma como a informante narra seus processos intuitivos com relação à interpretação de imagens simbólicas, bem como a relação entre intuição e o seu conhecimento prévio sobre como interpretar o tarot. Dessa forma, a análise abordou como se dá o fluxo entre intuição e conhecimento no momento de uma leitura coletiva.

Existe uma dificuldade evidente na transposição de conhecimento, pois os estudos sobre intuição na literatura científica não foram realizados no contexto de leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas. Entretanto, uma das características principais de uma pesquisa qualitativa é o conhecimento específico que produz sobre o universo pesquisado. Isto significa que não é esperado que o conhecimento gerado por uma investigação específica de natureza qualitativa possa ser generalizado para outra, mesmo que similar. Como um estudo de casos particulares, cada pesquisa pode chegar a resultados distintos e esse é um dos valores dos métodos qualitativos, por mostrar estas diferenças em profundidade. *“A generalização dos estudos qualitativos geralmente não se baseia na amostragem explícita de alguma população definida para a qual os resultados podem ser estendidos, mas no desenvolvimento de uma teoria que pode ser estendida a outros casos”* (Maxwell, 2008, p. 246).

Dessa forma, uma das contribuições desta pesquisa está no desenvolvimento teórico sobre a intuição como conhecimento a partir de um estudo de caso com base empírica.

Uma crítica relevante que diz respeito a este estudo é o fato de que não existem evidências concretas sobre se a oraculista está utilizando ou não a sua

intuição, pois o trabalho de campo se apoia apenas no discurso da informante e na análise de conteúdo dos vídeos produzidos por ela. Nesta perspectiva, um dos cuidados necessários foi comparar o que é descrito pela informante como intuição e a intuição investigada na literatura científica, levando em consideração que não se trata de um estudo direto sobre intuição.

Com relação às abordagens teóricas escolhidas, a Psicologia Analítica de Jung já recebeu críticas no passado a respeito de ser uma “psicologia de fundo místico”, uma vez que conceitos como *Self* e Inconsciente Coletivo são de difícil compreensão e tendem a não ser considerados pela comunidade científica. Talvez exista uma relação entre a Epigenética de Bruce Lipton e o Inconsciente Coletivo de Jung. Da mesma forma como Jung, Lipton teve dificuldades em demonstrar a validade da Epigenética, em uma época em que havia uma tendência entre seus pares em pensar que a genética era absoluta. O que se acreditava na década de 80 era que se uma pessoa teve pais com determinadas doenças, essas seriam necessariamente transmitidas geneticamente para os filhos. Isto foi chamado de determinismo genético. Lipton (2016) demonstrou que o meio ambiente, o nosso estilo de vida e até mesmo a qualidade de nossos pensamentos e emoções podem desativar o impacto da carga genética que nos foi transmitida. A herança genética existe, mas não é determinante. É possível ativá-la ou desativá-la por fatores além da genética, daí o nome Epigenética.

Lipton (2016) têm discutido o fato de que determinados traumas podem ser transmitidos de geração em geração, havendo algum tipo de comunicação genética ou epigenética entre familiares. Ou seja, experiências marcantes psicologicamente vivenciadas por um avô ou tataravô, como um trauma devido à guerra, podem ser transmitidas para seus netos, sem que eles tenham passado pela mesma experiência. Jung, por sua vez, concebeu o Inconsciente Coletivo como sendo um repositório de todo o conhecimento adquirido e acumulado pela humanidade, que estaria acessível a qualquer ser humano. Uma espécie de armazenamento em nuvem, como temos hoje. Entretanto, apesar desta analogia representar o Inconsciente Coletivo como um gigante servidor remoto, este é mais que isso: armazena as experiências primordiais humanas sob a forma de arquétipos. Este armazenamento pode também estar ligado com a noção de campos morfogenéticos de Sheldrake, se considerarmos os arquétipos do Inconsciente Coletivo como campos organizadores da experiência

psíquica, da mesma forma que os campos morfogenéticos seriam organizadores das formas biológicas.

De acordo com Jung, nenhuma pessoa tem acesso direto aos arquétipos, apenas a determinadas imagens arquetípicas. Isto significa que todos temos uma experiência com o arquétipo mãe, por termos nascido de uma mulher. Contudo, por ser essa vivência única para cada pessoa, assim também a imagem arquetípica será diferente para cada um. A imagem arquetípica formada não coincide com a pessoa real, o que abre espaço para questionarmos como percebemos o mundo e atribuímos a outras pessoas o que é, a princípio, resultado de nosso próprio psiquismo, através do uso inconsciente da projeção.

É possível que Jung tenha sido um visionário que intuiu o funcionamento da psique humana para além do domínio puramente lógico-racional, incluindo a questão simbólica e numinosa. Tenho esperanças de que à medida que os conhecimentos da neurociência vão se tornando mais precisos, os conceitos de Jung possam ser melhor compreendidos e aceitos no *mainstream*.

Alguns limites que merecem destaque nesta pesquisa são: foi realizada com apenas uma informante; um único gênero, o feminino; o alcance geográfico nacional; o número de meses dedicado à investigação; e, possivelmente, até mesmo os recursos metodológicos selecionados e utilizados podem ser considerados limitados para responder a fundo a questão de pesquisa.

O uso do método etnográfico digital pode ser questionado, tanto pela realização de entrevistas de forma não presencial, quanto pela impossibilidade de um contato prolongado com a informante. Avalio que a escolha do método está apropriada, mas careci do tempo para o aprofundamento cultural necessário à elaboração de uma etnografia. Ficou fora do escopo deste trabalho fazer uma análise sociológica em profundidade sobre o conteúdo do canal da informante, bem como a necessária exploração da questão de gênero. Ambos ficam como sugestões para futuros estudos.

Com relação à interface entre intuição e conhecimento, estou ciente de que este é um tema amplo e complexo, e, ao término da presente investigação, surgiram novas perguntas. Mas não é a elaboração de questionamentos e o levantamento para futuros estudos alguns dos indicadores que demonstram o valor de uma pesquisa?

Enfim, estou ciente de várias limitações desta investigação e de algumas críticas que este trabalho pode receber; e estou de acordo com as que descrevi. Este pode ser considerado um trabalho ousado e arriscado, mas que, se for considerado bem-sucedido pelos meus leitores, pode trazer uma contribuição inédita ao tema de pesquisa, ainda que modesta. Pessoalmente, ficarei satisfeita se minha contribuição como pesquisadora tiver proporcionado maior clareza com relação ao conceito de intuição, a partir da Revisão Integrativa de Literatura. Espero ainda que o *framework* conceitual possa ter elucidado a questão principal desta tese. Mas esta é uma avaliação que já não me cabe.

Finalmente, em minha trajetória acadêmica, aprendi que uma pessoa sozinha não faz ciência, e que as questões de uma pesquisa podem ser mais relevantes que as respostas obtidas, uma vez que são propulsoras de novas e melhores investigações.

9 CONCLUSÕES

Nesta seção, descrevo as principais contribuições desta investigação, que é um trabalho inédito, original e ousado. Meu objetivo principal foi responder à pergunta de pesquisa: “*Como ocorre o fluxo entre intuição e conhecimento na interpretação de imagens simbólicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas?*”.

Ao propor esta questão, estou investigando cientificamente uma prática oracular milenar que por muito tempo foi considerada magia, ocultismo e tabu. Estou direcionando a atenção dos leitores para o fato de que esta mesma prática, usualmente íntima, secreta e privada, realizada entre um oraculista e um consultante, atualmente está disponível em redes sociais abertas ao público, para milhares de pessoas assistirem, com o potencial de chegar a milhões. Este é um fenômeno social e cultural ainda inexplorado, não só no Brasil, mas no mundo.

Sobretudo, ao realizar este trabalho, estou colocando no centro de uma temática para debate acadêmico, a intuição como forma de conhecimento. Para responder à questão de pesquisa e cumprir com os objetivos geral e específico, elaborei um *framework* conceitual a partir de dados empíricos e o relacionei à Revisão Integrativa de Literatura. Portanto, o presente trabalho envolveu a integração de duas partes: a primeira, a revisão do referencial teórico sobre intuição, conhecimento e conhecimento tácito, tendo como base 44 publicações científicas selecionadas. Após a leitura e análise dos textos, destaquei 14 categorias que correspondiam às características da intuição recorrentes entre os autores selecionados. Estes dados foram transpostos para o Quadro 7, apresentados em ordem decrescente, e cada categoria foi explicada.

Como resultado desta análise, propus uma definição de intuição que unisse as características mais expressivas citadas nos estudos, uma vez que, devido à diversidade de campos de saber dos cientistas, acrescidas da confusão terminológica sobre intuição, não existe um consenso com relação a como conceituá-la. Segue o conceito de intuição derivado deste estudo:

Intuição é um fenômeno complexo, que tem como base o conhecimento tácito e ocorre a partir de processos em parte inconscientes. Os processos intuitivos têm uma natureza diferente dos processos analíticos e racionais. A intuição acontece subitamente como um julgamento intuitivo em que há uma tomada de decisão e um

sentimento de que a decisão intuitiva é a melhor. Ela se desenvolve com o tempo e tem como base a experiência vivida. Por isso, tem relação direta com a memória de longo prazo.

É possível que o reconhecimento de padrões seja uma das características da intuição, uma vez que metade dos autores estudados a menciona. Segundo a revisão de literatura, a intuição pode ser desenvolvida com o tempo, ou diferenciada, conforme a terminologia junguiana.

Em minha análise, considero de suma importância conceber a intuição como um processo cognitivo, ou melhor, como a atuação simultânea de vários processos cognitivos. Além disso, como sua natureza é distinta dos processos racionais e lógicos, a intuição possivelmente tem uma natureza holística, em que há uma compreensão de “um todo como uma configuração maior do que a soma de suas partes” – conforme o famoso jargão da Gestalt-Psicologia.

A relevância da intuição ser considerada holística diz respeito ao fato de que ela pode ser predominante ou parcialmente imagética; isto é, ocorreria através de uma ou mais imagens, sem associação imediata com palavras. Por isso, o conhecimento tácito que serve de base para a intuição não seria facilmente recuperado como linguagem. No caso da oraculista, sua intuição é ativada a partir de imagens simbólicas que já estão presentes nas cartas. Sua principal atribuição é tornar estas imagens inteligíveis, fazendo uma interpretação em um fluxo temporal que se desenrola à medida que cada carta vai sendo posta sobre a mesa e interpretada. Como um fenômeno original e criativo, o resultado de uma leitura por vezes é surpreendente para a oraculista, como pode ser constatado em vários de seus vídeos. Isto ocorre porque Renata sabe como interpretar as imagens dos oráculos de cartas, mas não tem como saber, a priori, quais as cartas que serão abertas durante a leitura e o rumo de sua interpretação.

Estudando os vídeos do canal da oraculista no *YouTube*, verifiquei que a intuição durante uma leitura coletiva de oráculos pode ser compreendida como uma experiência holística, porque integrada, multissensorial e multimodal, em que mente e corpo operam como uma unidade psicofísica. Como o Tarot é polissêmico, múltiplas interpretações são possíveis e é necessário que a oraculista decida quais elementos são relevantes para a interpretação. Para isso, diversos estímulos ou padrões são reconhecidos como figura e são apresentados numa sequência ordenada e integrada,

que traduz uma mensagem unificada. No caso de Renata, proponho que intuição e raciocínio lógico operem em cooperação, o que é corroborado pela literatura científica. Uma vez que sensações podem fazer parte da leitura, e que a função sentimento parece estar atuante na avaliação do que é relevante, as funções sensação e sentimento de Jung podem ter um papel complementar às funções intuitiva e de pensamento. Esta relação entre intuição e as quatro funções psicológicas de Jung merece futuras investigações.

Além disso, no caso das leituras de Tarot, a experiência intuitiva ocorre em um campo em que a intencionalidade têm um papel fundamental, uma vez que a oraculista tem a clara intenção de estar prestando um serviço a uma comunidade. Nenhum estudo selecionado na revisão de literatura correlacionou intencionalidade à intuição e, portanto, este é um resultado inédito que faz jus a mais explorações.

A intuição da oraculista é percebida como uma “voz” ou como pensamentos claros que guiam a direção de uma leitura de oráculos de cartas para, ao menos, oito elementos: 1) Conhecimento prévio do simbolismo das cartas do Tarot expresso em palavras-chave; 2) Percepção visual de uma imagem como um todo; 3) Percepção visual de um ou mais detalhes da imagem; 4) Memória associativa de acontecimentos; 5) Atenção ao que ocorre no ato de manusear e embaralhar as cartas; 6) Atenção ao cenário da leitura ou ao ambiente em geral; 7) Atenção a estados internos e a como a oraculista se sente numa leitura; 8) Sensações corporais (frio, calor, dor, tensão, relaxamento). O item 7 corresponde, ainda, à uma leitura da energia de um(a) consulente ou de um grupo de espectadores, no caso do *YouTube*. Os oraculistas tendem a perceber variações de energia em momentos diferentes, com pessoas distintas. Para Renata isto também acontece.

À medida que cada carta é disposta sobre a mesa, ocorre inicialmente uma identificação da imagem simbólica, seguida da lembrança do que ela significa, na forma de palavras-chaves. A seguir, a percepção de Renata é dirigida para um ou mais dos oito elementos, a partir dessa “voz” intuitiva na forma de pensamentos que lhe servem como guia. Algumas leituras podem não envolver todos os elementos, mas cada elemento pode modificar a direção da interpretação.

Durante uma leitura, três processos cognitivos - percepção figura e fundo, associações livres e raciocínio lógico - unidos à memória de curto e longo prazo, parecem unificar aqueles elementos percebidos numa narrativa coerente, relacionada

à intenção da leitura. Logo, estou compreendendo a interpretação de imagens simbólicas em uma leitura coletiva como sendo realizada de forma dinâmica e fluida, em que vários processos cognitivos surgem integrados no campo da consciência. Trata-se de um fenômeno altamente complexo, que em muito espelha o funcionamento do psiquismo em situações reais, dado a concorrência simultânea de múltiplos processos psicológicos. Este pode ser considerado um dos méritos deste trabalho, estudar um fenômeno complexo, de natureza subjetiva, mas que ocorre em uma situação real objetivada na forma de vídeos.

Durante a revisão, constatei que existe uma lacuna na literatura científica de estudos empíricos a respeito da intuição que deem conta de explicitar seus fundamentos tácitos. Além disso, a intuição como conhecimento ainda pode ser considerada pouco explorada. O *framework* conceitual proposto tem a intenção de contribuir para a visualização de como Renata, a oraculista informante desta pesquisa, faz uso de vários processos cognitivos simultaneamente durante uma leitura intuitiva e coletiva de oráculos de cartas, ainda que não saberia explicar como faz isso, uma vez que este conhecimento é tácito. Quando apresentei para ela os resultados desta investigação, ela disse divertidamente que “não sabia que fazia tanta coisa”!

Nesta perspectiva, a intuição pode ser concebida não só como um fenômeno de alta complexidade, mas multimodal, uma vez que sensações corporais podem estar envolvidas. Por isso, estimo que estudos sobre intuição que vão além da perspectiva da mente, como a Cognição 4E, possam ser de grande valor para o avanço científico nesta área.

Com relação à delimitação entre *insight* e intuição, a literatura científica está dividida entre duas tendências: a de considerá-los como fenômenos distintos, ou como um *continuum* em que a intuição gradativamente vai dando lugar ao *insight*. A partir destes resultados, sugeri várias possibilidades de futuros estudos que possam trazer maior esclarecimento para esta questão. A intuição, a meu ver, se aproxima da noção de uma matriz criadora e, por isso, embora não seja sinônimo de *insight*, pode igualmente gerar novas percepções e soluções de problemas. As hipóteses que havia postulado antes de realizar o trabalho de campo e a revisão de literatura parecem ser promissoras para a compreensão do funcionamento da intuição.

Na segunda parte do trabalho, comparei o *framework* conceitual às 14 categorias de análise, verificando que o trabalho empírico realizado corrobora a maior

parte das características da intuição apresentadas na literatura científica. Entretanto, aponta para dados inéditos que necessitam de maiores esclarecimentos, tais como o papel da intencionalidade e da intenção com relação à intuição, a possibilidade de a intuição ser uma matriz criadora, e a questão de a intuição aparecer como um “comando” ou um imperativo para a ação. Estes resultados foram surpreendentes para mim, e, mais uma vez, a questão do “imperativo para a ação” que também ocorre em artistas, aponta para a importância do corpo como um canal para a intuição, não apenas a mente.

Com relação ao referencial teórico adicional, filosoficamente, a intuição foi concebida no Ocidente como a forma fundamental como os seres humanos conhecem o mundo externamente e internamente, incluindo o conhecimento de Deus. Este último, particularmente, durante o período escolástico. Da forma como é descrita, parece ser sinônimo de percepção, mas sem que houvesse uma representação do objeto; esta era função da fantasia, ou do que hoje chamamos de imaginação. Portanto, o que percebemos com os órgãos dos sentidos se tornariam parte da memória a partir da nossa capacidade de transformar o percebido em imagens internas com o auxílio da fantasia. A intuição era a forma como o Espírito se faz conhecer pelo corpo, através da mediação da alma. Logo, a intuição era, por excelência, o principal canal que temos para conhecer o mundo, pois todo conhecimento advinha da intuição. Nesta perspectiva original, a intuição é uma espécie de percepção interna, um canal direto para a revelação do desconhecido e para a apreensão do conhecimento numa dimensão espiritual. Não é por acaso que as ciências que têm como base o materialismo passaram a rejeitar este paradigma sobre a intuição.

Com o advento da psicologia científica, no final do século XIX, a intuição foi se diferenciando da percepção, “rebaixada” como forma de conhecimento, e a alma deixou de ser objeto da psicologia. A representação do objeto passou a ser uma consequência da percepção. Entretanto, Jung, psiquiatra do século XX, continuou valorizando a intuição como uma forma de conhecimento e a alma como objeto da psicologia, na contracorrente de seu tempo. Talvez por isso tenha sido tachado de místico e a cientificidade de sua obra questionada. Trata-se de diferentes visões de mundo, de distintos paradigmas.

Sobre este tema, fiquei muitíssimo impressionada com o fato de que Jung considera que a realidade objetiva está no inconsciente coletivo e seus arquétipos, que também pode ser interpretado como a “mente de Deus”; e que nós, seres humanos, não temos acesso direto a ela. Para Jung, mesmo quando fazemos ciência, estamos vendo o que chamamos de realidade com recortes subjetivos. A nossa consciência é de ordem subjetiva. Estamos construindo representações subjetivas a partir de nossas próprias experiências particulares. Tais representações implicam distorções e exclusões. Não é que o avanço científico não seja possível, mas ele consiste justamente na constatação de nossa subjetividade e na inclusão da intuição para complementar ao papel da racionalidade.

Jung concebeu a intuição como uma função intuitiva, de natureza inconsciente, e complementar à função pensamento, de natureza racional e consciente. A forma como viu a intuição variou em sua obra, tendo ao menos três fases. Na primeira, a intuição foi compreendida como um fenômeno mediúnico; na segunda, como ocorrendo no subconsciente; finalmente, em um período mais maduro de sua obra, a intuição foi considerada um fenômeno de natureza inconsciente e uma das quatro funções psíquicas. Além da intuição e do pensamento, as outras duas funções fundamentais do psiquismo humano são a sensação e o sentimento.

Lembrando que a sensação é inconsciente e irracional e o sentimento é racional, mas a consciência do sentimento depende da sua diferenciação na psique individual. Isto significa que quanto mais as quatro funções estiverem diferenciadas, mais consciência temos delas e de seu papel em nosso psiquismo. Este é um trabalho voluntário e intencional a ser realizado individualmente. O psiquiatra suíço advogou a favor de que a sociedade ocidental desse igual importância ao desenvolvimento de todas as funções, ainda que a diferenciação individual seja esperada. Continuou considerando a alma como objeto da psicologia científica, no sentido de que a totalidade da psique não é apenas constituída pela consciência e, sim uma mescla entre processos conscientes e inconscientes.

A ênfase em sua obra com relação ao inconsciente coletivo e à necessidade de trazer o inconsciente para a consciência, demonstra que, para Jung, existem fenômenos que não podem ser totalmente explicados pela racionalidade científica e, mesmo assim, seriam reais, tais como a mediunidade e o encontro com o numinoso. A intuição é considerada uma ponte entre inconsciente e consciência e, portanto,

fundamental para o desenvolvimento humano individual e coletivo, que é sustentado pela progressiva consciência de aspectos inconscientes.

A contribuição de Jung com relação aos estudos sobre processo intuitivos é mencionada em algumas das publicações selecionadas para a presente Revisão Integrativa da Literatura, mas não pela maioria dos autores. Isto não é surpreendente, devido às suas bases epistemológicas, que parecem não coincidir com o atual paradigma nas ciências. Esta diferença levanta uma questão fundamental: A intuição pode continuar a ser objeto de estudos científicos, dado sua base abaixo do limiar da consciência?

A resposta a partir deste trabalho é sim. Apenas começamos a entender o que é a intuição cientificamente e há ainda muito espaço para a exploração e delimitação deste fenômeno. Novas metodologias e mais estudos empíricos podem contribuir para o avanço científico na área.

É possível que, como na metáfora do *iceberg* de Freud, quando explicou a existência do inconsciente, uma parte relevante do fenômeno fique de fora do alcance metodológico, uma vez que processos não-conscientes parecem estar implicados em sua dinâmica. Por isso, Jung preferiu utilizar a linguagem dos mitos em conexão com a intuição, cuja dramaticidade e profundidade foi considerada mais apropriada para a visualização de dinâmicas inconscientes. Proponho que estudos sobre a linguagem mitológica e imagética possam contribuir para a compreensão de aspectos dinâmicos não-conscientes com relação à intuição. Estimo que o avanço tecnológico na área de neurociências possa, em breve, permitir *insights* e correlações ainda não realizadas.

Na perspectiva junguiana, o Tarot se revela como uma ferramenta intuitiva que se baseia na interpretação simbólica para tornar acessível à consciência múltiplas dimensões potenciais de significação em prol do desenvolvimento humano, religando ser humano e totalidade. Como vai além da racionalidade como a principal forma de conhecer o mundo, e é imagético e polissêmico, o Tarot permite a construção pelo oraculista de uma narrativa contínua o suficiente para que o consulente ou consulentes, nas leituras coletivas, se reconheçam, devido à sua natureza projetiva. Entretanto, a interpretação realizada é descontínua o suficiente para que as lacunas e espaços em branco sejam preenchidos pelo reconhecimento dos consulentes de que aquela narrativa faz sentido para si. Esta identificação projetiva de sua própria história em uma nova narrativa em aberto permite aos consulentes novos *insights* e

percepções, gerando conhecimentos e produção de sentidos inéditos. Neste sentido, os consulentes cocriam a interpretação.

Talvez, em alguns casos, a aplicação dos conhecimentos obtidos em uma leitura oracular possa conduzir à sabedoria, à integração de conflitos ou opostos e à solução de dificuldades. A sabedoria é aqui entendida como em sua origem etimológica: a arte de saborear a vida através dos cinco sentidos, e o sabor de viver uma vida com base em uma cosmologia que permita a consciência de processos evolutivos individuais integrados à coletividade e à totalidade.

Uma coisa é certa: com o *Boom* da informação, a arte do Tarot está se popularizando mais do que em qualquer outra época no passado, colocando também em evidência a questão da intuição. Para Jung, a intuição é mais do que uma “visão interior”, uma percepção interna, do latim *intuire*; é uma *Anschauung*, que em alemão significa visualizar. Essa mudança de substantivo para verbo é intencional. É através de nossa capacidade de visualizar intuitivamente que podemos ter acesso a imagens arquetípicas. A intuição é um canal para que o Grande Mistério seja revelado aos seres humanos.

É importante destacar que a intuição para Jung é uma forma de conceber o futuro, ou melhor, de trazer para o presente as possibilidades potenciais futuras. Isto também é o que o Tarot se propõe, como uma ferramenta visual. Poderíamos entender o Tarot como uma forma de comunicação direta com a nossa própria capacidade de visualização intuitiva. Nesta perspectiva, as imagens dos Arcanos Maiores e Menores do Tarot espelham as imagens que nossa intuição como *Anschauung* põe em movimento, integrando passado, presente e futuro. Para isso, parecem realizar uma suspensão do tempo cronológico e nos colocar frente a frente com nossa natureza espiritual, para além da dimensão temporal e espacial.

Em outras palavras, o Tarot pode ser considerado uma forma de nos lembrar que as tendências futuras que vemos dispostas pelas cartas são aquelas que nós mesmos estamos cocriando, por vezes inconscientemente. Os eventos sincrônicos de nossa vida e a sincronicidade que dispõe as imagens numa leitura seriam exemplos de “coincidências significativas”, ocorrendo em um campo energético, talvez morfogenético, para além do espaço, do tempo e da causalidade.

Retorno à Pilard e a Jung quando dizem que a intuição é o que liga símbolo e sincronicidade; enquanto a sincronicidade é a ponte entre o mito e a vida. O símbolo,

por sua vez, é o que está entre um arquétipo e o seu surgimento na consciência. Portanto, é a intuição, como *Anschauung*, que é capaz de acessar as imagens arquetípicas, ricas em símbolos, do inconsciente coletivo e trazê-las para a consciência. O mito está a serviço da vida e a intuição traduz a linguagem mítica do inconsciente na forma de imagens arquetípicas e simbólicas. Neste sentido, o Tarot pode ser igualmente compreendido como uma ponte entre mito e vida, ligando símbolo e sincronicidade através da intuição do(a) oraculista. Os símbolos presentes nos Arcanos Maiores e Menores podem ter sua significação ampliada, ou reduzida, dependendo de quem faz a interpretação.

Talvez, ao trazer para a consciência os aspectos presentes no campo energético do(s) consulente(s), o(a) oraculista nos mostre, através do Tarot, que somos feitos à imagem e semelhança do Criador e estamos a cada momento, inúmeras vezes sem saber, cocriando o que vivemos. Quiçá seja esse um dos maiores objetivos desta ferramenta misteriosa e pouco compreendida: ampliar a nossa consciência a respeito de nossa natureza humana e de nossa autorresponsabilidade sobre a cocriação de nossa vida individual e coletiva.

Se o Tarot permitir a quem o consulta, o exercício da intuição a partir da compreensão da linguagem simbólica, que é a mesma dos sonhos e do inconsciente pessoal e coletivo, quiçá o Tarot possa, ainda, nos conscientizar sobre a importância da intuição em nossas vidas como um guia interno confiável para nosso desenvolvimento, independente do oráculo. Como se seu propósito indireto fosse apontar para a intuição, que existe em cada ser humano, como uma forma vital de apreensão do conhecimento, e para a possibilidade de sua crescente diferenciação, em prol do desenvolvimento individual e coletivo.

REFERÊNCIAS

- ABUBAKAR, A. M. *et al.* Knowledge management, decision-making style and organizational performance. **Journal of Innovation & Knowledge**, v. 4, n. 2, p. 104–114, abr. 2019.
- AGOSTINHO, S. **Confissões**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AGOSTINHO, S. **Sobre a potencialidade da alma**. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2018.
- ALINEJAD, D. Digital ethnography: Principles and practice. **New Media & Society**, v. 20, n. 1, p. 428–431, jan. 2018.
- AMARAL, S. A. DO; SOUSA, A. J. F. P. DE. Qualidade da informação e intuição na tomada de decisão organizacional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 1, p. 131–146, 2011.
- ARISTÓTELES. **Aristóteles. De Anima. Série Textos Didáticos**. Tradução: Lucas Angioni. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, v. 38, 2002.
- ARISTÓTELES. **Aristóteles. Metafísica IV e VI. Série Clássicos da Filosofia**. Tradução: Lucas Angioni. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, v. 14, 2007.
- ARISTÓTELES. **Aristóteles. Metafísica I, II e III. Série Clássicos da Filosofia**. Tradução: Lucas Angioni. Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, v.15, 2008.
- ARISTÓTELES. **Da alma**. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2022.
- ATLAS.TI. **ATLAS.ti**., 7 fev. 2023. Disponível em: <<https://atlasti.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.
- BAKHTIN (VOLÓCHINOV), M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BANZHAF, H. **O tarô e a jornada do herói: a chave mitológica para compreender a estrutura simbólica oculta nos arcanos maiores**. Tradução: Zilda H S Silva. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2023.
- BARACSKAI, Z. **Profi döntések: “Szabolcs-Szatmár-Bereg megyei Könyvtárak”**. Nyiregyhaza: Egyesules, 1997.
- BARBIER, L. **Tarot and divination cards: a visual archive**. New York: Cernunnos, 2021.

BARBOSA, N. C.; MACHADO, M. Interação mediada: as novas configurações da interação hospitalar na era das mídias sociais. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, n. 24, 2020.

BARIFOUSE, R. Coronavírus: primeira capital do Brasil em *lockdown* tem ruas lotadas e trânsito intenso. **BBC News Brasil**, 9 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52497230>; acesso em: 18 mar. 23.

BARTLETT, S. **A bíblia do tarô: o guia definitivo das tiragens e do significado dos arcanos maiores e menores**. Tradução: Eddie Van Fen; Tradução: Patrícia Balan. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

BAS, A.; SINCLAIR, M.; DÖRFLER, V. Sensing: The elephant in the room of management learning. **Management Learning**, v. 0, n. 0, p. 135050762210772, 25 fev. 2022.

BECHARA, A. Deciding advantageously before knowing the advantageous strategy. **Science**, v. 275, n. 5304, p. 1293–1295, 28 fev. 1997.

BECHARA, A. *et al.* The Iowa Gambling Task and the somatic marker hypothesis: some questions and answers. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 9, n. 4, p. 159–162, abr. 2005.

BEITMEN, B. D. Psychology influences the perception of synchronicity. **Psychology Today**. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/connecting-with-coincidence/202311/psychology-influences-the-perception-of-synchronicity>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

BEM-DOV, Y. **O tarô: um guia completo para seu simbolismo, significados e métodos**. São Paulo: Pensamento, 2020.

BETSCH, T. The nature of intuition and its neglect in research on judgment and decision making. **Nature on Intuition**, 2011.

BEZERRA, D. M. **Pianismo, pianear e o processo de individuação na perspectiva da cognição 4E** [recurso eletrônico]: uma autoetnografia. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2023.

BIZZARRI, F.; GIULIANI, A.; MOCENNI, C. Awareness: An empirical model. **Frontiers in Psychology**, v. 13, 9 dez. 2022.

BLAKESLEE, S. In Work on intuition, gut feelings are tracked to source: the brain. **The New York Times**, 4 mar. 1997.

BOLTON, R. Intuition in Aristotle. In OSBECK, L. M.; HELD, B.S. **Rational intuition: philosophical roots, scientific investigations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

BRAZILIENSE, C. **LGBTQQICAPF2K+: entenda o significado de cada letra da sigla**. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/webstories/2023/08/5121662-lgbtqicapf2k-entenda-o-significado-de-cada-letra-da-sigla.html>>. Acesso em: 31 out. 2023.

BREWER, J. **Desconstruindo a ansiedade**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2021.

BRISOLA, E. B. V.; CURY, V. E. Researcher experience as an instrument of investigation of a phenomenon: An example of heuristic research. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 33, n. 1, p. 95–105, mar. 2016.

BROCK, R. Intuition and insight: two concepts that illuminate the tacit in science education. **Studies in Science Education**, v. 51, n. 2, p. 127–167, 18 jun. 2015.

CAMPBELL, J.; ADAIL UBIRAJARA SOBRAL. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2004.

CARNIELLI, W.; MARQUES, M. L. Razão e irracionalidade na representação do conhecimento. **Transformação**, v. 14, n. 0, p. 165–177, 1 dez. 1991.

CARVALHO NETO, C. Z. de. **Educação digital: paradigmas, tecnologias e complexmedia dedicada à gestão do conhecimento**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2011.

CASA DO SABER EVENTOS CULTURAIS S.A. **Casa do Saber - Plataforma de cursos on-line**. Disponível em: <<https://casadosaber.com.br/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

CHAN, E. An education of intuition and process: learning architectural design at Hong Kong Design Institute. **Cubic Journal**, v. 3, n. 3, p. 166–181, nov. 2020.

ÇIZGEN, G.; ULUSU URAZ, T. The unknown position of intuition in design activity. **The Design Journal**, v. 22, n. 3, p. 257–276, 11 abr. 2019.

CLARK, F. V. Exploring intuition: prospects and possibilities. **The Journal of Transpersonal Psychology**, v. 5, n. 2, 1973.

CREATIVE COMMONS. **ChatGPT**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/ChatGPT>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

CRESWELL, J. W.; DE, L.; IMILDA, M. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. [s.l.] Porto Alegre Artmed, 2007.

DA SILVA, A. L. Modelo homoedinâmico: uma abordagem para o processo de cuidar em enfermagem. **Rev. Gaúcha de Enferm.**, v. 14, n. 1, p. 25–33, jan. 1991.

DAMASIO, A. The somatic marker hypothesis and the possible functions of the prefrontal cortex. **Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences**, v. 351, n. 1346, p. 1413–1420, 29 out. 1996. <https://doi.org/10.1098/rstb.1996.0125>

DANE, E.; PRATT, M. G. Exploring intuition and its role in managerial decision making. **Academy of Management Review**, v. 32, n. 1, 2007.

DANE, E.; PRATT, M. G. Conceptualizing and measuring intuition: a review of recent trends. In: HODGKINSON, G. P.; FORD, J. K. (Eds.). **International Review of Industrial and Organizational Psychology**, 24. Chicester, UK: Wiley Publishing and Sons, 2009.

DANIELSON, M.; EKENBERG, L. **Real-life decision-making**. Boca Ratón, Flórida, USA: CRC Press, 2023.

DE AQUINO, T. **Suma teológica (Obras Completas)**. Tradução: Isabelly Roquim. [s.l.] Roquim Book Store, 2021.

DEAN, L. **The ultimate guide to tarot: a beginner's guide to the cards, spreads, and revealing the mystery of the tarot**. Beverly, MA: Fair Winds Press, 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage handbook of qualitative research**. Los Angeles: Sage, 2018.

DÖRFLER, V. **What every CEO should know about AI**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

DÖRFLER, V.; ACKERMANN, F. Understanding intuition: The case for two forms of intuition. **Management Learning**, v. 43, n. 5, p. 545–564, 22 mar. 2012.

DÖRFLER, V.; EDEN, C. **Intuition as a research method for investigating the extraordinary**. Academy of Management Annual Meeting. **Anais...**San Antonio, USA: Paper presented at AoM2011, 2011.

DÖRFLER, V.; EDEN, C. Research on intuition using intuition. In: SINCLAIR, M. (Ed.). **Handbook of research methods on intuition**. Online: Elgar, 2014. p. 264–276.

DÖRFLER, V.; STIERAND, M. Extraordinary: reflections on sample representativeness. In: LEBUDA, I.; GLÄVEANU, V. P. (Eds.). **The Palgrave handbook of social creativity research**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019. p. 569–584.

DOWNES, S. An introduction to connective knowledge. In: **Media, knowledge & education: Exploring new spaces, relations and dynamics in digital media ecologies**. University of Innsbruck, Austria: Innsbruck University Press, 2008. p. 77–102.

DRUCKER, P. F. The effective administrator. **The Bulletin of the National Association of Secondary School Principals**, v. 48, n. 291, p. 157–166, abr. 1964.

EPSTEIN, S. Demystifying intuition: what it is, what it does, and how it does it. **Psychological Inquiry**, v. 21, n. 4, p. 295–312, 30 nov. 2010.

ESKINAZI, M.; GIANNOPULU, I. Continuity in intuition and insight: from real to naturalistic virtual environment. **Scientific Reports**, v. 11, n. 1, 21 jan. 2021.

EVANS, J. S. B. T. Dual-processing accounts of reasoning, judgment, and social cognition. **Annual Review of Psychology**, v. 59, 2008.

EVANS, J. S. B. T. intuition and reasoning: a dual-process perspective. **psychological Inquiry**, v. 21, n. 4, p. 313–326, 30 nov. 2010.

FERHANI, A. J. “Yeah, this one will be a good one”, or tacit knowledge, prophylaxis and the border: Exploring everyday health security decision-making. **Security Dialogue**, v. 00, n. 0, p. 1–18, 3 mar. 2022.

FERREIRA, T. **Instituto CG Jung MG. Brasil**. Disponível em: <<https://www.institutojung.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

FIGUEIRA, J. P. S. **Experiências "anômalas" de alunos de um curso de pós-graduação: uma interpretação a partir da biologia do conhecer**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3a. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 239.

FRANZONI, C.B. **Storytelling como ferramenta para o compartilhamento do conhecimento na comunicação de líderes**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2019.

FUTURA ONE. **Santo Tomás de Aquino. Suma Teológica. Capela Santa Maria das Vitórias**. Disponível em: <<http://santamariadasvitorias.org/categorias/suma-teologica/>>. Acesso em: 27 out. 2023.

GARCIA, R. A. da S. **Mídias do conhecimento na autoconstrução de sujeitos complexos: um estudo de caso no Museu de Arte Moderna da Bahia**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2012.

GARIBA, C. M.S. **Tomada de decisão: uma abordagem utilizando a linguagem corporal da dança e a gestão do conhecimento**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2010.

GIGERENZER, G. **Gut feelings: the intelligence of the unconscious**. New York: Penguin Books, 2007.

GIGERENZER, G. **The intelligence of intuition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

GLADWELL, M. The physical genius. **The New York Times**, v. 8, n. 2/99, p. 57–66, 1999.

GODDARD, M.J. The impact of human intuition in psychology. **Review of General Psychology**, v.13, n.2, p.167-174. <https://doi.org/10.1037/a0015104>

GOFF, P. **Understanding consciousness goes beyond exploring brain chemistry**. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/understanding-consciousness-goes-beyond-exploring-brain-chemistry/>. Acesso em: 7 nov. 2023.

GOODMAN, A. **Intuition**. Rearsby, Leicester: W.F. Howes, 2010.

GRANT, R. M. Toward a knowledge-based theory of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 17, n. S2, p. 109–122, dez. 1996.

GREENE, L. **Jung, o astrólogo: um estudo histórico sobre os escritos de astrologia na obra de Carl G. Jung**. Tradução: Márcia Ferreira. São Paulo: Pensamento, 2023.

GRIMLEY, N.; CORNISH, J.; STYLIANOU, N. Número real de mortes por covid no mundo pode ter chegado a 15 milhões, diz OMS. **BBC News Brasil**, 5 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>; acesso em: 18 mar. 23.

HACKFORTH, R. Aristotle's prior and posterior analytics. A revised text with introduction and commentary by W. D. Ross. (Oxford: Clarendon Press, 1949. Pp. 690. Price 42s.). **Philosophy**, v. 25, n. 95, p. 380–382, out. 1950.

HALLO, L.; NGUYEN, T. Holistic view of intuition and analysis in leadership decision-making and problem-solving. **Administrative Sciences**, v. 12, n. 1, p. 4, 27 dez. 2021.

HAMAKER-ZONDAG, K. **Tarot as a way of life: a Jungian approach to the tarot**. York Beach, ME: Samuel Weiser, 1997.

HANNA, M. D.; PONS, D.; PULAKANAM, V. What is the role of expert intuition in process control? **Int. J. Productivity and Quality Management**, v. 31, n. 2, p. 227–243, 2020.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018. v. Coleção L&PM Pocket, v.1288.

HARTEIS, C. *et al.* Professional competence and intuitive decision making: a simulation study in the domain of emergency medicine. **Vocations and Learning**, v. 5, n. 2, p. 119–136, 8 dez. 2011.

HARTEIS, C.; BILLETT, S. Intuitive expertise: theories and empirical evidence. **Educational Research Review**, v. 9, p. 145–157, jun. 2013.

HAWKINS, D. R. **Letting go: the pathway of surrender**. Sedona, Arizona: Veritas Publishing, 2013.

HILLMAN, J. **Uma investigação sobre a imagem**. Reflexões Junguianas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

HODGKINSON, G. P.; LANGAN-FOX, J.; SADLER-SMITH, E. Intuition: A fundamental bridging construct in the behavioural sciences. **British Journal of Psychology**, v. 99, n. 1, p. 1–27, fev. 2008.

HODGKINSON, G. P.; SADLER-SMITH, E.; BURKE, L. A. Intuition in organizations: implications for strategic management. **Long Range Planning**, v. 42, n. 3, 2009.

HOGARTH, R. M. Intuition: A challenge for psychological research on decision making. **Psychological Inquiry**, v. 21, n. 4, p. 338–353, 30 nov. 2010.

HOGARTH, R. M. **Educating intuition**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2001.

HURTEAU, M. *et al.* The role of intuition in evaluative judgment and decision. **American Journal of Evaluation**, v. 41, n. 3, p. 326–338, 12 jun. 2020.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. Tradução: Fabio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019.

IHAC - UFBA. **Especialização em Teoria Analítica de Carl Gustav Jung - IHAC - UFBA**. Disponível em: <<https://ihac.ufba.br/pt/espjung2022/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

IJEP. **IJEP - Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa**. Disponível em: <<https://www.ijep.com.br/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

IJRJ. **Instituto Junguiano RJ**. Disponível em: <<http://institutojunguianorj.org.br>>. Acesso em: 21 out. 2023.

IJRS. **IJRS | Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<https://www.ijrs.org.br/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

IJUSP. **Psicologia Analítica - Instituto Junguiano de São Paulo**. Disponível em: <<https://ijusp.org.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

IKUJIRO NONAKA. **The knowledge-creating company**. Boston, Mass.: Harvard Business Press, 2008.

ISENMAN, L. Trusting your gut, among other things: digestive enzyme secretion, intuition, and the history of science. **Foundations of Science**, v. 14, n. 4, p. 315–329, 10 set. 2009.

JODOROWSKY, A.; COSTA, M. **O caminho do Tarot**. São Paulo: Campos, 2016.

JOHNSON, M. **How Hans Bergers' irrationality changed psychology forever**. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/mind-brain-and-value/202303/how-hans-bergers-irrationality-changed-psychology-forever>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

JUNG, C. G. **Psychological types or the psychology of individuation**. London, UK: Kegan & Co, 1923.

JUNG, C. G. **Os fundamentos da psicologia analítica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.

JUNG, C. G. **Aion: Researches into the phenomenology of the self**. 2nd. ed. Princeton. N.J.: Princeton University Press, Bollingen Series, XX, 1978. v. The Collected Works of C. C. Jung volume 9, part II.

JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Tradução: Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

JUNG, C. G. **A vida simbólica: escritos diversos**. Tradução: Araceli Elman; Tradução: Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. v. XVIII/1, Obras Completas de Carl Gustav Jung.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luíza Appy; Tradução: Dora M. R. F. Da Silva. 4a. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. v. IX/1, Obras Completas de Carl Gustav Jung.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. 6a. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. v. 6, C. G. Jung Obra Completa.

JUNG, C. G. **Sincronicidade: a dinâmica do inconsciente**. Tradução: Mateus Ramalho Rocha. 21a. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. v. 8/3, C. G. Jung Obra Completa.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JUNG, C. G. **Sincronicidade vol. 8/3**. Petrópolis: Vozes Limitada, 2018a.

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018b. v. 18/1: vol. 1 (Obras completas de Carl Gustav Jung)

JUNG, C. G. *et al.* **O livro vermelho - Liber novus**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KAHNEMAN, D. **Thinking fast and slow**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.

KAUTZ, W. H.; BRANON, M. **Channeling: the intuitive connection**. [s.l.] Harpercollins, 1987.

KILAKOS, D. Intuition and awareness of abstract models: a challenge for realists. **Philosophies**, v. 3, n. 3, p. 1–7, 25 fev. 2018.

KINCHIN, I. M.; CABOT, L. B.; HAY, D. B. Visualising expertise: towards an authentic pedagogy for higher education. **Teaching in Higher Education**, v. 13, n. 3, p. 315–326, jun. 2008.

KLEIN, G. **Sources of power: how people make decisions**. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

KLEIN, G. **The power of intuition: how to use your gut feelings to make better decisions at work**. New York, USA: Doubleday Currency, 2001.

KLEIN, G. A naturalistic decision-making perspective on studying intuitive decision making. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**, v. 4, n. 3, p. 164–168, set. 2015.

KLEIN, G.; CALDERWOOD, R.; CLINTON-CIROCCO, A. Rapid decision making on the fire ground: the original study plus a postscript. **Journal of Cognitive Engineering and Decision Making**, v. 4, n. 3, p. 186–209, set. 2010.

KOGUT, B.; ZANDER, U. Knowledge of the firm, combinative capabilities, and the replication of technology. **Organization Science**, v. 3, n. 3, p. 383–397, ago. 1992.

KRISHNAMURTI, J. **O livro da vida: 365 meditações diárias**. São Paulo: Planeta, 2016.

LEONARDI, J. **Framework para compartilhamento de conhecimento sob a ótica de um sistema de representações simbólico**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2010.

LIPTON, B. H. **The biology of belief: unleashing the power of consciousness, matter & miracles**. Carlsbad, California: Hay House, Inc, 2016.

LOPES, M.C. **ComplexView: um framework para a produção de jogos de empresas aplicados ao desenvolvimento de liderança com base na complexidade**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2011.

LORENCOVA, R.; TRNKA, R. **Quantum anthropology: man, cultures, and groups in a quantum perspective**. Karolinum Press, 2017.

LORENCOVA, R.; TRNKA, R. Variability in cultural understandings of consciousness: a call for dialogue with native psychologies. **Journal of Consciousness Studies**, v. 30, n. 5, p. 232–254, 1 jun. 2023.

LUCENA, F. DE O.; POPADIUK, S. Tacit knowledge in unstructured decision process. **RAUSP Management Journal**, v. 55, n. 1, p. 22–39, 20 maio 2019.

MAIA, C. M.; BORRMANN, L.; ALVES, V. N. Isolamento social muda a dinâmica do meio-ambiente durante a pandemia. **Blogs UNICAMP**. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

MARCHISOTTI, G. G.; DOMINGOS, M. D. L. C.; ALMEIDA, R. L. D. Decision-making at the first management level: the interference of the organizational culture. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 19, n. 3, 19 jul. 2018.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001. 283 p.

MAXWELL, J. Designing a qualitative study. In: BICKMAN, L.; ROG, D. (Eds.). **Handbook of applied social research methods**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2008. p. 214–253.

MCDOUGALL, M. Poincaréan intuition revisited: what can we learn from Kant and Parsons? **Studies in History and Philosophy of Science. Part A**, v. 41, n. 2, p. 138-147, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.shpsa.2010.03.005>

MCGUIRE, R. **Channeling: developing your intuition and awareness**. Hod Hasharon: Astrolog ; London, 1999.

MELGAR SACIETA, H. A. **Um modelo para a visualização de conhecimento baseado em imagens semânticas**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2011.

MELLO, B. E. de. **Ontologia do monoteísmo**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2021.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

MERRIAM, S. B.; TISDELL, E. J. **Qualitative research: A guide to design and implementation**. 4. ed. San Francisco, Ca: Jossey-Bass, Cop, 2016.

MIGNE, J. P. **Patrologia latina**. Paris, FR: Migne, 1844. v. 38 e 42.

MORAES, L. A. de. O *Mentee* enquanto símbolo na aprendizagem organizacional. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2020.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre, RS: Sulina, 2003.

MOURA, I. B. DE; MACHADO, M. Bruxas de hoje: construção identitária do slowbeauty. **Cadernos Pagu**, v. 21, n. 62, 2021.

MÜLLER, J. W. Education and inspirational intuition - Drivers of innovation. **Heliyon**, v. 7, n. e07923, p. 1–9, set. 2021.

MURDOCK, M. **A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino**. Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

NAISBITT, J. **Global paradox: the bigger the world economy, the more powerful its smallest players**. 1st ed. ed. New York: W. Morrow, 1994.

NELSON, R. R.; WINTER, S. G. **An evolutionary theory of economic change**. Cambridge, Mass.: The Belknap Press of Harvard Univ. Press [Ca], 1982.

NICHOLS, S. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

NONAKA, I. A empresa criadora de conhecimento. **Gestão do Conhecimento**, v. 69, n. 6, p. 96–104, nov. 1991.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **The knowledge-creating company: how japanese companies create the dynamics of innovation**. New York: Oxford University Press, 1995.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. Teoria da criação do conhecimento organizacional. In: **Gestão do conhecimento**. Tradução: Ana Thorell. Porto Alegre, RS: Bookman, 2008. p. 54–90.

OLIDEN, D. S. Puede el tarot predicir el futuro? Lima, Peru. **Revista Humanista.**, v. 01, n. 02, p. 37–41, dez. 2021.

OPENAI. **ChatGPT.**, 14 mar. 2023. Disponível em: <<https://chat.openai.com/chat>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ORÁCULO. In DICIONÁRIO ONLINE OXFORD LANGUAGES. Oxford University Press. **Oxford languages and Google – Portuguese. Oxford Languages**. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>; acesso em: 20 mar. 2023.

OSBECK, L. M.; HELD, B.S. **Rational intuition: philosophical roots, scientific investigations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

PALMA-GUTIERREZ, M. A transitory settlement on the way back to Venezuela: a tale of vulnerability, exception, and migrant resistance in times of covid-19. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, n. 61, p. 121–144, abr. 2021.

PASTOR, L. *Selfie* e dataficação do cotidiano. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 260–270, 24 ago. 2021.

PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation Methods**. [s.l.] SAGE Publications, Incorporated, 1980.

PAZ, M. S. **Marketing do conhecimento: o uso da plataforma digital do Youtube na divulgação online do conhecimento científico**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2023.

PEREIRA, K. **O raciocínio abduutivo no jogo de xadrez: a contribuição do conhecimento, intuição e consciência da situação para o processo criativo**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2010.

PEREIRA R. **PlatforMass: modelo conceitual para personalização em massa na Indústria 5.0, baseado em plataforma**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2023.

PESSOA JR., O. Emergência e redução: uma introdução histórica e filosófica. **Ciência e Cultura**, v. 65, n. 4, p. 22–26, 2013.

PÉTERVARI et al. The role of intuition in the generation and evaluation stages of creativity. **Frontiers in psychology**, v.7, n.1420, 2016.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01420>

PILARD, N. **Jung and the intuition: on the centrality and variety of the forms of intuition in Jung and Post-Junguians**. London and New York: Routledge, 2015.

PINK, S. *et al.* **Digital ethnography**. [s.l.] SAGE, 2015.

PIRES MAIA, R. Memória e distinção entre alma e corpo em Santo Agostinho e Bergson. **Aufklärung: revista de filosofia**, v. 6, n. 3, p. 75–84, 2019.

PLACE, R. M. **The tarot: history, symbolism, and divination**. New York: Jeremy P. Tarcher/Penguin, 2005.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: Camelot Editora, 2022.

PODER JUDICIÁRIO SC. **RESOLUÇÃO CONJUNTA GP/CGJ N. 2 DE 16 DE MARÇO DE 2020**. Disponível em:

<<http://busca.tjsc.jus.br/buscatextual/integra.do?cdSistema=1&cdDocumento=176287&cdCategoria=1&q=&frase=&excluir=&qualquer=&prox1=&prox2=&proxc=>>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

POHJANNORO, U. Embodiment in composition: 4e theoretical considerations and empirical evidence from a case study. **Musicae Scientiae**, 26(2), 408–425.
<https://doi.org/10.1177/1029864920961447>

POLANYI, M. **The tacit dimension**. Gloucester, MA: Peter Smith, 1966.

POLLACK, R. **Bíblia clássica do Tarot: jornada completa**. Tradução: Enéias Tavares. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2023.

PRETZ, J. E. Intuition versus analysis: Strategy and experience in complex everyday problem solving. **Memory & Cognition**, v. 36, n. 3, p. 554–566, abr. 2008.

PROENÇA, M. T. V. C.; DE OLIVEIRA, E. T. V. D. From normative to tacit knowledge: CVs analysis in personnel selection. **Employee Relations**, v. 31, n. 4, p. 427–447, 3 jul. 2009.

RADIN, D. Testing nonlocal observation as a source of intuitive knowledge. **Explore**, v. 4, n. 1, p. 25–35, jan. 2008.

RADIN, D.; BORGES, A. Intuition through time: what does the seer see? **Explore**, v. 5, n. 4, p. 200–211, jul. 2009.

RAOELISON, M.; THOMPSON, V. A.; DE NEYS, W. The smart intuitor: Cognitive capacity predicts intuitive rather than deliberate thinking. **Cognition**, n. 204, p. 1–14, nov. 2020.

REIHLEN, M.; RINGBERG, T. Uncertainty, pluralism, and the knowledge-based theory of the firm: From J.-C. Spender's contribution to a socio-cognitive approach. **European Management Journal**, v. 31, n. 6, p. 706–716, dez. 2013.

RIBEIRO, A. A. **Produção e distribuição de vídeos institucionais para disseminar conhecimento: a experiência do Ministério Público de Santa Catarina no Youtube**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2010.

ROSS, W. D. **Aristotle's prior and posterior analytics**. Oxford, UK: Oxford University Press., 1949.

SADLER-SMITH, E. **The intuitive mind: profiting from the power of your sixth sense**. Chichester, UK: John Wiley & Sons, 2009.

SALAS, E.; ROSEN, M. A.; DIAZGRANADOS, D. Expertise-based intuition and decision making in organizations. **Journal of Management**, v. 36, n. 4, p. 941–973, 2009.

SAMS, J. **As cartas do caminho sagrado**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, N.; RADOS, G. J. V. **Fundamentos teóricos da gestão do conhecimento**. Florianópolis, SC: Pandion, 2020.

SASSETTI, S.; CAVALIERE, V.; LOMBARDI, S. The rhythm of effective entrepreneurs' decision-making process. The pathways of alertness scanning and search and cognitive style. A mediation model. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 18, n. 2, p. 555–578, 16 ago. 2021.

SBPA. **Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica - SBPA**. Disponível em: <<https://www.sbpa.org.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2023.

SHARMA, A., CZÉGEL, D., LACHMANN, M. *et al.* Assembly theory explains and quantifies selection and evolution. *Nature*, n. 622, p. 321–328, 2023.
<https://doi.org/10.1038/s41586-023-06600-9>

SCHMIDT, L. M. **Os signos satíricos do feminino no espaço do “não-caber”: os processos de criação de Sílvia Teske**. Tese (Doutorado)—Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. 2008.

SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. **A history of modern psychology**. Boston, MA: Cengage Learning, 2015.

SCRIBANO, A. El amor filial como acción colectiva y confianza. **Sociologias**, v. 21, n. 52, p. 104–131, dez. 2019.

SEMETSKY, I. Integrating Tarot readings into counselling and psychotherapy. **Spirituality and Health International**, v. 6, n. 2, p. 81–94, jun. 2005.

SEMETSKY, I. Tarot as a projective technique. **Spirituality and Health International**, v. 7, n. 4, p. 187–197, 2006.

SEMETSKY, I. Jung and tarot: a theory-practice nexus in education and counselling. In: **Jung and educational theory**. Hoboken, New Jersey, USA: Wiley Press, 2012. p. 111–119.

SEMETSKY, I. The edusemiotics of Tarot: Recovering the lost feminine. **Semiotica**, v. 2015, n. 205, 1 jan. 2015.

SETIC-UFSC. **Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC)**. Disponível em: <<https://ppgegc.paginas.ufsc.br/grupos-de-pesquisa/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SHARMA, A. *et al.* Assembly theory explains and quantifies selection and evolution. **Nature**, n. 622, p. 321–328, 4 out. 2023.

SHELDRAKE, R. **Morphic resonance: the nature of formative causation**. 4th. rev. and expanded. ed. Rochester, Vermont / Toronto, Canada: Park Street Press, 2009.

SHELDRAKE, R. **Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. Tradução: Mirtes Franges de Oliveira Pinheiro. São Paulo: Cultrix, 2014.

SICORA, A. *et al.* Using intuition in social work decision making. **European Journal of Social Work**, v. 24, n. 5, p. 1–16, 1 jun. 2021.

SIEMENS, G. **Knowing knowledge**. [s.l.] Lulu.com, 2006.

SILVEIRA, E. G. F. **Contribuições da psicologia profunda de Carl Gustav Jung para um modelo de gestão do conhecimento nas organizações**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2012.

SILVEIRA, E. G. S. **Gestão do conhecimento nas organizações: perfil motivacional e tipos psicológicos junguianos - um estudo de caso em uma empresa de saúde**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2006.

SINCLAIR, M. **Handbook of intuition research**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 2011.

SINCLAIR, M. **Handbook of intuition research as practice**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 2020.

SINCLAIR, M. **Marta Sinclair. Carl & Marta Sinclair**. Disponível em: <<http://www.carl-marta-sinclair.com/marta/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SINCLAIR, M.; ASHKANASY, N. M. Intuition: myth or a decision-making tool? **Management Learning**, v. 36, n. 3, p. 353–370, set. 2005.

SINCLAIR, M.; SADLER-SMITH, E.; HODGINKSON, G. P. The role of intuition in strategic decision making. In: CONSTANZO, L.; MCKAY, R. B. (Eds.). **Handbook of Research on Strategy and Foresight**. Northampton, MA: Edward Elgar, 2009. p. 393–417.

SOUZA, E. de S. **A complexidade como suporte à modelagem de competências docentes, com base nas melhores práticas do Prêmio Mérito Educacional da Rede Municipal de Ensino de Itajaí-SC**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2023.

SOUZA, P. B. R. DE; BALIEIRO, F. DE F. Linn da Quebrada e os engajamentos performativos com as mídias digitais: uma análise sociológica de uma trajetória artística dissidente de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, 2021.

STIGLIANI, I.; RAVASI, D. The shaping of form: exploring designers' use of aesthetic knowledge. **Organization Studies**, v. 39, n. 5-6, p. 747–784, 2 abr. 2018.

SVEIBY, K. **A nova riqueza das organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SVIRIDOVA, A.; STOKHUIJZEN, D.; VERLINDEN, J. Accessing the inaccessible: demonstrators as sources of tacit knowledge. **Proceedings of the Design Society**, v. 2, p. 51–60, maio 2022.

TAKEUCHI, H.; NONAKA, I. **Gestão do conhecimento**. Tradução: Ana Thorell. Porto Alegre, RS: Bookman, 2008.

TAYLOR, T. Z.; VAN DER HEIJDEN, B. I. J. M.; GENUCHI, M. C. The police officer tacit knowledge inventory (POTKI): towards determining underlying structure and applicability as a recruit screening tool. **Applied Cognitive Psychology**, v. 31, n. 2, p. 236–246, mar. 2017.

TEAM, M. J. V. **Etnografia digital - Técnica de pesquisa qualitativa avalia usuário no ambiente online**. Disponível em: <<https://www.mjvinnovation.com/pt-br/blog/etnografia-digital-tecnica-de-pesquisa-qualitativa-avalia-usuario-no-ambiente-online/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento: o grande desafio empresarial**. Rio de Janeiro: Negócio, 2001.

TJSC. Sistema de Busca Textual - Módulo de Busca - **TJSC**. Disponível em: <http://busca.tjsc.jus.br/buscatextual/integra.do?cdSistema=1&cdDocumento=176287&cdCategoria=1&q=&frase=&excluir=&qualquer=&prox1=&prox2=&proxc=>; acesso em: 18 mar. 2023.

TOMÁS, S. **Questões disputadas sobre a alma**. São Paulo: É Realizações Editora Livraria e Distribuidora LTDA, 2013.

TOPOLINSKI, S. A process model of intuition. **European Review of Social Psychology**, v. 22, n. 1, p. 274–315, mar. 2011.

TORRACO, R. J. Writing integrative literature reviews: guidelines and examples. **Human Resource Development Review**, v. 4, n.3, p. 356-367, 2005. <https://doi.org/10.1177/1534484305278283>

VALLE, A. M. Teachers' intuitive interaction competence and how to learn it. **European Journal of Teacher Education**, v. 40, n. 2, p. 246–256, 8 mar. 2017.

VAN DEN BRICK *et al.* Role of intuitive knowledge in the diagnostic reasoning of hospital specialists: a focus group study. **BMJ Open**, 2019; 9:e022724. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-022724>

VAN KAMPEN, S. An investigation into uncovering and understanding tacit knowledge in a first-year design studio environment. **International Journal of Art & Design Education**, v. 38, n. 1, p. 34–46, 8 ago. 2019.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Cambridge, Mass.: Mit Press, 1993. VAUGHAN, F. E. **Awakening intuition**. New York: Anchor Books, 1979.

VENZIN, M.; VON KROGH, G.; ROOS, J. Future research into knowledge management. In: **Knowing in firms: understanding, managing and measuring knowledge**. Londres: SAGE Publications, 1998. P. 26-66.

VERISSIMO, D. S. Fundamentos para a problematização da percepção e da atenção na contemporaneidade. **Psicologia e Sociedade**, v. 31, p. 1–16, 2019.

VIEIRA, E.M.F. **Fluxo informacional como processo à construção de modelo de avaliação para implantação de cursos em educação a distância**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2006.

VOICERS. **O crescimento exponencial transformará a humanidade nos próximos 30 Anos**. Disponível em: <<https://www.voicers.com.br/o-crescimento-exponencial-transformara-a-humanidade-nos-proximos-30-anos>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

VON DIEST, S. G. *et al.* A call to focus on farmer intuition for improved management decision-making. **Outlook on Agriculture**, v. 49, n. 4, p. 278–285, 10 set. 2020.

VYGOTSKI, L. S. El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In: **Obras escogidas I**. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 1997. p. 259–407.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 1997.

WAHBEH, H. **The science of channeling: why you should trust your intuition and embrace the force that connects all**. Oakland, CA: New Harbingers Publications, 2021.

WEN, B. **Holistic tarot: an integrative approach to using tarot for personal growth**. Berkeley, CA: North Atlantic Books, 2015.

WIIG, K. M. **Knowledge management foundations: thinking about thinking - how people and organizations create, represent, and use knowledge**. Arlington, Tex.: Schema Press, 1998.

WIKIPEDIA. **George Siemens**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/George_Siemens>. Acesso em: 18 mar. 2023.

WILLERDING, I.A.V. **Arquétipo para o compartilhamento do conhecimento à luz da estética organizacional e da gestão empreendedora**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2015.

WINDLE, J.; FERREIRA, B. B. P. Plurilingual social networks and the creation of hybrid cultural spaces. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, p. 139–157, abr. 2019.

WOOD, S.; REYNOLDS, J. Knowledge management, organisational learning and memory in UK retail network planning. **The Service Industries Journal**, v. 33, n. 2, p. 150–170, fev. 2013.

WOSZEZENKI, C.R. **Modelo para descoberta de conhecimento baseado em associação semântica e temporal entre elementos textuais**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2016.

ZERNER, A.; FARBER, M. **O tarô encantado**. Tradução: J. E. Smith Caldas. São Paulo: Edições Siciliano, 1991.

ZHANG, Z.; LEI, Y.; LI, H. Approaching the distinction between intuition and insight. **Frontiers in Psychology**, v. 7, n. 1195, 9 ago. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para Entrevista

Parte 1

1. Fale um pouco de você, quem é você?
2. Quando você começou a trabalhar com oráculos e Tarot?
3. Como você se denomina, taróloga, oraculista, cartomante ou outra denominação?
4. Há quanto tempo tem o seu primeiro canal no *YouTube*?
5. O que a motivou a criar o canal no *YouTube*?
6. Como você descreveria o conteúdo do canal desde que você começou?
7. Existe alguma forma de preparação ou ritual antes de começar a gravação da leitura? Qual?
8. Como você descreveria o que você faz durante uma leitura oracular?
9. Como você interpreta as cartas, as imagens arquetípicas representadas pelos arcanos do Tarot ou outras imagens presentes em oráculos?
10. O que acontece com a sua mente, a sua parte racional, durante uma leitura?
11. O que acontece com as suas emoções durante a leitura?
12. O que ocorre com você fisicamente durante a leitura?
13. Que tipo de conhecimento(s) você usa durante uma leitura?
14. Quais as decisões que você precisa tomar no momento da leitura de cartas?
15. Como você toma essas decisões?
16. Você é praticante de alguma religião? Em caso afirmativo, qual?
17. Como é a sua relação com a espiritualidade em sua vida? (Pode incluir o que é espiritualidade para você).
18. Qual a relação entre a sua espiritualidade e as leituras que você realiza no seu canal no *YouTube*?
19. Como você vê as semelhanças e diferenças entre uma leitura individual e uma coletiva?

20. Como você vê diferenças e semelhanças entre uma leitura tradicional, privada e uma pública, gravada no *YouTube*?

21. Aprofundando a questão anterior, como você vê o fato de que hoje o Tarot está dentro de uma plataforma como o *YouTube*, no sentido de que antes era uma atividade privada realizada entre duas pessoas e hoje existem gravações em que múltiplas pessoas podem se identificar?

22. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Parte 2

1. O que é intuição para você?

2. Como você se relaciona com a sua intuição?

3. Qual a relação entre intuição e espiritualidade para você?

4. Você passou por algum tipo de iniciação para receber mensagens de natureza espiritual? Em caso afirmativo, fale mais sobre isso, conte o que ocorreu.

5. Qual a relação entre intuição e conhecimento para você?

6. Como você decide o rumo de uma leitura?

7. Descreva o que você faz durante uma leitura intuitiva coletiva.

8. Numa leitura coletiva, qual a importância do setting, do cenário que você escolhe para a leitura, com relação à intuição?

9. Como você vê a relação entre seu corpo e sua intuição?

10. Durante a leitura coletiva transmitida no *YouTube* existe canalização de mensagens de entidades espirituais?

11. (Em caso afirmativo) Quais são as entidades espirituais que você canaliza?

12. Como você reconhece as entidades espirituais que lhe enviam mensagens a serem transmitidas?

13. Quais são as habilidades que você acredita que desenvolveu ao abrir um canal no *YouTube* e ao fazer leituras coletivas?

14. Quais as semelhanças e diferenças entre uma leitura coletiva gravada previamente e uma realizada ao vivo?

15. Há quanto tempo você reconhece que está em contato com a sua intuição?

16. Em sua experiência, os processos intuitivos que ocorrem numa leitura coletiva de oráculos de cartas são conscientes, ou existiriam processos que não são acessíveis à consciência? (Em caso afirmativo, procure explicar).

17. De que formas a sua intuição se faz presente em sua vida, além do seu canal no *YouTube*?

18. Como você descreve o serviço que presta a outras pessoas através do seu canal no *YouTube*?

19. De que forma o serviço prestado te gratifica?

20. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Assinado



Universidade Federal de Santa Catarina

Centro Tecnológico - CTC

Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar de uma pesquisa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, na Universidade Federal de Santa Catarina. O título provisório do trabalho é: O FLUXO ENTRE INTUIÇÃO E CONHECIMENTO NAS LEITURAS COLETIVAS DE TAROT E ORÁCULOS DE CARTAS NA REDE SOCIAL YOUTUBE.

O tema deste estudo é a intuição como conhecimento. O objetivo é investigar *o fluxo entre intuição e conhecimento*, isto é, como se dá a relação entre intuição e conhecimento durante a interpretação de imagens arquetípicas em leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas gravadas em vídeos na rede social YouTube.

Estão sendo selecionadas quatro a seis informantes, todas com canais no YouTube com vídeos gravados com leituras intuitivas coletivas de oráculos e Tarot. Você foi selecionada intencionalmente. No entanto, a sua participação não é obrigatória. Você pode aceitar ou recusar o convite. Se escolher aceitar, você será considerada uma das informantes, isto é, participantes da pesquisa.

Saiba que a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, comunicando a pesquisadora. Sua recusa é um direito seu e não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora, com o Programa de Pós-Graduação, ou com a Universidade.

A sua participação é online e será efetuada por meio de três partes:

Primeira parte: Uma a duas entrevistas individuais semiestruturadas, isto é, a partir de um roteiro flexível de perguntas. A data e horário serão combinadas com você, de acordo com a sua conveniência. O período das entrevistas é de abril a maio de 2023. As entrevistas serão realizadas online e gravadas pelo aplicativo Zoom.

FBZ

Alternativa da primeira parte: Você pode optar por responder ao roteiro de perguntas como um questionário, por escrito, e enviar por e-mail para a pesquisadora.

Segunda parte: Escolha de alguns vídeos disponíveis em seu canal no YouTube para a complementação da análise. Você pode me ajudar na seleção. A proposta é que nós conversemos sobre um a três vídeos selecionados, como bons exemplos de leituras intuitivas coletivas. Essa sessão online será gravada pela ferramenta online Zoom. O período de realização é abril a maio de 2023. A data e horário serão combinadas com você, de acordo com a sua conveniência.

Terceira e última parte: Você e as demais informantes serão convidadas a participarem de uma sessão online em grupo, para que vocês conheçam e discutam os resultados da pesquisa. Essa sessão também será gravada pelo Zoom. O período de realização é junho a julho de 2023. A data e horário serão combinadas com as participantes.

As informações obtidas durante essa pesquisa serão confidenciais e o sigilo sobre sua participação é assegurado, a não ser que você prefira que o seu nome e o seu canal no YouTube sejam mencionados na tese. No final do documento existe uma opção para você assinalar a sua preferência. Se optar pelo sigilo, qualquer característica, nome ou evento que possibilite a sua identificação será modificado ou retirado da versão final da tese.

Durante a análise dos dados, tanto os registros gravados das entrevistas quanto os textos resultantes das transcrições serão arquivados. Apenas a pesquisadora envolvida com o projeto terá acesso aos dados coletados. O professor orientador e a banca de defesa do doutorado terão acesso apenas à transcrição das entrevistas e ao texto oficial da tese.

Durante ou após o período de elaboração da tese, é esperado que a pesquisadora escreva e publique um ou mais artigos científicos em periódicos especializados. Em geral, a identificação das informantes permanece em sigilo com relação a esses textos.

A pesquisadora se compromete a mostrar para você os trechos de sua(s) entrevista(s) escolhidos para análise, para o seu conhecimento, bem como os artigos científicos que possam ser publicados relacionados a essa investigação. Você também terá acesso à tese na sua versão final. A pesquisa está prevista para terminar até agosto de 2023, podendo ser concluída com extensão de prazo até novembro do mesmo ano.

Sua colaboração neste estudo não envolve nenhum tipo de troca financeira, nem prejuízo monetário da sua parte. Sua participação também não envolve nenhum risco para você. A pesquisa será realizada com respeito, cuidado e considerações éticas relacionadas ao protocolo de pesquisas com seres humanos.

Ao aceitar a participação, você está contribuindo para que o fenômeno da intuição seja estudado cientificamente como uma forma de conhecimento. Também está proporcionando que as leituras coletivas de Tarot e oráculos sejam conhecidas no meio científico como tema de pesquisa. Nisto consiste a originalidade desta tese.

Você está recebendo duas cópias deste termo de consentimento, uma no formato Word, outra em PDF. Estas informações esclarecem sua participação no projeto de pesquisa. A pesquisadora também está a sua disposição para elucidar eventuais dúvidas, a qualquer momento.

No final do documento estão e-mail, telefone e endereço institucional da pesquisadora. Se você concordar em participar, assine a cópia em formato Word e envie para a pesquisadora para o e-mail schmidt.luciana@gmail.com. A cópia em PDF fica com você.

Agradecemos imensamente a sua colaboração!

Declaro que entendi os objetivos do estudo e em que consiste minha participação nesta pesquisa, e concordo em participar como informante:

Sim

Não

Atenção: Caso não concorde, não se identifique e nem assine, pois você não fará parte da pesquisa.

P.S. Apaguei o nome completo e a assinatura da informante para protegê-la, já que sua autorização do Termo de Consentimento se refere apenas a seu nome público, o prenome em que é conhecida em seu Canal na plataforma *YouTube*, e o nome do seu Canal.

Se escolheu participar como informante, por favor, assinale as alternativas abaixo, com a sua preferência:

Primeira Parte:

Autorizo a gravação de minha(s) entrevista(s) online em:

Vídeo (com áudio) na plataforma Zoom

Prefiro responder ao questionário por escrito:

Sim

Não

Segunda Parte:

Autorizo a análise dos vídeos selecionados com leituras coletivas disponíveis em meu canal no YouTube:

Sim

Não

Autorizo a gravação de minha(s) entrevista(s) online em:

Vídeo (com áudio) na plataforma Zoom

Terceira Parte:

Estou disponível para participar da sessão coletiva de devolução dos resultados da pesquisa com as demais informantes:

Sim

Não

Autorizo a gravação dessa sessão online em:

Vídeo (com áudio) na plataforma Zoom

Autorizo a publicação de meu nome público e do nome público de meu canal no YouTube no documento e na sessão pública de defesa da tese:

Sim

Não

P.S. Apaguei minha assinatura neste documento como ato de proteção pessoal, levando em consideração a publicação deste documento na Biblioteca Universitária.

Luciana Machado Schmidt

Pesquisadora: Doutora em Psicologia e Doutoranda em Gestão do Conhecimento

Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC)

Centro Tecnológico (CTC) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
CEP: 88040-900 – Trindade – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

E-mail: luciana.machado.schmidt@ufsc.br ou schmidt.luciana@gmail.com

Fone: (48) 99999-6116

Matrícula no PPGEGC: 201701460

Professor Orientador: Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho

APÊNDICE C – Complemento à Revisão Integrativa de Literatura

Resumo

A presente Revisão Integrativa de Literatura tem como tema ‘intuição e conhecimento’ e como questão de pesquisa “Quais os conceitos de intuição, *insight* e conhecimento tácito apresentados na literatura científica e como se relacionam?” As bases de dados escolhidas foram *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. Foram selecionados para análise 44 artigos científicos no período de 2008 a 2023, predominantemente na língua inglesa, mas também em português. Pesquisas na *grey literature* foram realizadas, em sites sobre intuição e no *Google Acadêmico (Google Scholar)*. Estes estudos foram integrados ao referencial teórico sobre a intuição sob a perspectiva da Psicologia Analítica de C.G. Jung. Os artigos foram transpostos para os *softwares Mendeley e ATLAS.ti*, codificados e analisados. Como resultado, foram formuladas 14 categorias de análise, que correspondem às características recorrentes utilizadas pelos autores selecionados para definir intuição. A partir desta análise inicial, procuro definir o que é intuição e diferenciar intuição, *insight* e conhecimento tácito. Futuras sugestões de estudos são apresentadas como lacunas na literatura científica, bem como as limitações encontradas nas investigações sobre intuição.

Palavras-chave: Intuição; Conhecimento; Conhecimento Tácito; *Insight*; Revisão Integrativa de Literatura

Abstract

The present Integrative Literature Review has the theme 'intuition and knowledge' and its research question is "What are the concepts of intuition, insight and tacit knowledge presented in the scientific literature and how are they related?" The databases chosen were Web of Science, Scopus and Scielo. A total of 44 scientific articles were selected for analysis from 2008 to 2023, predominantly in English, but also in Portuguese. Grey literature searches were conducted, on intuition websites and on Google Scholar. These studies were integrated into the theoretical framework on intuition from the perspective of C.G. Jung's Analytical Psychology. The articles were transposed to both Mendeley and ATLAS.ti software, coded and analysed. As a result, 14 categories of analysis were formulated, which correspond to the most recurrent characteristics used by the selected authors to define intuition. From this initial analysis, I seek to define what intuition is and differentiate intuition, insight, and tacit knowledge. Future suggestions for studies are presented as gaps in the scientific literature, as well as the limitations found in investigations on intuition.

Keywords: *Intuition; Knowledge; Tacit Knowledge; Insight; Integrative Literature Review*

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E JUSTIFICATIVA

Historicamente, as ciências humanas surgiram no final do século XIX impulsionadas pelo desejo positivista de objetividade científica. Temas como intuição e emoções não eram bem-vindos em pesquisas, ora por não serem considerados relevantes cientificamente, ora pela dificuldade metodológica em abordá-los. Durante o século XX, a subjetividade humana foi gradativamente sendo mais e melhor investigada e as metodologias de pesquisa qualitativa foram se desenvolvendo e diversificando.

No século XXI, existem investigações multidisciplinares sobre diversos tipos de funções cognitivas: percepção, memória, pensamento, linguagem, imaginação e intuição, entre outros. Além disso, estudos sobre intersubjetividade postulam que a subjetividade humana é construída em múltiplas redes de relações, uma vez que somos seres sociais. Nascemos inseridos em uma determinada cultura, aprendemos uma linguagem específica e reproduzimos práticas institucionalizadas em nosso meio social. Essas aprendizagens são mediadas por pessoas em determinados papéis sociais. Aprendemos a interpretar e atribuir sentidos ao mundo a partir dessas interações ou relacionamentos sociais, através da mediação da linguagem. Portanto, o psiquismo humano não é algo isolado “dentro da cabeça” de um sujeito, mas um conjunto sofisticado de processos cognitivos que permitem a atribuição de sentidos ao mundo a partir das interpretações aprendidas em redes de relações de uma determinada cultura.

Atualmente, nossos processos psicológicos têm se tornado mais complexos, ao menos por quatro aspectos: a globalização; a internet, ambas permitindo relacionamentos profissionais e interpessoais em todo o planeta; as novas tecnologias, que constituem inéditos processos de subjetivação, modificando o modo como vivemos nosso cotidiano e apreendemos o mundo; e a “era do conhecimento” em que os modos de produção estão gerando ativos intangíveis e o conhecimento se tornou o maior valor para organizações, empresas e sociedades.

Assim como o mundo está mudando rapidamente, as formas de fazer ciência também estão se modificando, principalmente nas duas últimas décadas. Novos recursos metodológicos em pesquisa se multiplicam: etnografias digitais ou virtuais, netnografias, cartografias, etc. Nesse mesmo período houve um crescente interesse

em pesquisas sobre intuição, principalmente com relação a como gestores tomam decisões. Os resultados demonstram que existem dois estilos de tomada de decisão, o intuitivo e o racional; quanto maior a *expertise* dos gestores, maior a tendência de que as decisões sejam tomadas com base na intuição e de que as escolhas sejam acertadas.

Entretanto, os estudos sobre intuição não partem de uma perspectiva unificada, nem parece existir uma definição consensual sobre o que é intuição. Para o desenvolvimento científico de qualquer disciplina, os construtos estudados necessitam de maior rigor e precisão.

O foco desta Revisão Integrativa de Literatura está em investigar quais são as definições de intuição em artigos publicados em um intervalo de quinze anos, com o objetivo de responder à minha questão de pesquisa, sob o tema intuição e conhecimento. Adicionalmente, tenho a intenção de diferenciar intuição de *insight* e apresentar a relação entre intuição e conhecimento tácito, a partir dos artigos científicos estudados.

Além das 44 publicações científicas, incluí na Revisão Integrativa de Literatura a intuição na perspectiva junguiana e as bases filosóficas da intuição.

2. TEMA DE PESQUISA

Relações entre Intuição e Conhecimento

3. OBJETIVO DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Responder à seguinte questão de pesquisa:

Quais os conceitos de intuição, insight e conhecimento tácito apresentados na literatura científica e como se relacionam?

A proposta desta Revisão Integrativa de Literatura é realizar um estudo aprofundado, como parte de uma tese de doutorado, das investigações sobre intuição, *insight* e conhecimento tácito publicadas num intervalo de aproximadamente 15 anos,

entre janeiro de 2008 e outubro de 2023. A justificativa para a seleção desse intervalo é que 2008 foi um ano que representa o início do crescimento do número de publicações sobre o tema e 2023 é o último ano de meu doutoramento. Quarenta e quatro publicações científicas foram selecionadas para responder à pergunta de pesquisa da Revisão Integrativa de Literatura.

Após esse primeiro nível de análise, procurei responder algumas questões adicionais relacionadas ao problema de pesquisa da presente tese de doutorado. São elas:

- Existe uma definição consensual e científica atualmente a respeito da intuição?

- Seria a intuição um tipo de conhecimento?

- Qual a relação entre conhecimento tácito e intuição?

- Qual a diferença entre intuição e *insight*?

- Se hoje sabemos que o funcionamento do cérebro é multimodal, quais são as funções cognitivas apresentadas na literatura científica que estão intimamente relacionadas à intuição?

- Como a Psicologia Analítica de Jung pode contribuir para os estudos sobre intuição?

Nesta revisão integrativa de literatura, a partir dessas questões, portanto, tenho dois objetivos específicos:

1. Definir e diferenciar os fenômenos intuição e *insight* a partir dos textos selecionados;

2. Verificar como a relação entre conhecimento tácito e intuição é apresentada.

4. SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Os artigos científicos foram selecionados a partir dos critérios de elegibilidade já descritos. As publicações fora da temática foram excluídas e sua exclusão justificada. O período de busca foi janeiro de 2008 a outubro de 2023. Antes da seleção, havia estabelecido como número mínimo para esta revisão de literatura, 30 publicações e como número máximo, 40. Os 44 artigos selecionados extrapolaram o

planejado, devido a terem sido encontrados mais estudos considerados relevantes para esta revisão.

O planejamento desta revisão integrativa seguiu o fluxo de informação de Mendes *et al.* (2008), a seguir:

Primeiro Passo – Estabelecimento da hipótese ou questão de pesquisa;

Segundo Passo – Amostragem ou busca na literatura;

Terceiro Passo – Categorização dos estudos;

Quarto Passo – Avaliação dos estudos incluídos na revisão;

Quinto Passo – Interpretação dos resultados;

Sexto Passo – Síntese do conhecimento ou apresentação da revisão.

5. PROCESSO DE COLETA DE DADOS E LISTA DOS DADOS

O método de extração dos dados foi o levantamento dos autores e as definições de intuição apresentadas nas publicações., acrescidas de observações sobre a relação entre *insight* e intuição e entre intuição e conhecimento tácito. Para estudos qualitativos, o protocolo *Entreq* foi consultado.

6. RISCO DE VIÉS DE CADA ESTUDO E RISCO DE VIÉS ENTRE ESTUDOS

Cada publicação selecionada foi investigada metodologicamente, com a intenção de verificar possíveis vieses que pudessem comprometer a qualidade da pesquisa.

7. MEDIDAS DE SUMARIZAÇÃO E SÍNTESE DOS RESULTADOS

Como o resultado desta revisão é uma síntese integrativa que inclui estudos empíricos e teóricos, foi realizada uma codificação dos estudos para buscar categorias de análise.

APÊNDICE D - Protocolo para Revisão Integrativa de Literatura

1. Data de finalização

31/10/23

2. Nomes dos pesquisadores / instituições:

Luciana Machado Schmidt, doutoranda em Gestão do Conhecimento do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento

Professor Doutor Francisco Antonio Pereira Fialho - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento

3. Fundamentos teóricos da pesquisa:

A intuição na Literatura Científica;

A intuição na Psicologia Analítica de Jung;

A intuição em suas origens filosóficas.

4. Questão de pesquisa:

Quais as relações ente intuição, conhecimento e conhecimento tácito na literatura científica?

5. Bases de dados consultadas:

Web of Science, Scopus, Scielo. Além das três bases de dados, a intuição também está sendo estudada na perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

6. Critérios de inclusão e exclusão:

Os critérios de inclusão foram: Artigos científicos em língua inglesa, espanhola ou portuguesa nas bases de dados *Web of Science, Scopus, Scielo*. Capítulos de livros de Jung em língua portuguesa e inglesa sobre intuição.

Os artigos foram selecionados no período de 2008 a 2023 (15 anos) por ter sido esse o período em que começou um crescimento significativo nas publicações de pesquisas sobre intuição até o ano de elaboração deste artigo.

Os critérios de exclusão foram: Apresentações em conferências; artigos sobre intuição nas áreas de Filosofia, Neurociências, Ciências Físicas e Matemáticas, Engenharias, Computação, Química e Geociências e afins; artigos que não correspondem ao escopo da tese; artigos que tangenciam o tema em questão; publicações indisponíveis para análise; línguas além do inglês, português e espanhol; artigos com pesquisas com crianças, limitando o escopo dos estudos com adultos; artigos com trabalhos clínicos com sujeitos com transtornos psíquicos ou psicopatologias, limitando o escopo dos estudos com sujeitos saudáveis; artigos sobre “*situational awareness*”, por se tratar de um outro tema; artigos sobre tomada de decisão em equipes, limitando o escopo dos estudos à tomada de decisão individual; artigos sobre estilos cognitivos e sobre juízos morais.

7. Estratégias de busca:

- Anos considerados: 2008 a 2023
- Publicações incluídas: artigos científicos
- Descritores: “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*tacit knowledge*”
- “*intuition*” AND “*knowledge*”
- “*intuition*” AND “*knowledge*” AND “*Jung*”

8. Critérios de qualidade para seleção dos artigos:

Artigos mais citados ou publicados em periódicos com alto fator de impacto; artigos recentes em periódicos conceituados internacionalmente; *artigos* de autores mencionados por outros na seção de referencial teórico (técnica *Snowball*).

9. Estratégias de extração dos dados:

Disposto em matriz de síntese categorizada da seguinte forma: AUTORES / ANO / INTUIÇÃO / CONHECIMENTO TÁCITO / *INSIGHT*. Simultaneamente, os artigos foram transpostos para o *ATLAS.ti* para que as principais citações fossem selecionadas e o texto codificado.

10. Estratégias de análise dos dados:

Os dados foram extraídos, analisados e discutidos com base nos artigos que mais se adequaram à proposta da pesquisa. O arcabouço dos artigos foi exportado

para os seguintes *softwares* de análise (*Mendeley* e *ATLAS.ti*). *Mendeley* contribuiu para a elaboração das referências. *ATLAS.ti* foi proposto como auxílio para a organização das categorias de análise.

11. Estrutura da Revisão Integrativa de Literatura:

A partir do que foi codificado e analisado, as principais seções que correspondem aos Resultados e Discussão da presente Revisão Integrativa de Literatura procuram destacar:

- 1) As 14 categorias recorrentes extraídas das definições de intuição nos artigos científicos selecionados mostrando o que é mais consensual entre os autores;
- 2) A necessidade de que os procedimentos tácitos que embasam a intuição sejam melhor investigados empiricamente;
- 3) A diferenciação entre os conceitos de Intuição e *Insight*.

A convergência dos resultados dos estudos selecionados sobre a intuição foi apresentada através das seguintes 14 categorias de análise:

Relação com o conhecimento tácito; Processo inconsciente; Expressão da experiência; Julgamento ou tomada de decisões; Sentimento relacionado a melhores decisões; Acontece subitamente; Diferente de processos analíticos ou racionais; Fenômeno Complexo; Reconhecimento de padrões; Processo Cognitivo; Fenômeno holístico; Complementar a processos analíticos ou racionais; Há distinção entre *Insight* e intuição; Não há distinção entre *Insight* e intuição.

12. Estratégia de disseminação do conhecimento:

Publicação em revista internacional, em inglês, com Qualis A1 ou A2.

APÊNDICE E - Vídeos Publicados no Canal em Setembro e Outubro de 2023

Nome do Canal no *YouTube*: Caminhos da Alma

188 mil inscritos em 31 de outubro de 2023

DIA	TÍTULO E LINK DO VÍDEO	DUR.
OUT. 2023		
31	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
30	A justiça será feita e a fase de incertezas fica pra trás! 🙏 Mensagem das bruxas 🎃 https://www.YouTube.com/watch?v=gY8Dgk412S4	27:35
29	Boas notícias a caminho e VITÓRIA numa questão (muito esperada 🙏).. Café com Cartas https://www.YouTube.com/watch?v=60sZZNOIYv8	31:07
28	3 ENERGIAS : Como você está hoje/ o que pode fazer para sair disso/ o que vem para o seu caminho... 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=OFiJiRs9708	30:24
27	AMOR ou TRABALHO 😞? Escolha qual opção você quer ouvir (ou ouça as 2 😊) https://www.YouTube.com/watch?v=c6WzeFWhXXk&t=1s	35:19
26	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
25	Por essa benção você não esperava! 🙏 Vai te surpreender... https://www.YouTube.com/watch?v=gF46lExNZmE	27:09
24	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
23	De peito aberto com as Hierarquias de Luz ✨ O que os seus guias precisam trazer até você, agora! https://www.YouTube.com/watch?v=tv4ahH47w-o&t=3s	27:50
22	O que os sinais estão tentando te mostrar, e você está deixando passar? Café com Cartas https://www.YouTube.com/watch?v=vlfmJP_l6G0	25:23
21	Chegou a hora!! 🙏 Receba o que a Espiritualidade traz para a sua vida nesse momento... https://www.YouTube.com/watch?v=wI1LyV42Qyk	27:49
20	Quais mudanças e acontecimentos estão chegando em sua vida? ✨ O que está para mudar??? https://www.YouTube.com/watch?v=8itCbzdloJs	28:08
19	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
18	Pense numa situação (ou pessoa específica) e veja o que os guias tem para você! ✨ https://www.YouTube.com/watch?v=qTL1GkAHN8E&t=1320s	32:02
17	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
16	A sorte virou para o seu lado 🍀... A resposta que você pediu ao Universo está aqui!	30:01

	https://www.YouTube.com/watch?v=ugIFjkmmFdI	
15	Uma confirmação de trabalho e uma mensagem para o coração ❤️ NÃO DUVIDE DO QUE VC VAI RECEBER! Café com Cartas https://www.YouTube.com/watch?v=GUNj7Vv2T0E	23:44
14	Uma revelação linda sobre a SUA história de amor ❤️ O que você ainda vai viver?? https://www.YouTube.com/watch?v=T9ym_0S3Pts	25:13
13	EU SEI QUE VOCÊ QUER RESPOSTAS “PRA ONTEM” (Mensagem de Maria 🙏) https://www.YouTube.com/watch?v=d65Es-5_wfM	23:14
12	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
11	Seu guia espiritual quer falar com você!! ✨ Tem uma mensagem importante ; NÃO IGNORE.... https://www.YouTube.com/watch?v=tOIUXI90PeM	29:04
10	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
9	Uma história de AMOR ❤️, daquelas !! É o que eles trazem para você 😊 https://www.YouTube.com/watch?v=ELYups210TE	26:28
8	Nada vai impedir AQUILO QUE VOCÊ QUER de vir NA SUA DIREÇÃO 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=AT9u-D5BHZQ	38:15
7	Algo (ou alguém) está vindo até você, e você nem faz ideia! 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=CQIyZzPJnuc	24:44
6	Uma reviravolta “imensa” na sua vida! ✨🌀 Se abra para o novo !! https://www.YouTube.com/watch?v=fIFJxYtFjPQ	29:30
5	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
4	Que intenções eu preciso trabalhar essa semana? Seu mentor diz (com todas as letras 😊) o que fazer 😊 https://www.YouTube.com/watch?v=prgA7-OJeCQ	46:17
3	Mensagens da sua família!! 🏠👨👩👧 Eles trazem recados (e puxões de orelha 😊)... mas amam vocês ❤️ https://www.YouTube.com/watch?v=Oo8Xg5-xMVI	30:43
2	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
1	Foi daqui que pediram uma resposta do Universo? ✨📧 Café com Cartas https://www.YouTube.com/watch?v=Hj9ZuGCdB1E	25:35
SET. 2023		
30	E agora, Universo? 😊 Essa porta fecha ou abre de vez?? Abreeeeee... 😊😊 https://www.YouTube.com/watch?v=iCyga2Kycjs&t=491s	32:15
29	Em que (ou em quem) você deve focar, nesse momento? https://www.YouTube.com/watch?v=4kdUxu6QK7A	30:15
28	Não houve publicação de vídeo nesse dia	

27	Momento de decisões importantes! ✨ De escolher onde você quer estar (e com quem 😞) https://www.YouTube.com/watch?v=3D8rOzPAsg4	39:22
26	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
25	Chegou a hora de TOMAR DECISÕES IMPORTANTES E DEFINITIVAS... Acredite no que eles vão dizer!! https://www.YouTube.com/watch?v=fPirCdAykto&t=617s	43:10
24	A vida pode te surpreender! ✨ Pra tudo existe um motivo e um porquê Café com Cartas https://www.YouTube.com/watch?v=vlfmJP_16G0	26:17
23	Energias e mudanças que estão a caminho! ✨ É o seu PROPÓSITO DE ALMA que está em jogo 🧡 https://www.YouTube.com/watch?v=BxgEmYMeJJk&t=6s	24:40
22	Você tem uma ESCOLHA importante... e será feliz com o caminho que decidir seguir 🧡 🧡 https://www.YouTube.com/watch?v=Gmz5aswPFKM&t=2s	21:19
21	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
20	Até que enfim... esse AMOR 🧡 https://www.YouTube.com/watch?v=saJViv5WWOI&t=55s	31:10
19	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
18	⚠ Os ciganos trazem um ALERTA 🚫Cuidado com quem está ao seu lado (mas não está de fato com você) https://www.YouTube.com/watch?v=66CesGgWMFs&t=10s	21:19
17	Do cansaço extremo à felicidade extrema - É ESSA REALIZAÇÃO QUE VOCÊ VAI TER !! https://www.YouTube.com/watch?v=CzU193KJ-pc	27:31
16	Notícias do SEU passado/presente/futuro ✨ e um recado especial da Deusa ARTEMIS https://www.YouTube.com/watch?v=0XYJq5X8zbc&t=6s	31:48
15	Chega de chorar!! 🙏 Você vai CELEBRAR MUITO.... Sua felicidade está batendo na porta https://www.YouTube.com/watch?v=xyUKLXkYa28	32:20
14	Publicação de um vídeo de um minuto (não analisado)	
13	Pode acreditar: É Deus te preparando uma nova vida 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=Cc-pB4efqdY	26:50
12	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
11	O destino está do seu lado - e traz um prêmio INACREDITÁVEL que você pediu... 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=Bvlo1Q2TMWI&t=8s	31:11
10	De uma hora para outra.... É assim que sua vida vai mudar DEFINITIVAMENTE 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=VqiuRQYuSXU	16:11
9	Aguenta, porque VEM MUITA EMOÇÃO POR AÍ.... 😊 https://www.YouTube.com/watch?v=yEMJBUJq7pE	30:40

8	Essa NOTÍCIA vai chegar para MUDAR AS COISAS.... Está escrito!!! 🙏 https://www.YouTube.com/watch?v=1sVzhCZMJJaE	29:09
7	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
6	Tem algo GRANDE no seu caminho!! ✨ Abra as portas e receba o que É SEU!!! https://www.YouTube.com/watch?v=VebweYK2q8M	29:07
5	Não houve publicação de vídeo nesse dia	
4	O que esperar dessa situação? (relacionamento x profissional) https://www.YouTube.com/watch?v=Ztu-dOIREK4	36:45
3	Fluxo de ABUNDANCIA,PROSPERIDADE E AMOR 💰❤️ ... Você NÃO VAI FICAR FORA DESSA !!! Café com Cartas https://www.YouTube.com/watch?v=oiFU3zpZcZ0	32:06
2	Prepare-se ,pois agora as coisas acontecerão muito rápido ✨ Aguarde novidades e uma virada na sorte 🍀 https://www.YouTube.com/watch?v=NfCdSPZdLeU	41:48
1	Você vai ter um esclarecimento na sua vida que vai mudar o rumo das coisas! 😊 Nao desiste não.... https://www.YouTube.com/watch?v=g5MTuGC9DyI	35:30

Observação: O vídeo do dia 03/09/23 foi publicado com uma mensagem de restrição de idade “de acordo com as diretrizes da comunidade”. Ao invés da reprodução imediata do vídeo, vê-se uma tela preta com a seguinte mensagem: “Este vídeo pode ser impróprio para alguns usuários”. A opção fornecida para o usuário é clicar sobre a mensagem: “Compreendo e quero continuar”.

Número de vídeos em setembro, excluindo o vídeo de um minuto de duração: 22

Número de vídeos em outubro: 22

Total de vídeos no período: 44

Duração mínima dos vídeos no período: 16:11 – dia 10/09

Duração máxima dos vídeos no período: 46:17– dia 04/10

Duração média dos vídeos no período: 30:06 (30 minutos e seis segundos)

APÊNDICE F – Organizações no Brasil que oferecem Formação em Psicoterapia Junguiana

Quanto à psicoterapia junguiana, no Brasil, não é amplamente divulgada e não é ensinada na maioria dos cursos universitários de Psicologia. Numa época que dá valor à psicologia como ciência e ao que pode ser comprovado cientificamente com relação à psique humana, as contribuições de Jung foram e ainda são consideradas ousadas e místicas. Na década de 80, na UFSC, na época em que fiz minha graduação em Psicologia, Jung podia ser estudado como uma disciplina optativa, raramente oferecida, ou como uma parte da ementa de Psicologia da Personalidade. Várias mudanças curriculares ocorreram e, atualmente, é mais frequente que quem deseje estudar a psicologia analítica junguiana e fazer a formação para tornar-se um psicoterapeuta o faça em institutos especializados.

As mais antigas organizações de formação e desenvolvimento de analistas são: a SBPA - Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica de São Paulo, fundada em 1978; IJRJ - Instituto Junguiano do Rio de Janeiro fundado em 1989; IJEP – Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, criado em 1991, presente em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e, mais recentemente, em Porto Alegre e Vitória; Instituto C. G. Jung MG, fundado em 1991 em Minas Gerais; IJUSP - Instituto Junguiano de São Paulo, fundado em 1994; IJRS - Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul, fundado em 2002. Todas são filiadas à AJB - Associação *Junguiana do Brasil* e à IAAP - *International Association for Analytical Psychology*, com sede em Zurique, Suíça.

Atualmente, existem organizações privadas que oferecem cursos online de curta duração a respeito de Jung, como a Casa do Saber, fundada em 2004, entre outras; e universidades públicas que oferecem cursos de especialização em Teoria Analítica como o IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, na UFBA, criado em 2008. Este curso não é gratuito.

APÊNDICE G – Apresentação da Autora

1. O CAMINHO NÃO-LINEAR PARA CHEGAR AO TEMA DA TESE

O percurso deste doutorado foi uma verdadeira Jornada do Herói/Heroína!⁶⁷ Uma aventura com imprevistos, dificuldades e percalços, mas também com vitórias, grandes ou pequenas, internas ou externas, que me transformaram e me impulsionaram ainda mais em busca de mim mesma e da marca que quero deixar no mundo. De certa forma, o referencial teórico e o objeto desta tese se refletiram em minha vida, isto é, tem relação com o que vivenciei, principalmente após o ano de 2019.

Quando iniciei o presente doutorado em março de 2017, ainda não tinha escolhido o tema da minha tese. A área de Gestão do Conhecimento (GC) era nova para mim. Nos dois primeiros anos, cursei várias disciplinas, procurando encontrar a questão de pesquisa que representasse ao mesmo tempo uma lacuna científica e falasse ao meu coração. Inicialmente, senti-me inclinada para a área de Aprendizagem Organizacional e preparei-me para iniciar o trabalho de campo em março de 2019.

Bem antes de iniciar esta jornada, graduei-me em Psicologia e segui a carreira acadêmica. Meu primeiro Doutorado foi nesta área, investigando a Psicologia da Arte. Como professora universitária, lecionei Psicologia da Aprendizagem como uma subárea da Psicologia Educacional e Escolar. Investigar a aprendizagem organizacional em equipes, não mais focada no nível individual, me pareceu fascinante. Assim, o projeto de tese que apresentei aos colegas de curso no Painel

⁶⁷ A Jornada do Herói foi apresentada pelo mitólogo, escritor e professor universitário Joseph Campbell em 1949, em seu famoso livro “O herói de mil faces” (2004). Trata-se de uma estrutura presente na literatura e no cinema, principalmente, em que o protagonista, representando uma pessoa com uma vida comum, passa por várias fases e necessita superar desafios para se tornar um herói. Em geral, há uma resistência para iniciar esta jornada, mas uma vez que o “apelo interno” é ouvido, ele já não pode mais voltar para a sua antiga persona. Já a Jornada da Heroína é uma obra publicada por Maureen Murdock, que foi aluna de Campbell. A escritora e terapeuta norte-americana ficou insatisfeita com a Jornada do Herói quando aplicada para enredos com personagens femininos. O livro “A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino” surgiu em resposta a esse questionamento, tendo como base os processos terapêuticos de suas clientes. Murdock narra isto em seu livro. A edição original é da década de 90, mas no Brasil foi publicado em 2020. A Jornada do Herói tem doze etapas e a da Heroína tem dez. Ambas são representações do desenvolvimento psíquico masculino e feminino, respectivamente.

Científico do Programa de Pós-graduação em Engenharia Gestão do Conhecimento (PGEGC) no final do ano letivo de 2017 foi considerado um bom projeto. Era inédito, original, e cobria uma lacuna na literatura científica. Foi aprovado pelo meu orientador, a então coorientadora⁶⁸ e pelos professores avaliadores do Painel Científico. Como ainda estava cursando disciplinas no ano de 2018, o início do trabalho de campo foi planejado para março do próximo ano.

Em 2019, entretanto, sofri a perda de duas pessoas muito próximas da família, fato que modificou muito a dinâmica familiar. Minha tia faleceu em março e minha avó materna, sua mãe, em julho. Em 2023, o último ano do doutorado, ainda sinto o impacto deste luto, mas os dois primeiros anos foram mais desafiadores. Naquele ano, 2019, o doutorado continuava uma prioridade, mas ainda estava cursando várias disciplinas que me exigiam dedicação para seus trabalhos. Iniciar a tese propriamente dita foi ficando mais distante em meu campo atencional; sem que eu percebesse, não consegui iniciar o trabalho de campo, nem em março, nem em agosto de 2019, as datas planejadas e replanejadas, por estar lidando com as mortes que tinham acabado de ocorrer. Minha mãe entrou em sofrimento e precisou de meus cuidados. Aos poucos, fui compreendendo que havia uma sensação de vazio, de perda e de súbita transformação no contexto de minha família e que precisava entrar em contato com esta dor. O trabalho de campo foi novamente adiado para março de 2020 e, como tal, não chegou a ser realizado.

Durante o ano de 2019 estive em contato com a gestora de uma empresa local de *softwares* - cujas equipes de desenvolvimento trabalham com metodologias ágeis – e, ao final desse ano, entramos em acordo de que o início de meu trabalho de campo na empresa se daria no dia 16 de março de 2020. Jamais esquecerei dessa segunda-feira, pois foi neste mesmo dia que a pandemia de Covid-19 foi anunciada no Estado de Santa Catarina. O Poder Judiciário de Santa Catarina formulou a Resolução Conjunta GP/CGJ N. 2 de 16 de março de 2020, que estabeleceu “*medidas de caráter temporário para a mitigação dos riscos decorrentes da doença causada*

⁶⁸ Com a mudança de tema e da subárea de conhecimento desta tese, foi necessária a troca da coorientação.

pelel Novo Coronavírus (COVID-19) no âmbito do Poder Judiciário de Santa Catarina (PJSC)”.⁶⁹

Como consequência da medida judiciária, a empresa entrou em *home office* no dia marcado para a minha primeira visita. O início do trabalho de campo ficou vetado por vários meses. Procurei negociar o tema de tese com a gestora para que pudesse atender as novas necessidades da empresa, devido à pandemia. Busquei ainda que o trabalho de campo pudesse ser realizado de forma não presencial, sem sucesso.

No tempo de espera, começou a ser gestado um novo projeto, uma nova ideia, uma nova direção, mas ainda assim, sem muita clareza. Conversei com meu orientador, professor doutor Francisco Antonio Pereira Fialho. Contei-lhe o que estava ocorrendo e que estava pensando em realizar o trancamento do curso do doutorado por um ano. Neste período, poderia “parar a contagem de tempo decrescente para realizar a tese”, por não estar podendo ir a campo. Sentia que estava perdendo um tempo precioso. O trancamento do curso foi, portanto, estratégico, permitindo a elaboração de um novo projeto, mais coerente com as transformações que estavam ocorrendo. Depois de um ano de afastamento, esta proposta nasceu. O trancamento do curso pelo período de um ano foi efetuado em novembro de 2020. Retornei em novembro de 2021, o que significa que o período de início e conclusão desta tese de doutoramento foi de vinte e quatro meses, apenas dois anos.

O novo projeto está em maior sintonia com o Núcleo de Complexidade e Cognição (NUCOG) e com o Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência (NUDECC), ambos liderados pelo meu professor orientador no PPGECC.

2. A MUDANÇA DE TEMA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Por que escolhi estudar intuição como conhecimento? Por que houve essa mudança temática? Em primeiro lugar, porque minha consciência dos meus próprios processos intuitivos se tornou mais presente, nos últimos anos. Talvez tenha sido o

⁶⁹ Disponível em:

<http://busca.tjsc.jus.br/buscatextual/integra.do?cdSistema=1&cdDocumento=176287&cdCategoria=1&q=&frase=&excluir=&qualquer=&prox1=&prox2=&proxc=>; acesso em: 18 março 23.

resultado do *Zeitgeist* (espírito do tempo). Desde o início de 2020, o mundo está passando por uma pandemia de Covid-19, uma doença fatal até então desconhecida. Até 2022, o Coronavírus tinha ceifado o expressivo número de 15 milhões de vidas em todo o mundo.⁷⁰ Para tentar controlar a disseminação do vírus transmitido pelas vias aéreas, governos de vários países recorreram a medidas como “*lockdown*” (isolamento doméstico, com saídas permitidas em casos específicos) e distanciamento social com uso de máscaras faciais.⁷¹ A atual pandemia transformou hábitos sociais e modificou o funcionamento de empresas. A mudança foi chamada de “o novo normal”. O *lockdown* reduziu mundialmente o tráfego de automóveis, o fluxo de pedestres em cidades, inclusive as turísticas, e a emissão de poluentes, contribuindo para que a natureza se renovasse; ao menos em alguns curtos períodos de alguns meses.⁷²

Durante o período de *lockdown*, entre 2020 e 2021, tive maior tempo para a introspecção e para incluir a meditação em meus hábitos diários. No início de 2020, quando os noticiários mostraram as primeiras imagens do que se tornaria uma pandemia em escala global, tive a sensação de que o mundo “parou”, e de que algo muito importante estava ocorrendo em nível coletivo. O longo tempo em que fiquei isolada em meu apartamento possibilitou vários questionamentos existenciais e a busca por novos conhecimentos fora do doutorado. Conheci muitas pessoas online, assisti inúmeras *lives* no *Instagram*, e fiz incontáveis cursos em formato não-presencial.

Simultaneamente, estive em contato com dores do passado que ressurgiram para serem curadas. Participei de processos terapêuticos que ainda não tinha experimentado, tais como a Constelação Familiar do alemão Bert Hellinger e o *Thetahealing* da norte-americana Vianna Stibal. Vivenciei mudanças. Senti que me tornei uma nova pessoa, sob muitos aspectos. Deixei crenças limitantes para trás.

⁷⁰ BBC NEWS BRASIL. Número real de mortes por covid no mundo pode ter chegado a 15 milhões, diz OMS. 5 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>; acesso em: 18 mar. 23.

⁷¹ BBC NEWS BRASIL. Coronavírus: primeira capital do Brasil em *lockdown* tem ruas lotadas e trânsito intenso. 9 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52497230>; acesso em: 18 mar. 23.

⁷² MAIA, C. M.; BORRMANN, L.; ALVES, V. N. Isolamento social muda a dinâmica do meio-ambiente durante a pandemia. **Blogs UNICAMP**. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Mudei hábitos. Estabeleci novas metas. Percebi que iniciei uma nova fase de minha vida, com maior contato com a minha intuição e espiritualidade. Essa consciência espiritual renovada me fez perceber os limites da racionalidade para explicar minhas novas experiências. Vale destacar que esta mudança não foi causada por uma religião, ou por uma conversão religiosa. Simplesmente por um maior contato comigo mesma através do silenciamento proporcionado pela meditação e pelas experiências com Constelação Familiar e *Thetahealing*. Como resultado, passei a desejar investigar fenômenos cuja definição e análise pudessem ultrapassar o paradigma materialista e racionalista, mas que ainda seriam passíveis de serem estudados numa perspectiva científica, sob a ótica do conhecimento.

Gostaria de destacar que o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1971) mencionou em seus estudos que no começo da vida adulta, há uma tendência à extroversão, isto é, a energia de uma pessoa está voltada “para fora”, em geral, em prol da constituição de uma família e da manutenção de uma atividade profissional e produtiva. Na meia-idade, contudo, a energia volta-se “para dentro” e a introversão fica em primeiro plano. Nesta fase da vida, preocupações de ordem mais subjetiva do que objetiva podem ganhar espaço, como a questão do propósito da vida, ou ainda o questionamento de quais são meus valores mais profundos e se estou vivendo de acordo com eles. O período da pandemia para mim, foi sem dúvida, um encontro com a energia da introversão, mencionada por Jung.

Tendo em vista tantas transformações pessoais em um período de profundas mudanças coletivas, senti que precisava mudar o tema original de tese que elaborei no final de 2017, sobre Aprendizagem Organizacional em Equipes. Neste período entre 2020 e 2021, vi reacender meu interesse pela psicologia junguiana e pela interpretação de imagens simbólicas em cartas de Tarot. A ideia de estudar intuição como conhecimento foi se configurando gradativamente, a partir da descoberta de que havia canais no *YouTube* que disponibilizam leituras coletivas de oráculos e Tarot, gratuitamente.

Venho acompanhando alguns desses canais desde o final de 2020, observando as cartas que são recorrentes em cada período, bem como a possível correlação destas em minha vida e em meus processos de transformação pessoal. Um dos fatores que mais me chamou a atenção quando assistia aos vídeos de tais canais, foi o uso da intuição na leitura coletiva de cartas. As leituras são chamadas de

intuitivas, e a forma como cada taróloga ou cartomante menciona o uso da intuição é diferente e pessoal. Ao procurar na literatura científica se este tema já havia sido estudado, a princípio, não encontrei correspondências. Existem dissertações e teses sobre Tarot, e sobre intuição. Entretanto, são trabalhos em que ambos os temas não se relacionam.

3. O TAROT E A ESPIRITUALIDADE EM MINHA VIDA

Sou uma pessoa espiritualista, mas não me considero religiosa. A espiritualidade para mim, está num local de perpétuo questionamento e aprendizagem. Atualmente, novembro de 2023, estou estudando diariamente o Livro da Vida de Krishnamurti (2016), para procurar compreender o que o autor afirma ser “a realidade”. Considero um exercício de “pensar fora da caixa” e de ampliação de percepção.

Acredito que a experiência espiritual genuína nos liberta de dogmas e crenças limitantes. Creio que o buscador pode encontrar vários caminhos na vida, inclusive os religiosos, mas que a espiritualidade vai além das restrições e dos enquadramentos doutrinários encontrados nas religiões. Respeito profundamente quem se considera religioso, pois essa já fui eu. Nasci em uma família católica. Aos 12 anos, meu pai se tornou espírita kardecista e levou a família com ele nesta direção. Aos 29 anos, descobri o sufismo e deixei de ser uma praticante do espiritismo. A partir dos 36 anos, senti a necessidade de parar de buscar respostas nas religiões tradicionais e passei a trilhar o que chamo o caminho do autoconhecimento.

Com relação ao Tarot e aos oráculos de cartas, aprendi a fazer leituras com eles como autodidata, no início da década de 90. Várias versões do Tarot vêm com livros que ensinam o significado das cartas e dão exemplos de tiragens com duas, três, quatro, sete, onze, vinte cartas etc. Nessa época, adquiri alguns baralhos com temas diferentes, pratiquei com amigos e familiares, e fiz leituras para mim. Surpreendi-me com a facilidade que tinha para estabelecer ligações entre os padrões percebidos nas imagens e para fazer a interpretação de uma forma que fosse específica, mas não determinista. Entretanto, na virada do século XXI, passei vários anos sem nem mesmo tocar o Tarot. Em outros períodos, costumava fazer uma leitura anual para mim, no dia primeiro de janeiro. Vez ou outra uma amiga se lembrava de

minhas habilidades e me pedia uma leitura. Por anos, a prática do Tarot em minha vida foi inexistente ou muito esporádica.

Em 2020, retomando meu contato com o Tarot, para minha surpresa, criei uma leitura que cunhei de Jornada dos Sentimentos. Esta possibilita a integração de um conflito que o consulente possa ter, entre razão e emoção, ou a liberação de algo que estava sendo bloqueado, como a capacidade criativa, em apenas uma sessão. Inicialmente, ofereci a leitura para a minha família, depois para meus amigos. Todas as experiências foram bem-sucedidas e decidi testar com pessoas que não conheço. Pedi a amigas que divulgassem o trabalho dizendo que, como era algo novo, o estava oferecendo gratuitamente. Em poucas semanas, consegui uma amostra de 30 pessoas, todas mulheres, e realizei 30 sessões. Com apenas uma consulente, os objetivos da proposta não foram cumpridos. Estimo que a dificuldade tenha sido na escolha do tema. A pessoa em questão parecia estar com resistência e a sessão não foi fluida como nas demais experiências.

Em 2021, passei a oferecer esta consulta como um serviço pago⁷³ e desde a primeira sessão tenho registrado qual a queixa da pessoa, como chegou, as cartas da leitura, a interpretação que fiz e o que aconteceu ao final da sessão. Todas as experiências têm sido positivas. Alguns homens tornaram-se clientes. Possuo alguns depoimentos, dos consulentes mais satisfeitos e surpresos com o resultado, que possibilita uma transformação no estado emocional do cliente; daí o nome Jornada dos Sentimentos.

Em junho de 2022, decidi fazer outro experimento. Criei um grupo no *WhatsApp* com o tema “Tarot & Autoconhecimento”, com o objetivo de que fosse uma comunidade aberta, para divulgação de material gratuito sobre a temática e oportunizar o debate entre os membros. O grupo iniciou em junho de 2022 com 44 integrantes, e em novembro de 2023, tinha 49 participantes. A maioria é do sexo feminino, mas alguns homens estão presentes. Meu orientador, professor Fialho, é um deles. Algumas pessoas saíram do grupo, justificando este movimento por “não estarem conseguindo acompanhar a leitura dos posts e do PDF”; outras entraram,

⁷³ É importante destacar que este serviço não é realizado como psicóloga, mas como taróloga, uma vez que os Conselhos Federal e Regional de Psicologia no Brasil não incluem o Tarot como uma prática psicológica. Tenho o cuidado de separar os espaços profissionais.

através de contato pessoal. No momento não estou divulgando a comunidade, devido ao envolvimento com o doutorado.

Todos os domingos às 20 horas, faço a leitura de uma carta de Tarot para o grupo. Esta leitura é chamada de “Carta da Semana”. Após esse horário crio um texto com a interpretação daquela carta específica voltada para a questão do autoconhecimento, em PDF, e encaminho para o grupo, para leitura e reflexão durante a semana. Antes de divulgar a interpretação, faço o anúncio da Carta da Semana no chat e envio a imagem da carta, extraída do “Tarô Encantado” de Amy Zerner e Monte Farber (1991). Sugiro que cada um “converse com a imagem”, isto é, perceba o que aquela figura específica lhe comunica, independente da pessoa conhecer ou não a interpretação tradicional. Para contribuir com a livre interpretação de cada pessoa, em geral, recomendo as seguintes questões: 1) O que você sente quando olha para essa imagem? 2) Que relação tem com o seu momento atual? 3) Se você der voz a ela, o que lhe diria? 4) Se fosse uma história, o que contaria? 5) Qual a relação dessa narrativa com você ou sua vida?

Em seguida, envio o PDF e motivo o grupo a fazer partilhas, tanto sobre a experiência da semana com a carta postada no domingo anterior, quanto sobre a nova “Carta da Semana”. Os comentários acontecem de forma variada. Há semanas de menor interação e outras de maior engajamento. Em geral, são as mesmas pessoas que contribuem, cerca de cinco a dez pessoas.

Durante as primeiras semanas de existência do grupo, alguns integrantes me procuravam no privado para me dizer que as interpretações estavam fazendo sentido, mas que não se sentiam à vontade para contar o que estava acontecendo em suas vidas para o grupo como um todo.

Em novembro de 2022, elaborei um questionário via *Google Formular* com a intenção de verificar se as pessoas estavam lendo o PDF; se fazia sentido a interpretação realizada; se estava havendo algum tipo de aproveitamento; e quais as mudanças que os integrantes indicavam para a melhora do funcionamento do grupo. Estimulei a participação com o sorteio de uma leitura de Tarot individual. Dos 36 participantes, um quarto, nove, respondeu ao questionário dizendo que leem o PDF toda a semana e que tanto a Carta da Semana quanto a interpretação em texto fazem sentido para elas. Não houve sugestões para melhoras. As pessoas disseram gostar de que a interação ocorra apenas uma vez por semana, e da liberdade para não se

exporem. Afirmaram que a razão pela qual estão no grupo é aprender mais sobre Tarot e autoconhecimento e o recebimento do material gratuito. Os objetivos do grupo pareciam estar sendo cumpridos para nove assíduos integrantes.

Quando iniciei a elaboração do projeto de pesquisa atual, não considerei tratar nesta tese de doutorado, da análise tanto do material sobre a Jornada dos Sentimentos, quanto aquele com relação ao grupo Tarot & Autoconhecimento. Não pensei em focar em minhas atividades como taróloga, mas em estudar o trabalho realizado por profissionais experientes que têm canais de leituras coletivas de Tarot e oráculos de cartas no *YouTube*. Entretanto, estimo que é relevante expor aos leitores, e aos membros das bancas de qualificação e de defesa de tese, que tenho conhecimento sobre como interpretar as cartas de Tarot. Além disso, no grupo Tarot & Autoconhecimento, tomo a liberdade de alterar levemente a interpretação clássica para incluir uma ou mais reflexões sobre o autoconhecimento.

Em minha experiência e conhecimento, o Tarot não prediz o futuro, mas pode mostrar a tendência de uma situação ao consulente. Cabe à pessoa a liberdade de tomar decisões a partir das informações recebidas. A intuição está presente na escolha da interpretação, já que múltiplos significados são possíveis e o oraculista parece intuir uma direção para a sua narrativa. O Tarot é uma arte de combinação de símbolos e o conhecimento do significado das imagens simbólicas e arquetípicas é relevante no momento da interpretação; entretanto outros fatores podem entrar em jogo. Investigar esta relação entre intuição e conhecimento em leituras de Tarot é o interesse principal deste trabalho.

Minha forma de consultar o Tarot não é divinatória, com o objetivo de prever um acontecimento, mas visa ampliar a percepção – minha ou do consulente - a respeito de uma determinada situação. É possível ainda focar a leitura para aspectos internos, relativos a processos psicológicos, tais como cada pessoa está consciente ou não de seus pensamentos, sentimentos, imaginação criadora e percepção, entre outros. Trazer estes elementos como foco é o que faço com relação ao grupo Tarot & Autoconhecimento.

ANEXOS

ANEXO A - Apresentação do Canal Caminhos da Alma (CdA)

[data do vídeo]

Seja bem-vindo a esse vídeo!! Se você chegou até aqui é porque existe uma mensagem da espiritualidade destinada ao seu aprendizado. Lembre-se que é uma leitura generalizada e por isso nem todas as informações podem ressoar com a sua história. Leve com você aquilo que encaixar na sua vida e desconsidere o restante.

Para Leituras Pessoais: ✨ Telefone: (32)98886-2956

E-Mail: re.caminhosdaalma@gmail.com

Inscreva-se para mais vídeos! ✓ <https://www.YouTube.com/channel/UCvKT...>

CDA Em Outras Plataformas: ✨ Instagram:
https://www.instagram.com/caminhos_da...

Podcast: <https://open.spotify.com/show/3r53T3K...>

Blusa do CDA ✨ <https://teespring.com/en/caminhos-da-...>

Playlists:

✨ Mensagem Da Espiritualidade <https://www.YouTube.com/watch?v=qRuXM...>

Cafe Com Cartas <https://www.YouTube.com/watch?v=JNz2l...>

Boa Noite Com os Anjos 😊 <https://www.YouTube.com/watch?v=tqXmF...> Leituras
Amorosas ❤️ https://www.YouTube.com/watch?v=S_0Px...

Sim ou Nao <https://www.YouTube.com/watch?v=gApsY...>

Numerologia <https://www.YouTube.com/watch?v=rJ59P...>

Este video pode ser relacionado com: caminhos da alma,cafe com cartas,boa noite com os anjos,cartas ciganas,cartas de tarot,consulta das cartas, consulta de tarot,mensagem cigana, mensagem de tarot,leitura de cartas, leitura de

tarot, oráculos, espiritualidade, previsões

Aviso Importante: ✨ Esses vídeos são interpretações livres das cartas, e da minha intuição, portanto devem ser analisadas com cuidado por cada pessoa. Lembrando que cada pessoa é responsável por suas escolhas, e o canal se isenta dos caminhos que cada um deseja seguir.

Acompanhe usando a transcrição.



Caminhos da Alma

[188 mil inscritos](#)